

1570/55k.

OBRAS
DO
PADRE ANTONIO VIEIRA.

SERMÕES.



TYPGRAPHIA DA REVISTA UNIVERSAL.
RUA DOS FANQUEIROS, 82.

SERMÕES

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

TOMO V.

LISBOA

EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES

RUA DOS FANQUEIROS, 82.

1855



SERMÃO

DA

SEXTA SEXTA FEIRA DE QUARESMA.

Prégado na capella real, no anno de 1662.

Collegerunt pontifices, et pharisæi concilium.—
Joan. XI.

I.

A melhor e a peor coisa que ha no mundo, qual será? A melhor e a peor coisa que ha no mundo, é o conselho. Se é bom, é o maior bem; se é máu, é o peor mal. A maior maldade que commetteu neste mundo a cegueira e obstinação dos homens, foi a morte de Christo: a maior misericordia que obrou neste mundo a bondade e piedade de Deus, foi a redempção dos homens. E ambas estas coisas, tão grandes e tão oppostas, saíram hoje resolutas de um conselho: *Expedit vobis, ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat.* Supposta esta primeira verdade de ser o conselho o maior bem e o maior mal do mundo, ou, quando menos,

a fonte dos maiores bens, e dos maiores males, quizera eu hoje que fosse materia do nosso discurso, a consideração dos bens e males que concorreram neste conselho. Este conselho, ou se póde considerar pela parte que teve de politico, ou pela parte que devia ter de christão. Pela parte que teve de politico, mostrou alguns dictames acertados: pela parte que devia ter de christão, commetteu o mais enorme de todos os erros. E porque dos erros e dos acertos, como do aço e do crystal, se compoem e formam os espelhos; dos acertos e dos erros deste conselho, determino formar hoje um espelho á nossa côrte. Será este espelho de tal maneira politico para os christãos, e de tal modo christão para os politicos, que se possa vêr e compôr a elle um conselho, e um conselheiro, e tambem um aconselhado. Se fôr muito lizo, e muito claro, isso é ser espelho.

II.

Collegerunt pontifices, et pharisæi concilium.

Quatro partes considero neste conselho do evangelho, sem as quaes nenhum conselho póde ser acertado, nem ainda ser conselho. A eleição dos conselheiros, a formalidade da proposta, a conveniencia dos pareceres, e a efficacia da execução. A primeira contém os principios do conselho, a segunda o modo, a terceira os meios, a quarta o fim. Sem a primeira, será o conselho imprudente; sem a segunda, confuso; sem a terceira, damnoso; sem a ultima, ocioso e inutil. Começemos pela primeira.

III.

A primeira boa propriedade que teve este conselho do evangelho, foi que a materia sobre que se havia de votar, era da profissão dos conselheiros. A materia era de religião, e elles eram sacerdotes: a materia era de fé, e elles eram theologos: a materia era do Messias, promettido pelos prophetas, e elles eram doutos nas escripturas: em fim, a materia era de letras, e elles eram le-

trados. A causa de se governar tão mal o mundo, e de andar tão mal aconselhado, havendo tantos conselhos, é porque de ordinario os principes baralham os metaes, e trazem desencontrados os conselhos e os conselheiros. Se o soldado votar nas letras, e o letrado na navegação, e o piloto nas armas, que conselho ha de haver, nem que successo? Haverá letrados, e não se verá justiça: haverá pilotos, e não se fará viagem: haverá soldados e exercitos, e levarão a victoria os inimigos. Vote cada um no que professa, e logo nos conselhos haverá conselho. Nos casos da religião vote Samuel e Hely: nos negocios da guerra vote Joab e Abner: nas importancias do estado vote Chuzay e Achitofel: e nas occorrencias da navegação e do mar (ainda que não tenham nomes tão pomposos) vote Pedro e André. Indigna coisa parece, e ainda escandalosa, que os pharizeus entrem no mesmo conselho com os pontifices: *Collegerunt pontifices, et pharisæi concilium*. Tambem o pharizeu ha de ter logar no conselho? Tambem o pharizeu ha de dizer seu parecer? Tambem o pharizeu ha de dar seu voto? Tambem; se a materia fôr da sua profissão. Ainda que o nome de pharizeu naquelle tempo fôra tão vil, e tão mal soante como é hoje, nem por isso se havia de excluir do conselho nas materias da sua profissão; porque o bom conselho, e o bom conselheiro, não o faz o nome, nem a qualidade da pessoa, senão a do voto. E porque vos não pareça esta doutrina de tão má escôla, como a do nosso evangelho, vêde tudo o que tenho dito, no conselho de um principe melhor que os melhores pontifices, e no voto de um conselheiro peor que os peiores pharizeus.

Viu o propheta Micheas a Deus em conselho, assentado em um throno de grande magestade. (Conta o caso o mesmo propheta no 3.º livro dos Reis cap. 22) (3 Reg. XXII — 20) Assistiam a Deus de uma e outra parte do conselho todas as grandes personagens das tres gerarchias: os thronos, as potestades, as dominações, cherubins, serafins, etc. E diz o propheta que tambem veio o diabo a achar-se no conselho. Se n'um conselho do céu, onde o presidente é Deus, e os conselheiros anjos, entra um diabo; nos conselhos da terra, onde os que presidem, e os que aconselham, são homens, e talvez homens de muita carne e san-

que; quantos diabos entrarão? Fez Deus a proposta ao conselho em voz, e disse assim: Pelas injustiças de Acab, rei de Israel, e pelas da rainha Jezabel sua mulher, assim as que elles commettem, como as que consentem no reino, tenho resolutu de lhes tirar a vida e a corôa. E porque o estylo de minha justiça e providencia, é castigar os reis permittindo que sejam enganados, para que sigam os caminhos de sua ruina, cuidando que são os meios de sua conservação; quizera ouvir do meu conselho, que modo haverá para que seja enganado el-rei Acab, e para que emprehenda a guerra de Ramoth, e acabe nella? E tambem me diga o conselho, a que pessoa ou pessoas será bem encarregar esta empreza? *Quis decipiet Acab regem Israel, ut ascendat, et cadat in Ramoth?*

Ouvida a proposta de Deus, foram respondendo os anjos como lhes cabia, e diz o texto que uns diziam de um modo, e outros de outro: *Unus verba hujusmodi, et alius aliter*: (Ibid. — 21) porque até entre os anjos pôde haver variedade de opiniões, sem menoscabo de sua sabedoria, nem de sua santidade; e para que acabe de intender o mundo, que ainda que algumas opiniões sejam angelicas, nem por isso são menos angelicas as contrarias.

No ultimo lugar fallou o demonio, e fallou breve, resumido, substancial, e resolutu: *Ego decipiam illum: egrediar, et ero spiritus mendax in ore omnium prophetarum ejus*. (Ibid.) Supposto, Senhor, que vossa Magestade Divina tem resolutu ou permittido que seja enganado Acab, para ser destruido; o meio mais a proposito para se enganar, é que lhe mintam todos seus conselheiros, que são os prophetas, a quem elle consulta: e a pessoa que sem duvida os fará mentir a todos (diz o demonio) serei eu, porque me transformarei em espirito de mentira, e me mettereí nas suas linguas. Atéqui o diabo. Ouvi agora, e pasmae. Não tinha bem acabado de dizer o demonio, quando Deus se conformou inteiramente com o seu voto, e não só lhe commetteu a empreza, mas seguiu a todos o successo della: *Decipies, et pravelebis: egredere, et fac ita*. Ainda me estou benzendo, depois que isto li. Quem tal coisa crêra se a não affirmára Micheas, como testemunha de vista? É possível que no seu conselho sacratissimo

e secretissimo, ha Deus de admittir o demonio? E é possível que não só o ha de admittir e ouvir, senão que ha de approvar o seu voto, e se ha de conformar só com elle, deixando o parecer de tantos anjos, e de tantos principes do céu? Sim. Porque a prudencia e obrigação do Senhor supremo, não é tomar o conselho dos melhores, senão o conselho melhor: não é seguir as razões dos grandes, senão as grandes razões: não é sommar os votos, senão pezal-os. E porque o demonio neste caso votou melhor que os anjos, por isso se não conforma Deus com o parecer dos anjos, senão com o voto do demonio.

Os anjos, com serem anjos, votaram uns assim, outros assim, como diz o texto; mas o demonio, vêde que gentilmente votou. A gentileza de um voto, consiste em duas proporções: em proporcionar o meio com o fim, e em proporcionar o instrumento com o meio. E tudo fez o demonio escolhidamente. Proporcionou o meio com o fim, porque o fim do conselho era que Acab fosse enganado; e para ser enganado Acab, não havia meio mais a proposito, que mentirem-lhe todos os seus conselheiros. Proporcionou tambem o instrumento com o meio, porque para os conselheiros todos mentirem, não havia instrumento mais subtil e accommodado, que o mesmo espirito da mentira, mettido nas linguas de todos. ~~E sendo~~ o voto do demonio tão medido com a proposta, sendo tão ajustado com o fim, sendo tão proporcionado nos meios, porque o não havia de approvar Deus, e porque o não havia de antepor ao de todas as gerarchias? Olhar para a gerarchia de quem votou, é querer venerar os votos, mas não acertal-os. Na eleição do voto, nem se ha de respeitar a dignidade da pessoa (que por isso Deus se não conformou com os thronos), nem se ha de respeitar a nobreza (que por isso se não conformou com os principados), nem se hão de respeitar os titulos (que por isso se não conformou com as dominações), nem se ha de respeitar o poder (que por isso se não conformou com as potestades), nem se ha de respeitar o amor (que por isso se não conformou com os serafins), nem se ha de respeitar a sciencia (que por isso se não conformou com os cherubins), nem se ha de respeitar a santidade (que por isso se não conformou com as virtudes). Finalmente não se

ha de respeitar qualidade alguma, por angelica e mais angelica que seja (que por isso se não conformou com anjos, nem com archanjos). Pois que se ha de respeitar no voto, e por onde se ha de avaliar? Ha se de avaliar o voto pelos merecimentos do mesmo voto, e nada mais. Ainda que a pessoa que votou seja o sujeito mais vil do mundo, qual era o demonio, e ainda que seja a que está mais fóra da graça do principe, como o demonio estava, se o seu voto fôr o melhor, ha de preferir o seu voto.

O principal nos falta por advertir. Conformou-se Deus com o voto do demonio, e não com os dos anjos, porque o demonio votou melhor. Bem está. Mas porque votou melhor o demonio que os anjos? Porque tem mais sabedoria que elles? Não. Porque tem mais delgado entendimento? Não. Porque ama mais a Deus, e zela mais seu serviço? Não. Porque deseja mais dar-lhe gosto, e fazer e adivinhar-lhe a vontade? Não. Pois porque vota melhor um demonio neste conselho, que todos os anjos juntos? Porque a proposta e a materia do conselho, era da profissão do demonio, e não era da profissão dos anjos. A proposta e a materia do conselho era enganar a Acab, e fazel-o cair: *Quis decipiet Acab, ut cadat?* E como a profissão propria do demonio é enganar e fazer cair aos homens, por isso votou melhor e mais acertadamente que todos. Se a proposta fôra como se havia de guardar Acab, e como se havia de guiar e encaminhar, para que se defendesse e se livrasse dos perigos daquella guerra, então venceria infallivelmente o voto dos anjos, porque essa é a sua profissão — guardar, guiar, encaminhar, livrar e defender aos homens. Mas como o negocio era tão alheio da profissão e officio dos anjos, e tão proprio da profissão e exercicio do demonio, por isso o demonio votou melhor que todos os anjos. Tanto importa que vote cada um no que exercita, e que aconselhe no que professa! E seria grande desgraça, que se não observasse esta maxima em conselhos christãos e catholicos, quando vêmos que se fez hoje assim em um conselho de inimigos de Christo: *Collegerunt pontifices, et pharisæi concilium adversus Jesum* (Joan. XI — 47).



IV.

A segunda boa propriedade e excellentemente boa que teve este conselho, foi o modo da proposta: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit*: Que fazemos, que este homem faz muitos milagres. Não sei se reparaes no que dizem, e no que não dizem. Não dizem, *que havemos de fazer*, senão *que fazemos*? Ah que grande conselho, e que grandes conselheiros! Conselheiros de *que havemos de fazer*, não são conselheiros. Os conselheiros hão de ser homens de *quid facimus*: *Que fazemos*? E vêde que discretamente inferiram e contrapezaram a proposta. Elles eram inimigos de Christo, e tinham a Christo por inimigo, e diziam: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit*? Notae o *facit*, e o *quid facimus*. Basta que nosso inimigo *faz*, e nós não *fazemos*? Nosso inimigo *faz*, e nós *havemos de fazer*? Nosso inimigo faz milagres, e nós não fazemos o que se pôde fazer sem milagre? Já que elle *faz*, façamos nós: *Quid facimus*? Que fazemos? A razão porque se perdeu tanta parte daquella tão honrada monarchia da Asia, ganhada com tão illustre sangue, qual foi? Porque o inimigo *fazia*, e nós *havíamos de fazer*. Não vamos tão longo. Em quanto Portugal teve homens de *havemos de fazer* (que sempre os teve) não ~~tivemos~~ liberdade; não tivemos reino, não tivemos coroa. Mas tanto que tivemos homens de *quid facimus*, logo tivemos tudo.

Quando Christo fez aquelle famoso milagre dos cinco pães no deserto, quizeram-no acclamar por rei; mas não o consentiu o Senhor. Quando entrou por Jerusalem, acclamaram-no por rei: *Benedictus qui venit in nomine Domini, rex Israel*. (Joan. XII — 13) E não só o consentiu e approvou, mas louvou e defendeu os que o acclamaram. Pois se Christo admittiu o título de rei na côrte, onde era mais arriscado, porque o não admittiu no deserto onde não havia risco? Sabeis porque? Porque quiz aceitar o título de rei da mão de homens que o fizeram, e não da mão de homens que o haviam de fazer. Notae o que diz o texto: *Jesus autem cum cognovisset, quia venturi erant, ut raperent eum, et facerent eum regem, fugit*. (Ibid. VI — 15) Vendo o Senhor, que

★

aquelles homens haviam de vir e o haviam de arrebatat, e o haviam de fazer rei, fugiu. E vós sois-me homens de que haviam e mais que haviam, e outra vez, que haviam? Eis-aqui porque Christo não quiz ser acclamado rei por taes homens. Aceitou o titulo dos homens que o fizeram, e não dos homens, que o haviam de fazer; porque homens de *havemos de fazer*, não são homens, quanto mais homens que houvessem de fazer um rei e sustental-o. O texto diz que fugiu para o monte; mas não diz de que fugiu. E isso é o que eu pergunto: De que fugiu Christo nesta occasião? Dizem commummente, que fugiu da côroa; mas eu digo, que, se fugiu da côroa, fugiu muito mais dos homens. Porque não ha coisa de que um rei mais haja de fugir, que de homens de *havemos de fazer*. Se elles foram de *quid facimus*, bem me rio eu, que lhes fugira Christo. E se lhes fugisse, haviam-no de prender; porque, se depois o prenderam para lhe pôr uma côroa de espinhos, porque o não prenderiam para lhe pôrem uma côroa de oiro? Mas como eram homens de *que havemos de fazer*, nenhuma coisa fizeram: parou o seu conselho em nada.

O primeiro conselho que houve no mundo, foi o da torre de Babel. Resolveram os homens em uma junta de todos quantos então havia, que para eterna memoria de seu nome, fabricassem uma torre, cujas ameias subissem até entestar com as estrellas: *Cujus culmen pertingat ad cælum*. (Genes. XI — 4) Não se pôde crêr o grande aballo que fez no céu este conselho. Mandou Deus tocar a rebate, e assistido logo de todos os exercitos dos anjos, a falla que lhes fez foi esta: *Cæperunt hoc facere, nec desistent à cogitationibus suis, donec eas opere compleant*. (Ibid. — 6) Estes homens resolveram em conselho de fazer uma torre que chegue até o céu, e não hão de desistir do seu pensamento, até o levarrem ao cabo: *Descendamus igitur, et confundamus linguas eorum*: O que importa é que desçamos logo logo á terra, e que lhes confundamos as linguas, para que não vão por diante com seu intento. Com o seu intento, Senhor? E que importam, ou que podem importar os intentos dos homens contra o céu? Pois se o céu e os anjos, e muito mais Deus, estão tão seguros de todo o poder dos homens: se todas as machinas de seus pensamentos

e de suas mãos contra o céu, mais são desvanecimentos, que conselhos; de que se altera o empyreo, de que se receiam os anjos, de que se acautela Deus com tanto cuidado, com tanta prevenção, com tanto estrondo? Mais. Se a fabrica immensa daquella intentada torre, quando menos pela distancia infinita que vae da terra ao céu, não só era temerariã, senão impossivel; como affirma constantemente o mesmo Deus, que não hão de desistir os homens da obra, até a levarem ao cabo? Eu o direi; e o mesmo texto o diz.

Aquelles homens para tudo o que intentaram e resolveram, não fizeram mais que dois conselhos: um dos meios, outro do fim. No primeiro conselho disseram: *Venite, faciamus lateres*: Eia, façamos tijolos: no segundo conselho disseram: *Venite, faciamus turrim*: eia, façamos a torre. E homens que em todos os seus conselhos não dizem, *faremos*, nem *havemos de fazer*, senão *façamos*, *façamos*: *Faciamus lateres*: *faciamus turrim*: estes homens, ainda que intentem o maior impossivel, hão de levá-lo ao cabo. Homens que fazem os conselhos, *fazendo*: homens que as suas resoluções são de pedra e cal, e que quando haviam de parecer conselhos, apparecem muralhas; guarde-se o mundo, guarde-se o céu, guardem-se os anjos, e (se é licito dizê-lo assim) guarde-se o mesmo Deus de taes homens. Não é o encarecimento meu, senão do mesmo Deus, o qual por isso se não dilatou um momento em acudir ao caso, nem se contentou com mandar, senão que desceu em Pessoa, e não só, senão acompanhado de todos os seus exercitos: *Descendamus*. Tal foi o conselho que hoje fizeram estes conselheiros, e taes foram tambem os effeitos d'elle. Tanto que Christo viu o que se tinha proposto e resolutu neste conselho, que fez? Diz o evangelista, que o Senhor se retirou logo de Jerusalem, e se passou escondidamente para a cidade de Ephrem, e se meteu n'um deserto: *Jesus ergo jam non palam ambulabat apud judæos, sed abiit in regionem juxta desertum in civitatem, quæ dicitur Ephrem*. (Joan. XI — 54) E retira-se Christo? Esconde-se Christo? Desapparece Christo? Sim. Porque homens que nas suas propostas e nos seus conselhos não dizem *que havemos de fazer*, senão *quid facimus*, até a Deus

metem em cuidado, até a Deus poem em receios, até Deus não está seguro de taes homens e de taes conselhos : *Non palam ambulabat, abiit in regionem juxta desertum.*

V.

Pedia agora a ordem do conselho, que depois da proposta se seguissem os pareceres e a resolução. Mas para maior clareza do discurso, fique esta terceira parte para o fim, e passemos á ultima. A ultima propriedade boa e melhor que todas deste conselho, foi a efficacia e presteza da execução : *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere.* O texto grego diz : *Ab illa autem hora.* No mesmo dia e na mesma hora do conselho se começou a pôr o conselho em execução com todo o cuidado. A proposta do conselho, foi : *Quid facimus?* Que fazemos ? E o fim do conselho na mesma hora foi fazer o que se resolveu que se fizesse. Cuidam os ministros, que feitos os conselhos, feitas as consultas, feitos os decretos, está feito tudo ; e ainda se não começou a fazer nada. O principio dos negocios é a execução : em quanto se não dão á execução, não se lhes tem dado principio. *In principio creavit Deus cælum, et terram.* São as primeiras palavras da escriptura. No principio creou Deus o céu e a terra. Pergunto : Antes de Deus crear o céu e a terra, a criação do mesmo céu e da mesma terra não estava decretada *ab æterno* no conselho de sua sabedoria ? Sim, estava. Pois então é que se deu principio á criação do céu e da terra ? De nenhum modo, diz o texto : *In principio creavit Deus cælum, et terram.* Quando Deus creou o céu e a terra, então é que lhe deu principio ; porque em quanto os conselhos se não dão á execução, por mais conselhos e por mais decretos que haja, ainda se não tem dado principio a nada. Que importa que haja conselhos e mais conselhos, que importa que haja decretos e mais decretos, se entre os decretos e a execução se passa uma eternidade ? Os decretos serão divinos e divinissimos, como eram os de Deus ; mas todas essas divindades decretadas, sem execução, que veem a ser ? O que era o céu e a terra antes da criação do mundo ? Nada. Antes da criação do mundo

estava decretado o céu, estava decretada a terra, estavam decretados os elementos; e tudo quanto Deus creou, tudo estava decretado e assentado em conselho: mas todas essas coisas decretadas, que eram? O céu era nada, a terra outro nada, os quatro elementos quatro nada, e toda essa infinidade de coisas, uma infinidade de nada. Que importa a sentença no conselho da justiça, se se não executa a sentença? Que importa o arbitrio no conselho da fazenda, se se não executa o arbitrio? Que importa a prevenção no conselho da guerra, se se não executa a prevenção? Que importam os mysterios no conselho do estado, se se não executam os mysterios? O mysterio altissimo e divinissimo da encarnação estava decretado havia uma eternidade, e estava revelado, havia quatro mil annos: e que era este mysterio antes da execução? Nada.

Pois que remedio para que estes nada sejam alguma coisa, e sejam tudo? O remedio é crear um conselho de novo. Ainda mais conselhos? Bem aviados estamos. E que conselho ha de ser este? E como se ha de chamar? Salomão, cujo é o arbitrio, lhe deu tambem o nome: *Consilium manuum*: (Prov. XXXI — 13) um conselho de mãos. Este é o conselho dos conselhos. Todos os outros conselhos sem este, são conselhos sem conselho. Os conselhos de intendimento, discorrem, altercam, disputam, consultam, resolvem, decretam, e atéqui nada. O conselho das mãos é o que faz as coisas. O mesmo texto o diz: *Operata est consilio manuum suarum*. Os outros conselhos especulam, este conselho obra. Mas com licença de Salomão, se este chamado conselho, é de mãos, parece que se não havia de chamar conselho, porque o conselho é acto de intendimento, e as mãos não teem intendimento. Antes só as mãos teem o intendimento que é necessario. A cabeça tem intendimento especulativo; as mãos teem intendimento pratico: e este é só o intendimento que faz as coisas. Assim o disse um rei que tinha muito bom intendimento, e muito boas mãos, David: *In intellectibus manuum suarum deduxit eos*. (Psal. LXXVII — 72) Falla David das felicidades daquella mesma republica, em cujo conselho estamos, e conclue, que em todas as occasiões em que tiveram felizes successos, os governou Deus, e elles se gover-

naram com os intendimentos de suas mãos : *In intellectibus manuum suarum*. E notae, que não diz, com o intendimento de suas mãos, senão com os intendimentos : *In intellectibus manuum suarum*. A cabeça, que é uma, tem intendimento : as mãos, que são duas, teem intendimentos : *In intellectibus*. Aqui está um intendimento, e aqui outro ; um na mão direita, outro na esquerda : e se estes dois intendimentos se dão as mãos, tudo se consegue. Os mais felizes reinos não são aquelles que teem as mais bem entendidas cabeças, senão aquelles que teem as mais bem entendidas mãos. Dos intendimentos das mãos é que se fazem os prudentes conselhos, ou quando menos, nos intendimentos das mãos é que se qualificam de prudentes ; porque os conselhos prudentes, que não passam do intendimento ás mãos, fazem-se de prudentes nescios.

Rebellou-se Absalão contra el-rei David. Seguiu a voz de Absalão todo o reino, cujas vontades elle tinha ganhado : *Toto corde universus Israel sequitur Absalon*. (2 Reg. XV — 13) Chegou a nova ao rei nestes mesmos termos : e como nos grandes casos se vêem os grandes corações, accommodou-se David á fortuna do tempo, e retirou se com os capitães de sua guarda, que só o acompanhavam. Tinha já caminhado um bom espaço do monte Olivete, quando recebeu segundo avizo, que também Achitofel, seu grande conselheiro seguia as partes de Absalão ; e aqui foi que o coração do rei sentiu os primeiros abalos. Poz-se de joelhos, levantou as mãos ao céu, e disse a Deus : *Infatua, quæso, Domine, consilium Achitofel*. (Ibid. — 31) Peço-vos, Senhor, que infatueis o conselho de Achitofel. Nunca a nossa lingua me pareceu pobre de palavras, senão neste texto. *Infatuar*, significa fazer imprudente, fazer ignorante, fazer nescio, e ainda significa mais : e tudo isto pedia David que fizesse Deus ao conselho de Achitofel. Vêde o que pezava no juizo daquelle grão rei, e o que deve pesar no de todos um grande conselheiro ! Quando disseram a David que todo o reino unido seguia a Absalão, não fez oração a Deus, para que o livrasse de suas armas : quando lhe disseram que também Achitofel o seguia, fez oração apertada, para que o livrasse de seus conselhos. Mais temeu David a testa de um só homem, que os braços de infinitos homens. Bem tinha já experimentado o mesmo

David na pedrada do gigante, que importa pouco que o corpo e os braços estejam armados, se a testa está fraca. Houve-se David neste caso contra Absalão, como já se houvera contra Golias. O tiro da sua oração não o apontou contra o reino, que era o corpo armado, senão contra Achitofel, que era a testa. Um grande conselheiro no conselho do rei, ha de ser a sua maior estimação; e no conselho do inimigo ha de ser o seu maior temor.

Vamos agora ao successo, em que a escriptura diz duas coisas notaveis, e que parecem totalmente encontradas. A primeira, que Deus ouviu a oração de David contra o conselho de Achitofel: a segunda, que Achitofel aconselhou a Absalão prudentemente o que lhe convinha: *Domini autem nutu dissipatum est consilium Achitofel utile.* (Ibid. XVII — 14) Pois se Achitofel aconselhou util e prudentemente Absalão, como ouviu Deus a oração de David? A oração de David pediu a Deus que enfatuasse o conselho de Achitofel: mas se o conselho de Achitofel foi prudente e util, como enfatou Deus o seu conselho? Quereis saber como o enfatou, lêde por diante o texto. Ainda que a escriptura diz que o conselho de Achitofel foi prudente, diz tambem que Absalão o não executou: e este foi o modo com que Deus enfatou aquelle conselho; porque conselhos prudentes sem execução, não são prudentes, são fatuos. De dois modos podia Deus enfatuar o conselho de Achitofel: ou no intendimento do mesmo Achitofel, fazendo que Achitofel votasse mal; ou nas mãos de Absalão, fazendo que ainda que o conselho fosse bom, Absalão o não executasse: e Deus para totalmente enfatuar o conselho de Achitofel, como David lhe tinha pedido, escolheu este segundo modo; porque o conselho que se não acerta com o intendimento, é conselho errado; mas o conselho que depois de acertado não se executa, não só é errado, é fatuo. Errar um conselho é coisa que cabe em homens prudentes; mas acertal-o e perdê-lo por falta de execução, só em homens fatuos se pôde achar. Oh quantos reinos se perdem por conselhos prudentes enfatuados! Vejam lá os principes se são enfatuados nos intendimentos dos Achitofeis, ou nas mãos dos Absalões. Por isso eu desejára um conselho de mãos; e por isso sendo tão máu, teve esta parte de bom o conselho do

nosso evangelho. Começou estranhando o que se não fazia : *Quid facimus?* E acabou começando o que se havia de fazer : *Ab illa autem die, ab illa autem hora cogitaverunt cum interficere.*

Mas eu não acabo de intender como isto podia ser logo no mesmo dia, e na mesma hora em que se fez o conselho. Quando se lançaram os votos ? Quando se escreveu a consulta ? Quando se assignou ? Quando subiu ? Quando se resolveu ? Quando baixou ? Quando se fizeram os despachos ? Quando se registaram ? Quando tornaram a subir ? Quando se firmaram ? Quando tornaram a baixar ? Quando se passaram as ordens ? Quando se distribuiram ? Tudo isto não se podia fazer em uma hora, nem em um dia, nem ainda em muitos. Se fôra no nosso tempo, e na nossa terra, assim havia de ser ; mas tudo se fez, e tudo se pôde fazer. Porque ? Porque não houve tinta nem papel neste conselho.

VI.

Esta é a quarta e ultima propriedade boa que nelle considero : ser um conselho em que não appareceu papel nem tinta. Dias ha que tenho para mim, que a tinta e o papel são duas peças, ou escusadas, ou quasi escusadas em um conselho. E porque isto parece querer condemnar o mundo, não hei de argumentar ao mundo, senão comsigo mesmo. Qual é mais antigo no mundo, o conselho, ou o papel ? Pois assim como naquelle tempo se faziam os conselhos sem papel, porque se não puderão fazer agora ? Dir-me-heis que estava ainda o mundo pouco polido, e pouco politico. Mais politico que agora. A primeira nação, ou a primeira lingua que soube lêr e escrever, foi a dos hebreus. Primeiro se governaram por familias, depois em republica, depois em monarchia, ultimamente em reinos : e em todos estes estados não achareis tinta nem papel em seus conselhos. Chamava o principe diante de si os de seu conselho ; propunha a materia ; ouvia os pareceres ; resolvia o que se havia de fazer ; nomeava a pessoa que o havia de executar ; e acabava-se o conselho. Não era bom estylo este, senhor mundo ? Agora estareis mais empapelado, mas nem por isso mais bem aconselhado. É verdade que junto ás pessoas

reaes havia naquelle tempo dois officiaes de penna : e quaes eram ? Um historiador, e um secretario. Tira-se do 2.º livro dos Reis cap. 8. (Ibid. VIII — 17) Onde se referem os officiaes de que se compunha a casa real, e se nomêa entre elles Josaphata, à *commentariis*, e Sarayas, *scriba*. E porque eram o historiador e o secretario os dois officios de penna ? Discretissimamente o ordenaram assim, porque o escrever foi inventado para remedio da ausencia e da memoria. O secretario escrevia as cartas para os ausentes, e o historiador escrevia as memorias para os futuros. Por isso geralmente nas historias sagradas só achamos livros e epistolas : os livros para os vindouros : as epistolas para os ausentes. Tambem o escrever se fez para remedio dos mudos, como aconteceu a Zacharias, pae do Baptista, que sendo consultado sobre o nome do filho, e não tendo lingua para o declarar, pediu a penna. Se os conselheiros foram mudos, e os reis surdos, então era necessario o papel : mas se os conselheiros fallam, e os reis ouvem, para que são tantos papeis ? Não é melhor ouvir um conselheiro que falla e responde, que lér um papel mudo, que não sabe responder ? E quantos conselheiros houveram de dizer de palavra, o que se não atrevem a dizer e firmar por escripto ? Entre a boca do consultado, e o ouvido do rei, passa a verdade com segurança ; e nem todos teem liberdade e constancia para fiar o seu voto das riscas e dos riscos de um papel. Não fallo em que a tinta com ser preta póde tingir o papel de muitas côres, e a penna, de qualquer ave que seja, toda nasceu de carne e sangue.

Introduzir papel e tinta (ao menos tanto papel e tanta tinta) nos conselhos e nos tribunaes, foi traça de fazer o tempo curto, e os requerimentos largos, e de se acabar primeiro a paciencia e a vida, que os negocios. O maior exemplo que ha desta experiencia em todas as historias, é o da execução deste mesmo conselho em que estamos : *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere*. A execução deste conselho foi a morte de Christo : e é coisa que parece excede toda a fé (se o não disseram os evangelistas) considerar o muito que se fez, e o pouco tempo que se gastou nesta execução. Foi Christo prezo ás doze da noite, e crucificado ás doze do dia. E que se fez, ou que se não fez nestas doze horas ?

*

Foi levado o Senhor a quatro tribunaes mui distantes, e a um delles duas vezes: ajuntaram-se e fizeram-se dois conselhos: apresentaram-se em duas partes as accusações: tiraram-se tres inquirições de testemunhas: expediu-se a causa incidente, e perdão de Barrabaz: deram-se dois libellos contra Christo: fizeram-se arresoados, por parte do réu, e por parte dos auctores: allegaram-se leis: deram-se vistas: houve replicas e treplicas: representaram-se duas comedias, uma de Christo propheta com os olhos tapados, outra de Christo rei com sceptro e corôa: foi tres vezes despido, e tres vestido: cinco vezes perguntado e examinado: duas vezes sentenciado: duas mostrado ao povo: ferido e affrontado tantas vezes com as mãos, tantas com a cana, cinco mil e tantas com os açoites: preveniram-se lanças, espadas, fachos, lanternas, cordas, columna, azorragues, varas, cadêas: uma roupa branca, outra de purpura: canas, espinhos, cruz, cravos, fel, vinagre, mirra, esponja, titulo com letras hebraicas, gregas, e latinas, não escriptas senão entalhadas, como se mostram hoje em Roma: ladrões que acompanhassem ao Senhor: cruces para os mesmos ladrões: Cyrineo que o ajudasse a levar a sua: prégou Christo tres vezes, uma a Caifaz, outra a Pilatos, outra ás filhas de Jerusalem. Finalmente, caindo e levantando foi levado ao Calvario, e crucificado nelle. E que tudo isto se obrasse em doze horas? E que ainda dessas doze horas subejassem tres para descanso dos ministros, que foram as ultimas da madrugada? Grave caso! E como foi possível que todas estas coisas, tantas, tão diversas, e de tantas dependencias, se obrassem e se podessem obrar na brevidade de tão poucas horas, e mais sendo ametade dellas de noite? Tudo foi possível, e tudo se fez, porque em todos estes conselhos, em todos estes tribunaes, em todas estas resoluções e execuções, não entrou papel nem tinta. Se tudo isto se houvera de fazer com as tardanças, com as dilações, com os vagares, com as cerimoniaes, que envolve qualquer papel, ainda hoje o genero humano não estava remido. Só quatro palayras se escreveram na morte de Christo, que foram as do titulo da cruz, e logo houve sobre ellas embargos, e requerimentos, e altercações, e teimas, e descontentamentos: e se Pilatos não disserra resolutamente que se não havia de

escrever mais : *Quod scripsi, scripsi.* (Joan. XIX — 22) O onso era de appellação para Cesar, que estava em Roma, d'alli a quinhentas leguas, e demanda havia na meia regra para muitos annos.

Até Christo teve sua conveniencia em não haver papel e tinta na sua execução, porque ao menos não pagou custas. É possível que não ha de haver justiça, nem innocencia, nem premio, que escape do castigo do papel ? Chamei-lhe castigo, por lhe não chamar roubo. Mas que papel ha que não seja ladrão marcado ? Tirou-me o escrupulo de o cuidar assim, uma só historia de papel ou de papeis que se acha no evangelho. Conta S. Lucas que certo senhor rico tendo entregue a sua fazenda a um mordomo, por alguns rumores que lhe chegaram, de que não era limpo de mãos, lhe tirou de repente o officio. Ouvindo o criado que lhe tiravam o officio, toma muito depressa os papeis, vae-se ter com os que deviam ao amo : e que fez com elles ? Ao que devia cem cantaros de azeite, fazia-lhe escrever oitenta : *Scribe octoginta.* Ao que devia cem fangas de pão, dizia-lhe que escrevesse cincoenta : *Scribe quinquaginta.* (Luc. XVI — 6 e 7) Pois esta é a fé dos papeis tão acreditada ? Para isto servem os papeis ? Para isto servem : para de cem cantaros, fazer oitenta cantaros : para de cem fangas, fazer cincoenta fangas. Vêde se merecia o criado as marcas do papel ? Mas se não houvera papeis, não tiveram taes occasiões os criados. Terrivel flagello do mundo foi sempre o papel ; mas hoje mais cruel que nunca. A origem e o nome do papel, foi tomado das cascas das arvores, que em latim se chamam *Papyrus*, porque aquellas cascas foram o primeiro papel em que os homens escreviam ao principio : depois deram em curtir as pelles, e se facilitou mais a escriptura com o uso dos pergaminhos : ultimamente se inventou a praga do papel, de que hoje uzamos. De maneira, que se bem advertimos, foi o papel desde seus principios, materia de escrever, e invenção de esfollar. Com o primeiro papel esfollavam-se as arvores : com o segundo esfollavam-se os animaes : com o de hoje esfollam-se os homens. Oh quanto papel se pudéra encadernar com as pelles que o mesmo papel tem despido ! Mas em nenhuma parte tanto como em Portugal, porque em nenhuma se gasta tanto papel, ou se gasta tanto em papeis.

Estes soccorros que damos a Veneza, não seria melhor dal-os antes em dinheiro contra o turco em Candia, que dal-os por papel contra nós? O mais bem achado tributo que inventou a necessidade ou a cubiça, é para mim o do papel sellado. Mas faltou-lhe uma condição: o sello não o haviam de pagar as partes, senão os ministros. Se os ministros pagaram o sello, eu vos prometto que havia de correr menos o papel, e que haviam de voar mais os negocios. Mas ainda voariam mais, se não houvesse pennas nem papel. E por isso voaram tanto as resoluções deste conselho: *Ab illa autem hora.*

VII.

Sendo este conselho tão politico, e sendo tão politicos os seus conselheiros; que se seguiu de todas estas politicas? O que se seguiu foi a destruição de Jerusalem, a destruição de toda a república dos hebreus, a destruição dos mesmos pontífices e pharizeus que fizeram o conselho. E porque? Porque tendo o conselho tanto de politico, não teve o que devia ter de christão: antes todo elle foi contra Christo: *Collegerunt pontífices, et pharisæi consilium adversus Jesum.* Estas palavras *adversus Jesum*, não são do texto, senão da glossa da egreja. Notae, diz a egreja, que este conselho foi contra Christo: e de um conselho contra Christo, que se podia esperar, senão a destruição do mesmo conselho, dos mesmos conselheiros, e de toda a república, que por taes meios pretenderam defender e sustentar? E assim foi. O fundamento politico de toda a resolução que tomaram de matar a Christo, foi este: *Si demittimus eum sic, venient romani, et tollent locum nostrum, et gentem.* (Joan. XI — 48) Se deixamos este homem assim, todos o hão de acclamar por rei, e se se souber em Roma que nós temos rei contra a soberania e magestade do imperio romano, hão de vir contra nós os romanos, e hão de tirar-nos dos nossos logares, e hão de destruir a nossa gente, e a nossa república: pois morra este Homem, para que nos não percamos todos. Mas vêde como lhes saiu errada esta sua politica. Matemos este Homem, porque nos não percamos todos, e perderam-se todos, porque mataram aquelle Homem: matemos este Homem, porque não venham os romanos e tomem Jerusalem; e porque mataram

aquelle Homem, vieram os romanos e tomaram Jerusalem, e não deixaram nella pedra sobre pedra. Que é de Jerusalem? Que é da republica hebreia? Quem a destruiu? Quem a decipou? Quem a acabou? Os romanos. Eis aqui em que veem a parar os conselhos, e as politicas, quando as suas razões de estado são contra Christo. Santo Agostinho: *In contrarium eis vertit malum consilium*. Vêde (diz Agostinho) o máu conselho como se converteu contra os mesmos que o tinham tomado: *Ut possiderent, occiderunt; et quia occiderunt, perdidierunt*: para conservarem a republica mataram a Christo; e porque mataram a Christo, perderam a republica. Oh quantas vezes se perdem as republicas, porque se tomam por meios de sua conservação offensas de Christo! Quem aconselha contra Deus, aconselha contra si. E os meios que os homens tomam para se conservar, se são contra Deus, esses mesmos toma Deus contra elles para os destruir.

Muitas vezes castigou Deus a republica hebreia em todos os estados, e em todas as idades, por differentes nações. Deixo os captiveiros particulares no tempo dos juizes, pelos madianitas, e no tempo dos reis, pelos philisteus: Vamos aos captiveiros geraes. O primeiro captiveiro geral, em tempo de Moysés, foi pelos egypcios: o segundo captiveiro geral, em tempo de Oseas, foi pelos assyrios: o terceiro captiveiro geral, em tempo de Jeconias, foi pelos babilonios: o ultimo captiveiro geral, depois de Christo, que é o presente, foi pelos romanos. E porque ordenou Deus que os executores deste ultimo captiveiro fossem os romanos, e não por outra nação? Não estavam ainda ali os mesmos egypcios, os ethyopes, os arabes, os persas, os gregos, e os macedonios, que eram as nações confinantes? Pois porque não ordenou Deus que os executores deste captiveiro fossem estas ou outra nação, senão os romanos? Para que visse o mundo todo que a causa deste castigo foram as politicas deste conselho. Ora vêde.

Tres resoluções tomaram estes conselheiros, para conservação da sua republica, todas tres fundadas no temor, no respeito, na dependencia, e na amizade dos romanos. A primeira notou S. Gregorio: a segunda S. Basilio: a terceira S. Ambrosio. Deixo as palavras, por não fazer o discurso mais largo. A primeira re-

solução foi, que se Christo continuasse com aquelle sequito e applauso, e com as acclamações de rei, que lhe dava o povo; viriam os romanos sobre Jerusalem: *Si demittimus eum sic, venient romani*. A segunda resolução foi entregarem a Christo aos soldados romanos, porque elles foram os que o prenderam no Horto, e o crucificaram: *Judas vero cum accipisset cohortem*: Que era uma das cohortes romanas. A terceira resolução, foi persuadirem a Pilatos, governador de Judéa, posto pelos romanos, que se livrava a Christo, perdia a amizade do Cesar: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsaris*. Ah, sim. E vós temeis mais a potencia dos romanos, que a justiça de Deus; pois castigar-vos-ha a justiça de Deus com a mesma potencia dos romanos. E vós entregaes a Christo aos soldados romanos, para que o prendam e crucifiquem; pois Christo vos entregará aos soldados romanos, para que vos captivem, vos matem, e vos assolem. E vós antepondes a amizade do imperador dos romanos á graça de Deus; pois Deus fará que os imperadores romanos sejam os vossos mais crueis inimigos, e que venha Tito e Vespasiano a conquistar-vos e destruir-vos. De maneira que todas as politicas dos pontifices e phariseus se converteram contra elles; e das resoluções do seu mesmo conselho se formaram os instrumentos da sua ruina. Disto lhes serviu o temor, o respeito, a dependencia, e a amizade dos romanos. E este foi o desestrado fim d'aquelle conselho, merecedor de tal fim, pois tinha elegido taes meios.

Senhor. A verdadeira politica é o temor de Deus, o respeito de Deus, a dependencia de Deus, e a amizade de Deus: e a verdadeira arte de reinar é guardar sua lei. Os politicos antigos estudavam pelos preceitos de Aristoteles e Xenofonte: os politicos modernos estudam pelas malicias de Tacito, e de outros indignos de se pronunciarem seus nomes neste lugar. A verdadeira politica e unica, é a lei de Deus. Ouvi umas palavras de Deus no cap. 17 do Deuteronomio, que todos os principes deviam trazer gravadas no coração: *Cum sederit rex in solio regni sui, describet sibi Deuteronomium legis hujus, legetque illud omnibus diebus vitæ suæ, ut discat timere Deum, neque declinet in partem dexteram, vel sinistram, ut longo tempore regnet ipse. et filii*

ejus. (Deut. XVII — 18, 19 e 20) Tanto que o rei (diz Deus) se assentar no throno do seu reino, a primeira coisa que fará, será escrever por sua propria mão esta minha lei, e a lerá todos os dias de sua vida, para que aprenda a temer a Deus; e não se apartará della um ponto, nem para a mão direita, nem para a esquerda, e deste modo conservará o seu reino para si e para seus descendentes. Pois, Senhor, esta é a arte de reinar, estes são os documentos politicos, e estas são as razões de estado, que daes ao rei do vosso povo, para sua conservação, e para a perpetuidade, e estabelecimento de seu imperio? Sim. Estas são, e nenhuma outra. Saber a lei de Deus, temer a Deus, guardar a lei de Deus, e não se apartar um ponto della. Se Aristoteles sabe mais que Deus, sigam-se as politicas de Aristoteles: se Xenofonte sabe mais que Deus, imitem-se as idéas de Xenofonte: se Tacito falla mais certo que Deus, estudem-se as agudezas e as sentenças de Tacito. Mas se Deus sabe mais que elles, e é a verdadeira e unica sabedoria, estudem-se, aprendam-se e sigam-se as razões de estado de Deus.

Não digo que se não lêam os livros; mas toda a politica sem a lei de Deus é ignorancia, é engano, é desacerto, é erro, é des-governo, é ruina. Pelo contrario, a lei de Deus só, sem nenhuma outra politica, é politica, é sciencia, é acerto, é governo, é conservação, é seguridade. Toda a politica de um rei christão, se reduz a quatro partes, e a quatro respeitos. Do rei para com Deus: do rei para comsigo: do rei para com os vassallos: do rei para com os estranhos. Tudo isto achará o rei na lei de Deus. De si para com Deus a religião: de si para comsigo a temperança: de si para com os vassallos a justiça, de si para com os estranhos a prudencia. Para todos estes quatro rumos navegará segura a monarchia, se os seus conselhos levarem sempre por norte a Deus, e por leme a sua lei: *Consiliorum gubernaculum lex divina*, disse S. Cypriano. Os conselhos são o governo da republica, e a lei de Deus ha de ser o governo dos conselhos. Conselho e republica que se não governa pela lei de Deus, é náu sem leme. Por isso o reino de Jeroboão, de Baasa, de Jehu, e de tantos outros, fizeram tão miseraveis naufragios.

O mais politico, e o mais prudente rei que lemos nas histo-

rias sagradas, foi David : E qual era o seu conselho ? Elle o disse : *Consilium meum justificationes tuæ.* (Psal. CXVIII — 24) O meu conselho, Senhor, são os vossos mandamentos. Oh que auctorizado conselho ! Oh que prudentes conselheiros ! O conselho a lei de Deus ; os conselheiros os dez mandamentos. De Achitofel, aquelle famosissimo conselheiro, diz o texto que eram os seus conselhos como oraculos e respostas de Deus : *Tanquam si quis consuleret Dominum.* Os mandamentos de Deus, que eram os conselheiros de David, não são como oraculos, senão verdadeiramente oraculos de Deus. E quem se governar pelos oraculos de Deus, como pôde errar ? Quando Christo appareceu a el-rei D. Affonso Henriques, e lhe certificou que queria fundar e estabelecer nelle e na sua descendencia um novo imperio ; assim como disse a Moysés : *Ego sum qui sum* : Eu sou o que sou ; assim o disse áquelle primeiro rei : Eu sou o que edifico os reinos e os dissipo : *Ego ædicator, et dissipator regnorum sum.* Nestas duas maximas resumiu Christo todas as razões de estado, por onde queria se governasse um rei de Portugal. Deus é o que dá os reinos, e Deus é o que os tira. O fim de toda a politica é a conservação e augmento dos reinos : como se hão de conservar os reinos, se tiverem contra si a Deus, que os tira ; e como se hão de augmentar os reinos, se não tiverem por si a Deus que os dá ? Se não tivermos contra nós a Deus, segura está a conservação : se tivermos por nós a Deus, seguro está o augmento : *Pone me juxta te, et cujusvis manus pugnet contra me* : Dizia Job, que tambem era rei : (Job. XVII — 3) Ponha-me Deus junto a si, e venha todo o mundo contra mim. Se tivermos da nossa parte a Deus, ainda que tenhamos contra nós todo o mundo, todo o mundo não nos poderá offender : mas se tivermos a Deus contra nós, ainda que tenhamos todo o mundo da nossa parte, não nos poderá defender todo o mundo. Fazer liga com Deus, offensiva e defensiva, e estamos seguros. Eis-aqui o erro fatal deste mal aconselhado conselho dos pontifices e phariseus : por se ligarem com os romanos, apartaram-se de Deus ; e porque não repararam em perder a Deus, por conservar a republica, perderam a republica e mais a Deus : *Iste homo multa signa facit* : Este homem (diziam) faz mui-

tos signaes. Chamavam signaes aos milagres de Christo, e ainda que acertaram o numero aos milagres, erraram a conta aos signaes. Os milagres eram muitos, mas os signaes não eram mais que dois. Se seguissem a Christo, signal de sua conservação : se o não seguissem, signal de sua ruina. Cada milagre daquelles era um cometa que ameaçava mortalmente a republica hebreu, se não crêsse, e offendesse a Christo. E assim foi.

Principes, reis, monarchas do mundo, se vos quereis conservar e a vossos estados : se não quereis perder vossos reinos, e monarchias, seja o vosso conselho supremo a lei de Deus. Todos os outros conselhos se reduzam a este conselho, e estejam sujeitos e subordinados a elle. Tudo o que vos consultarem vossos conselhos e vossos conselheiros, ou como necessario á conservação, ou como útil ao augmento, ou como honroso ao decoro, á grandezza, e á magestade de vossas corôas, seja debaixo desta condição infallivel : se fôr conforme á lei de Deus, approve-se, confirme-se, decrete-se, e execute-se logo : mas se contiver coisa alguma contra Deus e sua lei, reprove-se, deteste-se, abomine-se, e de nenhum modo se admitta, nem consinta, ainda que delle dependesse a vida, a corôa, a monarchia. O rei, em cuja consciencia, e em cuja estimação não peza mais um peccado venial, que todo o mundo, não é rei christão : *Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur.* (Matth. XVI — 26) Que lhe aproveitará a qualquer homem, e que lhe aproveitou a Alexandre ser senhor do mundo, se perdeu a sua alma ? Perca-se o mundo, e não se arrisque a alma : perca-se a corôa e o sceptro, e não se manche a consciencia : perca-se o reino da terra, e não se ponha em contingencia o reino do céu. Mas o rei que por não pôr em contingencia o reino do céu, não reparar nas contingencias do reino da terra ; é certo e infallivel que por esta resolução, por esta valor, por esta verdade, por este zelo, por esta razão, e por esta christandade, segurarâ o reino da terra, e mais o do céu ; porque Deus, que é o supremo Senhor do céu e da terra, nesta vida o estabelecerá no reino da terra, pela firmeza da graça ; e na outra vida o perpetuará no reino do céu, pela eternidade da gloria.

SERMÃO

DA

CONCEIÇÃO IMMACULADA

DA VIRGEM MARIA S. N.

Maria, de qua natus est Jesus. — Matth. I.

I.

Como em todas as materias controversas dizer o já dito é superfluo, assim na de que hoje sou obrigado a fallar, dizer o que ainda não esteja dito, é difficiloso. Entre os mysterios, todos soberanos, de Maria Mãe de Deus, o que hoje celebra a egreja, e todos desejam ouvir estabelecido com alguma novidade, é o de sua Conceição immaculada. Mas todas aquellas estradas por onde se póde caminhar seguramente ou ao templo desta adoração, ou ao castello desta defensa, estão tão batidas e debatidas, que, como bem dizia ha muitos annos um dos maiores oradores de Hespanha, ninguem póde pôr o pé, senão sobre pegada alheia. Boa satisfação para a desculpa, mas muito desconsolada para o desejo. Desta mesma se valeu Terencio, aquelle tão celebrado comico,

o qual pedia perdão ao theatro romano de lhe representar o que já tinha ouvido, e allegava em seu abono, que o mesmo tinham feito os velhos, e assim o faziam os modernos :

Nullum est jam dictum, quod non dictum sit prius.

Quare æquum est vos cognoscere, et ignoscere :

Quod veteres facitabant, sic faciunt novi.

Terentius in Eun.

E se isto se usava na cabeça do mundo ha mais de mil annos, que será hoje entre nós, onde não é tão facil inventar novos argumentos, como novos trajos ?

Eu porém não me acabo de sugeitar a este dictame ; porque ainda que os antigos beberam primeiro nas fontes, nem por isso as esgotaram : *Mulum egerunt qui ante nos fuerunt, sed non peregerunt*, diz Seneca. (Seneca epist. 64) Muito fizeram os que vieram antes de nós, mas não perfizeram. Entre o fazer e o per fazer ha grandes intervallos : *Mulum autem restat operis, multumque restabit*. Assim como elles accrescentaram sobre o que tinham dito os mais antigos, assim nós podemos accrescentar e descobrir de novo o que elles não acharam, como tambem sobre nós os que depois vierem. Isto escreveu animosamente o maior espirito dos estoicos. E nem a mim me mete medo dizer Salomão, que não ha coisa nova debaixo do sol : *Nihil sub sole novum* ; (Eccl. I — 10) porque a materia de que hoje hei de tractar, não é de debaixo do sol, senão do mesmo sol, e acima delle.

Duvidoso pois entre o que tem de verdadeiro uma destas sentenças, e o que oppõe de difficultoso a outra ; o meio que determino e devo tomar, é o que ensinou o Mestre divino, em que ambas se conciliam e se concordam : *Ideo omnis scriba doctus similis est patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova, et vetera* ; (Matth. XIII — 52) Por isso todo o estudioso douto nas escripturas é semelhante (diz Christo) ao pae de familias rico, o qual tira do seu thesouro o novo e mais o velho. Assim o farei eu hoje, posto que reconheço a minha pobreza : *Ego vir videns paupertatem meam*. (Thren. III — 1) Dos thesouros da theologia e da

escriptura supporei na materia presente o velho, e verei se posso dizer o novo. A Virgem immaculada, cuja graça sempre foi antiga e sempre nova, me assista com a sua. *Ave Maria.*

II.

Maria, de qua natus est Jesus. (Matt. I — 16)

Prometti suppor o velho para dizer o novo. E posto que esta proposta na materia da Conceição immaculada seja mais facil de prometter, que de desempenhar, comecemos brevissimamente pelas supposições. Supponho como certas tres coisas geralmente recebidas, cada qual porém dentro do seu gráu de certeza: a primeira scientifica, a segunda mais que provavel, a terceira expressamente de fé. A primeira e scientifica é, que ha dois modos de remir, ou de redempção: uma que tarda e remedeia o captiveiro, outra que se antecipa, e perserva delle. A segunda e tão provavel, que já se não póde affirmar em publico o contrario, é, que pela redempção que remedeia, remiu Christo a todo o genero humano, e pela que se antecipa e preserva, remiu a sua santissima Mãe. A terceira e expressamente de fé, é, que o preço de uma e outra redempção foi o merecimento e valor infinito do sangue do Filho de Deus, offerecido e derramado por todos. Este sangue, pois, e o modo com que Christo o derramou singularmente por sua Mãe, com muitos primores de redempção atégora não ponderados, será a novidade que para maior gloria da Mãe e do Filho desejo provar. A tudo me dão fundamento as palavras do evangelho, que tomei por thema: *Maria, de qua natus est Jesus.* Em Maria temos a remida e preservada: no nome de Jesus que quer dizer redemptor, temos a redempção: e nas duas palavras *de qua natus est*, temos o preço, que foi o sangue; porque encarnando e nascendo Jesus de Maria, della o recebeu para o dar universalmente por nós, e muito particularmente pela mesma Mãe.

III.

Entrando pois nas considerações e modos particulares com que o bemdito Filho da Virgem Maria em quanto Jesus, e em quanto Redemptor, em obsequio e beneficio singular da mesma Senhora deu o sangue que de suas purissimas entranhas tinha recebido: *de qua natus est*; seja o primeiro e mais geral, como fundamento de todos, ser a mesma Senhora preservada do captiveiro do peccado de Adão por valor e virtude do mesmo sangue.

Mandando Deus a Moysés, que dos desertos de Madian, onde vivia, fosse ao Egypto resgatar o seu povo, que lá estava captivo, levou Moysés em sua companhia a Sephora, sua esposa. E foi esta acção do seu enviado tão estranhada e abominada do mesmo Deus, que antes de chegar ao Egypto, lhe tornou a apparecer tão indignado contra elle, que queria não menos que tirar-lhe a vida: *Cùmque esset in itinere, in diversorio, occurrit ei Dominus, et volebat occidere eum.* (Exod. IV — 24) Paremos, e reparemos aqui com S. Agostinho, Theodoreto, Eusebio Cesariense, Emisseno e outros, os quaes colhem do mesmo texto, que esta e não outra foi a causa de uma tão notavel e impensada demonstração. Pois, Senhor, a Moysés, a quem acabaes de eleger por redemptor do captiveiro do vosso povo, tão de repente quereis privar, não só do officio, senão da vida? Tão grande culpa, e tão mal soffrida de vós, foi querèr levar sua esposa comsigo? Sim. Porque quando eu mando a Moysés que vá libertar aos que estão captivos no Egypto, que queira elle metter no mesmo captiveiro a sua esposa, que tão livre estava d'elle, quanto vae do Egypto a Madian, não soffro eu tal deslumbramento, e tal erro em um homem que fiz redemptor universal do meu povo, e por isso representador de meu Filho. Reparem neste juiso de Deus os que interiormente se não acabam de conformar com o que hoje pregamos, se por ventura ha ainda algum. Se Deus quiz matar a Moysés, porque não soffreu que elle mettesse no captiveiro do Egypto com os outros captivos a esposa que era de Moysés; se a esposa fosse do mesmo Deus, como a soffreria? Sendo pois verdadeiramente esposa sua a Virgem Maria, como soffrerá aos que lh'a querem

captivar, e metter com os demais no mesmo cativeiro? Mas advertido isto de passagem, vamos por diante com a historia ao nosso ponto.

Postos Moysés e Sephora em termos tão apertados e perigosos como vimos; elle debaixo da espada de Deus condemnado á morte, e ella caminhando para o Egypto, onde todos eram captivos; que succedeu? Levavam ambos um filhinho comsigo, ao qual naquelle estado circumcidou a Mãe, dizendo ao pae, que elle era a causa de lhe derramar o sangue: *Sponsus sanguinum tu mihi es*: (Ibid. — 25) e no mesmo ponto, aplacado Deus, a Moysés lhe foi perdoada a culpa, e Sephora ficou livre de ir ao Egypto, apartando-se d'elle: *Et dimisit eum* *. Quem se não admira neste caso do modo tão facil e tão breve com que dois noz tão fortemente apertados se desataram, e dois perigos tão grandes se resolveram? De sorte, que em se derramando o sangue do filho, o pae ficou absolto da culpa, e a mãe livre do cativeiro? Com razão disse S. Paulo, que tudo o que naquelle tempo succedia, eram figuras e uma como comedia do que depois havia de ser: *Omnia in figura contingebant illis*. (1. Cor. X — 11) O filho innocente era figura de Christo: o pae era figura de Adão, de quem tomou a natureza: a mãe era figura da Virgem Maria, de quem nasceu. E tanto que o sangue do filho se derramou, o pae ficou livre da culpa, pela qual estava condemnado á morte; e a Mãe ficou livre do cativeiro para onde a levava o mesmo pae. Póde haver representação por todas suas circumstancias mais propria? Mas ainda faltam por advertir duas, para maior gala do mysterio. A primeira, que a Mãe foi livre do cativeiro não depois de ir ao Egypto, e estar captiva, senão antes e preservada, para que o não fosse. A segunda, que o mesmo cativeiro do Egypto naquella occasião já estava acabando, e havia de durar muito pouco: mas como o filho de Sephora representava o Filho de Maria, não permittiu o seu sangue, que sua Mãe estivesse captiva, nem por um só instante.

Parece que depois de tal figura não póde haver prova real, que

* Exod. IV — 26. Idest. Sephora Moysen ita Lyran.

a iguale : mas será tanto maior e melhor, quanto vae da luz á sombra. Quando o mesmo Christo na ultima cêa consagrou o seu preciosissimo sangue no calix, foi com estas palavras : *Hic est calix sanguinis mei, qui pro vobis, et pro multis effundetur* : Este é o calix de meu sangue, o qual se derramará por vós e por muitos. Terrivel palavra foi esta ultima ! O sangue de Christo é de fé, que se derramou por todos, porque por todos morreu, de que temos contra o herege moderno o texto expresso de S. Paulo : *Pro omnibus mortuus est Christus*. (2. Cor. V — 15) Pois se o mesmo Christo havia de derramar e derramou o sangue por todos, porque não diz, este é o calix do meu sangue, o qual se derramará por vós e por todos, senão por vós e por muitos : *pro vobis, et pro multis* ? Lede as palavras seguintes, e vereis quão admiravelmente resolvem a duvida. *Qui pro vobis, et pro multis effundetur in remissionem peccatorum* : Será derramado, diz o Senhor, o meu sangue por vós, e por muitos : mas como ? *In remissionem peccatorum*, em remissão de peccados. Aqui está a differença. O sangue de Christo absolutamente derramou-se não só por muitos, senão por todos : mas em remissão de peccados, não se derramou por todos, senão por muitos ; porque do numero dos todos foi exceptuada a Mãe que lhe deu o mesmo sangue. Por todos os mais foi derramado o sangue de Christo, e em remissão de peccados : só por sua Mãe foi tambem derramado, sim, mas em remissão de peccados, não, porque não teve peccado. Oh bemdito Filho de Maria, que bem mostrastes ser juntamente Filho de Deus, pois tão altamente acudistes pela honra de vossa Mãe ! Havia de dizer S. Paulo, que todos peccaram em Adão : e que o sangue de Christo se derramou por todos. Mas para que o mundo se não enganasse, e soubesse que no contrahir o peccado houve excepção, e no derramar o sangue, differença ; por isso declarou o Senhor com duas limitações tão expressas, que o seu sangue se derramaria por muitos, e em remissão de peccados. Por muitos e não por todos, para excluir a sua Mãe : e em remissão de peccados, e não por outro modo, para a eximir de toda a culpa, da qual não foi perdoada por remissão, senão prevenida e preservada por graça. Assim o disse e protestou em tal hora, em

tal acto, e com o calix do sangue que havia de derramar, nas mãos, como Filho, emfim, e Redemptor que era da Mãe de quem recebeu o mesmo sangue: *De qua natus est Jesus.*

IV.

Estabelecido este fundamento geral, em que ficam também provadas (e não sei se com alguma novidade) as supposições do que chamei velho; para entrarmos no que mais propriamente é novo, e tudo sobre o sangue que Christo derramou, para remir singularmente a sua Mãe, e a preservar do peccado; saibamos quando, onde, e como obrou o bendito Filho este grande e occulto mysterio, e nunca atégora distinctamente examinado.

S. Bernardino Senense diz que remiu Christo a sua Mãe com o primeiro sangue que derramou na cruz, e com grande preferencia a todos os que nella foram remidos. Funda-se naquellas palavras dos Canticos: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum*, (Cant. IV — 9) nas quaes reconhece o santo primeiras e segundas feridas, e diz que as primeiras offereceu Christo na cruz pela redempção de sua Mãe, para que a mesma Senhora sendo remida primeiro que todos, fosse a primogenita do Redemptor. As palavras do devotissimo e doutissimo padre, são estas: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum: pro tuo amore carnem sumpsi, et vulneribus primis in cruce vulnerasti cor meum; nam primogenita Redemptoris Filii sui Jesu est Virgo beata.* Alto sentir, e digno de seu auctor. De sorte, que assim como o Filho foi o primogenito da Mãe em quanto Homem: *Peperit Filium suum primogenitum*; assim a Mãe, foi a primogenita do Filho, em quanto Redemptor: *Primogenita Redemptoris Filii sui.* E esta foi a primeira fineza, ou primorosa correspondencia com que o Filho Jesus, em quanto Jesus e Redemptor da Mãe, de quem nasceu, lhe pagou o beneficio do ser, não que della tivesse já recebido, senão que havia de receber. O Filho primogenito da Mãe, e a Mãe primogenita do Filho: o Filho primogenito da Mãe no nascimento, a Mãe primogenita do Filho na Conceição.

Até aqui S. Bernardino, declarada a sua sentença quanto ella o permite. E verdadeiramente, que quando o Santo disse, *vulneribus primis*, se não accrescentára in *cruce*, na cruz, não tinha eu mais que desejar, e dera o parabem ao meu pensamento de se encontrar com o de tão allumiado e sublime espirito. Mas porque tenho outras escripturas mais claras, que citarei, conformando-me em que o sangue que o Redemptor derramou por sua Mãe, foi o primeiro, digo que não foi na cruz, senão no horto. Abra-nos o caminho á prova desta novidade o grande dõutor da egreja S. Ambrosio, o qual florescendo mil annos antes, já então deixou escripto, que dando o Filho de Deus principio á obra da universal redempção, começou por sua Mãe: *Nec mirum si Dominus redempturus mundum, operationem suam inchoavit à Matre, ut per quam salus omnibus parabatur, eadem prima fructum salutis hauriret ex pignore*. Elegante e eloquentemente, como sempre, Ambrosio. Quer dizer, que ninguem se deve maravilhar de que havendo de dar principio o Redemptor á obra da redempção do mundo, começasse por sua Mãe, para que ella, que o havia de ajudar na redempção de todos, fosse a primeira que na mesma redempção colhesse os fructos do fructo do seu ventre.

Isto posto, se alguém perguntasse ao mesmo Filho e á mesma Mãe, onde colheram estes primeiros fructos da redempção, não ha duvida que ambos haviam de responder, que no horto; e assim o dizem expressamente a Mãe e mais o Filho. É passo que se não podia desejar, nem inventar melhor: e foi um dialogo que tiveram entre si o Esposo, que é Christo, e a Esposa, que é a Virgem, no mesmo livro dos Canticos: *Veniat dilectus meus in hortum suum*, (diz alli a Senhora) *Et comedat fructum pomorum suorum*: (Cant. V — 1) Venha o meu Amado ao seu horto, e colha o fructo dos seus fructos, isto é, os primeiros e as primicias delles. Isto disse a Esposa: e logo tendo satisfeito o Filho ao desejo da Mãe, diz assim: *Veni in hortum meum, soror mea sponsa, et messui myrrham meam*: (Ibid.) Vim ao meu horto, irmã e Esposa minha, e o que alli colhi foi a minha myrrha. A myrrha propriamente não é fructo, senão um licôr que se sua e estyla das arvores do mesmo nome. Pois se a Esposa tinha con-

*

vidado o Esposo para que fosse ao seu horto colher os primeiros fructos: *Veniat in hortum suum, et comedat fructum pomorum suorum*; como indo o Esposo ao mesmo horto, em vez de colher fructos, colheu myrrha: *Veni in hortum meum, et messui myrrham meam*? Assim o disse, porque assim foi, nem se podia declarar melhor. Como a myrrha é aquelle licôr aromatico que suam as arvores, o fructo que Christo colheu no horto, satisfazendo ao desejo de sua Mãe, foi o sangue que por amor della suou na oração do mesmo horto. Expressa e concordemente S. Cyrillo Jerosolymitano, Philo Carpacio, e Ruperto: *Christus enim in horto orans, mirram messuit, cum sanguinem sudavit*. Póde haver coisa mais clara, mais breve e mais exacta em que se exprima como desejavamos, o onde, o como, e o quando? O onde, no horto: *In horto*; o como, orando: *Orans*; o quando, quando suou o sangue: *Cum sanguinem sudavit*?

Á vista pois desta primeira conclusão, tão nova e tão provada, que diremos? Diremos por ventura que andou tão finamente primoroso o soberano Redemptor na redempção de sua Mãe, que não só quiz que fosse immaculada a Remida, senão também immaculada a mesma redempção? E porque a redempção que obrou no Calvario, era redempção de peccado e de peccadores; para que a de sua Mãe de nenhum modo se envolvesse e misturasse com ella, a dividiu e separou no tempo, no lugar, no sangue, e no modo de o derramar, fazendo no horto um novo Calvario sem monte, e no suor uma nova cruz sem cravos? Assim o cantou elegantemente Hildeberto Turonense: *Sanguineus sudor crux fuit ante crucem*. Mas oiçamos a S. Paulo. S. Paulo parece que faz distincção entre um e outro sangue, attribuindo a redempção universal só ao sangue da cruz: *Pacificans per sanguinem crucis ejus sive quæ in terris, sive quæ in cælis*: (Collos. I — 20) e estes são os termos geraes com que communmente fallam os santos padres. D'onde se segue, que se o sangue da cruz foi só o preço da redempção universal, no tal caso todo o sangue do horto foi unicamente applicado pelo Filho á redempção da Mãe, e por isso propriamente não só primogenita, como queria S. Bernardino, mas unigenita; porque a primogenita tem segundos, e a unige-

nita é singular e unica. Mas esta fineza de nenhum modo se deve nem pôde intender com exclusão do sangue da cruz, porque é certo que o Filho da Virgem tambem morreu pela Mãe, de quem nasceu; que foi nova correspondencia de reconhecimento e gratidão, pagando-lhe o nascimento com a morte. Que diremos logo à vista destes dois theatros, ou amphitheatros, ambos sanguinolentos, um do horto, outro do Calvario? Digo que em um e outro obrou o Filho de Maria como Jesus, e como Redemptor a sua redempção; mas no Calvario como universalmente remida; no horto, como singularmente preservada, e em um e outro como purissima, e sem macula. Em tudo quanto digo fallo pela boca da mesma Mãe e do mesmo Filho; e neste ponto com texto milagrosamente feito só para elle.

Um dos mais notaveis textos da escriptura, no que diz, e na ordem e consequencia com que o diz, são aquellas palavras do Esposo divino, fallando primeiro comsigo, e depois com a Esposa: *Vadam ad montem myrrhæ, et ad collem thuris: tota pulchra es amica mea, et macula non est in te.* (Cant. IV — 6 e 7) Eu (diz o Esposo) irei ao monte da myrrha, e ao oiteiro do incenso: e vós, Esposa e Amiga minha, toda sois formosa, e toda pura sem macula. Superfluo é repetir que a Esposa é a Virgem Maria, e o Esposo, Christo seu Filho. Mas que correspondencia tem dizer o Filho, que ha de ir ao monte da myrrha, e ao oiteiro do incenso; e logo inferir e concluir que a Mãe toda é formosa, e toda pura sem macula? *Vadam ad montem myrrha, et ad collem thuris:* e logo de repente sem outro motivo: *Tota pulchra es amica mea, et macula non est in te?* Para intendimento desta notavel consequencia em que se infere com tanta clareza e expressão a pureza immaculada da Virgem, é necessario saber que monte e que oiteiro, que myrrha e que incenso é este? A myrrha significa a morte, o incenso significa a oração: e neste sentido, que é de todos os santos padres, o monte da myrrha é o Calvario, onde Christo morreu, e o oiteiro do incenso é o horto de Getsemani, onde orou: (porque Getsemani estava situado em um tezo sobre o valle de Cedron.) e de Christo morrer na cruz, e orar no Horto, tira por consequencia, e conclue o mesmo Senhor, que sua Mãe toda

é pura, e sem macula : com razão e consequencia torno a dizer milagrosa ; porque para Christo remir o genero humano depois do peccado, bastava o sangue que derramou na cruz ; mas para remir e preservar a sua Mãe sem macula de peccado, quiz elle por fineza particular accrescentar ao sangue da cruz, o sangue que derramou na oração do horto. Isto é ir ao monte da myrrha : *Vadam ad montem myrrhæ*, e juntamente ao oiteiro do incenso, *et ad collem thuris*. E tanto que se uniram os effeitos destas duas jornadas, e se ajuntou um sangue com outro sangue, então exclamou e declarou a vozes o Filho, que sua Mãe era toda pura, e sem macula : *Tota pulchra es, amica mea, macula non est in te* ; porque o effeito geral do sangue da cruz, foi remir, e o particular do sangue do horto, remir preservando.

Comparemos um sangue com outro, o da cruz com o do horto, e veremos com os olhos esta mesma differença. Quando na cruz deram a lançada a Christo, saiu sangue e agua : *Exivit sanguis, et aqua* : (Joan. XIX — 34) mas quando o Senhor suou no horto, somente saiu sangue : *Factus est sudor ejus, sicut guttæ sanguinis*. (Luc. XXII — 44) Parece que não havia de ser assim. Mais proprio era do sangue do horto, que do sangue da cruz, sair juntamente com agua. Porque depois de exausto o suor natural, que é humor aqueo, então se seguia o preternatural e prodigioso, que é o de sangue. Qual foi logo o mysterio, porque o sangue da cruz saiu juntamente com agua, e o do horto não ? Todos os padres uniformemente dizem que o sangue da cruz significava a redempção, e a agua o baptismo, primariamente instituido para lavar o peccado original. S. Athanasio : *Exivit sanguis, et aqua, ut ita redemptio et immundatio prioris Adæ dimanaret* * . E S. Ambrosio : *Exivit aqua, et sanguis : aqua, ut mundaret, sanguis, ut redimeret*. Assim os demais. E como o sangue da cruz era para remir, e a agua para lavar as manchas do peccado de Adão, por isso saiu na cruz o sangue juntamente com agua : *Exivit sanguis, et aqua*. Porém no horto, como o sangue era para remir não lavando, senão preservando da mesma mancha ; porque só havia de

* Ath. serm. de Passiõ. Amb. lib. de Sacram. cap. 1.

remir, e não tinha que lavar ; por isso o suor não foi de sangue junto com agua, senão de sangue somente : *Sicut gutta sanguinis*. Esta é a razão e propriedade porque o Senhor quando disse que havia de ir ao Calvario : *Vadam ad montem myrrhæ*, não fallou palavra na pureza da Mãe ; mas tanto que ajuntou que havia de ir tambem ao horto : *Et ad collem thuris*, logo a publicou e canonisou por immaculada : *Et macula non est in te*. Bem pudéra o sangue da cruz, como de infinita virtude, produzir por si só este effeito ; mas como a redempção da Mãe era tanto mais nobre, tanto mais alta, e tanto mais preciosa que a de todos, tambem era credito da mesma redempção, que fosse maior e mais subido o preço que se dêsse por ella. Por isso os empenhos sempre mais e mais primorosos do Filho, não se contentam com menos, que com dobrar a paga, accrescentando um preço sobre outro preço, e um sangue sobre outro sangue, como Redemptor, em fim, e Jesus da Mãe de quem o tomou e nasceu : *De qua natus est Jesus*.

V.

Temos provado a prerogativa do sangue que Christo suou no horto, em respeito do que derramou na cruz, e como foi particularmente applicado pelo mesmo Filho á redempção immaculada de sua Mãe : mas ainda não temos dado nem inquirido a razão. No sangue de Christo tanto valor tem uma gota como todo : e se no todo se quizesse especular alguma consideração de excesso ou vantagem, o todo foi o da cruz, e as gotas o do horto : *Sicut gutta sanguinis*. Que razão de prerogativa teve logo o sangue do horto, para ser elle o preferido neste mysterio ao da cruz ? Respondendo que a razão, conveniencia, e primor desta preferencia, foi, para que não só o Redemptor e a redempção, senão tambem o preço della, que foi o sangue, se unissem no mesmo modo singular e extraordinario de remir, com que o Filho remiu a Mãe, e ella foi remida. Como foi remida a Virgem Maria ? Não depois, senão anticipadamente, que isso é ser remida por preservação. Pois essa foi a razão, o primor e a fineza, porque não só o Re-

demptor e a redempção, senão também o preço della se anticipou. O Redemptor apressou-se e adiantou-se á redempção : a redempção apressou-se e adiantou-se ao peccado : e para que o preço, que era o sangue, se apressasse e adiantasse também, anticipou-se o sangue do horto ao da cruz.

Caminhando o pae e mãe de Samsão por uma estrada deserta cerrada de bosques, adiantou-se o filho que os acompanhava, e saindo-lhe ao encontro um leão tão feroz na catadura, como soberbo nos bramidos, arremeteu a elle o valente moço, sem mais armas que as proprias mãos, e affogando-o entre ellas, o lançou morto no bosque. Gram façanha, e mais que humana ! Assim o nota a sagrada escriptura, dizendo que isto fez Samsão movido do espirito divino. Mas o primeiro movimento com que se adiantou, deixando atraz seu pae e sua mãe, parece que nem foi necessario nem conveniente. Necessario não ; porque as suas forças eram as mesmas, e tanto podia matar o leão adiantando-se, como indo ao lado dos paes : conveniente também não, e muito menos ; porque acompanhando os mesmos paes, os assegurava melhor do perigo daquella ou de outra fera do bosque. Qual foi logo o fim (que não podia deixar de ser grande e mysterioso) porque o moveu o mesmo espirito a que se adiantasse ? O fim grande e mysterioso, foi, como já notaram alguns escriptores modernos ; porque nesta historia de Samsão se representava maravilhosamente, e com todas suas circumstancias, o mysterio da Conceição immaculada. A estrada por onde caminhava o pae e a mãe, é aquella por onde descendemos de Adão todos os que recebemos o ser por geração natural : o leão feroz e soberbo é o peccado original, que naquella passagem espera a todos os homens, e antes de nascidos lhes não perdoa, e os mata : o Samsão que o matou a elle é Christo, por natureza izento de peccado, e que só tem poder e forças para vencer e destruir, não só o original, mas todos. Assim, pois, como Samsão se adiantou e anticipou para livrar do leão a seu pae e sua mãe, antes que elle os encontrasse ; assim Christo se adiantou e anticipou a preservar do peccado original a sua Mãe, antes que ella o incorresse.

Até aqui os doutores allegados, não reparando nenhum delles,

nem acudindo a uma circumstancia e impropriedade, que sendo esta figura tão natural do mysterio, não só a deslustra e afêa, mas a nega, ou põe em duvida. Samsão livrou das garras do leão a seu pae e a sua mãe : Christo não perseverou do peccado original a homem algum, senão a uma mulher somente, que foi a Virgem immaculada : logo a historia não diz com o mysterio, nem a figura com o figurado, antes desfaz e descompõe toda a gloria e privilegio da Conceição, que consiste em ser a Senhora unicamente persevrada ? Mas que seria se eu dissesse que nesta que parece impropriedade da historia, consistiu a maior energia e gala do mysterio ? Assim o digo. Porque Samsão livrou daquella fera que representava o peccado original, não só a sua Mãe, senão também a seu pae ; por isso mesmo foi perfeitissima figura de Christo no mysterio da Conceição. Mas de que modo ? Por isso mesmo. Porque Christo foi Filho da Virgem Maria ; e a Mãe que é Virgem, não só é Mãe, senão Mãe e Pae de seu Filho, porque não tem outro Pae. Logo para Samsão ser perfeitissima figura de Christo no mysterio da Conceição, não só havia de livrar do leão a sua mãe, senão a sua mãe e a seu pae juntamente. Este é o fundamento porque graves theologos tiveram para si que a Virgem Maria em respeito de seu Filho, se havia ou podia chamar não só *Mater*, como as outras mães, senão *Matripater*, que quer dizer Mãe e Pae. E pela mesma razão lemos em muitos santos padres, que o amor da Virgem em respeito do mesmo Christo foi dobrado ; porque o amor dos outros filhos naturalmente gerados, divide-se entre o pae e a mãe ; porém na Mãe Virgem, como em Mãe e Pae, estava todo unido.

Ainda tem a mesma historia de Samsão outra admiravel propriedade em confirmação do mesmo mysterio. Já vimos como Samsão quando matou o leão, o lançou e escondeu no bosque. E declara a escriptura, que nem a seu pae, nem a sua mãe, nem a outrem, descobriu aquella façanha, sendo de tanta honra sua, e tão bizarra. Assim esteve occulto o mysterio deste silencio e segredo, até que depois de muitos dias se manifestou que o intento de Samsão fôra formar, como formou, da sua mesma historia, aquelle famoso enigma que propoz e expoz ao juizo dos ho-

mens, com nome de problema : *Proponam vobis problema*. (Judic. XIV — 12) Já estou vendo que nenhum intendimento haverá tão rude, que nesta singular circumstancia não reconheça mais e melhor a historia da Conceição de Maria, que a do mesmo Samsão. Adiantou-se Christo a vencer e matar o peccado original antes da Conceição de sua Mãe : e estando por muito tempo occulta aquella singular façanha do Filho ; que fez o mesmo filho ? Da mesma façanha occulta, e do mesmo segredo só a elle manifesto, fez o mais celebre e mais altercado problema que nunca houve no mundo, disputando as mais doudas escolas da theologia, se Maria fôra concebida em peccado original ou não. Que escripturas se não teem desenterrado e desentranhado ? Que livros se não teem mandado á estampa ? Que discursos e argumentos se não teem inventado ? E em quantas disputas publicas e secretas se não tem controvertido este mesmo ponto, seguindo uns doutores a parte affirmativa, e outros, com maior applauso, a negativa ? Mas todos atégora problematicamente ; porque assim o quiz para maior celebridade e gloria do mesmo mysterio, o soberano Auctor do mesmo problema : *Proponam vobis problema*. E será sempre problema ? Não. Porque da mesma historia consta que Samsão revelou o enigma a sua esposa. E assim como Samsão o revelou a sua esposa, e por meio della o intenderam todos, assim Christo finalmente acabará de o revelar a sua Esposa, a igreja, como já tem começado ; e como fôr definida por ella a verdade, cessará a controversia, e será conhecida e festejada de todos.

Torçando ao fio do nosso discurso, assim como o Filho se adiantou e antecipou á redempção da Mãe, assim a mesma redempção se adiantou, e antecipou ao peccado, e com nova e admiravel correspondencia. Foi tão admiravel a pressa com que o peccado original se adiantou e antecipou a matar os homens, que sendo todos filhos de Adão, primeiro os matou seu Pae com o peccado, do que elles nascessem. E para que se veja que a redempção da Virgem Maria não foi menos apressada, nem seu Filho se adiantou e antecipou menos em perseverar a Mãe, do que Adão se tinha adiantado e anticipado em matar os filhos ; pergunto : qual foi primeiro, o nascimento do Filho, ou a Conceição da Mãe ?

Não ha duvida que a Conceição da Mãe foi muito primeiro que o nascimento do Filho. Pois se o Filho ainda não era nascido, como perseverou do peccado a Mãe antes de nascer? Respondo tornando a perguntar. É quando Adão peccou, eram já nascidos seus filhos? Não: e comtudo pôde-os Adão matar com o peccado antes de nascerem. Pois seria bem que os filhos de Adão os matasse seu pae com o peccado antes de nascerem; e o Filho de Maria não perseverasse do mesmo peccado a sua Mãe antes de nascer? É verdade que esta redempção tão anticipada foi effeito do sangue da Mãe, que elle ainda não-tinha recebido. Mas essa é a virtude do sangue de Christo, como agora veremos.

Quando houveram de nascer Zarão, e Phares, dois filhos geméos de Thamar; Zarão lançou primeiro fóra um braço, no qual a que assistia ao parto lhe atou um fio de purpura, intendendo que elle seria o primogenito; mas enganou-se, porque Phares se adiantou e nasceu primeiro. Todos os santos padres reconhecem neste caso grande mysterio, e concordam em que aquelle fio de purpura foi signal do sangue de Christo. S. Cyrillo commentando as palavras do texto: *Unus protulit manum, in qua obstetrix ligavit coccinum* diz, *coccinum sanctissimum Christi sanguinem signat.* (Genes. XXXVIII — 27) E o mesmo dizem S. Ambrosio, S. Bernardo e outros padres. Foi pois o caso, que os dois geméos Zarão e Phares cada um procurava nascer primeiro, e ser o primogenito, para que do seu sangue nascesse o Messias, que era toda a ambição e emulação daquelle tempo. E que fez o mesmo Messias? A Phares concedeu, que receberia delle o sangue, e a Zarão, que com o mesmo sangue o assignalaria: e assim foi. Mas a Zarão deu-lhe logo a purpura e o signal do sangue, e de Phares não o recebeu senão muito tempo depois. E porque? Porque é virtude propria do sangue de Christo poder-se dar antes de se receber. O sangue de Phares não o recebeu Christo senão quando nasceu o mesmo Christo, e o signal e effeito do seu sangue recebeu-o Zarão antes de nascer o mesmo Zarão: e isto foi, nem mais nem menos, o que se verificou na Conceição de Maria, e no nascimento de seu Filho. O Filho recebeu o sangue da Mãe quando della nasceu, que foi no dia do seu nascimento; e a Mãe

recebeu o effeito do sangue, que deu ao Filho antes de nascer a mesma Mãe, que foi no dia da sua Conceição. De sorte, que o Filho foi redemptor da Mãe por meio do sangue que della recebeu, antes de o receber; e a Mãe foi remida, e perseverada por meio do sangue que deu ao Filho, antes de lh'o dar. E temos fundada e declarada a razão porque este sangue foi o do horto.

Assim como o Redemptor foi Redemptor anticipado, porque se adiantou e antecipou á redempção; e assim como a redempção foi anticipada, porque se adiantou e antecipou ao peccado; assim foi conveniente para maior lustre e gloria do mysterio, que o preço da mesma redempção, que era o sangue, fosse tambem anticipado, e por isso o sangue do horto se adiantou e antecipou ao sangue da cruz. Assim o notou e celebrou com admiraveis propriedades a mesma Virgem tão primorosamente remida. Depois de dizer seu bemdito Filho, que o fructo que colheu no horto foi a sua myrrha: *Veni in hortum meum, messui myrrham meam*: (Cant. V — 1) a qual myrrha, como vimos, é o sangue que no mesmo horto suou; diz logo a Senhora, fallando com o mesmo Filho, que essa myrrha a que chama primeira, foi o estillado de sua sagrada boca: *Labia ejus distillantia myrrham primam*. (Ibid. — 13) Mas se aquelle sangue que o Senhor suou, saiu e brotou por todos os poros do sagrado corpo; como diz a Senhora que foi estillado de sua boca? Agora se verá com quanta propriedade interpretamos do horto, e da oração do mesmo horto, o nome de *collem thuris*. Chama-se o sangue do horto estillado da boca de Christo; porque a força e efficacia da oração do mesmo Senhor no horto, como tão fervorosa e ardente, foi a que acendeu e subtilizou o sangue nas veas, e o fez manar em suor. Assim o diz com a mesma consequencia o evangelista S. Lucas: *Prolizius orabat, et factus est sudor ejus, sicut guttæ sanguinis*: (Luc. XXII — 43 e 44) E Elias Cretense commentando o mesmo texto: *Arden ter orat, ac sudor guttarum sanguinearum ab ipso fluit*. (Elias Cret. ib.) E como ao passo que da boca saía a oração, das veas rebentava e corria o sangue, esta foi a propriedade com que disse a Senhora, que da mesma boca se estillava a myrrha primeira: *Labia ejus distillantia myrrham primam*,

A palavra *distillantia* é a mesma com que o texto arabico explica o suor do horto : *Et factus est sudor ejus velut sanguis distillans*. Mas porque razão chama a Senhora nas mesmas palavras ao sangue do suor do horto não só myrrha, senão myrrha primeira : *myrrham primam*, nome tão singular, que só neste texto se acha em toda a escriptura sagrada ? Toda a myrrha não é aquelle licor ou humor precioso e aromático, que se estilla da arvore onde nasce ? Sim. Pois porque se chama particular e singularmente o sangue, e suor do horto, não myrrha de qualquer modo, senão myrrha primeira : *Distillantia myrrham primam* ? Não se poderá mais propria e eruditamente declarar o mysterio de ser sangue anticipado. A myrrha, como descreve Plinio, colhe-se da arvore onde se cria, por dois modos. O primeiro é, suando a arvore por si mesma aquelle licor mais subtil, estillado naturalmente e sem violencia : e esta se chama myrrha primeira. O segundo é, picando primeiro a arvore e dando-lhe golpes pelos quaes sae, e se descarrega o licor mais grosso : e esta se chama myrrha segunda. E quem não vê que tal foi com admiravel propriedade a myrrha e sangue do horto, comparado com a myrrha e sangue da cruz ? O sangue da cruz não saiu senão depois de ferido e aberto o corpo do Redemptor com os cravos e com a lança : o do horto porém anticipando-se a todos os instrumentos da violencia, elle saiu e se estillou por si mesmo das veas em suor, e espontaneamente. O sangue da cruz tirado á força do ferro como myrrha segunda : o sangue do horto suado sem força mais que a do amor, como myrrha primeira : *Myrrham primam*. E faz tanto caso a Virgem purissima desta circumstancia, e celebra e louva tanto a seu Filho por ella ; porque consistindo não só a prerogativa maior, senão a mesma essencia da sua perseveração em ser redempção anticipada ; que mais primorosa e elegante fineza se podia esperar ou imaginar do mesmo Redemptor, do que querer seu amor, e inventar sua sabedoria, que assim como a redempção de sua Mãe foi anticipada, assim fosse anticipado o preço da mesma redempção, e o sangue com que a remiu, também anticipado ? Assim provou finalmente ser sangue daquelle Jesus, e daquelle Redemptor : daquelle Redemptor, que o foi de sua Mãe

antes de ser homem ; e daquelle Jesus, que o foi de Maria antes de ser Filho : *De qua natus est Jesus.*

VI.

Já parece que as obrigações de Redemptor juntas com as de Filho se deveram dar por satisfeitas nos primores e finezas tão repetidas com que singularisaram a redempção da purissima Mãe ; mas ainda resta a mais primorosa e a mais fina de todas. Foi sentença de alguns padres antigos, como hoje é commum entre os theologos, que o sangue que o Verbo encarnado tomou da Virgem santissima, sempre o conservou unido á divindade, sem permitir ao calor natural que o alterasse, mudasse ou diminuísse. O mesmo conserva hoje glorioso no céu, como diz S. Agostinho : (Aug. serm. de As. Virg.) e o mesmo commungamos no sacramento, como diz S. Pedro Damião. (P. Dam. serm. 45) Isto supposto, não me julgará por temerario a piedade christã, se eu disser que o sangue que Christo suou no horto, foi o mesmo que na encarnação tinha recebido de sua santissima Mãe.

A primeira e natural razão em que me fundo, é tirada do peito do mesmo Verbo encarnado, e dos archivos de seu intendmento e vontade, e não em correspondencia de outro mysterio, senão do mesmo da encarnação. Duas coisas recebeu de nós o mesmo Verbo naquelle mysterio, que foram, a carne e o sangue. E que é o que fez dellas, e porque razão ? De ambas instituiu o Santissimo Sacramento da Eucharistia ; e a razão foi, diz S. Thomaz, para que tudo o que tinha recebido dos homens, o empregasse em saude dos mesmos homens : *Totum quod de nostro accepit, totum nobis contulit ad salutem.* (D. Th. opusc. 57) Lembremo-nos agora, que do Cenaculo onde o Senhor tinha instituido o sacramento, se partiu immediatamente para o horto, onde a mesma carne que tinha sacramentado, suou parte não de outro, senão do mesmo sangue. E haverá quem se persuada, que em tão pouco espaço de tempo e de logar mudasse de pensamento e affecto o mesmo intendimento e a mesma vontade de Christo, e se tivesse esquecido daquelle mesmo dictame da sua bondade, e da-

quella mesma correspondencia de seu amor? Claro está que quem tal imaginasse seria com manifesta injuria, tanto do Filho como da Mãe. Logo se a bondade e amor de Christo tinha julgado que devia empregar em saude dos homens tudo o que tinha recebido dos homens: havendo de applicar alguma parte de seu sangue para a anticipada redempção de sua Mãe; porque não seria aquella mesma parte que de suas entranhas tinha recebido? Quem tão inteiramente o tinha conservado e guardado trinta e tres annos; sem duvida que não seria senão para o empregar em tão devida e primorosa occasião.

Isto é o que digo, e não só e sem auctor. Eusebio Emisseno (que alguns querem fosse Eucherio, ambos antigos padres da egreja e de grande auctoridade), ou ambos, ou qualquer delles dizem estas notaveis palavras: *De carne Mariæ coagulatus, de ejus formatus visceribus, de ejus substantia consummatus, sanguinem quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit* *. Querem dizer: Christo gerado da carne de Maria, formado das entranhas de Maria, e da substancia de Maria, feito homem consummado, o sangue que tambem offereceu por redempção de sua Mãe, foi o que do sangue da mesma Mãe tinha recebido: *Sanguinem quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit*. Notem-se muito nestas admiraveis palavras aquelle *sanguinem de sanguine Matris*, e aquelle *etiam*. De sorte que o sangue de que se falla não é todo o sangue de Christo, senão parte delle, e essa parte não outra, senão aquella mesma parte que recebeu do sangue de sua Mãe: *Sanguinem quem de sanguine Matris accepit*. E aquelle *etiam, etiam pro Matre obtulit*, denota que foi paga e preço particular, offerecido particularmente só pela redempção da Mãe, além do preço geral offerecido por todos, o qual não foi só parte do sangue de Christo, senão todo o sangue, e não só a parte que tinha recebido do sangue da Mãe na encarnação, senão todo o que adquiriu em todo o tempo da vida. Este sangue todo foi o preço da redempção universal do genero humano; mas aquella parte recebida do sangue da Mãe, posto que foi parte deste todo

* Euseb. Emiss. homil. de Nativit. Domini.

tambem em quanto parte separada, *etiam* : tambem e por modo particular, *etiam* ; tambem e sobre o preço geral, *etiam*, foi especialmente applicada, como diziamos, á redempção da mesma Mãe : *Quem etiam pro Matre obtulit.*

E para que o mesmo sangue nos confirme altamente este pensamento, vamos ao mesmo horto, e ao mesmo passo e modo com que se derramou. Quando Christo Senhor nosso entrou e perseverou na oração do horto, tantas vezes repetida, as ancias da mesma oração eram fundadas no temor natural da morte e dos tormentos, tendo dado licença o Senhor á parte sensitiva da sagrada humanidade (assim para prova da verdade della, como para mais padecer por nós) a que se sujeitasse a todos os effeitos da natureza, ainda com signaes de temerosa e fraca. Neste sentido disse S. Marcos : *Cæpit pavere, et tædere* : (Marc. XIV — 33) o que intendem todos os padres de proprio, verdadeiro, e natural temor. Mas este mesmo temor parece que faz difficiloso o suor de sangue ; porque não só a philosophia, senão a experiencia, nos ensina que com o temor se recolhe o sangue, e acode ao coração, e por isso ficam pallidos os que temem. Pois se Christo verdadeiramente temia, e assim o temor como o suor de sangue, posto que extraordinario, foi natural ; como em vez de se recolher o sangue para dentro, saiu e brotou para fóra ? A razão tambem natural é, porque no mesmo sangue havia os impulsos e causas destes differentes effeitos, assim como eram differentes os affectos que então combatiam o coração do mesmo Senhor. Uma parte do sangue, seguindo o affecto do temor, era timido ; outra parte do sangue, seguindo o affecto contrario, era animoso : o timido acudiu ao coração, o animoso saltou, e saiu fóra : e esta parte do sangue animoso, que saltou e saiu fóra, foi o sangue que o Verbo encarnado conservava, e tinha recebido do sangue de sua Mãe. Provo. Quando o anjo deu a embaixada á Senhora, turbou-se um pouco o animo humilissimo e modestissimo da Virgem, como tão alheio do que ouvia : *Turbata est in sermone ejus.* (Luc. I — 29) Então o mesmo anjo lhe socegou o cuidado, e lhe tirou o temor, dizendo : *Ne timeas, Maria* : Maria, não temas. (Ibid. — 30) Socegado pois o temor, então aceitou a Senhora animosamente a

embaixada, e dizendo : *Fiat mihi secundum verbum tuum*, (Ibid. — 38) então encarnou o Verbo em suas entranhas. E como o sangue que o Verbo tomou do sangue de sua Mãe, era sangue actualmente animoso : *Ne timeas Maria*, este foi o sangue que no horto não acudiu ao coração, como tímido ; mas como animoso, saiu e saltou fóra das veias : *Factus est sudor ejus sicut gutta sanguinis*. Assim se portou galhardo e generoso o sangue do horto, como lembrando-se não só de quem era, mas de quem tinha sido, para acudir na causa original pela honra de sua propria origem : *Sanguinem quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit*.

Em fim, é em summa, que Jesus que nasceu de Maria para se mostrar perfeito e perfeitissimo Jesus, e perfeito e perfeitissimo Redemptor de sua Mãe, não só a preservou sem macula em sua purissima Conceição, que é o mais perfeito modo de remir ; mas para que ella fosse a primeira entre todos os remidos, e a primogenita ou unigenita da redempção do mesmo Filho, antes de elle derramar todo o sangue por todos na cruz, o começou a derramar no horto, ou unica, ou particularmente por ella, anticipando o preço da sua redempção, assim como a mesma redempção foi anticipada ; mas quiz também por ultimo excesso de amor, gratidão, e primorósissima correspondencia, que a parte anticipada do sangue, que especialmente applicou e dedicou á sua preservação, fosse aquella mesma que de suas purissimas entranhas tinha recebido e guardado. Eu não sei ponderar nem admirar este extremo de finezas ; mas darei por mim outros admiradores de mais alta esphera que todos os humanos.

Quando Christo, como Redemptor universal nosso, e como Redemptor particular de sua Mãe, subiu triumphante ao céu, admirados perguntavam todos os espiritos angelicos : *Quis est iste, qui venit de Edom, tinctis vestibus ?* (Isai. LXIII — 1) Quem é este que vem da terra de Edom, com as vestiduras tintas em sangue ? *Iste formosus in stola sua, gradiens in multitudine fortitudinis sue*. Vem acompanhado da multidão dos que libertou com a fortaleza de seu braço : e quão formoso elle, e quão gentil homem no seu vestido ! Ninguem haverá que não repare muito nestas ul-

timas palavras : e ser o vestido do triumphador o principal motivo da admiração dos anjos, e fundarem no mesmo vestido todos os encarecimentos de sua formosura : *Iste formosus in stola sua* ? Se era pela tintura do sangue, *tinctis vestibus*, não levava o Senhor no mesmo triumpho as suas chagas abertas ? Pois porque passam em silencio as feridas do corpo, e só admiram o sangue do vestido ? O que manou das chagas, e na côr viva e brilhante com que nellas se via, não era o mesmo ? Pois porque se celebra tanto o do vestido, e não o das chagas ? Porque as chagas eram recebidas na cruz pela redempção universal de todos, e o sangue do vestido era o suado no horto pela redempção particular, e preservação de sua Mãe. Notae bem toda a historia da paixão, e acheis que o sangue de que se tingiu o vestido proprio de Christo, foi só o do horto. Nos açoites estava o Senhor totalmente despido, e o sangue que delles correu ficou no pavimento do pretorio. Na coroação de espinhos, o sangue que elles tiraram da sagrada cabeça, tambem caiu e se recebeu na purpura de que lhe fingiu a opa real a jocosa impiedade dos soldados. Na cruz tambem estava despido, e o sangue das quatro chagas, e da quinta, todo regou a terra do Calvario. Assim que o sangue de que se tingiu a tunica e vestiduras proprias do Senhor, foi o sangue que por todos os poros do corpo suou no horto. E como este sangue se singularisou nos extremos tantos e tão admiraveis que vimos na preservação de sua Mãe ; por isso o soberano Redemptor o vestiu pela melhor e mais rica gala de seu triumpho, e por isso como tal a admiraram os anjos, e a celebraram pela maior gentileza do mesmo Redemptor : *Iste formosus in stola sua*.

Tudo o mais que succedeu no mesmo triumpho, confirma ser este sangue tão admirado, o que particularmente se applicou á Conceição immaculada da Virgem Santissima. Perguntaram os anjos quem era o soberano Triumphador : *Quis est iste* ? (Ibid.) E elle mesmo respondeu : *Ego, qui loquor justitiam, et propugnator sum ad salvandum* : Eu sou o que faço justiça, e sou defensor para salvar. A todos salvou Christo ; mas só a sua Mãe propriamente como defensor, *propugnator* ; porque aos outros salvou, livrando-os do peccado ; porém a sua Mãe, defenden-

do-a que o não incorresse. E essa é a distincção da justiça, de que falla : *Ego, qui loquor justitiam* ; porque aos outros depois do peccado salvou-os, satisfazendo de justiça á lesa magestade do Pae ; porém a Senhora preservando-a e defendendo-a do peccado, salvou-a, satisfazendo tambem de justiça ás obrigações que como Filho devia a sua Mãe. Instaram mais os anjos : *Quare ergo rubrum est indumentum tuum, et vestimenta tua sicut calcantium in toreulari* ? (Ibid. — 2) E que côr vermelha é a desse vestido semelhante á dos que pizam no lagar ? Com a mesma comparação tinham já dito acima, *tinctis vestibus de bosra* ; porque bosra quer dizer vindemia, vindima. Respondeu o Senhor : *Torcular calcavi solus, et de gentibus non est vir mecum* : (Ibid. — 3) porque o lagar em que se me tingiram os vestidos, eu só o pizei, sem estar ninguem commigo. Donde se vê a differença do sangue derramado na cruz, em que a mesma Mãe o acompanhou como co-Redemptora, e esteve cercado de tantos, assim seus como estranhos, á do sangue suado no horto, em que esteve só e solitário, e até os que tinha deixado mais perto, dormindo. E porque este sangue do horto na metaphora de lagar foi o applicado particularmente á redempção da Virgem ; aqui vem caindo, quando menos, o som das palavras de Jeremias : *Torcular calcavit Dominus Virgini Filiae Juda* : (Thren. I — 15) que o mesmo Senhor foi o que pizou o lagar para a Virgem filha de Juda. Finalmente conclue o Divino triumphador com umas palavras que parece desfazem quanto temos dito ; porque diz que aquelle sangue de que estavam tintas as suas vestiduras, era dos que na sua batalha tinha vencido : *Aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea* : (Isai. LXIII — 3) logo se o sangue era dos vencidos, não era seu, como supponmos ? Antes por isso seu, porque dos vencidos. Deus não tinha sangue, e para ter sangue com que remir os homens, tomou o sangue dos mesmos homens, e por isso diz que o sangue que derramou era delles : *Sanguis eorum*. Mas se Christo remiu os homens com o sangue que tinha recebido dos mesmos homens, aqui se confirma mais o que diziamos, que o sangue com que remiu a Mãe, foi o que tinha recebido da mesma Mãe. E para que acabemos com as primeiras palavras : *Quis est iste, qui venit de*

*

Edom : (Cornel. ibid.) Edom, e Adão, é o mesmo, porque um e outro nome tem o mesmo significado. E diz a admiração dos anjos em figura de Edom, que o soberano triumphador vinha de Adão, porque a gloria deste triumpho, ou a parte mais gloriosa delle toda pertencia á Virgem immaculada. O resto do genero humano remiu Christo não só do peccado de Adão, que é o original, senão dos peccados actuaes de todos, e de cada um : porém a Virgem Maria que não teve peccado actual, só a remiu e preservou do original de Adão ; e porque de lá começou o triumpho, de lá veio o triumphante : *Quis est iste, qui venit de Edom* ?

VII.

Este foi o famosissimo triumpho de Jesus em quanto Redemptor, primeiro de sua Mãe, e depois do mundo, mais admirado dos anjos pela gala do vestido, que pela propria Pessoa ; e mais galhardo pelas gotas de sangue do horto, de que vinha matizado, que pelos rios que derramou na cruz, e regaram o Calvario. Para os devotos da Conceição immaculada não nos fica mais que desejar, nem que fazer, senão acompanhar com as vozes, affectos e jubilos do coração as admirações, e applausos dos anjos, e dar mil parabens e mil vivas a tal Filho, e a tal Mãe. E posto que todos pela graça do baptismo estamos livres do peccado original ; como ficamos sujeitos á corrupção e fraqueza, que com elle herdamos, e ás tentações e perigo dos peccados actuaes ; o que muito nos convem, e de que muito necessitamos, é, que por meio da intercessão poderosissima da mesma Mãe nos valhamos da efficacia do mesmo sangue do Filho. Alleguemos a ambos, que a virtude daquelle preciosissimo sangue, não só é remir e livrar dos peccados já commettidos, senão preservar anticipadamente delles ; e digamos ao misericordiosissimo Redemptor o que tantas vezes repete a egreja : *Cito anticipent nos misericordiae tuae* : que não só nos livre sua infinita misericórdia dos peccados com que o temos offendido, mas se anticipe a nos preservar dos futuros, para que nunca mais o offendamos. Naquelle noite fatal em que Deus tinha decretado matar os primogenitos do Egypto, mandou aos filhos de

Israel, que anticipadamente sacrificassem um cordeiro, e que com o sangue delle tingissem e rubricassem todas as portas de suas casas, para que o anjo a quem estava encommendada aquella execução, onde visse o sangue, passasse e deixasse livres os que estavam dentro, e onde ~~o~~ não visse entrasse e matasse a todos os primogenitos. Este anjo é mais provavel que não era anjo bom, se não demonio, e assim diz a egreja, que por medo do mesmo sangue não se atrevia nem a olhar para as casas, que elle defendia : *Sparsum cruorem postibus vastator horret angelus*. Se as portas exteriores de nossa alma, que são os sentidos ; e as interiores, que são a nossa memoria, intendimento e vontade, estiverem signaladas com o character, e armadas com a protecção daquelle sangue tão anticipado destruidor do peccado, não só desconfiará o demonio de nos vencer, mas ainda terá medo de nos tentar. E finalmente, para que ninguém duvide que o mesmo sangue anticipado foi figura do sangue do horto, e não do da cruz ; o da cruz derramou-se doze horas depois, ao meio dia : e o do horto já se tinha derramado doze horas antes, ~~a meia noite : e esta foi a hora~~ em que o sangue triumphador obrou aquelles prodigiosos effeitos : *Factum est autem, in noctis medio percussit Dominus omne primogenitum in terra Egypti*. (Exod. XII — 29) Assim livrou Deus aos filhos de Israel do captiveiro do Egypto por meio do sangue do Cordeiro, e assim nos livrará do captiveiro do peccado por virtude do seu sangue o Cordeiro que tira os peccados do mundo, preservando-nos anticipadamente dos actuaes, como anticipadamente preservou do original a Mãe de quem nasceu : *De qua natus est Jesus*.

SERMÃO

DA

QUARTA DOMINGA

DEPOIS DA PASCOA.

**Com commemoração do Santissimo Sacramento,
Pregado em S. Luiz do Maranhão.**

*Vado ad eum, qui me misit, et nemo ex
vobis interrogat me, quo vadis? Sed quia
hæc locutus sum vobis, tristitia implevit cor
vestrum. — Joan. XVI.*

I.

Nos outros dias em que celebramos a memoria do sagrado mysterio da eucharistia, temos sempre a meza do Santissimo Sacramento; hoje temos a meza, e mais a sobremeza. Instituiu Christo Senhor nosso o sacramento de seu corpo e sangue na ultima ceia que celebrou com seus discipulos: veio a usual primeiro, depois a legal, e por fim, com pasmo dos homens, e assombro dos anjos a sobrenatural e divina: e a esta se seguiu a sobremeza, não menos soberana e admiravel, que foi uma pratica paternal e amorosa, cheia de documentos e segredos altissimos, com que o divino Mestre illustrou, mais que nunca, os intendimentos de toda

a sua escola, e lhes animou e fortaleceu os corações, para que perseverassem firmes em sua doutrina e amor.

Desta pratica é parte o evangelho que acabamos de ouvir, e deste evangelho são também parte as palavras que propuz, poucas, mas muito notaveis. Entre as coisas que o Senhor declarou e revelou aos discipulos, foi que era chegada a hora em que se havia de apartar delles, e partir deste mundo. Já se vê quaes seriam os effeitos que causaria nos animos de todos uma novidade tão grande, e não esperada. Ficaram como attonitos, e fóra de si, e penetrados de uma tristeza tão profunda, que juntamente os emudeceu a todos, sem haver quem dissesse uma palavra. As saudades, o proprio desamparo, e em summa, a força da tristeza, parece que eram causa daquelle silencio; mas o Senhor pelo contrario lhes declarou, que o silencio era a causa da tristeza: *Quia hæc locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum*. Porque vos disse que me hei de apartar de vós, se encheram de tristeza os vossos corações. E a verdadeira causa dessa mesma tristeza, que parece sem remedio, não é a minha ausencia, senão o vosso silencio: *Nemo ex vobis interrogat me, quò vadis?* Nenhum de vós me pergunta para onde vou, e por isso estaes tristes: que se vós me fizereis esta pergunta, e eu vos respondêra a ella, nenhum de vós se havia de entristecer.

Esta consequencia verdadeiramente admiravel, que parece enigmatica e difficultosa de intender, intenderam os discipulos com a luz que infundiu em suas almas o Mestre divino. E nós que faremos? Deixando os discipulos já consolados e animados, e applicando a mesma consequencia a nós, ella será a materia do meu discurso. Determino ensinar hoje a todo o homem em qualquer fortuna, uma arte muito certa, muito util, muito agradável, e muito breve, que é a arte de não estar triste. Se houvesse uma arte ou remedio universal, que totalmente nos livrasse de tristezas, e que em nenhum caso houvessemos ou pudessemos estar tristes, não seria muito para desejar, e para todos a quererem aprender? Pois isto é o que hoje pertendo ensinar com a divina graça. Peçamol-a por intercessão da cheia de graça? *Ave Maria.*

II.

A enfermidade mais universal que padece neste mundo a fraqueza humana, e não só a mais contraria á saúde dos corpos, senão também a mais perigosa para a salvação das almas, qual cuidaes que será? É a tristeza.

Primeiramente é enfermidade universal de todos os homens, e universal igualmente de todas as terras; porque nenhuma ha tão sadia, e de ares tão benignos e puros, que esteja isenta deste contagio, e nenhum homem ha tão bem acomplexionado de todos os humores, que quasi habitualmente não esteja sujeito aos tristes accidentes da melancolia. O primeiro e infallivel prognostico, e também universal desta doença, quando ainda não sabemos dearticular vozes, é entrarmos neste mundo todos chorando. Entramos todos chorando, diz Salomão (mettendo-se também elle na conta) porque assim confessamos esta miseria natural, e começamos nos primeiros passos da vida a pagar este tributo á tristeza, a que havemos de estar sujeitos em toda ella. A tristeza (se buscarmos a razão deste tributo) não é filha da natureza, senão da culpa. Do primeiro peccado do genero humano, nasceu um tão negro e feissimo monstro; e como todos somos filhos de Adão, todos herdamos d'elle este triste patrimonio. Nenhum filho daquelle pae foi tão privilegiado da natureza, nem tão mimoso da fortuna, nem tão lisongeadado da vida, nem tão esquecido da morte, que antes della não padecesse muitas tristezas, que lhe fizessem desagradaveis essas mesmas felicidades. Este mundo em que vivemos, todo é valle de lagrimas, nome com que o baptizou David ainda para depois de christão: *In valle lacrymarum, in loco, quem posuit.* (Psal. LXXXIII — 7) Em todo este valle ninguem pôde melhorar ou altear de logar, ainda que o ponha onde quizer: *In loco quem posuit*: e ninguem se pôde isentar de tristezas, porque todo o mundo é valle, e todo o valle é de lagrimas: *In valle lacrymarum.* Só este valle é valle sem montes: e posto que alguns quizeram levantar montes neste valle, e parece que o conseguiram, todos esses montes por altos e altissimos que sejam, não escapam do diluvio da tristeza. Os reis, os principes, os mo-

narchas, os imperadores, os papas, por mais que o seu estado os tenha levantado tanto sobre os outros homens, nem por isso deixam de chegar lá os nublados, e chuviros continuos das tristezas. É verdade que as tristezas dos principes andam sobredeiradas com os resplandores dos sceptros e das corôas ; mas por isso mesmo são maiores e mais peçadas, porque são mais interiores. As tristezas que correm pelos olhos, não são as mais tristes ; as que se affogam no coração, e as que o affogam, essas são as mais sensíveis e penetrantes. Aquelles mesmos resplandores que cá se admiram por fóra, são os relampagos das grandes tempestades que lá se occultam e devoram por dentro. Assim que a tristeza é um mal e enfermidade universal, de que ninguem escapa.

III.

É tambem, como dizia, a doença mais contraria á saude dos corpos ; porque mais ou menos aguda sempre é mortal. Não o hei de provar com aphorismos de Hyppocrates ou Galeno, mas com textos expressos todos do Espirito Santo. No capitulo dezesete dos Proverbios, diz o Espirito Santo por boca de Salomão, que a tristeza séca os ossos : *Spiritus tristis exsiccat ossa*. (Prov. XVII — 22) Se dissera que murcha e séca a côr, a pelle, as veias, a carne, muito dizia ; mas os ossos que são as partes mais interiores, mais solidas, mais duras, mais fortes, com que se sustenta esta fabrica do edificio humano ? Assim o diz a sabedoria daquelles olhos que penetram dentro em nós, o que nós não podemos vêr. De sorte que é a tristeza um gusano negro (á differença dos brancos que roem o bronze) o qual nos está sempre comendo e carcomendo por dentro, e bebendo e secando o humido daquellas raizes em que se sustenta o calor da vida, até que elle se apaga, e ella morre.

Mas este até que quanto tardará ? Não muito tempo, nem com passos vagarosos. Porque aquelle cavalleiro do Apocalypse, que montado sobre um cavallo pallido, tinha por nome Morte, espoado da tristeza corre a toda a pressa. O mesmo Espirito Santo o diz no capitulo trinta e oito do Ecclesiastico : *A tristitia festi-*

nat mors. (Eccl. XXXVIII — 19) Para uns homens parece que vem a morte a pé, para outros a cavallo; para uns andando, para outros correndo, porque uns morrem devagar, outros depressa; mas a Parca que sempre antes de tempo corta os fios á vida, é a tristeza. Vereis a um destes, quando ainda se conta no numero dos vivos, descórado, pallido, macilento, mirrado; as faces sumidas, os olhos encovados, as sobranceiras caidas, a cabeça derribada para a terra, e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida. E se elle se deixasse vêr dentro da casa ou sepultura, onde vive como encantado, vêl-o-hieis fugindo da gente, e escondendo-se á luz, fechando as portas aos amigos, e as janellas ao sol, com tedio e fastio universal a tudo o que visto, ouvido, ou imaginado póde dar gosto. E estes effeitos tão deshumanos, cujos são, e de que procedem? Sem duvida da melancolia venenosa e occulta, que a passos apressados leva o triste á morte: *A tristitia festinat mors.*

Para prova desta funesta verdade, bastava um só, e sobejavam os dois textos referidos do Espirito Santo; mas sobre elles accrescentou a mesma sabedoria o terceiro, tão admiravel e enca-recido, que, se não fôra da boca divina, pudéra parecer incrivel: *Omnis plaga, tristitia cordis est.* (Ibid. XXV — 17) A tristeza do coração não é uma só chaga, ou uma só ferida, ~~senão todas~~. Sendo chaga e ferida do coração, bastaria ser uma só para ser mortal; mas como no coração depositou a natureza todo o thesouro da vida, assim no mesmo coração descarregou a tristeza toda a aljava das suas settas. D'alli saem todos os espiritos vitaes, que se repartem pelos membros do corpo, e d'alli, se o coração é triste, todos os venenos mortaes que os lastimam e ferem. Ferem a cabeça, e perturbando o cerebro lhe confundem o juizo; ferem os ouvidos, e lhe fazem dissonante a harmonia das vozes; ferem o gosto, e lhe tornam amargosa a doçura dos sabores; ferem os olhos, e lhe escurecem a vista; ferem a lingua, e lhe emmudecem a falla; ferem os braços, e os quebrantam; ferem as mãos e os pés, e os entorpecem; e ferindo um por um todos os membros do corpo, nenhum ha que não adoeca daquelle mal, que maior molestia lhe póde causar, e maior pena. Considerae-me um ca-

daver vivo, morto, e insensível, para o gosto ; vivo e sensitivo para a dôr ; ferido e lastimado, chagado e lastimoso ; cercado por todas as partes de penas, de molestias, de afflicções, de angustias ; imaginando todo o mal, e não admittindo pensamento de bem ; aborrecido de tudo, e muito mais de si mesmo ; sem allivio, sem consolação, sem remedio, e sem esperança de o ter, nem animo ainda para o desejar ; isto é um triste de coração. Os outros venenos em chegando ao coração matam ; mas este, como nasce, e se cria no mesmo coração, vae mais de vagar em matar, mas não pôde tardar muito.

IV.

Fosse embora tão contraria á vida e saude dos corpos a enfermidade da tristeza, mas o peor mal deste mal é ser igualmente perigosa e nociva á salvação das almas. Este é o terceiro ponto deste primeiro discurso, e uma verdade pouco sabida, sendo a de maior importancia.

Tristitia animarum crudele tormentum est, et vermi similis venenato, non solum carnem, sed animam ipsam perimens. A tristeza, diz S. João Chrysostomo, é um cruel tormento da alma, e semelhante a um bicho venenoso, que dentro em nós não só mata os corpos, senão também as mesmas almas. Grande dizer ; mas difficil ao que parece ! A morte do corpo consiste na separação, com que a alma, que é a vida do corpo, se aparta do corpo ; a morte da alma consiste na separação, com que Deus, que é a vida da alma, se aparta da alma : a separação da alma, com que morre o corpo, fal-a a febre, ou a espada ; a separação de Deus, com que morre a alma, fal-a só o peccado. Pois se só o peccado é morte da alma, como pôde a tristeza matar as almas ? Por isso mesmo ; porque sendo a morte da alma só o peccado, a disposição para o peccado mais aparelhada, mais prompta, mais efficaz e mais proxima é a tristeza. Neste sentido se hão de intender umas palavras do grande doutor da egreja S. Basilio, as quaes parece que dizem mais : *Nimia tristitia auctor peccati esse solet, cum mæor mentem submergat, et consilii inopia vertiginem afferat.* A grande tristeza, diz S. Basilio, costuma ser a auctora e causa dos pecca-

dos ; porque esta fortissima e escurissima paixão afoga a alma, e assim como os que padecem vertigens na cabeça caem, assim ella por falta de juizo e conselho faz que caiam os homens no peccado.

Pouco era para induzir a peccar, que a tristeza escurecêra só o entendimento, se a mesma escuridade não prendera e atara tambem a vontade. Das trevas, que foram a nona praga do Egypto, diz o texto sagrado, que não só cegavam a vista dos homens, mas que os prendiam e atavam de maneira, que em quanto ellas duraram, nenhum se pôde mover, nem bulir do logar onde estava : *Nemo vidit fratrem suum, nec movit se de loco, in quo erat.* (Exod. X — 23) Caso verdadeiramente admiravel, e exemplo prodigioso e horrendo do que pôde a escuridade das trevas ! Que fossem as trevas tão espessas que eclipsassem totalmente e escurcessem a luz do sol, bem se intende ; mas se lhes faltava o sol, porque se não valiam do fogo, como os que vivem debaixo do pólo, nos seis mezes que o não vêem ? Porque nem elles tinham movimento para accender o fogo, nem o fogo tinha vigor para vencer as trevas : *Et ignis quidem nulla vis poterat illis lumen præbere.* (Sapient. XVII — 5) Assim o affirma a mesma escriptura sagrada no livro da Sabedoria, onde com exquisita elegancia pondera, que das trevas lhes formou Deus ou forjou uma cadêa, com que os atar : *Una enim catena tenebrarum omnes erant colligati.* (Ibid. — 17) E diz mais o mesmo texto, que sendo tão insuportavel o tormento das trevas, ainda os egypcios padeciam outro naquella miseria mais pesado e intoleravel, que era soffrer-se cada um a si mesmo : *Ipsi ergo sibi erant graviores tenebris.* (Ibid. — 20)

Tal é o estado de um triste, quando a força da sua mesma melancolia o mette no profundo e escurissimo abysmo da desconso-lação. Assim como ao egypcio não lhe valia contra as suas trevas nem a luz do sol, nem a do fogo ; assim não lhe basta a um triste nem o lume da fé, nem o lume da razão, para vencer as suas, que só lhe são palpaveis. E assim como o egypcio com aquella cadêa sem ferro, mais dura porém que o mesmo ferro, estava atado de pés e mãos ; assim o triste, preso sem grilhões nem algemas á cadêa da sua propria tristeza (contando-lhe sempre os fu-

zis, a que não acha número), nem tem pés para fugir; nem mãos para resistir ás tentações do demonio, e por isso está sempre exposto, e quasi rendido ao peccado. Disse, quasi rendido; e disse muito menos do que devêra; porque se o demonio é o que tenta e vence, a força ou fraqueza, que dá a victoria, é a da tristeza. Oitamos outra vez a mais eloquente voz da egreja catholica, e feche-nos o discurso Chrysostomo com a mesma chave de ouro com que o abriu: *Omni diabolica actione potentior ad nocendum est mæroris spiritus: dæmon enim quoscunque ferè superat, per mærorem superat. Eum si auferas, nemo à dæmone lædi poterit.* A tristeza humana é mais poderosa que toda a acção diabolica, porque todos aquelles a quem commummente vence o demonio, por meio da tristeza os vence: tanto assim, que se no mundo não houvera tristeza, a ninguém pudera vencer, nem offender o demonio. E porque este testemunho tão notavel não pareça singular, o mesmo diz São Bernardo, affirmando, que, entre todos os espiritos malignos, o pessimo e mais nocivo de todos é a tristeza: *Certè tristitia secularis omnium malorum spirituum est pessimus.* De sorte que o demonio ajudado da tristeza não é um só demonio, senão dois, e a tristeza peor e mais diabolica que o mesmo demonio.

E se me perguntardes como concorre a tristeza com o demonio para o peccado, posto que bem creio que o terá cada um experimentado em si, eu o direi facilmente. É muito natural aos tristes desejar o allivio, e procurar o remedio á sua tristeza; e quando a triste alma chega a estes pontos, então entra a tentação e o demonio; e os allivios e remedios que lhe offerece são taes como elle. Se a tristeza é por ambição e desejo de ser mais, persuade-lhe que não faça caso da lei de Deus, como a Adão e Eva, que por serem como Deus a quebraram. (Gen. — 3) Se a tristeza é por pobreza, persuade-lhe que furte, como a Achan, soldado illustre, mas pobre, que furtou sacrilegamente a purpura e rega de ouro nos despojos de Jericó. (Jusue. — 7) Se a tristeza é por amor, persuade-lhe a que vença por força e violencia o que não póde por vontade, como Amnon a Thamar, sem reparar na dobrada infamia em ambos, igualmente sua. (2. Reg. —

13) Se a tristeza é por appetite do superfluo, como a d'el-rei Achab, persuade-lhe que ao dominio universal da corôa accrescente a vinha de Naboth, e com testemunho falso jurado, se não houver outra causa. (3. Reg. — 21) Se a tristeza é por affronta, persuade-lhe a que a vingue, ainda que seja por traição, como a Absalão, que contra as obrigações do sangue, e leis da hospitalidade matou aleivosamente a Amnon. (2. Reg. XIII — 29) Se a tristeza é por inveja, persuade-lhe que derribe o invejado, posto que innocente e benemerito, como Aman valido d'el-rei Assuero ao fidelissimo Mardocheo. (Esth. — 6) Se a tristeza é por saudades, persuade-lhe a que dos retratos do ausente faça idolos, como deram principio á idolatria de todo o mundo as saudades de Belo. (Gen. — 10) Se a tristeza é por falta de filhos e successão, como a da outra Thamar mais antiga, persuade-lhe que se lh'os não ha de dar Sela seu esposo, os busque em quem lh'os pôde dar, como ella fez em Juda, posto que adultera e incestuosamente. (Ibid. — 38) Se a tristeza é por odio, como a de Saul a David, persuade-lhe que ingrato ás cordas da sua harpa, com o ferro da propria lança o prégue a uma parede. (1. Reg. — 18) Se a tristeza é por falta de saude, persuade-lhe que troque as receitas da medicina pelos feitiços da arte magica, como depois de Jeroboão fizeram todos os reis de Israel (4. Reg. — 1) aos quaes e ao mesmo reino sepultou Deus vivos, e esses são os ossos já então secos e mirrados, que viu Ezechiel ha mais de dois mil annos. (Ezech. — 37) Infinita materia fôra se houveramos de discorrer por todos os peccados, com que o demonio ajudado da tristeza mata as almas. A Caim, triste por se vêr menos favorecido, persuadiu-lhe o demonio que matasse a seu irmão, e matou-o: (Gen. — 4) A Achitofel, triste porque Absalão não seguira o seu voto, persuadiu-lhe que se matasse a si mesmo, e matou-se. (2. Reg. — 17) A Judas, triste pelo que tinha feito contra seu Mestre, persuadiu-lhe que se enforcasse: mas antes que lhe impedisse a respiração o aperto do laço, a mesma tristeza que não cabia dentro, lhe fez estalar o coração, e por isso rebentou pelo meio: *Crepuit medius*. (Act. I — 18)

V.

Estes são os effeitos da tristeza (doença de que ninguém escapa nesta vida, e muito mais os mais entendidos), e este que ultimamente declarei, é o modo com que a mesma tristeza não só chega a matar os corpos, senão também as almas. Resta agora neste segundo discurso menos melancolico, tractar do remedio desta peste do genero humano, e ensinar, como prometti, a arte de nunca estar triste.

Nas breves palavras que propuz temos uma e outra coisa, isto é, a tristeza e mais o remedio : A tristeza. *Quia hæc locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum.* O remedio : *Nemo ex vobis interrogat me, quò vadis* : Porque vos disse que me ausento, encheu a tristeza os vossos corações, e nenhum de vós me pergunta para onde vou. Como se dissera o Senhor a seus discipulos pela phrase das nossas escolas : A vossa tristeza tem duas causas ; uma positiva, outra negativa ; uma que entendeis, outra não. Da minha parte dizer que me hei de apartar de vós ; da vossa não me perguntardes para onde vou. Deu a tempestade com o navio á costa, e dizemos que se perdeu, porque lhe faltaram as amarras. Assim é neste mesmo sentido. Porque ainda que a força dos ventos foi a causa do naufragio, se as amarras não faltaram, nellas teria o remedio, e não se perdera. Da mesma sorte a causa ou motivo da tristeza dos discipulos era a ausencia do divino e tão amado Mestre ; mas se elles tiveram feito a pergunta em que não advertiram, nella teriam os seus corações o remedio da mesma tristeza : *Tristitia implevit cor vestrum, et nemo ex vobis interrogat me, quò vadis* ?

Nestas duas palavras, *Quò vadis* (accommodando-as a nós), nesta pergunta tão breve, e nesta unica maxima ou preceito consiste toda a arte, que prometti, de nunca estar triste. Homem triste : se a tristeza te não tirou ainda o uso da razão, pergunta-te a ti mesmo para onde vás, *quò vadis* ? E esta consideração em qualquer caso ou estado da vida, por triste que seja, não só te servirá de consolação, de allivio, e de remedio, mas te livrará para sempre de toda a tristeza.

Isto é o que digo. E isto supposto, saibamos agora para onde imos todos, e cada um de nós? Sendo coisa muito sabida, posto que em parte a vemos, e em parte não, o Espirito Santo nol-a mandou advertir por boca de Salomão no capitulo doze do Ecclesiastes: *Revertatur pulvis in terram suam, unde erat, et spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum.* (Eccl. XII — 7) O homem, posto que seja um, é composto de duas partes muito diversas — alma e corpo; e o caminho que fazem estas duas partes, é tornar cada uma para donde veio. O corpo, que veio da terra, torna para a terra, e para a sepultura: *Revertatur pulvis in terram suam, unde erat*: a alma, que veio de Deus, torna para Deus, e para o céu: *Et spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum.* Por esta razão disse S. Cypriano allegado por Santo Agostinho: *Cum corpus è terra, spiritum è cælo possideamus, ipsi terra, et cælum sumus.* Sendo certo (dizem estes dois grandes lumes da Africa) que as duas partes de que somos compostos, uma a recebemos da terra, outra do céu, d'aqui se segue que pelo principio donde viemos, e pelo fim para onde caminhamos, tambem nós somos céu e terra. Até os gentios menos barbaros conheceram estes dois caminhos, que todos fazemos. Assim o disse, como refere Plutarco, o famoso poeta Epicarmo naquelles versos:

*Concretus est, ac discretus, et rursus abiit unde venerat,
Terra quidem in terram, spiritus ad superos.*

Quer dizer: Nesta vida andam unidas no homem aquellas duas partes que depois se hão de dividir, e tornar cada uma para donde veio; a terra para a terra, a alma para o céu.

Pergunte agora o homem a seu corpo: Corpo meu, para onde vás? *Quò vadis?* Pergunte o homem á sua alma: Alma minha, para onde vás? *Quò vadis?* E como o corpo com a evidencia dos olhos ha de responder que vae para a sepultura; e a alma com a certeza da fé ha de confessar que vae para o céu; á luz deste conhecimento, tão claro e tão forte, não haverá nuvem de tristeza tão espessa e tão escura, que totalmente se não desfaça e desvaneça. Não dissemos pouca ha no primeiro discurso, que a

tristeza não só atormenta e mata o corpo, senão também a alma ? Pois este é o antidoto invencível, que o corpo e alma tem contra aquelle veneno duas vezes mortal ; e esta a arte facil e breve, com que o homem se livrará infallivelmente de toda a tristeza, só com perguntar ao mesmo corpo, e á mesma alma, para onde vão : *Quo vadis* ?

VI.

Não só tenho proposto, senão também dividido este segundo discurso, como o primeiro, em duas partes ; uma pertencente ao corpo, outra á alma. E começando pelo corpo, se o homem lhe perguntar para onde vae, *quo vadis*, e elle responder, que vae para a sepultura ; que homem haverá tão cego, que havendo de cair o mesmo corpo naquella cova, não cáia elle em si, e não cáia na razão, que tem para não estar triste ?

Morta Sara, comprou Abrahão duas sepulturas (covas lhes chama a escriptura, *Speluncam duplicem*) (Gen. XXIII — 9) uma para ella, outra para si. E notam aqui os versados na mesma escriptura, que desde então, Deus que muito frequentemente apparecia, e fallava com Abrahão, nunca mais lhe appareceu. Assim o podem vêr todos os que lerem os capitulos 23 e 24 do Genesis. E verdadeiramente que nunca parece teve Abrahão maior necessidade destas appareições e visitas de Deus, que na falta daquella tão fiel companhia de suas peregrinações, para consolação da sua soledade e saudades, e para allivio das tristezas, que, pádecidas só por só, são dobradas. Que razão teria logo Deus, cujas razões são altissimas, para sobre aquelle primeiro golpe accrescentar este segundo a um varão tão benemerito da sua casa, e tão favorecido seu ? Na vida de Sara, tinha Abrahão com quem partir os cuidados e os desgostos ; nas appareições de Deus, tinha com que desterrar do coração e dissipar as tristezas, assim como ao apparecer dos raios do sol se dissipam e fogem as trevas. Dizeremos, pois, que escondida Sara debaixo da terra, e escondido também Deus no seu retiro, ficou menos assistido Abrahão do amor e providencia divina, sem estes dois soccorros ? Não, respondem os mesmos observadores do caso. Porque Abrahão no mesmo tempo

em que fechou a sepultura a Sara, abriu e apparelhcou a sua; e um homem com juiso e com a sepultura á vista, é tão superior a tudo o que neste mundo faz tristes aos outros, que para vencer as tristezas, nem necessita de allivios da terra, nem de visões do céu. Um homem que se pergunta a si mesmo, para onde vae, *quo vadis*; e vê que com os passos do tempo, que nunca pára, vae sempre caminhando para a sepultura; ou já deixa detraz das costas, ou mete debaixo dos pés tudo o que costuma entristecer aos que isto não consideram. Na sepultura para onde caminhamos, o que depois se ha de enterrar é o proprio corpo; e o que desde logo fica sepultado, é tudo o que neste mundo póde causar tristeza.

Oh quantas lagrimas se choram, e quantas lamentações se ouvem, porque não ha quem ponha os olhos neste caminho inevitavel, e se pergunte: *Quo vadis*? A uns come por dentro a tristeza, porque se vêem pobres; a outros roe a inveja, porque poem ou lhes leva os olhos a abundancia dos ricos: e se uns e outros tiveram juiso, e se perguntaram para onde vão, tão pouco haviam de chorar uns o que lhes falta, como estimar os outros o que lhes sobeja. Vêde quão poderosas são contra estes dois affectos as sepulturas alheias, quanto mais a propria. Na ultima praga do Egypto disse Deus a Moysés, que elle daria tal graça ao seu povo com os mesmos egypcios, que toda a prata e oiro, e joias e vestidos preciosos que tivessem lhes fariam, e desta sorte sairiam daquelle captiveiro ricos com os despojos dos mesmos de que eram escravos: *Daboque gratiam populo huic coram ægyptiis, et cum egrediemini non exhibitis vacui: sed postulabit mulier à vicina sua, et ab hospita sua, vasa argentea, et aurea, ac vestes, ponetisque eas super filios, et filias vestras, et spoliabitis Ægyptum.* (Exod. III — 21 e 22) Esta foi a promessa divina, a qual se cumpriu com tanta pontualidade e largueza, que não houve em todo o Egypto quem repugnasse a entregar aos seus escravos e escravas quanto possuíam de preço, sem reparar no que tão facilmente se podia presumir de uma gente de que elles tanto se temiam. Não eram estes egypcios os que para mais opprimir e dominar os hebreus hontem lhes negavam as palhas que lhes pe-

diam para seu serviço? Pois como agora não duvidam em lhes metter nas mãos a sua prata, o seu oiro, e quanto teem de rico e precioso? Notae, diz excellentemente Lyrano, o tempo e occasião em que isso succedeu, e achareis a causa de uma tão notavel des-attenção: *Quia Ægyptii erant intenti ad sepeliendos mortuos suos, quia nulla erat domus Ægypti, in qua non jaceret mortuus.* (Lyr. — ibi.) Naquelle occasião não havia casa em todo o Egypto, em que não houvesse algum morto, e como todos estavam attentos a sepultar os seus defunctos: *Intenti ad sepeliendos mortuos suos*; esta attenção das sepulturas lhes tirou de tal maneira a das proprias riquezas, que ninguem reparou no oiro, na prata, e no demais, deixando levar tudo sem cautela aos domesticos inimigos, que lh'o não haviam de restituir.

Este mesmo pensamento se confirma com grande energia, não passando, como vejo passar, sem reparo, uma palavra do mesmo texto, digna para commigo de muito particular ponderação. Mandou dizer Deus ao povo, que lhe daria graça com os egypcios: *Dabo populo huic gratiam coram ægyptiis.* E que graça foi esta, ou em que consistiu? Explicando-a theologicamente se entenderá bem. A graça, e seus auxilios, ou são sufficientes somente, ou efficazes: os sufficientes bastam, mas não teem effeito; os efficazes teem o seu effeito certo e infallivel, e por meio delles se consegue o fim para que foram dados. Em que consiste, porém, e de que depende esta efficacia? Consiste e depende de a mesma graça e seus auxilios se darem em tal opportuidade de tempo, e suas circumstancias, e em tal disposição do sujeito, que o seu livre alvedrio os aceite e use delles. Por isso S. Paulo chamou a esta graça, e seus auxilios, auxilios opportunos: *Ut gratiam inveniamus in auxilio opportuno.* (Hebr. IV — 16) E da mesma opportuidade, que é a do tempo, tinha fallado David, quando disse: *Orabit ad te omnis sanctus in tempore opportuno.* (Psal. XXXI — 6) De sorte que antevê Deus o tempo opportuno ou não opportuno, accommodado ou não accommodado, em que o sujeito segundo as suas disposições, ou ha de rejeitar ou aceitar os auxilios da graça: e quando elles são dados na opportuidade desta disposição antevista por Deus, então são efficazes, e teem in-

fallivel effeito, como o teve a graça promettida e dada aos hebreus: *Dabo populo huic gratiam*. E qual foi a oportunidade de que dependia a efficacia e effeito da mesma graça? Foi a oportunidade do tempo, em que elles tinham posta toda a sua attenção e cuidado nas sepulturas dos seus defunctos: *Attenti ad sepeliendos mortuos suos*; e por isso não attenderam, nem fizeram caso de entregar o oiro, a prata, e tudo o precioso do Egypto aos hebreus. Se fôra antes deste tempo, e desta occasião, ainda que fossem palhas as que pedissem a seus senhores, mandal-os-iam castigar como escravos, e assim o fez Pharaó; mas como estavam com as mortalias dos defunctos nas mãos, e as sepulturas diante dos olhos, por isso os olhos foram tão desattentos, e as mãos tão liberaes, que de tudo o que mais prezavam se esqueceram, e não fizeram caso: *Dabo populo huic gratiam, et spoliabitis Ægyptum*.

VII,

Se hem considerarmos ás causas (que lhes não quero chamar razões) porque os queixosos da sua fortuna vivem tristes, e se lhes faz triste a vida, acharemos que principalmente são, não poderem gosar os dois mais saborosos fructos das mesmas riquezas de que os egypcios ficaram despojados. E quaes foram estas? As suas baixellas, e as suas joias e galas: *Vasa aurea, et argentea, et vestes*. As baixellas pertenciam á meza, as galas ao vestido; e estes são os dois excessos em que a parte irracional do homem, que é corpo, ou regala o appetite proprio por dentro, ou se ostenta aos olhos alheios por fóra. O comer e o vestir são duas coisas, sem as quaes se não póde viver, em que teem grande batalha no homem a moderação do necessario, e a intemperança do superfluo. Desta intemperança em um e outro appetite foi famoso exemplo (ou escandalo) neste mundo aquelle rico a quem se não sabe o nome, por ser indigno de o ter, do qual diz o evangelho, que o seu traje eram purpuras e olandas, e a sua meza perpetuos e esplendidos banquetes: *Induebatur purpura, et bysso: et epulabatur quotidie splendide*. (Luc. XVI — 19) O mesmo evangelho diz que depois desta vida tão regalada nas delicias do tacto, como do gosto,

foi sepultado no inferno o mesmo rico : *Sepultus est dives in inferno*. (Ibid — 22) Mas se elle tivera juiso, não lhe era necessario para se moderar em um e outro appetite ir buscar a sepultura ao centro da terra : bastam as dos que ella recebe em sete pés de cumprimento, e cobre com quatro de alto.

Caminhando Jacob da sua patria para Mesopotamia, no meio desta pergrinação fez um voto particular a Deus, para que sua providencia se dignasse de o assistir, dando-lhe nomeadamente pão para comer, e panno para vestir : *Panem ad vescendum, et vestimentum ad induendum*. (Gen. XXVIII — 20) Por certo que nem da parte de Deus, nem da sua, parece se devêra contentar Jacob com tão pouco. Da parte de Deus não ; porque era tão favorecedor daquella familia, que se chamava Deus de seu avô, Deus de seu pae, e Deus seu : *Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob* : (Exod. III — 6) e da parte do mesmo Jacob também não ; porque a meza e guarda-roupa da casa de seu pae era muito nobre ; e bem lembrado estava elle que as peles de que sua mãe lhe cortou as luvas eram de duas crias as mais mimosas do monte para um só guisado, e as roupas com que fez a figura de seu irmão, não pouco preciosas : *Vestibus Esau valde bonis*. (Gen. XXVII — 15) Pois se Jacob estava costumado a viver com tão differente largueza em uma e outra commodidade, e tinha a Deus com as mãos abertas ; porque se contenta com tão pouco ? Porque naquella pergrinação caminhava com a sepultura diante dos olhos. Offendido Esaú de lhe ter Jacob furtado a benção, resolveu-se a lhe tirar a vida : *Occidam Jacob fratrem meum*. (Ibid. — 41) Por isso lhe aconselhou a mãe que fugisse ; e esta sua pergrinação verdadeiramente era fugida, porque Esaú o não matasse. Supposto, pois, que fugia, parecerá que deixava a morte e a sepultura detraz das costas ; mas o certo é que ninguem a levou nunca mais diante dos olhos : e um homem com a morte e sepultura diante dos olhos, não é muito que nem a pedir, nem a desejar se atrevesse mais que o necessario e preciso para viver, ou para não morrer. A fome e o frio, com o medo e apprehensão dos passos que levava, se lhe moderaram, compuzeram, e accommodaram de tal sorte, que a fome para comer se conten-

tava com pão sêco, e o frio para se cubrir, com panno de qualquer estofa: *Panem ad vescendum et vestimentum ad induendum.*

Parece-me que ou Jacob neste passo se revestiu propheticamente do espirito de S. Paulo, ou S. Paulo tantos seculos depois historica e exemplarmente do de Jacob: *Habentes alimenta, et quibus tegamur, his contenti sumus.* (1 Timoth. VI — 8) Com que tenhamos o que baste para sustentar e cubrir o corpo, teremos tambem o que basta para estar contentes, escreve o apostolo a Timotheo. E S. Jeronymo commentando este tex to, e contrapondo a largueza e abundancia dos ricos, á estreiteza e moderação dos pobres no mesmo vestir é comer, philosopha assim elegantemente: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus; et propter quæ divitiæ comparantur, vilibus mutare cibis, et crasciore tunica compensare**. Não cuidam as galas e gulas dos ricos, diz o doutor Maximo, que carecem os pobres do que elles gosam; porque tudo o que elles alardeam com largueza no seu muito, logram compensado os pobres, e abbreviado no seu pouco: os ricos e vãos nas galas; elles no vestido grosseiro, *crasciore tunica*: os ricos e vãos nos regalos; elles no mantimento vil, *vilibus cibis*. E que se segue d'aqui? Segue-se que o contentamento e alegria que a riqueza e vaidade pretende, só a pobreza sisuda o alcança, e muito maior: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus*. Deixo de ponderar estas ultimas palavras; só digo que para quem caminha para a sepultura, levar o mundo debaixo dos pés, mais é triumpho que enterro, posto que mal banqueteadado e mal vestido.

VIII.

E porque atêgora fallámos com estes dois appetites juntos, persuadindo-os a que se contentem com o seu pouco; oiçamos tambem cada um de por si, pois são de tão differente natureza, que se não podem sujeitar á mesma razão, nem domar com o mesmo

* Jeron. in hunc locum Pauli.

freio. Ao que pôde entristecer o corpo por se vêr menos nobremente trajado, que diremos? De novo, nada; porque nos não havemos de divertir do nosso caminho. Mas que se lembre bem do *quo vadis*, e seja pela boca de Job. Quando a Job, tão liberalmente herdado dos bens da fortuna, lhe chegaram uma sobre outra as novas de os ter perdido todos em um só dia; que é o que fez, e o que disse? O que fez foi rasgar as vestiduras: *Scidit vestimenta sua*: (Job. I — 20) e o que disse, foram estas palavras: *Nudus egressus sum de utero matris meæ, et nudus revertar illuc*. (Ibid. — 21) Nû sai do ventre da minha primeira mãe, e nû tornarei para o ventre da segunda, que é a terra. Aquelle *revertar illuc*, responde ao nosso *quo vadis*. Appellou Job da fortuna para a natureza, como se dissera rasgando as vestiduras: Já que a fortuna me tirou hoje tudo o que me tinha dado ou emprestado, como se eu neste jogo, tão propriamente seu, não perdêra, mas ganhára, até isto, que só me deixou para me cubrir, lhe quero dar de barato. E quem quando vai para a sepultura se contenta com a pelle: *Et nudus revertar illuc*, vêde se o podem fazer triste a falta das galas. Mas não vamos buscar este desengano à terra de Hus.

Adoeceram na nossa terra ou um mancebo tão prezado da gentileza como Absalão, ou uma dama de tão celebrada formosura como Rachel, e tão requestada por ella como Helena: e chegados ambos á ultima desconfiança da vida, na primeira clausula do testamento, depois da protestação da fé, diz cada um que seu corpo seja sepultado no habito de S. Francisco. Isto que pelo costume se não estranha, verdadeiramente é digno de grande admiração. Não ereis vós (um e outra) os que tanto vos prezaveis das galas, os que gastaveis as telas, os que inventaveis os bordados, os que empregaveis em uma joia quanto tinheis, e talvez o que não tinheis? Pois como agora vos mandaes vestir com tanta differença, e vos contentaes com um habito de burel, e esse remendado? Porque agora imos para a sepultura. *Agora*, dizem, e dizem o que cuidavam; porque d'antes não sabiam para onde iam. Oh miseria! Oh cegueira! Oh engano da vaidade, e ignorancia humana! Cuidamos que só imos para a sepultura, quando em hom-

broz alheios somos levados a ella ; e não acabamos de entender que desde a hora em que nascemos, começamos este mesmo caminho. Se a um recém-nascido quando são do ventre da mãe lho perguntássemos : *Quo vadis* : menino que agora entrastes no mundo, para onde ides ? É sem duvida que se elle tivesse já uso de razão, e falla para responder, responderia com as palavras de Job : *De utero ad tumulum*. (Job. X — 19) Desde a hora de meu nascimento vou caminhando para a sepultura ; e estas faxas são a minha primeira mortalha. Desenganemo-nos os mortaes, que todo este que chamamos curso da vida, não é outra coisa senão o enterro de cada um ; por signal que quanto mais pompa mais cruces.

Pois se estas hão de ser as galas da ultima jornada da vida, porque não nos contentaremos que sejam menos vãs as de toda ella ? Gloriam-se tanto das galas os perdidos por esta vaidade, que até o mesmo Christo fallando das de Salomão, lhes chamou a sua gloria : *Nec Salomon in omni gloria sua*. (Matt. VI — 29) E esta gloria ha de descer com elles á sepultura ? Não : *Quoniam cum interierit, non sumet omnia, nec descendet cum eo gloria ejus*. (Psal. XLVIII — 18) Pois porque nos ha de levar tanto após si o que cá ha de ficar, e não nos accommodaremos desde logo ao que só havemos de levar connosco ? Aquelle grande soldão do Egypto, o famoso Saladino, estando para morrer mandou levar por todo o seu exercito a mortalha em que havia de ser sepultado, na ponta de uma lança, com um pregão que dizia : « De tudo quanto adquiriu Saladino, isto é o que só ha de levar deste mundo. » Ditosos os soldados que então se resolvessem a despir a cota, e militar debaixo daquella bandeira ! O imperador Carlos V anticipando o mesmo desengano, trazia sempre comsigo a sua mortalha. Por isso tomou aquella valente resolução, maior que todas suas victorias, de se sepultar em Juste, e acabar a vida antes da morte. Melhor o fazem ainda os que todos os dias, quando se vestem, de tal modo se compoem do pé até a cabeça com o espelho da sepultura diante dos olhos, como se o vestido fôra a mortalha, com que hão de ser levados a ella. Este é o trajo dos desertos e claustros religiosos, em que todos os que professamos servir

a Deus, o mesmo habito que vestimos, é a mortalha em que havemos de ser sepultados. O mundo errado julga este traje por triste; mas nós em confiança delle nunca tristes, e sempre contentes: *Quasi tristes, semper autem gaudentes.* (2 Cor. VI — 10)

IX.

Se a consideração da sepultura, e a nossa pergunta *Quo vadis*, é tão efficaz para persuadir sem tristeza a forçosa pobreza das roupas; para a fazer toleravel na mais sensivel da meza, não é menor a sua efficacia. Queixa-se da sua fortuna o pobre, porque sendo tão liberal com os ricos, com elle seja tão avara; que apenas para comer lhe conceda com o suor do seu rosto um pedaço de pão. E eu antes de passar ao nosso remedio, não só quero reparar no pão, senão no mesmo pedaço, que o faz queixoso e triste. Perto de cem annos havia que o primeiro ermitão, S. Paulo, vivia em uma cova, quando nella o visitou o grande Antonio, a quem nós para significar a sua mesma grandeza, chamamos Antão. Depois de se saudarem sós, chegou um corvo com um pão no bico, e o poz entre os dois. Admirou-se o hospede, e o habitador da cova lhe disse: Has de saber, irmão Antonio, que de muitos annos a esta parte, depois que me foram desfallecendo as primeiras forças, por este corvo me manda Deus todos os dias meio pão; e agora porque somos dois, dobrou o Senhor a ração a seus servos, e por isso nos mandou o pão inteiro. Quem não pasmará que este jantar para os dois maiores homens que Deus tinha no mundo, fosse mandado da sua meza? É possivel que a providencia, a grandeza, a magnificencia de Deus a Paulo sustenta cada dia com meio pão, e a Paulo e Antonio com um pão? E é possivel que um homem com fé não estime e se glorie muito de que ás duas ametades de pão de Paulo e Antonio, se ajunte tambem o pedaço do seu, sendo elle em tal companhia o terceiro convidado de Deus? Não ha duvida que se és christão, nunca a tua ambição e cubiça podia aspirar a maior fortuna que esta a que te tem levantado a tua propria pobreza, igualando-te não aos principes das cento e dezesete provincias no banquete de As-

sugro, mas aos dois maiores amigos e favorecidos que tem no mundo o supremo Senhor de todo elle. Vê agora quão enganosa é a tua tristeza, e tu quão enganadamente queixoso da tua fortuna.

Mas porque não cuides que te quero consolar por outro caminho, responde-me: Para onde vás: *Quo vadis?* Vás para a sepultura? Sim: e todos os mais ricos e abundantes do mundo para onde vão? Para a sepultura também. Dá, pois, muitas graças á estreiteza da tua meza, e ao teu pouco pão; porque sendo certo que todos hão de chegar á sepultura sem nenhum remedio; só tu por comer menos chegarás á sepultura mais tarde, e só tu por comer menos, serás nella menos comido. A natureza fez o comer para o viver, e a gula fez o comer muito para o viver pouco. De certos homens da casta d'aquelles de quem dizia Socrates, que não comiam para viver, mas só viviam para comer, conta a sagrada escriptura, que exhortando-se de commum consentimento diziam: *Comedamus, et bibamus, cras enim moriemur*: (Isai, XXII — 13) Comamos e bebamos, porque amanhã havemos de morrer. A consequencia era tão barbara e brutal como quem a inferia. Mas que fundamento tinham estes homens ou estes brutos, para prognosticar que ao outro dia haviam de morrer? O mesmo que elles diziam: *Comedamus et bibamus*. Das demasias da sua gula, inferiam a brevidade da sua vida. O dia dos banquetes era a vespóra do dia da morte. A gula havia de cantar as vesporas hoje, e a morte as havia de chorar amanhã: *Cras enim moriemur*. Não allego Hyppocrates nem Galenos, que assim definem esta brevidade; porque não são necessarios os afforismos da sua arte, onde temos os da nossa experiencia. Das intemperanças do comer, por mais que o tempere a gula, nascem as cruezas; das cruezas, a confusão e discordia dos humores; dos humores discordes e descompostos as doenças; e das doenças a morte. Supposto, pois, que todos havemos de morrer, e todos imos para a sepultura, o maior favor que Deus póde conceder a um mortal, é que morra e chegue lá mais tarde. E este é o primeiro privilegio dos pobres, a quem a providencia divina quanto nega de abundancia e regalo, tanto accrescenta de vida.

Oiçam os abundantes e regalados, o que sobre isto ensina a verdade d'aquelle Senhor, que o é da vida e da morte: *Omnis potentatus vita brevis*. (Eccl. X — 11) Outra versão em lugar de *vita* lê *via*: e tudo é o mesmo; porque a vida que vivemos, é a via com que caminhamos para a sepultura, e o termo do nosso *Quo vadis*. Qual é logo a razão, porque a vida e a via dos poderosos e ricos é breve, e faz Deus esta differença entre os ricos e os pobres? Porque os ricos e poderosos dão muita materia á gula; os pobres ainda que queiram não podem. Santo Agostinho dava graças a Deus por lhe haver ensinado que uzasse dos alimentos como das medicinas: *Hoc me docuisti, ut quemadmodum ad medicamenta, sic ad alimenta sumpturus accederem* *. De sorte que aquillo sem que não podemos viver, é o mesmo que nos mata, tomado sem medida. E como o alimento tomado sem medida é o veneno da vida, e com medida o medicamento della; esta é a desgraça não conhecida dos ricos, e a ventura tambem mal intendida dos pobres. A vida e a via de uns e outros, igualmente caminha para o mesmo termo, que é a sepultura; mas os passos não são iguaes. Porque como a abundancia e gula dos ricos é o seu veneno, e a estreiteza e abstinencia dos pobres o seu medicamento; os ricos chegam á sepultura, como S. João á de Christo, primeiro e mais depressa; e os pobres, como S. Pedro, mais devagar, e mais tarde.

E depois de chegados uns e outros á sepultura, teem tambem dentro nella alguma differença? Sim; e muito grande, que é o segundo privilegio dos pobres. A gula assim como ceva as aves, para que as comam os homens, assim ceva os homens, para que os comam os bichos. Miseravel condição da nossa carne, comer para ser comida! Por isso diz um proverbio dos hebreus: *Qui multiplicat carnes, multiplicat vermes*. Os corpos dos ricos cheios e anafados, são o banquete dos bichos; os dos pobres, sêcos e postos nos ossos, são o seu jejum. Que bem se viu isto naquelle em que o pobre Lazaro e o rico avarento foram á sepultura! O rico em sepulchro de marmores banquetecendo esplendidamente

* August. Confess. c. 31.

os bichos, como elle costumava comsigo : e o pobre que nem as migalhas que lhe caíam da meza tinha para se sustentar, sepultado na terra nua ; mas não tendo a mesma terra que comer nelle. Diz S. Paulo aos Corinthios : *Esca ventri, et venter escis* : (1 Cor. VI — 13) O comer para o ventre, e o ventre para o comer. S. Paulo não dizia trocados ; qual é logo o sentido e commento destas palavras, que o parecem ? *Esca ventri, id est, hominis : venter escis, id est, vermium*. Os regalos exquisitos trazidos de tão longe com tantos perigos, comprados com tanto preço, guizados com tantos artificios, são para o ventre do homem : e esse ventre assim regalado, assim mimoso, e assim custoso, para quem é ? Para o comerem os bichos. Por isso primeiro diz : *Esca ventri*, e depois : *Venter escis* ; porque o que na vida é regalo para um, na sepultura é pasto para tantos. Até no manná que caía do céu, o superfluo que excedia o preciso, se convertia em bichos : e este é o paradeiro das superfluidades dos ricos. Considere, pois, o rico e o pobre para onde vae : *Quo vadis* ? Para que o rico modere a sua abundancia, e o pobre se componha com a sua moderação. E porque o pobre e o rico (e o rico mais apressadamente que o pobre) todos imos parar alli, lamentem-se os ricos da sua riqueza, e das suas galas e regalos : sejam os pobres os contentes, e elles os tristes. E paguem com a tristeza a fraqueza dos seus corações : *Tristitia implevit cor vestrum*.

X.

Já perguntámos ao corpo : *Quo vadis* ? para onde ia ? E nos respondeu por boca do Espirito Santo, que para a sepultura. Agora faremos á alma a mesma pergunta, e responderá por boca do mesmo Oraculo divino, como tambem vimos, que vae para o céu. Pois assim como o corpo achou remedio da sua tristeza no seu *Quo vadis*, assim e muito melhor achará a alma o remedio das suas no seu, quanto vae do céu á terra.

Se houve alma triste neste mundo foi a de David, á qual elle tantas vezes perguntou pela causa de sua tristeza : *Quare tristis es anima mea* ? (Psal. XLI — 6) E como a alma lhe não respon-

desse, porque as causas deviam pertencer mais á parte sensitiva que á racional; resolveu-se elle a fazer a pergunta ao todo, como composto de ambas, e fallando comsigo mesmo, diz assim no psalmo 42: *Quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?* (Psal. XLII — 2) Porque ando eu triste, quando me affligem meus inimigos? Notavel modo de perguntar! Isto é pergunta ou resposta, ou pergunta e resposta juntamente? Se perguntaes porque andaes triste, e dizeis que vos affligem vossos inimigos; isto é dar a causa, e pedil-a. Que maior e mais justa causa de andar um homem triste, que vêr-se affligir de seus inimigos, e mais quando não merece a inimizade nem a afflicção? David era um homem de tão bom coração, que o comparou Deus com o seu. E tendo tantas outras virtudes, nenhuma era mais eminente nelle que a mansidão: *Memento, Domine, David, et omnis mansuetudinis ejus.* (Ibid. CXXXI — 1) Comtudo, ninguém padeceu mai ores odios e perseguições, e ninguém teve mais e maiores inimigos. O primeiro e principal era Saul, com que vinha a ter contra si o rei e toda a côrte. O mesmo David diz que eram tantos os seus inimigos, que com elle não ser facil de derribar com a multidão, o tinham mettido debaixo dos pés: *Conculcaverunt me inimici mei: quoniam multi bellantes adversum me.* (Ibid. LV — 3) Diz que eram tão injustos, que prevalescendo violentamente contra a sua justiça, lhe faziam pagar o que não devia: *Confortati sunt qui persecuti sunt me inimici mei injustè: quæ non rapui, tunc exolvebam:* (Ibid. LXVIII — 5) Que eram tão traidores, que os mesmos que tinham obrigação de o defender, se uniam em conselhos para o destruir: *Dixerunt inimici mei mihi: et qui custodiebant animam meam, consilium fecerunt in unum:* (Ibid. LXX — 10) Que eram tão raivosos, que como cães damnados, não só o mordiam, mas lhe quebravam os ossos: *Dum confringuntur ossa mea, exprobraverunt mihi inimice mei.* (Ibid. XLI — 11) Que eram por uma parte tão pertinazes, que de pela manhã até á noite o estavam calumniando: *Tota die exprobrabant mihi inimici mei,* (Ibid. CI — 9) e por outra tão fingidos, que em presença o louvavam, e voltando as costas, juravam contra elle: *Et qui laudabant me, adversum me jurabant.* (Ibid.) Finalmente,

tão astutos, tão duros, tão fechados na sua impiedade, e tão soberbos, que chegaram a lhe pôr de cerco a propria alma: *Inimici mei animam meam circumdederunt, adipem suum concluserunt: os eorum locutum est superbiam.* (Ibid. XVI — 9 e 10)

Todas estas causas tantas e tão fortes, tinha David para andar triste, nem elle as ignorava, ou eram outras; porque quando disse: *Tristis incedo*, logo acrescentou: *Dum affligit me inimicus*; e quando perguntava: *Quare?* não era por duvidar das causas da afflicção e tristeza, mas porque ignorava e não sabia atinar com o remedio. E que faria, não como rei e como politico, senão como propheta, e como santo? O que fez immediatamente no verso seguinte, foi recorrer a Deus, pedindo-lhe o soccorresse naquella perplexidade com a sua luz, e com a sua verdade: *Emitte lucem tuam, et veritatem tuam*: (Ibid. XLII — 3) com sua luz, que o allumiasse no profundissimo e escurissimo abysmo da tristeza em que estava; e com sua verdade, que desfizesse as falsidades e calumnias, com que seus inimigos o perseguiram. Assim orou, e assim o soccorreu Deus promptissimamente com a luz e verdade que pedia, mas não com remedio que o livrasse das perseguições, senão com outro mais alto e sublime, que o livrou da tristeza que ellas lhe causavam? E qual foi? O mesmo David o diz tambem immediatamente no mesmo verso: *Ipsa me deduxerunt, et adduxerunt in montem sanctum tuum, et in tabernacula tua* *. A mesma luz e verdade, Senhor, que vos pedi, me guiaram e levaram a que levantasse os olhos, e os puzesse no vosso monte santo, que é o céu, e nessa côrte bemaventurada, onde tendes as vossas moradas eternas. Oh luz e verdade divina! A causa de andarmos tristes nos trabalhos, nas perseguições, e nas outras miserias, ou naturaes ou violentas desta vida, é porque somos cegos, e não vemos esta luz; é porque somos ignorantes, e não conhecemos esta verdade. Como se dissera Deus a David: Dizes que andas triste: *Tristis incedo?* (Ibid. XXXVII — 17) Pois olha para esses mesmos teus passos (que tu dizes observam teus inimigos para te calumniarem: *Dum commoventur pedes mei, super me magna lo-*

* Montem sanctum, id est cælum, grossa Hugo.

cuti sunt) olha para esses mesmos teus passos, conhece que com elles vás caminhando para o céu (e a tanto mais largas jornadas, quanto os trabalhos e perseguições forem maiores); e logo pizarás as mesmas tristezas que te molestam e affligem, e as metterás debaixo dos pés. Assim o conheceu e experimentou o já não triste David, mas animado e contente; e com as mesmas palavras que d'antes, mas com muito differente energia, tornou logo no mesmo psalmo a perguntar á sua alma: *Quare tristis es anima mea?* E bem, alma minha, depois desta nova luz, e desta nova verdade estarás ainda triste? Não sabes que as tempestades em pôpa levam mais depressa ao porto? Se o teu porto é o céu, caminhando para lá, que te póde entristecer na terra? Por ventura o tempo, que lá se chama eternidade? Os trabalhos, que lá se medem com o descanso? As penas, que lá se convertem em glorias? As perseguições, que lá são palmas? As calumnias, que lá são corôas? As linguas maldizentes dos homens, que lá são louvores da boca de Deus? *Quare, quare tristis es anime mea?*

XI.

As almas tristes, umas perturba a sua tristeza por dentro: *Quare tristis es anima mea, et quare conturbas me?* Outras afflige a mesma tristeza por fóra: *Quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?* E toda a causa do que padecem, é porque são mudas e cegas. Uma alma muda não se pergunta a si mesma para onde vae: *Quo vadis?* E cega não olha para o Norte sempre seguro e firme, que desde o céu lhe guia os passos na terra. Eis aqui porque ha tantas almas desconsoladas e tristes: eis-aqui porque andam tantos corações rebentando de melancolia: *Tristitia implevit cor vestrum.* Intendam essas almas que são almas, e que o fim para que foram creadas, e para onde caminham, é o céu; e logo as não poderá entristecer qualquer fortuna da terra, por mais adversa e temerosa que seja, e mais triste que pareça. A maior e mais penetrante tristeza que padeceu alguma alma já-mais, foi a de Christo Redemptor nosso no horto, tão penetrante, e tão terrivel, que lhe fez suar sangue, e bastaria a lhe tirar a

vida : *Tristis est anima mea usque ad mortem.* (Matt. XXVI — 38) O remedio milagroso que teve esta tristeza, foi mandar Deus do céu um anjo, que viesse consolar e confortar a seu Filho, que para nosso exemplo permittiu que os affectos naturaes obrassem ou executassem em sua humanidade santissima tudo o que podem nas outras. Desceu o anjo, prostrou-se de joelhos ante o acatamento do seu quanto mais angustiado mais veneravel monarcha, resuscitou-lhe o animo, confortou-lhe o desmaio, desterrou-lhe do coração a tristeza : mas com que razões, ou motivos ? Estava o Senhor inclinado sobre a terra : *Procidit in faciem* ; (Ibid. — 39) rogou-lhe humildemente quizesse levantar os olhos ao céu, e detel-os um pouco na mesma vista. Sobre aquelle pavimento de estrellas, ó Principe do firmamento (disse então o anjo) se levanta o immenso palacio de vosso Pae : no lugar mais eminente delle vos está já apparelhado o throno em que haveis de estar assentado á sua dextra : dos tormentos que agora vos causam tanto horror, a cada momento de pena succederá uma eternidade de glorias : a cruz será o famoso tropheu com que no dia do juizo saireis triumphante a julgar o mundo : dos espinhos da cabeça se vos tecerá a nova corôa imperial de Redemptor dos homens, e monarcha universal de homens e anjos : os dois cravos que vos abrirem as mãos, serão duas trombetas de bronze immortal, que publiquem, sem jámais cessar, as vossas façanhas : dos que vos rasgarão os pés se formarão as cadêas, que renderão e trarão a elles a adoração de todas as gentes : na grande brecha, com que o golpe da lança vos penetrará o peito, se desaffogará o immenso amor de vosso coração. Mais ia a dizer o anjo, quando o Senhor já em pé, não só com passos animosos, mas com semblante alegre e forte, ia a receber o encontro das cohortes armadas de seus inimigos. E não é menos que Santo Thomaz quem assim o affirma, glosando a palavra *confortans*, com estas : *Proposito sibi gaudio æternæ vitæ pro præmio.* O que se ha de entender, não da gloria essencial, mas dos muitos titulos gloriosos, a que pela morte de cruz foi exaltado Christo, e gosa eternamente no céu.

As palavras de S. Thomaz foram tresladadas da penna de S. Paulo, e as de S. Paulo, por revelação particular, resumidas da

boca do anjo. Onde se deve muito notar a propriedade theologica daquelle termo *Proposito sibi*: porque, como doutamente commenta Caetano, o anjo só podia confortar a Christo propondo. E verdadeiramente a revelação deste segredo, não só era necessaria, mas de summa consolação e remedio para todos os que com grandes causas, ou se vêem tentados da tristeza, ou já vencidos. Aquelle Homem, cuja alma estava com tal excesso triste, que bastaria para lhe tirar a vida, com o temor e apprehensão terrivel dos tormentos, dores e affrontas, que do horto ao Calvario lhe estavam apparelhadas, não só era Homem, mas Deus: e que razões e motivos podia escogitar o intendimento de um anjo para confortar e consolar a tristeza de um Homem-Deus, e para esse Homem com a sabedoria e intendimento de Deus se persuadir e deixar convencer dellas? Foram, ou foi só, diz S. Paulo, a consideração dos premios do céu tão vivamente representada, como só podia fazer quem descia delle. Com nenhum outro encarecimento se viu nunca o céu tão acreditado, nem a força do argumento *quo vadis* tão encarecida. O caminho do horto até o Calvario era o mais repugnante á natureza humana, posto que unida á divina; o mais aspero, o mais cruel, o mais horrendo, o mais intoleravel: o mais aspero, pela delicadeza do Sugeito; o mais cruel, pela fereza dos inimigos; o mais horrendo, pelo rigor dos tormentos; o mais intoleravel, pela infamia das injurias e affrontas. Mas com o céu á vista tudo facilitou a consideração somente do glorioso fim do mesmo caminho. Ponderemos as palavras do apostolo: *Qui proposito sibi gaudio sustinuit crucem, confusione contempta*. (Hebr. XII — 2) O que o anjo representou á sagrada Humanidade agonisante e tristissima, foram os gostos, que em logar dos tormentos, e a exaltação e honras, que em logar das affrontas no céu lhe estavam apparelhadas por premio: e este foi todo o apparato da pompa da paixão, e os presuppostos valentes e animosos, com que o Senhor de noite e de dia, por passos e estancias, tão lastimosas e tragicas, desde o horto chegou ao Calvario, até espirar nelle. Olhemos para o Filho de Deus caminhando com a cruz ás costas, e não só o veja o nosso espanto, e a nossa piedade por fóra, mas muito mais a nossa fé por dentro. Diante

dos olhos levava o premio do céu : *Proposito sibi gaudio* ; debaixo dos pés pisava os despezos e as affrontas : *Confusione contempla* : e sobre os hombros sustentava o pezo e tormentos da cruz : *Sustinuit crucem*.

Os tormentos e as affrontas eram os dois ingredientes terribes de que se compunha a bebida do calix, que tanto o mesmo Senhor repugnava no horto : *Transeat à me calix iste* : (Matt. XXVI — 39) e sendo a mesma bebida d'antes tão amarga, não duvida dizer e cantar a egreja, que depois lhe foi ao Senhor muito suave e doce : *Dulce lignum, dulces clavos, dulcia ferens pondera*. A mesma doçura reconhece tambem a egreja nas pedras de Santo Estevão : *Lapides torrentis illi dulces fuerunt*. De que modo, pois, e por que arte ao primeiro martyr, e muito mais ao Rei dos martyres, se lhe trocou o fel em mel, e a amargura em doçura ? Porque ambos padeceram com o céu á vista : Christo : *Proposito sibi gaudio* ; Estevão : *Ecce video cælos apertos*. (Act. VII — 55)

XII.

Este é o modo, e esta a arte, ó almas, com que no meio dos maiores desgostos e trabalhos da vida podeis viver sem tristeza. Pergunte-se cada uma : *Quò vadis* ? e respondendo que vae para o céu, logo como encantada destas duas palavras, fugirá e desaparecerá a tristeza. E se houver alguma alma tão mimosa, que diga ou cuide que tambem se pôde ir ao céu sem padecer, respondo, que se engana. E porque ? Porque quem fez o céu, fez tambem o caminho para elle. E qual é o caminho que elle fez ? O do padecer, o dos trabalhos, o das adversidades, o das molestias, o das tribulações. Assim o mandou o mesmo Deus publicar a todo o mundo pelos seus apostolos com um pregão universal, que diz assim : *Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei* : (Act. XIV — 21) Quem quizer ir ao céu e ao reino de Deus, saiba que não pôde entrar lá senão por muitas tribulações. Aquelle nos é clausula universal, que a ninguem exceptua. Viu S. João no Apocalypse os que já tinham chegado ao céu, vestidos todos de glo-

ria, e com palmas nas mãos. E como um dos bemaventurados lhe perguntasse, se sabia quem eram aquelles, e donde tinham vindo : *Hi qui sunt? et unde venerunt?* (Apoc. VII — 13) Respondeu o santo, que não sabia. Então o que lhe tinha feito a pergunta, só para lhe ensinar a resposta, pois has de saber (lhe disse) que estes são os que vieram da grande tribulação : *Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna.* (Ibid. — 14) Isto só disse, e parece que havia de dizer mais ; porque a pergunta tinha duas partes : Quem são ? E donde vieram ? Pois se lhe diz donde vieram, porque lhe não diz tambem quem são ? Sim ; diz, e na primeira palavra : *Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna* : estes são os que vieram da grande tribulação ; e os que vieram da grande tribulação, estes são os que só viu S. João no céu. Lá no céu não se pergunta se veem dos godos, como em Hespanha ; ou dos Borbões, como em França ; ou dos austriacos, como em Allemanha ; mas se veem, ou não veem da grande tribulação. Se não veem da grande tribulação, ainda que sejam reis ou imperadores, não lhes abre S. Pedro as portas do céu ; mas se veem da grande tribulação, ainda que sejam vis, ainda que sejam escravos, ainda que sejam os mais pobres e miseraveis do mundo, ainda que se lhes não saiba o appellido, nem o nome, todos teem as portas e entradas do céu francas e abertas, porque assim o diz a lei universal, que a todos comprehende, e a ninguém exceptua : *Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei.*

Isso quer dizer aquelle, *oportet*, é necessario, é forçoso, é preciso, é infallivel e sem remedio. E para que nos não admiremos de uma limitação tão absoluta e indispensavel, combinemos este *oportet* com outro maior. Quando os dois discipulos na manhã da resurreição iam tristes e desesperados para Emaús ; depois de os reprehender o Senhor de ignorantes, tardos de coração e incredulos, fez-lhes esta pergunta : *Nonne oportuit* (aqui vae a palavra) *nonne oportuit Christum pati, et ita intrare in gloriam suam?* (Luc. XXIV — 26) Por ventura não foi necessario, não foi forçoso, não foi preciso, que Christo padecesse, para assim entrar na sua gloria ? Foi necessario, porque elle quiz ; foi forçoso, porque elle o decretou ; foi preciso, porque intendeu que assim im-

*

portava a elle e a nós ; a elle, para sua maior honra ; e a nós para nosso irrefragavel exemplo. Pois se ao Filho de Deus e Senhor da gloria, para entrar na gloria sua : *In gloriam suam*, importou e foi preciso o padecer tanto ; nós, cuja não é gloria, antes a perdemos tantas vezes, porque quereremos ir, e entrar a ella sem padecer ? Se este é o caminho que Deus fez para seu Filho, porque havemos nós de presumir que poderemos ir ao céu por outro ?

Oh quem me dera saber descrever este caminho, e qual elle é ! Primeiramente é muito estreito : *Arcta via est, quæ ducit ad vitam*, diz o mesmo Christo. (Matt.^o VII — 14) É laggado, ou calçado de pedras muito duras, das quaes disse David : *Propter verba labiorum tuorum ego custodivi vias duras*. (Psal. XVI — 4) É semeado de abrolhos, e cercado de agudos espinhos, aquelles a que foi condemnado Adão : *Spinæ, et tribulos germinabi tibi*. (Gen. III — 18) É talhado de altissimas barrocas e precipicios, donde se vae o lume dos olhos, como disse o propheta : *Et lumen oculorum meorum, et ipsum, non est mecum*. (Psal. XXXVII — 11) Umas vezes tem descidas medonhas a profundissimos vales, em que é facil escorregar sem remedio, por onde diz o apostolo : *Qui stat, videat ne cadat*. (1. Cor. X — 12) Outras vezes se levanta em serranias altissimas, e de aspereza intractavel, onde é necessario subir com os pés, e mais com as mãos, como Naas : *Manibus, et pedibus reptans*. (1. Reg. XIV — 13) E que fazem os que se vêem lá em cima, e descobrem o mundo ? Vêem nelle outra estrada muito larga, e nella muitos homens e mulheres vestidos de galas ; muitas carroças doiradas e liteiras de varias côres ; muitas festas, muitos banquetes, muitos passatempos ; comedias, musicas, danças, em fim, tudo prazer, tudo contentamento, tudo alegria. E muitos com saudades, ou inveja, ou desejos de viver contentes e alegres, se passam tambem a aquella estrada, não intendendo que os que por ella caminham, são os propria e verdadeiramente tristes, porque estão e caminham sem freio pela estrada do inferno e da perdição : *Lata via est, quæ ducit ad perditionem*. (Matt. VII — 13) Oh se cada uma daquellas cegas e miseraveis almas se perguntasse *Quo vadis?* como lhe responderia a fé e a razão : *Cogitavi vias meas; et converti pedes meos*

in testimonia tua! (Psal. CXVIII — 59) Alma desencaminhada, alma perdida, volta, volta. Torna ao caminho estreito, se o deixaste, e senão, deixa o largo e da perdição, em quanto tens tempo, e não tenhas medo ao padecer, pois é muito mais o que lá padeces sem Deus, sendo certo que na hora da morte, que não ha de tardar muito, te has de arrepender sem remedio de não ter padecido com Christo. Mas como nas entradas do mesmo caminho não só ha ladrões que roubam e ferem, como os do caminho de Jericó, senão feras bravas e leões que andam rondando: *Tanquam leo rugiens circuit, quærens quem devoret*, (1. Petr. V — 8) que são os demonios; quem uma vez deixou o caminho do céu, tarde ou difficoltosamente torna a elle. Oh que alegria, que contentamento será o dos venturosos, que, finalmente, chegarem a entrar pelas portas daquelle reino bemaventurado: *Introire in regnum Dei!* Se é tão grande a alegria dos navegantes, quando tendo escapado das tempestades e dos corsarios, ouvem dizer terra, terra; que alegria será a dos que agora padecem, quando ouçam dizer, céu, céu?

XIII.

Predestinados eram para o céu aquelles mesmos discipulos que hoje estavam tristes, quando o divino Mestre lhes disse: *Nemo ex vobis interrogat me, quo vadis?* E para o mesmo Senhor os animar a padecer, e não ter medo aos trabalhos, que costumam ser mais sensiveis á natureza ou fraqueza humana, declarou-lhes o grande preço e valor que teem no céu estas mesmas coisas de que todos tanto fogem na terra; e por fim, daquelle famoso sermão, em que tomou por thema: *Beati pauperes*, voltando-se particularmente para os mesmos discipulos, lhes disse assim: *Beati eritis, cum vos oderint homines, et maledixerint vobis, et persecuti vos fuerint, et dixerint omne malum adversum vos mentientes, et cum separaverint vos, et exprobraverint, et ejecerint nomen vestrum tanquam malum propter Filium hominis: gaudete in illa die, et exultate; ecce enim merces vestra copiosa est in celo.* (Luc. VI — 22 e 23. Matt. V — 11 e 12) Então sereis ditosos e bemaventurados, discipulos meus, quando os homens

vos tiverem odio e vos perseguirem ; quando vos disserem injurias e affrontas ; quando fugirem de vós, e vos lançarem de si ; quando até o vosso nome fôr delles aborrecido e abominado. Mas quando tudo isto padecerdes por amor de mim, não vos deveis entristecer, senão alegrar e triumphar de prazer : *Gaudete, et exultate* ; porque o premio que de tudo haveis de receber no céu, é muito copioso : *Quoniam merces vestra copiosa est in cælo*.

Até aqui, Senhor, são palavras tão divinas como vossas ; mas para que eu melhor as saiba intender, e tambem declarar, dae-me licença para que nestas ultimas mude uma só. Vós dizeis : *Merces vestræ copiosa est* ; a licença que eu peço, é para dizer : *Merces vestræ copiosæ sunt*. A mesma palavra *merces* se é de *merces mercedis*, quer dizer premio ; se é de *merces mercium*, quer dizer mercadorias. E porque o nome do premio está quasi esquecido nesta era, e o da mercancia tão valido e tão subido, parece-me que por este segundo será melhor entendido o primeiro. Sendo pois de tanto preço, como acaba de dizer a Summa Verdade, os trabalhos, as pobrezaas, as perseguições, as affrontas e as outras penalidades desta vida, ou naturaes, ou violentas : e sendo os homens tão cubiçosos, diligentes, e industriosos, em grangear e augmentar mais e mais os proprios interesses, qual é a razão de estarem tão mal reputadas entre elles as mercadorias deste genero, e os avanços dellas ? A razão não a póde haver ; mas a semrazão e o engano é porque não lhes conhecem o valor, nem lhes sabem dar o preço. Avaliam-nas como gentios, e não como christãos ; ou, para fallar mais ao certo, avaliam-nas como quem lhes faz a conta na terra, e não faz conta de que vae para o céu.

A primeira regra, ou A, B, C, da mercancia, é passar as coisas da terra onde as ha e valem pouco, para onde as não ha e valem muito. Se vissemos que um mercante de Lisboa embarcando-se a commerciar nas nossas conquistas, para Angola carregasse de marfim, para a India de canella, e para o Brazil de assucar, não o teriamos por louco, e lhe perguntariamos : *Quo vadis* ? Homem nescio, tu sabes para onde vás, ou o que levas ? Pois esta mesma ignorancia e loucura é a de todos ou quasi todos os que se chamam christãos neste mundo. Se lhes perguntarmos para

onde vão, dizem que para o céu. E se olharmos para os seus cuidados, e para os seus empregos, e para as suas carregações, competindo todos em quem mais ha de carregar e sobrecarregar; acharemos que todo o seu cabedal empenham naquellas mercadorias, que nenhum preço, nem valor teem no céu. Cá custam muito, e lá não valem nada. O oiro e a prata não teem lá valor; porque lá é a patria das riquezas: os gostos e os passatempos lá não teem valor; porque lá é a patria das delicias: as telas e os brocados lá não teem valor; porque lá todos vestem de gloria: os regalos e sabores exquisitos lá não teem valor; porque lá os perpetuos banquetes são a vista de Deus. Que coisas são logo aquellas que no céu teem grande valor, e grande preço? São aquellas que lá não ha. Os trabalhos, as pobreza, as fomes, as sedes, as perseguições, os odios, as injurias, as affrontas, as calumnias, os falsos testemunhos; e todas as outras miserias ou violencias que neste mundo se padecem, estas são as que no céu só teem valia; porque no céu todos são impassiveis. Cá é a terra do trabalho e da paciencia; lá é o porto do descanso, e a patria da impassibilidade. Olhae, olhae bem para o interior desse céu, e vêde o que lá só apparece e resplandece levado cá da terra. A cruz de Pedro e André: as grelhas de Lourenço: as settas de Sebastião: as pedras de Estevão: as navalhas de Catharina: as fogueiras de Tecla: as torquezes de Apollonia: os olhos nas mãos de Luzia. E como estas são as mercadorias que só teem valor e preço no céu, vêde se os que mais carregados e sobrecarregados se vêem destas felicissimas drogas, tanto mais preciosas, quanto mais peizadas, vêde se teem razão de se entristecer, ou de se alegrar, e de saltar da terra ao mesmo céu de prazer: *Gaudete, et exultate, quoniam merces vestra, et merces vestra copiosa sunt in cælo.*

Estas são as mercancias dos que negoceiam da terra para o céu. E do céu para a terra haverá tambem algum mercador, e algum commercio? Sim, e muito mais admiravel. O mercador não é menos que o mesmo Deus, o qual se fez homem para trazer do céu á terra o que cá não havia, e levar da terra ao céu o que lá não ha: e este foi o commercio. Assim o canta a egreja: *Ó admirabile commercium! Creator generis humani animatum*

corpus sumens, largitus est nobis suam deitatem. Este é o Mercador aquella náu, que trouxe de longe o seu 'pão: *Navis institoris de longè portans panem suum.* (Prov. XXXI — 14) O pão logo veremós qual é: as mercadorias e drogas em que empregou todo o seu cabedal, e toda a sua vida, foram as que não havia no céu, nem elle em quanto Deus, e sem carne passivel podia grangear na terra. Em Belem grangeou a pobreza, o frio, o desamparo; hospede dos brutos, e sem agasalho entre os homens. Antes do Egypto grangeou as perseguições e tyrannia de Herodes; e no Egypto os desterros. Em Nazareth, e em vida de José, grangeou a sujeição e obediencia a um official com nome de Pae seu, que não era. Depois de sua morte grangeou o succeder-lhe na mesma officina, ganhando o pão para sua Mãe, e para si com o suor do seu rosto. Antes de sair ou fugir da patria, grangeou o aborrecimento e desprezo dos seus naturaes, e dos que eram seu sangue, que devendo-se prezar, se desprezavam delle. Nás perigrinações de Galiléa e Judéa grangeou fazel-as sempre a pé, e muitas vezes descalço, exposto ao sol e ás chuvas, sem casa propria nem alheia, podendo invejar dos bichos da terra as covas, e das aves o repouso dos ninhos, sem ter onde reclinar a cabeça. No povoado grangeou mendigar quotidianamente o comer, e talvez pedindo um pucaro de agoa, não só a quem lh'o negou, *mas* lhe estranhou o pedil-a. No deserto grangeou o continuo jejum, e depois da fome de quarenta dias, as tentações do demonio, uma, duas, e tres vezes combatido. Finalmente, entrado na côrte de Jerusalem, e réo, da sua propria sabedoria e milagres, grangeou os odios e invejas dos escribas e phariseus, e o decreto de morte fulminado pelos principes dos sacerdotes contra sua innocencia. E naquelle dia e noite fatal, que foi o da feira geral e franca do seu commercio, no horto grangeou as agonias e as priziões: no palacio de Anaz as bofetadas: no Caifaz as blasphemias: no de Herodes os desprezos: no de pretorio de Pilatos as accusações, os falsos testemunhos, os açoites, a corôa de espinhos, e por remate de tudo, a morte de cruz entre ladrões no Calvario. Isto é o que a mesma Pessoa de Christo como mercador veio grangear do céu á terra; e por isso o que levou da terra para o céu, foram

somente as chagas. São Paulo diz que deu aos homens: *Dedit dona hominibus*: (Ephes. IV — 8) David diz que recebeu dos homens: *Accepisti dona in hominibus*: (Psal. LXVII — 19) e como o commercio consiste em dar e receber, tudo foi: porque a nós deu-nos a sua divindade: *Largitus est nobis suam Deitatem*: e de nós recebeu as mesmas chagas: *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum? His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.* (Zachar. XIII — 6)

Em summa, de tudo o que fica dito, esta mesma, e não outra, havia de ser a resposta do divino Mestre, se os discipulos lhe perguntassem: *Quo vadis?* Mas elles porque não fizeram a pergunta, ficaram tristes: e nós pelo contrario, porque ouvimos na resposta os grandes interesses do premio que nos espera no céu: *Mercēs vestra copiosa est in cælo*; por muitos que sejam os trabalhos e molestias do caminho, não devemos estar tristes, senão muito alegres: *Gaudete, et exultate.*

XIV.

E para que acabemos por onde começamos, e tornemos á meza donde saímos, se a alma que vae para o céu, e o corpo que vae para a sepultura, me perguntarem pelo viatico, com que se hão de sustentar em um e outro caminho; este é aquelle pão que o mesmo mercador do céu trouxe á terra, e eu reservei para este logar: *De longe portans panem suum.* O Santissimo Sacramento do altar, é o pão que desceu do céu: *Hic est panes qui de cælo descendit*: e este pão não só é viatico para a alma, senão tambem para o corpo. Ouvi o que diz o mesmo Senhor: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum et ego resuscitabo eum in novissimo die.* (Joan. VI — 59, 55) Quem come este pão, viverá eternamente, e eu o resuscitarei no ultimo dia. É viatico para o corpo, que caminha para a sepultura; porque na mesma sepultura o ha de resuscitar: e é viatico para a alma, que caminha para o céu; porque a alma em se apartando do corpo, ha de viver no céu eternamente. Quando Elias pediu á sua alma que o deixasse morrer: *Peti-*

vit animæ suæ, ut moreretur, (3 Reg. XIX — 4) appareceu-lhe um anjo que lhe deu a comer um pão, dizendo que ainda tinha muito que caminhar: *Grandis tibi restat via*. (Ibid. — 7) Desta palavra *via* se deriva o nome de viatico; mas o nosso muito melhor que o de Elias. Se Elias houvesse de morrer como os outros santos d'aquelle tempo, a sua alma não havia de ir logo ao céu, senão ao seio de Abrahão; e porque ainda está vivo, não ha de ir ao céu senão no fim do mundo. Assim o viatico de Elias era como o do nosso corpo, que não ha de ir ao céu senão quando resuscitar; porém o viatico da nossa alma por virtude do Santissimo Sacramento não é como o de Elias, porque logo em se apartando a alma do corpo, vae gosar de Deus no céu. Oh bemaventurados trabalhos, que tão depressa nos hão de levar ao descanso! Oh bemaventuradas pobreza, que tão depressa nos hão de levar á corôa! Oh bemaventuradas penas, que tão depressa nos hão de levar á gloria!

SERMÃO

DAS

EXEQUIAS DO CONDE DE UNHÃO

D. FERNÃO TELLES DE MENEZES.

Prégado na villa de Santarem, no anno de 1651.

Enoch vixit sexaginta quinque annis, et genuit Mathusalam, et ambulavit Enoch cum Deo, et genuit filios, et filias, ambulavit que cum Deo, et non apparuit, quia tulit eum Deus. Gen. V.

Tarde venho á consolação (dizia em similhante caso S. Jeronymo a Pamachio), e depois que o tempo e a razão tem já curado as feridas, temo que será renovar a dor trazel-as do silencio á memoria: *Ego serus consolator vereor... ne attrectans vulnus pectoris tui, quod tempore, et ratione curatum est, commemoratione exulcerem* *. Para entrar neste logar com o mesmo receio, tinha eu as mesmas causas; mas venho muito livre delle: não vem a minha oração a renovar dores, nem a acompanhar

* S. Hieron. ad Pamach. Consol. super ob. Paulinæ uxoris.

a impropriedade destes luctos, vem a emendal-os. Baste o chorado já, baste o sentido ; contente-se a natureza com setenta dias de dor, que nem á morte de Jacob deram mais as lagrimas do Egypto, choradas sem fé da immortalidade: *Flevit eum Ægyptus septuaginta diebus.* (Gen. L — 3) Justo é que se falle da morte em semelhantes casos, sim ; mas quando se préga da morte daquelles que nos não deixaram outro exemplo, nem outro desengano, que o de morrerem. Celebramos hoje as memorias de Fernão Telles de Menezes, cujo nome é o maior elogio, por isso o refiro desacompanhado de todos. Memorias disse, e não memorias funebres ; porque não hei de prégar de morto senão de vivo. Sermão de honras me encommendaram ; e não seriam honras, senão injurias da virtude e da razão, buscar ao vivo entre os mortos: *Quid quæritis viventem cum mortuis ?* (Luc. XXIV — 5)

Tempos havia que a milagrosa Santarem faltava ao mundo com prodigios : deu em nossos dias este milagre de virtude, milagre de exemplo, milagre de religião, milagre de santidade ; para que vissem os homens (já que parece que o não crêem) que a nobreza não é privilegio, senão maior obrigação ás leis de Deus : que o vicio não está nas riquezas, senão no abuso dellas : que se póde ajuntar o regalo com a penitencia, a côrte com o retiro, a familia com o socego, o poder com o não querer ; e que não é impossivel estar o sangue sem carne, a grandeza sem inchação, e o céu com a terra juntamente. Este é o milagre que temos presente, e não o contradizem nem aquelles epitaphios, nem aquella sepultura : que tambem sobre os milagres tem jurisdicção a morte. Annos foram, que neste mesmo lugar se abriu milagrosamente o Téjo como o Jordão, para dar passo ao sepulchro de Santa Iria ; e já hoje correm suas aguas, como corriam d'antes : até milagres acabam ! Mas o milagre deste milagre, foi que acabou sem morrer.

Para poder fallar delle com alguma propriedade, busquei paralelo ; mas nem o achei no mundo, nem em nossos tempos. Como se havia de achar paralelo, nem no mundo, nem em nossos tempos, para quem não foi deste tempo, nem deste mundo.

Um morto vivo (ou um vivo que nunca morreu) um vivo trasladado, um homem de outro mundo, um Enoch no paraizo será o fundamento da minha oração. De todos os outros homens daquelle tempo diz a escriptura : *Mortuus est* ; só a Enoch pôz por epitaphio : *Vixit : Enoch vixit sexaginta quinque annis*. Sessenta e cinco annos viveu o nosso Enoch ; e outros tantos eram necessarios para referir os exemplos da sua vida, quanto mais para os ponderar. Em seguimento das palavras que propuz, irei dizendo o pouco que couber em tanta limitação de tempo, o demais perguntal-o-hão os vossos ouvidos aos vossos olhos. Para as memorias, de quem tanto do coração a serviu, não póde a Mãe de Deus negar-nos a muita graça que havemos mister ; digamos a *Ave Maria*.

I.

Enoch vixit sexaginta quinque annis : Enoch viveu sessenta e cinco annos. A primeira maravilha que considéro no nosso Enoch, é, que morrendo de sessenta e cinco annos, viveu sessenta e cinco annos : *Vixit Enoch sexaginta quinque annis*, Que morresse de sessenta e cinco annos, outros alcançaram maiores idades : mas que morresse de sessenta e cinco annos, e vivesse sessenta e cinco annos ! Bem sei que estranhaes a novidade do reparo ; mas não tem que estranhar. Morrer de muitos annos, e viver muitos annos, não é a mesma coisa. Ordinariamente os homens morrem de muitos annos, e vivem poucos. Porque ? Porque nem todos os annos que se passam, se vivem : uma coisa é contar os annos, outra viver-os ; uma coisa é viver, outra durar. Tambem os cadaveres debaixo da terra ; tambem os ossos nas sepulturas acompanham os cursos dos tempos, e ninguém dirá que vivem. As nossas acções são os nossos dias ; por ellas se contam os annos, por elles se mede a vida : em quanto obramos racionalmente, vivemos ; o demais tempo duramos.

Não é esta philosophia tão nova, que a não alcançasse até um gentio, Seneca. Fallava elle de um que morrera de oitenta annos, e dizia assim : *Quid illum octoginta anni juvant per inertiam exacti* ? Que lhe aproveitam oitenta annos passados em

ocio? *Non vixit iste, sed in vita moratus est*: este, diz Seneca, não viveu, deteve-se na vida. Se uma nau fosse á India em seis mezes, e outra ao Cabo da Esperança em vinte e quatro, qual dirieis que navegou mais? Não ha duvida, que a primeira; aquella navegou, esta deteve-se. O mesmo passa nas vidas. Mais vivem uns em poucos annos, que outros em muitos; uns vivem, outros deteem-se: todo o tempo que não obruamos racionalmente, correm os annos, e pára a vida. No cap. 65.º traz Isaias uma prophecia notavel: *Puer centum annorum morietur*: (Isai. LXV — 20) Sabeis o que ha de acontecer, diz Isaias? Hão de morrer meninos de cem annos. Morrer de cem annos, e meninos, escura prophecia. Se meninos, como hão de morrer de cem annos; e se morrem de cem annos, como são meninos? Porque morrer de cem annos, e ser de menos annos, não é a mesma coisa. Os annos medem-se pela duração, a idade computa-se pela vida: bem podem logo morrer de cem annos, e ser meninos; porque cada um não é dos annos que dura, é dos annos que viveu. Com um exemplo ficará esta verdade mais clara.

Nabucodonosor condemnou-o Deus a pascer nos campos de Babilonia, como bruto entre as feras; e assim andou sete annos. Agora pergunto: e se a Nabucodonosor se lhe houvessem de contar pontualmente os annos da vida, não se lhe haviam de diminuir estes sete? Claro está, que sim; porque os annos de bruto não pertencem á vida de homem. Ah, senhores! Se se houver de fazer este computo em cada um de nós, se se houverem de abater e descontar do tempo de nossas vidas todos aquelles dias que passamos conforme o appetite, e não conforme a razão, como é certo que na hora da morte havemos de achar as contas muito desiguaes: os annos de que morremos, muitos; os dias que vivemos, poucos. Não assim o nosso Enoch: morreu de sessenta e cinco annos, e viveu sessenta e cinco annos: *Vixit sexaginta quinque annis*. Todos os annos, de que morreu, viveu; porque todos viveu medidos com a razão e com a lei de Christo: todos os dias de sua vida foram de vida sua; porque lh'os não roubaram os appetites. Foi moço, foi varão,

foi velho ; mas nem lhe levaram os annos de moço os galanteios, nem os de varão as ambições, nem os de velho os descuidos. Em moço viveu como quem se não fiava da vida ; em varão, como quem a queria aproveitar ; em velho, como quem a acabava : e por isso toda a sua vida viveu ; por isso viveu sessenta e cinco annos : *Vixit sexaginta quinque annis.*

A vida humana naturalmente considerada, compõe-se de tres vidas. A vida vegetativa, com que nos alimentamos ; a vida sensitiva, com que sentimos ; a vida racional, com que intendemos. A estas tres vidas naturaes correspondem no espiritual outras tres, as quaes se conservam nas tres mais encommendadas virtudes que temos na escriptura. As virtudes que mais nos encommenda Deus em ambos os testamentos, são estas tres : jejum, esmola, oração. O jejum responde á vida vegetativa ; porque com ella nos alimentamos : a esmola responde á vida sensitiva ; porque com ella nos compadecemos : a oração responde á vida racional ; porque com ella tractamos com Deus. Estas são as vidas que tão altamente nos ensinou S. Paulo naquelles seus tres adverbios : *Sobriè, et justè, et piè vivamos.* (Ad Tit. II — 12) Com a primeira vida vivemos para nós, com a segunda para o proximo, com a terceira para Deus. Com a primeira vivemos para nós : *Sobriè* ; e isso por meio do jejum mortificando-nos : com a segunda vivemos para os proximos : *Justè* ; e isso por meio da esmola soccorrendo-os : com a terceira vivemos para Deus : *Piè* ; e isso por meio da oração, venerando-o. Todas estas viveu o nosso Enoch em toda a sua vida : *Vixit.*

II.

Vixit : Sobriè. O jejum do conde era tão extremado, que mais se pôde dizer que vivia do que jejuava, que do que comia. O outro philosopho disse arrogantemente de si : *Non ut edam vivo, sed ut vivam edo* : Eu como para viver, não vivo para comer. Do nosso Enoch ainda o podemos dizer melhor : o philosopho comia para viver ; elle comia para não morrer : só por estes termos se pôde explicar o extremo da sua abstinên-

cia. Deixou-nos nesta materia um dos exemplos maiores que se veneram no mundo; e porque o guardo para depois, não o quero offender agora: *Sobriè*.

Justè. Quão estreito foi no sustento de sua pessoa, tão largo era em acudir ao dos pobres. Desta virtude são menos publicos os seus exemplos; mas assim havia de ser para serem esmolas. Sustentar a vida, e tirar a honra, não é esmola, é injuria. Eram muitas as pessoas particulares a quem o conde sustentava a vida com suas esmolas; e a honra, com lh'as fazer secretamente. Fazia as obras de misericordia com justiça: *Justè*. Reparo é este em que não repara, antes frequentemente tropeça a caridade ou liberalidade dos grandes: dão aos pobres, e não pagam aos criados; dão o que não teem, e não pagam o que devem. O conde nenhuma coisa devia: a ninguém retardou nunca a paga, antes costumava dizer, que não sabia como havia quem pudesse ir á cama sobre dever o alheio. Tão sujeita e tão medida com as leis da justiça era a caridade do nosso Enoch! mas nem por ser tão justa, era menos liberal: pagava o que devia, e dava como se devesse. Os pobres eram os seus acredores: aos outros pedem, a elle executavam; mas assim havia de ser, onde a misericordia era justiça: *Justè*.

Piè. Sendo tão grande os exemplos que o conde nos deixou de todas as virtudes christãs, o da sua oração foi o maior de todos. Ainda nos Egyptos e nas Thebaidas se acha difficilmente memorias de oração tão continuada. Levantava-se o conde cedo, verão e inverno; punha-se logo em oração, que só se interrompia ou se accrescentava com a missa; e assim estava orando, até que lhe davam recado para comer. Da meza tornava para o oratorio, onde continuava toda a tarde, e as primeiras horas da noite; nem saía, senão obrigado da cortezia a tomar alguma visita, o que era poucas vezes; porque os validos de Deus são menos importunados que os dos principes. Depois da cêa voltava para a oração, da qual ordinariamente se não recolhia menos da meia noite, e muitas vezes depois. Todo este tempo gastava este Enoch orando, sem mais variedade que passar da oração mental á vocal: a postura do corpo sempre de

joelhos, a almofada uma cortiça. Tão simples, tão penitente, tão alheia de todo o fausto era a devação deste illustre anacoreta! Só no altar se mostrava sua grandeza e riqueza, porque era um thesouro: mas que muito, se nelle tinha o coração! Uma das notaveis advertencias que Christo deu a seus discipulos, foi: *Opertet semper orare*: (Luc. XVIII — 1) Que é necessario orar sempre. Para este preceito ou conselho ser de alguma maneira praticavel, são infinitas as interpretações que lhe dão os expositores: só o conde soube interpretar este texto, e elle mostrou ao mundo que não era impossivel o guardar-se, assim como sôa. Sem metaphora, e sem nenhum encarecimento se pôde dizer que sempre orava: nenhum dia houve que descesse a sua oração de oito e dez horas, muitos que passou de quatorze. De um Hilarião e de um Macario fôra admiravel exemplo este: que será em um conde de Unhão, casado, rico, illustre, e em muita parte da vida moço, e com os cuidados de tão grande casa! Aprendam aqui os que tomam por escusa de se darem menos a Deus as atenções da casa e do estado: nenhum governou a sua melhor que o conde, e sobravam-lhe tantas horas para Deus. Que grandes são os dias que se gastam bem! Tão vivos como isto gastou todos os seus o nosso Enoch; vêde se posso dizer com verdade que os viveu todos: *Vixit Enoch sexaginta quinque annis*.

Só me podem arguir os mais escrupulosamente doutos, que esta similhaça da idade deste Enoch, ainda que vem tão medida e tão pontual nesta parte, no demais não guarda proporção; porque Enoch, como diz o mesmo texto, viveu na terra não só aquelles sessenta e cinco annos, mas outros muitos. Facilmente pudéra socegar o escrupulo com os privilegios das similhaças, que não teem obrigação de ser em tudo correspondidas e iguaes; mas esta que parece desigualdade e differença, foi a maior propriedade, e a maior energia da nossa similhaça.

Não viveu o conde mais que sessenta e cinco annos; mas nesses sessenta e cinco, igualou todos os mais annos de Enoch. E porque? Porque cada dia da vida do conde não foi um só dia, foram muitos: *Benedictus Dominus die quotidie*, (Psal.

LXVII — 20) dizia o propheta rei : bemdito seja o Senhor no dia cada dia. Se dissera no dia cada hora, bem estava ; se dissera cada dia no anno, cada dia no mez, cada dia na semana, tambem ; mas no dia cada dia : *Die quotidie* ? Sim ; porque os dias que se occupam, como o conde os occupava em louvar a Deus : *Benedictus Dominus*, não são dias como os dias que se compoem de horas ; são dias como os annos, que se compoem de dias. O tempo diante de Deus corre de outro modo : os annos no céu diante de Deus são como dias : *Mille anni ante oculos tuos tanquam dies*. (Psal. LXXXIX — 4) Na terra diante de Deus os dias são como annos : *Die quotidie*. Lá são os annos como dias, pelo muito que se gosa ; cá são os dias como annos, pelo muito que se merece. Taes foram os do nosso conde ; e assim não é muito que nos seus sessenta e cinco igualasse estes, e todos os de Enoch : *Enoch vixit sexaginta quinque annis*.

III.

Et genuit Mathusalám. Uma coisa teve singular Enoch entre todos os homens, e foi que aos sessenta e cinco annos de sua idade lhe deu Deus um successor, que foi Mathusalém, no qual se perpetuou sua casa por tão comprida successão de annos, que nem antes nem depois d'elle houve quem chegasse a tantos. Este é o premio com que Deus paga ainda neste mundo aos grandes d'elle : que a virtude dos progenitores seja a segurança da successão, e a perpetuidade das casas. Por isso vêmos tantas, ou cortadas no meio da sua duração, ou abortadas em seu nascimento, e primeiro caídas que levantadas. As casas podem-nas fazer os reis ; a successão só a póde dar Deus, e dá-a só a quem é servido ; e serve-se de a dar aos que o servem. Esta grande ventura se póde prometter desde hoje á sua illustrissima casa de Unhão, nos merecimentos do seu primeiro conde : foi como Enoch sua vida, será como Mathusalém sua successão.

Começa a contar S. Mattheus a genealogia de Christo, e descendencia da casa de Jacob, e diz assim : *Liber generationis Jesus Christi Filii David, Filii Abrahám* : (Matth. I — 1) Livro da

geração de Jesus Christo, Filho de David, Filho de Abrahão. Abrahão foi primeiro que David, não menos que quatorze gerações; pois porque se não diz em primeiro lugar, Filho de Abrahão, senão Filho de David? Duas razões entre outras dão os expositores. Primeira; porque ainda que Abrahão foi o que fundou a casa, David foi o primeiro que metteu nella o titulo: *Jesse autem genuit David regem: David autem rex genuit Salomonem*. (Ibid. — 5 e 6) E porque David foi o primeiro que metteu na casa o titulo, deu-lhe o evangelista o primeiro lugar, ainda antes do mesmo fundador, porque esse é o que se lhe deve. E para que nem esta prerogativa lhe faltasse ao nosso conde, foi elle o primeiro que metteu na casa o titulo; e assim se chamará d'aqui por diante o primeiro de Unhão. Esta razão é de Ruperto; mas a que a mim mais me serve, e mais fundada na historia sagrada, é esta. Antepõe-se David a Abrahão na genealogia de Christo; porque ainda que o merecimento de Abrahão a fundou, a virtude de David a estabeleceu: Abrahão deu-lhe o fundamento, David deu-lhe a perpetuidade. Mil vezes havia Deus de acabar com a casa de Jacob: no tempo de Salomão, no tempo de Roboão, no tempo de outros descendentes della, menos lembrados de seus avós, e de suas obrigações; mas sempre teve mão nella a memoria de David: *Et propter David servum meum*. (4 Reg. XX — 6) Os alicerces da casa de Jacob foram os ossos de David. Depois que assentou sobre elles sua successão, sempre esteve firme, e o ha de estar até o fim do mundo. Ditosa casa, a que hoje se vê fundada sobre os ossos de um David tão servo de Deus! Aquelle sepulchro são as bases de sua firmeza; e por esta prerogativa se lhe deve, e se lhe deverá sempre o primeiro lugar, não só sobre todos os que lhe succederem depois, mas acima de todos os que foram antes: *Filii David, Filii Abraham*.

Mas porque merecimentos? Todos os do conde nos podem fundar a esperança desta seguridade; mas teve alguns particulares, a que singularmente é devida. Uma das obras em que luzia a christandade e piedade do conde, era o zelo e cuidado que tinha do culto divino na fabrica e ornato dos templos. Nas suas commendas e logares de que era senhor, reparou muitas egrejas que

estavam arruinadas; ornou e proveu outras que estavam menos decentemente servidas; e algumas levantou e edificou desde seus fundamentos. A quem tão solícito era em edificar casas a Deus, como lhe pôde faltar Deus em estabelecer sua casa? Cada pedra que poz na casa de Deus, é uma columna que accrescentou á sua : *Sapientia ædificavit sibi domum, excidit columnas septem.* (Prov. IX — 1) A Sabedoria, diz Salomão, que edificára casa para si, fundada sobre muitas columnas. Esta casa, como logo se segue no texto, era templo; porque diz que se fizeram nella os sacrificios : *Immolavit victimas suas.* Pois se a casa era templo, porque não diz que sabios edificaram templo para Deus, senão que edificaram casa para si? Porque assim era. Ninguém melhor edifica casa para si, que quem levanta templos para Deus. Na mesma metaphora me parece que o quiz Deus mostrar nesta vida ao conde. Não conto nem qualifico milagres: fallo no que agora direi, como em tudo o mais, pelos documentos que me foram dados.

Indo o conde para Ourique no anno de 1638, sobreveio-lhe a noite no campo, escura e chuvosa, de maneira que elle e os que o acompanhavam perderam o caminho. No meio desta perplexidade descobriram ao longe uma luz: seguiram-na, chegaram, apearam-se: acharam uma casa com a porta aberta; nella uma candeia acesa, lenha, pão, vinho, e algumas d'aquellas verduras do Egypto, porque suspiravam os filhos de Israel, com tudo o que era necessario para se guizarem. Mas nem então, nem em todo o tempo que alli estiveram, appareceu pessoa alguma. Comeram os criados, e descansaram: o conde tambem comeu, e descansou; porque passou toda a noite em oração, que era o seu manjar, e o seu descanso. Amanheceu, reconheceram a casa, e acharam que era uma ermida de Santo Antonio. Sairam, cerraram uma porta sobre a outra, puzeram-se a caminho; mas a ermida não appareceu mais até o dia de hoje. Voltou o conde a buscar-a pelos mesmos passos, fizeram-se diligencias pelos logares vizinhos, e ninguém houve que visse tal ermida, nem tivesse noticia della. Eis aqui quão segura tem a correspondencia, quem tem cuidado das casas de Deus. Aos filhos de Israel no deserto, deulhes Deus luz : *Per noctem in columna ignis;* (Exod. XIII — 21)

e deu-lhes de comer : *Pavit eos manu* * ; mas casa não lh'a deu, dormiam no campo : ao nosso conde deu-lhe Deus no deserto luz, deu-lhe de comer, e deu-lhe casa ; e não outra casa senão a sua, uma igreja. David dizia : *In terra deserta, et invia, et inaquosa sic in sancto apparui tibi* (Psal. LXII — 3) Eu, Senhor, orava no deserto como no templo. O mesmo fazia o nosso David ; mas experimentou maiores favores na correspondencia. David orava no deserto e no templo ; mas Deus não lhe levava o templo ao deserto : esta fineza estava guardada para o nosso David. Vêde se lhe conservará a casa, quem lhe dava a sua. Seguramente se pôde prometter a casa e successão do conde, os annos de Mathusalém : *Et genuit Mathusalam*.

IV.

Et ambulavit Enoch cum Deo. Andou Enoch com Deus. Se todos pudéram comprehender o fundo destas palavras, eu me dera por mui contente com dizer que encheu o nosso Enoch o sentido dellas. Que quer dizer : *Ambulavit cum Deo* ? Andou com Deus ? Não se pôde isto explicar, senão pelo seu contrario. Os que andaes com o mundo, que fazeis ? Todos os vossos passos, todos os vossos cuidados, todos os vossos pensamentos, todas as vossas acções, todas as vossas diligencias, são do mundo, e para com o mundo. Trocae agora o mundo em Deus : tal era o nosso Enoch : *Ambulavit Enoch cum Deo*. Todo de Deus, todo para Deus, todo em Deus, todo com Deus. Quem buscou nunca o conde de Unhão, que o não achasse com Deus ? Que faz o conde ? Está no oratorio. Em toda a sua casa, esta era a sua casa : alli estava, porque alli estava Deus ; e quando d'alli saía, ou quando d'alli o tiravam, que nunca era senão forçado, mudava o lugar, mas não mudava a companhia : *Ambulavit cum Deo*. Se caminhava, andava com Deus ; se conversava, fallava com Deus ; se obrava, fazia-o por Deus ; se padecia, referia-o a Deus ; se alegre, com Deus se alegrava ; se triste, com Deus se entristecia ; se alliviado, com Deus se consolava. Em todo o lugar, em todo o tempo, em todo o es-

* Verba ex sensu scripturæ, sed non formalia.

tado com Deus. Com Deus de dia, com Deus de noite ; com Deus em casa, com Deus na côrte, e com Deus no monte. Com Deus no trabalho, e com Deus na prosperidade ; com Deus na saude, e com Deus na enfermidade ; com Deus na vida, e com Deus na morte : sempre com Deus, e todo com Deus. A memoria com Deus ; porque só de Deus era as suas lembranças : o intendimento com Deus ; porque só de Deus eram os seus pensamentos : a vontade com Deus ; porque só de Deus eram os seus affectos. Enoch quer dizer *dedicado* : os outros homens emprestam-se a Deus ; o conde dedicou-se a Deus : *Ambulavit Enoch cum Deo*.

Deste andar com Deus do nosso conde, colho eu que teve no céu o mesmo titulo que teve na terra ; ou, para melhor dizer, que tinha na terra o exercicio do titulo que tinha no céu. Na côrte do céu tambem ha titulos de condes. Não é modo de fallar, senão verdade revelada nas escripturas. Diz S. João no Apocalypse, que viu no céu uns homens com titulos : *Habentes scriptum in frontibus* ; (Apoc. XIV — 1) e que o officio destes titulos era acompanhar a Christo para qualquer parte que fosse : *Et sequuntur Agnum, quocumque ierit*. Bem sabeis que o titulo e officio de condes em sua primeira instituição era acompanhar os reis ; por isso se chamam *comites*, que quer dizer *companheiros*. Pois assim como na terra ha titulos de condes para andarem com os reis, e os acompanharem ; assim no céu ha titulos tambem de condes, que teem a preeminencia de acompanhar e andarem sempre com Christo : *Hi sequuntur Agnum, quocumque ierit*. (Ibid. — 4) Nesta conformidade fallam todos os doutores, principalmente modernos, na exposição deste logar do Apocalypse.

Que o nosso conde tivesse este titulo no céu, o mesmo evangelista o diz, declarando que titulares eram aquelles : *Hi sunt, qui cum mulieribus non sunt coinquinati*. Estes titulos e estes condes do céu, sabeis quem são ? São os castos. Foi tão casto o nosso conde em sua vida, que casando de mais de quarenta e cinco annos de idade, e morrendo de sessenta e cinco, nem antes das vodas manchou a castidade, nem depois dellas a continencia. Fique á consideração de outros, qual foi maior victoria, se chegar casto ás vidas, se continente á sepultura. Eu só digo, que entre

os gloriosos tropheos, com que tantos famosos varões desta illustrissima casa a ehgrandeceram, este é o que mais a illustrou, e o de que mais se deve honrar.

Cortou Judith a cabeça a Holofernes com sua propria espada, e tirando o pavilhão da cama em que jazia, diz a escriptura sagrada, que o dedicou no templo: *Conopeum in anathema oblivionis.* (Judith. XVI — 23) Isto que fez Judith com Holofernes, fez David com o gigante, cortando-lhe com sua propria espada a cabeça; mas David dedicou a espada no templo. Pois se David dedica a espada no templo, porque matou o gigante com suas proprias armas; Judith porque não dedica no templo a espada, senão o pavilhão? Porque o pavilhão era tropheo da pureza, e a espada era tropheo do valor; e são muito mais gloriosos os tropheos da pureza, que os da espada. Não houve mais gloriosa victoria no mundo, que a de Judith: libertar uma cidade, pôr em fugida um exercito, uma só mulher, com um golpe de espada, e espada do mesmo inimigo, é o mais a que póde chegar a imaginação: e no meio de todas estas circumstancias de valor e ventura, pendura no templo o pavilhão de Holofernes, e não a espada; porque teve Judith por maior victoria o sair casta, que o sair vencedora. Considero eu esta illustrissima casa carregada de tropheos, como o templo de Jerusalem, e como o de Babilônia; mas se lermos os nomes dos famosos heroes que os trouxeram a ella, acharemos que todos foram grandes, mas este maior que todos os outros: os outros penduraram as armas de Golias, este o pavilhão de Holofernes.

Por esta victoria tão grande e tão rara, mereceu o nosso Enoch o titulo de conde no céu: *Hi sequuntur Agnum, quoscumque ierit.* E se alguém me disser, que este titulo não se concede a qualquer castidade, senão á virginal, a qual se perde pelo matrimonio: *Hi sunt, qui cum mulieribus non sunt coinquinati, virgines enim sunt;* respondo, que a continencia conjugal, que succede á pureza virginal, perde o nome, mas não perde os privilegios. Não tenho menos fiador, que Santo Agostinho: *Non est impar meritum continentiae in Joanne, qui nullas expertus est nuptias, et in Abraham, qui filios generavit;* e quando esta excepção de

Santo Agostinho não fôra verdadeira nos outros homens, fora-o no nosso caso por Enoch. O merecimento porque Elias se conserva vivo no paraíso, foi pela pureza virginal, que guardou sempre inviolavel: assim o dizem os santos, e mui particularmente Santo Ambrosio. Mas temos a instancia na mão. Enoch não observou outra castidade, mais que a conjugal: *Genuit filios, et filias*; e está também no paraíso. Pois se o paraíso se dá a Elias pelo merecimento da pureza virginal, como se concede o mesmo paraíso a Enoch, que a perdeu pelo matrimonio? Porque a continencia conjugal de Enoch é privilegiada, como a pureza virginal de Elias. Antes das vodas tinha o nosso Enoch o titulo de conde pela natureza da virginal castidade, depois das vodas conservou-se nella pelo privilegio da continencia: e como no céu teve o titulo, não é muito que na terra tivesse o exercicio: *Ambulavit Enoch cum Deo*.

V.

O que eu acho de muito nesta materia, é que não só acompanhou o nosso Enoch a Deus na presença, senão nas ausencias. Quando o Sacramento estava exposto, testemunhas são os olhos de todo Portugal, da pontualidade com que o conde o acompanhava, não por uma hora, mas por muitas, e por dias inteiros sempre de joelhos, sem se assentar jámais, nem ainda no tempo do sermão. Grande exemplo de christandade, e muito mais na devassidão de nossos tempos; mas alfim isto era acompanhar a Deus na presença. Porém que chegasse o espirito do nosso Enoch a acompanhar a Deus também nas ausencias, isto é o mais admirável, e o que parece impossivel. Para prova desta fineza nos deixou o conde um exemplo tão raro e extraordinario, que poucos santos se acharão, de que se lêa maior, nem ainda semelhante. Succedeu em Portugal no anno de 1614 o caso vulgarmente chamado do Porto, quando naquella cidade desapareceu de um sacrario o Santissimo Sacramento, com circumstancias de violencia e raptó. Sentiu-se no reino a desgraça, como era razão; e o conde que então era de vinte e sete annos (quem tal cuidára de tal idade!) desde aquelle dia se condemnou, não a jejuar, mas a não comer

totalmente desde a sexta feira até o domingo, passando dois dias naturaes, sexta e sabbado, sem mantimento algum em todas as semanas, e assim o guardou por todo o resto da vida, que foram trinta e oito annos. Só este caso, quando a vida do conde não tivera tantos, bastára para o fazer immortal nos annaes da piedade christã.

O real propheta David, em cujo espirito e o do nosso Enoch acho grande similhança, tambem se condemnava a jejum nas ausencias de Deus : *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes, dum dicitur mihi quotidie : Ubi est Deus tuus ?* (Psal. XLI — 4) Quando me dizem : Onde está teu Deus ? As minhas lagrimas são o meu pão, e não como outro. Grandes palavras, e mais proprias no nosso caso, que no de David. Pergunto : Que proporção tem não apparecer Deus com jejuar David ? Mais claro. Que proporção tem desaparecer Deus sacramentado, e condemnar-se o conde a tão estreito jejum ? Ainda não acabo de apertar bem a duvida : agora o farei. Este jejum de David, não foi jejum, foi fome. O comer pouco é jejum, o não comer nada é fome : *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes* : As minhas lagrimas foram o meu pão. O mais estreito jejum, é o de pão e agua ; mas aquelle jejum em que a agua dos olhos vem a ser pão, ainda que mais estreito e mais rigoroso jejum, não é jejum, é fome. Pois porque se condemna o nosso David á fome, quando lhe desaparece Deus sacramentado ? Porque só desta maneira o podia acompanhar na ausencia. Os ausentes só se podem acompanhar com as saudades ; e onde o ausente é comida, as saudades são fome. Condemnou a vida á fome, para poder acompanhar o Pão da vida. Seguia a Deus sacramentado nesta ausencia, como segue a fome ao pão : em quanto ausente, saudoso ; em quanto manjar, faminto : *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes*. Não sei se reparaes, em que saiu o nosso David com saudades sacramentadas : saudades que na substancia eram lagrimas, e nos accidentes eram pão : *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes*. Sacramentou as saudades para acompanhar as ausencias do sacramento. Deus para ausente acompanhar aos homens, sacramentou seu corpo ; o nosso David para ausente acompanhar a Deus, sacramentou suas saudades : o Corpo de Deus sacramentado

debaixo das especies de pão ; as saudades de David debaixo das especies de pão. Vêde se fariam boa companhia as saudades a Deus, pois Deus e as saudades andavam debaixo das mesmas especies. Oh finezas (se se pôde dizer) competidoras ! Pão transubstanciado em Deus, lagrimas sacramentadas em pão : mal podia Deus escapar ao correr destas lagrimas, por mais que nos fugisse. Não ha duvida que lhe fez companhia o nosso Enoch ainda nas ausencias : *Ambulavit Enoch cum Deo.*

VI.

E por quanto tempo ? David padecia, David jejuava pela ausencia ; mas somente em quanto lhe fallavam nella : *Dum dicitur mihi: Ubi est Deus tuus?* Que o nosso David fizesse estas demonstrações, em quanto se fallava naquella caso, em quanto estava fresca a memoria daquella desgraça, fizera o que fizeram as egrejas, o que fizeram as religiões, o que fizeram as almas mais piedosas deste reino : mas que continuasse em um rigor tão extraordinario trinta e oito annos inteiros ? Grande resolução. Apérto ainda mais o caso. O Corpo de Deus sacramentado não persevera debaixo das especies de pão, senão em quanto ellas se conseravam incorruptas. D'aqui se segue, que ainda que o sacrilego pôde fazer o roubo, não o pôde conservar por muito tempo ; porque, segundo as experiencias da philosophia, em menos de um anno se corrompem naturalmente as especies em quantidade tão subtil, como a de uma hostia. Ora vêde quão pontual foi o nosso Enoch em acompanhar a Deus na ausencia. A ausencia de Deus durou um anno, a companhia que lhe fez o conde, durou trinta e oito. O tempo pôde acabar a presença sacramental, porque dependia dos accidentes da pão, que são corruptiveis ; mas o sentimento do coração do conde não o pôde acabar nem diminuir o tempo, porque dependia do seu amor, que era immortal. No sacramento acabou-se a offensa, porque se acabaram as especies ; no coração do conde não se acabou a dor, porque se não acabou a memoria da offensa. No sacramento já o conde não tinha que acompanhar, porque já Deus não estava alli ; mas o seu amor era tão fino, que depois de não ter que acompanhar, ainda fazia companhia. Só o amor da Magdalena chegou aqui. Acompanhou o

Corpo de Christo até á sepultura, e depois que o Corpo do Senhor não estava alli, ainda o acompanhou. Fazia o conde companhia a Christo na sua memoria ; porque ainda que Christo no sacramento já não estava offendido, na sua memoria sempre o estava. Por isso Christo quando se sacramentou, pediu a memoria aos homens : *In mei memoriam facietis*, fiando mais da nossa memoria, que da sua presença ; porque na sua presença ficava dependente dos accidentes de pão, que são corruptiveis ; na nossa memoria ficava dependente de accidentes da alma, que são immortaes. Immortalmente acompanhou o nosso Enoch a Deus ; pois os rigores de seu corpo.....*

Como na lembrança do conde sempre estava Deus offendido, por isso em seu corpo nunca deixou de ser aquella offensa castigada.

Diz o Espirito Santo no Ecclesiastico, que Deus conservou a Enoch para prégear penitencia no mundo : *Ut dei gentibus penitentiam* ; (Eccles. XLIV — 16) assim intendo que quiz Deus dar em nossos tempos o conde para prégador da penitencia. Castiga um conde santo um peccado alheio em si com trinta e oito annos de penitencia, jejuando dois dias em cada semana sem comer ; que deve fazer cada um pelos peccados proprios ! Aquelle roubo do Santissimo Sacramento, ou se póde considerar como peccado, ou como desgraça : se como peccado, era de sacrilego que o commetteu ; se como desgraça, era commun de todo o reino : e que pague um homem o peccado alheio, como se fôra delicto proprio ; que faça penitencia pela desgraça commun, como se fôra culpa particular ! Grande pensão. Dizia el-rei David a Deus : *Ab alienis parce servo tuo* : (Psal. XVIII — 14) Senhor, perdoae-me os peccados alheios. Pedir perdão pelos peccados alheios, escrupulo é mui bem fundado em um rei ; mas fazer penitencia pelos peccados alheios, aqui não chegou David. E que razão póde haver para que uma alma faça penitencia pelos peccados alheios ? A mais fina razão de todas. Porque o peccado alheio, ainda que não é culpa minha, é offensa de Deus ; e para me doer muito o peccado, não é necessario que seja eu o cul-

* Ha aqui uma lacuna no original.

pado, basta que seja Deus offendido. Este era o motivo da penitencia do conde; puramente por ser offendido Deus. Os outros homens na penitencia que fazem, sempre levam o interesse do perdão; o conde tinha sentimentos de penitente sem os interesses de perdoado. Se tiveramos verdadeiro amor a Deus, qualquer peccado commum havia de ser para nós peccado original. O peccado original foi peccado de um, e pagam-no todos. Assim o fez o conde neste caso. Pagou o furto da arvore da vida, como pagamos o furto da arvore da sciencia. Adão furtou da arvore da sciencia, e paga-o todo o genero humano; o sacrilego furtou da arvore da vida, e pagou-o o conde, como se fosse para elle peccado original: *Quæ non rapui, tunc exolvebam.* (Psal. LXVIII — 5) Quando Adão roubou a arvore da sciencia, quiz Deus que se lhe satisfizesse aquelle peccado, para isso escolheu seu Filho: da mesma maneira, quando aquelle sacrilego roubou a arvore da vida, quiz Deus que se lhe satisfizesse o peccado, e para isso escolheu o conde. Parece que não achou em Portugal quem fosse mais filho seu. Apartemo-nos já d'aqui, que não sei sair deste passo.

VII.

Et genuit filios, et filias, ambulavitque cum Deo: Teve Enoch filhos e filhas, e andou com Deus. Reparou advertidamente o cardeal Caetano, e já antigamente tinha feito o mesmo reparo S. João Chrysostomo, que repete o texto duas vezes, que andára Enoch com Deus: *Ambulavit Enoch cum Deo, et genuit filios, et filias, ambulavitque cum Deo.* Pois não bastava dizer uma só vez, que andára Enoch com Deus? Não; porque falla o texto de Enoch em differentes estados: um antes de ter filhos e filhas; outro depois de os ter: e como os homens ordinariamente com a mudança de estado mudam tambem os costumes, repete a escriptura em grande louvor de Enoch, que antes e depois andou com Deus, para que intendessemos, que era tão igual e constante a virtude daquelle grande varão, que em todo o tempo e em todo o estado foi sempre o mesmo: antes com Deus; e depois tambem com Deus. Das virtudes do conde de Unhão podemos dizer o que disse S. Jeronymo das de Nepociano no seu epitaphio: *Ita in singulis virtutibus eminebat, quasi cæteras non haberet.* Cada uma era tão

grande, como se não tivesse outra; todas eram maiores: mas na minha opinião ainda era maior que as maiores uma que se compunha de todas ellas. E qual era esta? Aquelle theor de vida, aquella uniformidade de costumes, aquella consonancia e igualdade de acções em todo o tempo, em todo o estado, e por tantos annos sempre a mesma. Esta era a maior excellencia do nosso segundo Enoch, ou do nosso Enoch sem segundo.

Dizia Seneca (que o soube muito bem dizer, mas não o soube obrar, porque é mais difficultoso) dizia, que as acções do homem haviam de ter tal consonancia, que toda a sua vida fosse de uma côr: *Ut ipsa vita unius sine actionum dissentione coloris sit.* Os homens como somos camaleões da vaidade mudamos a côr a cada mudança de vento: quantos são os ventos de que nós sustentamos, tantas são as côres de que nos vestimos: *Magnam rem puta unum hominem agere*: A maior coisa que pôde fazer o homem, é ser um. Cada homem ordinariamente é tantos homens, quantas são as diferenças da idade, ou as mudanças da fortuna, a que o leva o tempo: *Effice, ut possis laudari, sin minus agnosci*: Portae-vos de tal maneira, sendo sempre o mesmo, que vos possam todos louvar, ao menos que vos possam conhecer. Discretamente dito, e verdadeiramente; porque somos os homens tão pouco parecidos na vida, não já uns com os outros, senão cada um comsigo mesmo, que se nos houveram de conhecer pelas acções, como pelas feições, de um dia para o outro não houvera quem nos conheceria: *De aliquo, quem vidisti heri, merito dici potest: Hic quis est?* De um homem, que vistes hontem, podeis hoje perguntar com muita razão: *Hic quis est?* Este quem é? Porque já hoje não é o que hontem era. Ainda as vidas dos que tractavam de sua salvação, hem se sabo os altibaixos que padeceram, e as tempestades em que se viram: *Ascendunt usque ad celos, et descendunt usque ad abyssos*: (Psal. CVI — 26) Umas vezes tão altos, que parece estavam no céu; outras tão baixos, que lhe faltava pouco para cairem no inferno. Não assim o nosso Enoch. Santo na mocidade, santo na idade maior, e na velhice santo.

Homens ha, e grandes homens, que se lhes cotejarmos a moci-

dade com a velhice, parecem duas ametades de vidas differentes. Saul na mocidade innocente, e na velhice vicioso. Manassés na mocidade peccador, e na velhice justo. Se da mocidade de Manassés, e da velhice de Saul, se fizera um homem pessimo; da mocidade de Saul, e da velhice de Manassés, fizera-se um homem santo: mas estas ametades ajuntam-se difficultosamente em um Enoch.

D'aqui infiro eu uma não vulgar consequencia em honra da boa memoria do nosso conde, e é, que não se salvou uma só vez, como os outros homens, mas muitas. Para intelligencia deste pensamento, supponho com Plinio e outros philosophos, que os homens, principalmente de idades largas, morrem muitas vezes; porque uma idade é morte da outra. A adolescencia é morte da puericia; porque acabamos de ser meninos: a juventude é morte da adolescencia; porque acabamos de ser moços: a idade varonil é morte da juventude; porque acabamos de ser mancebos: e assim vamos morrendo a todas as idades. E quem ha neste mundo que em todas estas mortes se salvasse? Esta é uma grande excellencia do nosso conde, que se salvou em todas: não só salvou a alma na morte, salvou todas as idades na vida. Salvou a puericia; porque em menino foi um anjo: salvou a adolescencia; porque em moço não teve mocidade: salvou a juventude; porque mancebo era velho na madureza: salvou a idade varonil; porque varão, foi varão perfeito: salvou finalmente a velhice; porque nella pôz a corôa a todas as idades. Nós contentamo-nos com uma salvação; o conde foi tão ambicioso de se salvar, que se não satisfez senão com muitas salvaçãoes, e alcançou de Deus tanta graça, que lhe concedeu todas: *Protector salvationum Christi sui est.* (Psal. XXVII — 8) Notae que não diz salvação, senão salvaçãoes: *Salvationum*; porque aquelles de quem Deus tem especial protecção: *Protector*; aquelles a quem Deus fortalece com abundantes unções de sua graça: *Christi sui*, não lhes concede uma só salvação, senão muitas salvaçãoes: *Protector salvationum Christi sui est.* Vêde o estylo que Deus guarda na salvação ordinaria dos homens: *Deus noster, Deus salvos faciendi, et Domini, Domini exitus mortis.* (Ibid. LXVII — 21) O officio de Deus é salvar: *Deus noster, Deus salvos faciendi*; e no tempo em que Deus

salva, é lá na hora da morte : *Et Domini, Domini exitus mortis*. Isto é quando Deus salva ordinariamente ; mas quando salva com privilegios particulares aos que muito ama, não lhes dá uma só salvação, senão muitas salvações ; não os salva só na morte, salva-os em toda a vida. Oh ditosos os que assim se salvam ! Quem se contenta a se salvar uma só vez, muito se arrisca a não se salvar nenhuma : querer-se salvar na morte, é temer o inferno ; salvar-se em toda a vida, isso é amar a Deus. Quem se salva só na morte, quando muito, foge para Deus ; quem se salva em toda a vida, esse é só o que anda com Deus : *Ambulavitque cum Deo*.

VIII.

Et non apparuit. Nestas palavras temos a acção do maior valor que o conde fez em sua vida : *Non apparuit*. Não appareceu. Ninguém pudéra apparecer mais, nem melhor no reino onde nasceu, que o conde de Unhão, por qualidade, por riqueza, por grandeza, por parentes, por valias, por tudo. E que tivesse animo para viver retirado, que tivesse valor para não querer apparecer ! É esta acção tão sobre os homens, que só Deus a póde ponderar como ella merece : *Ubi eras, cum me laudarent astra matutina* ? (Job. XXXVIII — 4 e 7) Onde estavas quando me louvavam as estrellas da manhã, dizia Deus a Job ? É certo que todas as estrellas louvam a Deus : *Laudate eum omnes stellæ, et lumen* ; (Psal. CXLVIII — 3) e se algumas entre as demais se avantajam nos louvores, parece que são as estrellas da noite, e não as da manhã. Quanto a noite é mais escura, então se fazem as estrellas linguas tremulas, que desde o céu e do mar, onde se retratam, estão louvando a Deus a côros. Pois porque celebra Deus tanto, não os louvores que lhe dão as estrellas da noite, senão as estrellas da manhã ? Porque ? Por isso mesmo. Porque as estrellas da noite louvam a Deus luzindo ; as estrellas da manhã louvam a Deus desaparecendo : e louvores de estrellas que desaparecem e se escondem, estas são as que louvam a Deus, e as que Deus louva. Oh estrella eclipsada, que tendo tantos raios para luzir, tiveste valor para desaparecer ! Bem se acredita quão visinha estavas do sol, e quão ausentes andam delle essas estrellas errantes, que tão pouco te imitam. Bem sei que ha de ter o nosso Enoch mais in-

vejosos depois da morte, que imitadores na vida; mas por isso Enoch se salva, e tantos se perdem.

Questão curiosa é, e não tractada, onde se salvou Enoch no tempo do diluvio? O paraíso terreal estava no mundo, o diluvio o alagou todo: pois donde, ou como se salvou Enoch? Donde, ou como se salvou, não se sabe; só se sabe que desapareceu, e que se salvou. Sabeis porque se perdem tantos no diluvio deste mundo? *In diluvio aquarum multarum ad eum non approximabunt*: (Psal. XXXI — 6) Porque ninguém se quer salvar desaparecendo, todos se querem salvar saindo. Que fizeram os homens quando se alagou o mundo com o diluvio? Nos primeiros dias passaram-se dos quartos baixos para os altos: iam crescendo mais as agoas, subiam-se dos altos aos telhados; alagavam-se também os telhados, subiam-se ás torres; alagavam-se as torres, passavam-se os que podiam ás montanhas; sossobravam finalmente as montanhas, subiam-se ás arvores; e aqui não havia já para onde subir, e aqui se afogavam. Estar o céu chovendo diluvios, e todos a afogar-se, sabeis porque? Porque todos se querem salvar a subir, ninguém se quer salvar a desaparecer. Por isso o conde se salvou, como Enoch, porque desapareceu: *Et non apparuit*. Que pouco afogado se havia de achar na hora da morte; que pouco embaraçada sua consciencia: não lhe haviam de causar escrupulo, nem os criados, a quem pagou com o serviço d'el-rei; nem os parentes que despachou, só por serem parentes; nem os amigos que grangeou, e a que aproveitou, só por serem amigos; nada disto. Tractou só de ser presidente de suas potencias, governador de sua alma, vice-rei de suas paixões, que sempre teve sujeitas. O seu cuidado era segurar bem o vêr a Deus, e não tractar de ser bem visto dos reis. Mas nem isto lhe faltou: antes alcançou com o seu retiro, o que todos com as suas negociações. Quando deram a sua magestade a noticia da morte do conde, não só disse grandes coisas do muito que o estimava por seu sangue e virtudes, mas viram-se-lhe a sua magestade correr as lagrimas. Outros chegaram a ser bem vistos dos reis: mais é chegar a ser bem chorado. Os olhos teem dois officios, vêr e chorar; mas nos reis teem pouco exercicio estes dois officios dos olhos: o vêr a poucos; o

chorar por ninguém. O nosso conde não procurou na vida a lição de ser bem visto, e alcançou na morte a fineza de ser bem chorado do rei. De ninguém julgaram os homens publicamente, que era amado de Christo, senão de Lazaro: *Ecce quomodo amabat eum.* (Joan. XI — 36) Pedro foi bem visto: *Respexit Petrum*; (Luc. XXII — 61) mas Lazaro foi bem chorado: *Lacrymatus est Jesus*, (Joan. XI — 35) que é maior testemunho de amor. Muito foi ser bem visto Pedro, depois de caído da graça; mas nos olhos do príncipe vae muito de vêr ao chorar: o vêr em Christo foi piedade; o chorar não pôde ser senão amor: *Ecce quomodo amabat eum.* Assim merece quem assim desapparece: *Et non apparuit.*

IX.

Quia tulit eum Deus. Porque o levou Deus. Uma coisa singular teve Enoch, que não acontece aos outros homens; e foi que o levou Deus antes da morte. Aos outros homens leva-os Deus quando morrem; a Enoch levou-o Deus antes de morrer. As mais das coisas que atégora tenho dito do nosso conde, são dignas de admiração: a que agora direi é dignissima de imitação; e quizera que todos a imitáramos: e qual foi? Ser tão discreto, que soube acabar a vida antes de morrer. Enoch ainda não morreu, e já acabou a vida. Assim foi o conde. Soube acabar a vida antes de morrer. Oito annos antes de morrer fez seu testamento, compoz todas suas coisas, confessou-se geralmente uma e muitas vezes, como se o tiveram avisado! Oh que grande discrição esta! Para isto não é necessario ser christão; basta ser discreto. Seneca não era christão, e só porque era discreto, o conheceu assim. Escrevia elle a seu amigo Lucillo, e dizia-lhe: *Considera, quam pulchra res sit consummare vitam ante mortem, et postea expectare securum:* (Senec. ep. 32) Considera, amigo, que resolução tão prudente, e que coisa tão formosa é acabar a vida antes da morte, e depois esperar por ella seguro. Seneca o disse, e o nosso conde o obrou; e por isso foi mais discreto que Seneca. Não se referem nas conversações os versos do conde, nem nas academias se allegam os seus discursos politicos; mas eu o tenho por um dos discretos juisos que deu Portugal na nossa

idade. Os outros teem o intendmento na lingua, o conde teve o intendmento nas mãos: *In intellectibus manuum suarum deduxit eos*: (Psal. LXXVII — 72) Levou-os pelo intendmento de suas mãos. Não se presou o conde de ser discreto de lingua, mas tractou de ser intendido de mãos; e por isso foi mais discreto e mais intendido que todos.

Ora, christãos, seja o fructo deste sermão passarmos o intendmento ás mãos, virmos ás mãos com o nosso intendmento. *Considera, quam pulchra res sit consummare vitam ante mortem*: Acabar antes de morrer. O morrer é apartar-se a alma do corpo; o acabar a vida, é o preparar a alma em quanto está no corpo. Se agora nos tomára o pulso, etc. que havíamos de fazer? Não ha duvida, que nos havíamos de confessar muito exactamente só por nossas..... * pois porque não faremos por prudencia o que havíamos de fazer por força? Porque ha de poder mais comnosco a enfermidade que a razão? De maneira, que porque Deus nos faz mercê da vida, deixamos o que havíamos de fazer, se elle nol-a tirára? É possível, não ha de poder nada comnosco a fé de duas eternidades; uma de bens, outra de males? É possível, que tanto nos hão de arrastar os corações as esperanças dos enganos deste mundo, que só se sentem, quando teem passado? Olhae para alli: vêdes honras, grandezas, vaidades; tudo alli pára: *Tulit eum Deus*: e elle que levou comsigo? Nada; tudo cá ficou. Pois se tudo ha de ficar, e tudo acaba; porque não acabaremos com o mundo, antes que elle acabe comnosco? Porque não iremos a Deus, antes que elle nos leve?

Ora, christãos, seja assim: procuremos viver de maneira que todos os annos de que morrermos, sejam de vida: *Vixit Enoch sexaginta quinque annis*. Procuremos andar com Deus de maneira que não percamos o passo no caminho de sua lei: *Ambulavit cum Deo*. Procuremos desapparecer dos olhos do mundo, e de tudo o que a elle nos pôde prender e arrastar: *Et non apparuit*.....

* Ha aqui falta no original.

** O resto do sermão, que são pouquissimas palavras, não se pôde dividir no original.

SERMÃO

DA

TERCEIRA DOMINGA

DO ADVENTO.

Tu quis es? Quid dicis de te ipso? — Joan. I.

I.

Tambem hoje temos juiso, e é já este o terceiro. No primeiro sermão vimos o juiso de Deus para com os homens : no segundo o juiso dos homens uns para com os outros : neste hoje, que é o terceiro, veremos o juiso de cada um para consigo : *Tu quis es? Quid dicis de te ipso?* Conteem estas palavras uma proposta ou embaixada que fizeram ao Baptista os sacerdotes e levitas, mandados pelo supremo conselho ecclesiastico de Jerusalem : que-rem dizer : *Tu quis es* : Vós quem sois? *Quid dicis de te ipso.* Que dizeis de vós mesmo? Esta questão determino tractar ; por-que sendo materia gravissima, e de grande importancia em qual-quer parte do mundo, em Portugal é ainda ao presente mais grave e mais importante.

*

II.

Tu quis es? Quid dicis de te ipso? A primeira coisa em que reparo, é que estes embaixadores, de uma pergunta fizeram duas questões: Iam perguntar ao Baptista quem era; e para isto parece que bastava dizer: Vós quem sois? E elles disseram: Vós quem sois, e vós quem dizeis que sois? *Tu quis es? Quid dicis de te ipso?* Ora os embaixadores não eram homens de capa e espada, senão cá do fóro da egreja: *Sacerdotes, et levitas*; mas elles fallaram muito discretamente, e entenderam o negocio, como quem tinha grandes noticias do mundo. Quando iam saber do Baptista, quem era, perguntam-lhe: Vós quem sois, e vós quem dizeis que sois; porque os homens quando testemunham de si mesmos, uma coisa é o que são, e outra coisa é o que dizem. Ninguém ha neste mundo que se descreva com a sua definição: todos se enganam no genero, e tambem nas differenças. Que differentes coisas são ordinariamente o que dizeis de vós, e o que sois! E o peor é que muitas vezes não são coisas diferentes: porque o que sois é nenhuma coisa, e o que dizeis são infinitas coisas. Nesta materia *de vós quem sois*, todo o homem mente duas vezes; uma vez mente-se a si, e outra vez mente-nos a nós: mente-se a si, porque sempre cuida mais do que é: e mente-nos a nós, porque sempre diz mais do que cuida. Bem distinguiram logo os embaixadores o *Tu quis es*, do *Quid dicis de te ipso*; e quando iam perguntar ao Baptista o que era, perguntaram o que era, e o que dizia; porque ninguém ha tão recto juiz de si mesmo, que ou diga o que é, ou seja o que diz.

Entrou o anjo Raphael a fallar com o velho Tobias em traje de caminhante, ou ainda de caminheiro; e antes de Tobias entregar o filho ao anjo para aquella pergrinação tão sabida, fez-lhe esta pergunta: *Rogo te, indica mihi, de qua domo, et de qua tribu es tu?* (Tob. V — 16) Por vida vossa, que me digaes de que familia, e de que tribu sois. A pergunta verdadeiramente era para embaraçar um anjo; mas a resposta foi notavel: *Ego sum Azarias Ananiae magni filius.* (Ibid. — 18) Eu sou Azarias, filho de Ananias, o Magno. Como se dissessemos de Carlos Ma-

gno, de Pompeo Magno, de Alexandre Magno. Ha tal resposta de um anjo ! Em Deus ha pae e filho ; nos homens e nos animaes ha Paes e Filhos ; nas mesmas plantas ha seu modo de geração : só nos anjos, de todos os viventes do mundo (entrando o creado e o increado), só nos anjos não ha geração, nem pae, nem filho. Pois se nos anjos não ha geração ; se nos anjos não ha nem póde haver pae e filho ; como diz o anjo Raphael, que é filho do grande Ananias ? Aposto eu que estava agora cuidando alguém, que para encarecimento do meu assumpto, havia eu de dizer que em materia *de vós quem sois*, até os anjos mentem ?... Não digo eu esses arrojamentos ; este logar é de verdades solidas. Os anjos não podem mentir nem errar (fallo dos bons). Mas agora fica a difficuldade mais apertada. Pois se os anjos não podem intender, nem dizer contra a verdade, como diz o anjo Raphael, que é filho do grande Ananias ? Variamente respondem os doutores á duvida ; eu o farei com uma comparação. Entra um comediante no theatro, representando a Lucifer ; e batendo com o tridenté, começa a fulminar blasfemias contra Deus : entra outro representando a Nero ; e tirando a espada, manda que cortem cabeças, e que corram rios de sangue christão por Roma : sáe outro representando um gentio ; e encontrando uma estatua de Jupiter, prostra-se por terra, bate nos peitos, e offerece incenso. Pergunto agora : Aquelle primeiro homem é blasfemo ? Aquelle segundo homem é tyranno ? Aquelle terceiro homem é idolatra ? Claro está que não : o primeiro não é blasfemo, ainda que diz blasfemias ; porque elle não é Lucifer, faz figura de Lucifer : o segundo não é tyranno, ainda que manda matar christãos ; porque elle não é Nero, faz figura de Nero : o terceiro não é idolatra, ainda que se ajoelha diante da estatua de Jupiter ; porque elle não é gentio, faz figura de gentio. O mesmo digo do nosso caso. O anjo não mentiu, nem póde mentir, ainda que disse uma coisa que pareça alheia da verdade ; porque elle não era homem, fazia figura de homem, e fallou como se o fôra.

Seja outro anjo fiador desta minha resposta. Apareceram a Abrahão no valle de Mambré tres anjos, um de maior auctoridade, a quem elle adorou, e outros dois menores que o acompa-

nhavam. E como Sara mulher de Abrahão fosse esteril, prometteu-lhe o anjo principal, que d'alli a um anno, por aquelle mesmo tempo tornaria, se Deus lhe dêsse vida, e que já então teria Sara um filho : *Revertens veniam ad te tempore isto, vita comite, et habebit filium Sara uxor tua.* (Gen. XVIII — 10 e 14) Quem haverá que não repare naquelle *vita comite* : se eu fôr vivo, dito por um anjo ? E não só fallou o anjo por estes termos uma vez, senão duas : porque pondo Sara duvida á promessa, tornou elle a ratificar a sua palavra, dizendo : *Juxta condictum revertar ad te hoc eodem tempore, vita comite.* Pois se os anjos por natureza são immortaes, e a sua vida por nenhum acontecimento póde faltar ; porque promette este anjo, não absoluta, senão conditionalmente, que tornará d'alli a um anno, se fôr vivo, *vita comite* ? A razão, não só humana, mas angelica, foi, porque este anjo e os outros dois, como declara o texto, appareceram a Abrahão em figura de homens, *apparuerunt ei tres viri* : e elle os tractou, e elles se deixaram tractar em tudo como homens, aceitando a sua meza, e os outros agasalhos da hospedagem. E porque os homens prudentes na consideração da incerteza e contingencia da morte, quando promettem alguma coisa de futuro, accrescentam, se Deus me der vida ; por isso o anjo accrescentou a mesma condição, *vita comite* ; porque não fallava como anjo, que era, senão como homem, cuja figura representava. Do mesmo modo, e com a mesma, e ainda maior propriedade fallou o anjo Raphael na resposta que deu a Tobias. Fazia figura de homem, e para fazer bem a figura, uma vez que lhe perguntaram : Vós quem sois ? Não havia de dizer o que era, havia de dizer o que não era ; e assim o fez : porque não ha propriedade mais propria dos homens, que perguntados o que são, dizerem uma coisa, e serem outra. E notae que vindo o anjo vestido em um pelote, e representando um caminheiro, parece que era mais natural dizer, que era filho de um lavrador, ou de um pastor d'aquelles campos ; e comtudo não disse senão, que era filho de Ananias, o Grande ; porque não ha homem de pé, tão de pé, nem caminheiro tão caminheiro, que se lhe perguntarem donde vem, não diga que vem lá do grande Ananias : *Ego sum Ananiæ Magni filios.*

Assim como Tobias ao anjo, assim perguntaram hoje os sacerdotes e levitas ao Baptista : *Tu quis es ?* Que responderia aquelle grande varão ? *Et confessus est, et non negavit : et confessus est : quia non sum ego Christus :* (Joan. I — 20) E confessou, e não negou, e confessou que não era elle o Messias. Em toda a sagrada escriptura não ha tal modo de fallar como este. Repetiu o evangelista tres vezes a mesma affirmacão (dizem os doutores) porque lhe pareceu que fôra tão grande coisa confessar o Baptista que não era o Messias, que se o dissera menos vezes, nem elle se acabára de explicar, nem nós acabaramos de o crêr. Ora a mim nunca me pareceu esta acção do Baptista tão grande como a fazem. Que havia de fazer o Baptista, havia de dizer que era Messias ? O Baptista nem o podia cuidar com razão, nem o podia dizer em consciencia : não o podia cuidar com razão ; porque elle sabia mui bem que era do tribu de Levi, e que o Messias havia de ser do tribu real de Judá : não o podia dizer em consciencia ; porque seria peccar na mais grave materia que houve nunca no mundo. Pois porque repetem tanto os evangelistas, e porque exaggeram tanto todos os santos e doutores da egreja esta acção do Baptista ? Porque é tão natural aos homens cuidarem mais de si, do que são, e dizerem mais de si, do que cuidam, que não negar o Baptista a razão, e não atropellar a consciencia neste caso, se tem pela maior de todas as façanhas humanas. Que lhe perguntassem a um homem : *Tu quis es ?* E que estivesse em sua mão dizer que era o Messias, e que o não fizesse ! Diga-o tres vezes o evangelista, para que acabe de o crêr a fé : *Et confessus est, et non negavit : et confessus est : quia non sum ego Christus.*

III.

Em fim, os embaixadores se tornaram do deserto sem acharem quem lhe dissesse que era o Messias. Mas povoado sei eu donde elles não haviam de levar a embaixada debalde. Se os sacerdotes e levitas desembarcaram em outras praias, e vieram pelas casas mais altas perguntando : *Tu quis es ?* Como é certo que a poucos passos haviam de achar o Messias ! E aonde ? Uma le-

goa de Belem, sem ser em Palestina. Um havia de dizer, que elle é o Messias ; porque a elle se deve a nossa redempção : *Ipse veniet, et salvabit nos.* (Isai. XXXV — 4) Outro havia de dizer, que elle é o Messias ; porque sobre seus hombros carrega todo o pezo da monarchia : *Cujus imperium super humerum ejus.* (Ibid. IX — 6) Outro havia de dizer, que elle é o Messias ; porque o seu conselho é o nosso anjo da guarda : *Et vocabitur magni consilii angelus.* Outro havia de dizer, que elle é o Messias ; porque na sua penna consiste a nossa saude : *Et sanitas in pennis ejus.* (Malach. IV — 2) Outro havia de dizer, que elle é o Messias ; porque a paz que estes annos se gozou, foi fructo da vara de sua justiça : *Erit in diebus ejus justitia, et abundantia pacis.* (Psal. LXXV — 7) Outro havia de dizer, que é o Messias ; porque elle é o Deus das armas, que com seu valor nos sustenta : *Vocabitur nomen ejus Deus fortis.* Só não havia de haver quem dissesse, que era o Messias, por se apressar acceleradamente a vencer e tirar despojos : *Voca nomen ejus, accelera, festina, spolia detrahere ;* (Isai. VIII — 3) porque ainda que ás guerras nos inclinamos com grande valor, ás victorias caminhamos com grande madureza.

Por todas estas razões me parece que havia de haver maior demanda na nossa côrte sobre o Messiado, do que a houve entre os apostolos sobre a maioria. E verdadeiramente que se vêem hoje muitas coisas daquellas que os prophétas antigamente deram por sinaes dos tempos do Messias. O Messias, dizem os prophetas, que havia de dar olhos a cegos, pés a mancos, limpeza a leprosos, e vida a mortos : *Tunc saliet sicut cervus claudus, et aperta erit lingua mutorum, etc.* (Isai. XXXV — 6) E todos estes milagres vêmos em nossos dias. Quantos cegos vêmos hoje com olhos ; quantos mancos e paralyticos postos em pés ; quantos aleijados com mãos, e com muita mão ; quantos leprosos limpos ; e quantos mortos, ou que devêram estar mortos e sepultados, resuscitados, e com vida ? Pois o poder, em cuja virtude se fazem estes milagres, como se ha de negar de Messias ? Dizem mais os prophetas, que no tempo do Messias, as lanças e as espadas se converteram em foices : *Constabunt gladios suos in vomeres, et lanceas*

suas in falces. (Ibid. II — 4) E em tempo, que ou por beneficio da paz presente, ou por esquecimento da guerra futura, as armas que se fizeram para ferir, se occupam em segar: em tempo que as caixas tocam a marchar, e as tropas marcham a recolher, e em que os despojos que haviam de ornar os templos e armar os armazens communs, enchem os celleiros particulares; como não ha de haver quem se jacte de Messias? Dizem mais os prophetas, que no tempo do Messias, os montes se humilhariam, e se encheriam os valles: *Omnis vallis implebitur, et omnis mons, et collis humiliabitur.* (Ibid. XL — 4) Oh quantos montes, que em tempos passados tocavam com o cume as estrellas, se vêem hoje, ou já se não vêem de humilhados e abatidos! E quantos valles, pelo contrario, pouco ha tão humildes, hoje tão levantados e tão cheios! E a fortuna que fez estes altibaixos, ou seja desigualdade, ou se chame justiça, como se não ha de ter por fortuna de Messias? Dizem mais os prophetas, que no tempo de Messias viveriam os lobos juntos com os cordeiros, e que o leão e o boi se sustentariam do mesmo mantimento: *Habitabit lupus cum agno, et leo quasi bos comedet paleas.* (Ibid. XI — 6 e 7) Se os lobos não fossem tão sagazes em despintar a pelle, com os olhos se pudéra provar hoje o cumprimento desta prophecia. Ainda mais que dos lobos, me temera eu dos leões com palhas na boca. Mas quando ha quem domestique leões a que sejam animaes de presepio, os auctores destas industrias, ou destes milagres, porque não presumiriam de Messias?

IV.

Não ha duvida que tem grande analogia a nossa era com a do Messias, e que parece podem competir os milagres (não digo os vicios) dos nossos tempos com as felicidades dos seus. Mas pelo mesmo caso, que se parecem tanto, não quizera eu que a muita similhança mal intendida acertára de se nos converter em tentação. E porque não fio tanto de nossa modestia, como da de S. João Baptista, saiba cada um e desengane-se, por mais que se pinte maravilhoso no seu conceito, que lhe falta para Messias a condição principal. E qual é a principal condição de Messias? É aquella,

com que o definiu e signalou Deus, quando o prometteu a Abrahão: *In semine tuo benedicentur omnes*. (Genes. XXII — 18) No Messias, que nascer de vós, serão abençoado todos. Se tendes benção para todos, dou-vos licença que entreis em presumpção de Messias: mas se tendes benção para uns, e para outros não, despedi-vos desse pensamento.

Quando o anjo annunciou á Senhora que havia de ser mãe do Messias, accrescentou estas palavras: *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, et regnabit in domo Jacob in æternum*: (Luc. I — 32) Dar-lhe-ha o Senhor Deus o throno de David seu pae, e reinará na casa de Jacob para sempre. Nesta ultima clausula reparam com razão todos os interpretes, porque diz o anjo, que reinará o Messias na casa de Jacob, e não na casa de Abrahão, ou na casa de Isaac? Se Abrahão e Isaac não foram reis, também Jacob não teve sceptro nem corôa; antes Abrahão foi vencedor famoso de cinco reis, que em certo modo é mais que ser rei. Isaac e Abrahão eram mais antigos que Jacob: e a promessa do Messias foi feita a Abrahão, quando acabava de embainhar a espada daquella grande façanha do sacrificio de Isaac: pois porque não diz o anjo, que reinará o Messias na casa de Abrahão ou na casa de Isaac, senão na casa de Jacob? Vêde a razão que é altissima. Na casa de Abrahão houve dois filhos, Isaac e Ismael: mas para Isaac houve benção, para Ismael não houve benção. Na casa de Isaac houve outros dois filhos, Esau e Jacob; mas houve benção para Jacob, e não houve benção para Esau. Na casa de Jacob pelo contrario houve doze filhos; e foi tão abençoada aquella casa, que para todos os doze filhos houve benção. Por isso, pois, diz o anjo que reinará o Messias na casa de Jacob, e não na casa de Isaac, nem na casa de Abrahão; porque o Messias não é como Abrahão, nem como Isaac, que tem benção para uns, e para outros não: é como Jacob, filho de um, e neto do outro, no qual se cumpriu a prophesia e teve benção para todos: *In semine tuo benedicentur omnes*. Só quem teve benção para todos os do mundo, foi verdadeiro Messias do mundo: e só quem tiver benção para todos os de um reino, será verdadeiro Messias delle.

Se lançarmos os olhos pelo nosso na mudança ou fortuna pre-

sente, não me atreverei eu a provar que todos teem benção; mas que teem benção muitos mais daquelles que o cuidam, as mesmas benções de Jacob nol-o farão evidente. Chamou Jacob a seus filhos para lhes deitar a benção a todos antes de morrer, e é notavel a differença de palavras e comparações com que fez esta ultima cerimonia. Chegou Judas, e deu-lhe benção de leão: *Sedens accubisti ut leo*: (Gen. XLIX — 9) chegou Nephtali, e deu-lhe benção de cervo: *Nephtali cervus emissus*: (Ibid. — 21) chegou Dan, e deu-lhe benção de serpente: *Fiat Dan coluber in via*: (Ibid. — 17) chegou Isachar, e deu-lhe benção de jumento: *Isachar asinus fortis*: (Ibid. — 14) chegou Benjamin, e deu-lhe benção de lobo: *Benjamin lupus rapax*. (Ibid. — 27) Valha-me Deus, que desigualdade de benções, umas a uns tão altas, e outras a outros tão baixas! A um benção de serpente, e a outro de cervo? A um benção de leão, a outro de lobo, a outro de jumento? Sim; e era pae quem as dava, e eram filhos os que as recebiam: para que se entenda que a diversidade das benções não argue desigualdade de amor em quem as dá, senão differença de merecimentos em quem as recebe. A Judas, que tinha valor e generosidade, da-se-lhe benção de leão: a Nephtali, que tinha presteza, mas não tinha valor, da-se-lhe benção de cervo: a Dan, que tinha prudencia, mas tinha peçonha, da-se-lhe benção de serpente: a Isachar que tinha forças, e não tinha juiso, da-se-lhe benção de jumento: a Benjamin, que tinha ousadia, mas junta com voracidade, da-se-lhe benção de lobo. Não estão mui bem repartidas as benções? Quem haverá que o negue? Mas sabeis porque ninguem está contente com a sua benção? Porque a todos falta o conhecimento do *Tu quis es*. Conheça-se cada um, e estarão contentes todos. Conheça o leão, que é leão: conheça o cervo, que é cervo: conheça a serpente, que é serpente: conheça o lobo, que é lobo: conheça o jumento que é jumento, e logo estarão contentes. Mas como todos se cegam no juiso de si mesmos, todos querem benção fóra da sua especie.

No principio do mundo deitou o Creador a sua benção aos animaes e ás plantas: *Benedixit eis*. (Genes. I — 22) Disse-lhes a todos que crescessem: *Crescite et multiplicamini*; (Ibid.) mas nota

a escriptura que tudo isto foi *secundum species suas*: (Ibid. — 24) cada creatura conforme a sua especie. Contente-se cada um de crescer dentro de sua especie; contente-se cada um de crescer dentro da esphera do talento que Deus lhe deu, e logo conhecerão todos, que tem benção cada um no seu elemento. No ar contente-se a andorinha com ser andorinha: e que maior benção que poder morar nos palacios dos reis? No mar contente-se a remora com ser remora: e que maior fortuna, que sendo tamanina, poder ter mão em uma náu da India? Na terra contente-se a formiga com ser formiga: e que maior felicidade, que ter o celleiro provido para o verão e para o inverno? Mas por todos os elementos se adoce de melancolia; porque nenhum se contenta com o crescer dentro da sua especie: a andorinha quer subir a aguia: a remora quer crescer a balêa: a formiga quer inchar a elefante. Porque as formigas se fazem elefantes, não basta toda a terra para um formigueiro. Nas plantas temos iguaes exemplos deste engano, e desta verdade. A arvore mais anã é maior que a erva gigante: e comtudo de quantas coisas aquece o sol, nenhuma lhe é mais agradecida que esta erva. Desde que o sol nasce, até que se põe, vae sempre a erva gigante acompanhando-o desde a terra, seguindo-o com tanta inclinação, e adorando-o com tanta reverencia, como vêmos. Pois, ervasinha do campo, que agradecimentos ao sol são estes? Não vêdes tantas arvores e tantas plantas que recebem do sol tanto mais que vós? Pois porque lhe haveis vós de ser a mais agradecida de todas? Porque me meço dentro da minha esphera; conheço, que sou erva, e acho que ninguem deve mais ao sol que eu, porque me fez gigante das ervas. Se cada um se medira com os compassos da sua esphera, oh quantos se haviam de achar gigantes! Porque vos haveis de descontentar da vossa benção, porque haveis de ser ingrato ao sol, se vos fez gigante das ervas? Não digo bem: se das ervas vos fez gigante? Oh quantos gigantes ha desagradecidos! Muito é de notar a tristeza de um cypreste em tanta altura! Se o cypreste lá de cima olhára para o vulgo das plantas, e ainda para a nobreza das arvores que lhe ficam abaixo, elle vivera não só contente, senão ainda soberbo. Mas o cypreste lá do alto descobre os

cedros do monte Libano, e como vê que a natureza os fez torres, vive elle descontente de ser pyramide. Como cada um se não mete e se não mede dentro da sua esphera, ainda que seja cypreste, que tantas vezes vê seus troncos sobre os altares, não pôde viver contente. Não digo que não tracte cada um de crescer, mas conheça cada um o que é: *Tu quis es?* E depois cresça conforme a sua especie: *Secundum speciem suam*.

Desenganemo-nos, que o crescer fóra da propria especie, não é augmento, é monstruosidade; ao menos benção não é. Uma das coisas dignas de reparo que tiveram as benções de Jacob a seus filhos, foi a benção de Ruben e de José. A José deu-lhe Jacob por benção, que crescesse: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens*: (Genes. XLIX — 22) a Ruben deu-lhe Jacob por benção, que não crescesse: *Ruben primogenitus meus non crescas*. (Ibid. — 3) É possível que tambem um *non crescas* se dá por benção! É possível que tambem pôde ser benção o não crescer! Diga-o a lua: nenhuma benção se podia dar á lua mais venturosa, que o não crescer, porque se não crescêra, não mingüára. A quantos tem servido o demasiado crescer, não de benção, senão de maldição! Mas porque razão em José é benção o crescer, e em Ruben é benção o não crescer? Os procedimentos e as acções do mesmo Ruben e do mesmo José o digam. O crescer nos que o merecem, é crescimento; o crescer nos que o não merecem, é crecença: e o crescimento é grandeza, a crecença é fealdade. Se podeis crescer por crescimento, cresci com a benção de Deus: *Filius accrescens*; mas se não podeis crescer senão por crecença, tende por benção o não crescer: *Non crescas*. Conheça cada um a sua esphera: *Tu quis es*; e acharão todos, ou quasi todos, que teem benção: *In semine tuo benedicentur omnes*. Com este conhecimento acabarão de intender, que teem entre si o verdadeiro Messias, como disse o Baptista: *Medius vestrum stetit quem vos nescitis*; (Joan. I — 26) e deixarão de o ir buscar aos desertos, onde o não ha: *Et confessus est, et non negavit, quia non sum ego Christus*.

V.

Desenganados os embaixadores, de que o Baptista não era o Messias, foram por diante com a questão do *Tu quis es*: e perguntaram se era ao menos Elias: *Elias es tu?* (Ibid. — 21) Sois vós por ventura Elias? Às vezes as menores tentações, principalmente em gente escrupulosa, são mais difficultosas de vencer, que as maiores: mas a constancia do Baptista de todos os modos era invencível. Assim como á primeira pergunta respondeu, que não era Messias: *Non sum ego Christus*; assim respondeu á segunda, que não era Elias: *Non sum*. Que tem irem-se buscar as coisas onde as não ha! Diz o texto que: *Hæc facta sunt trans Jordanem*: (Ibid — 28) que isto aconteceu da banda d'além do Jordão. Se vieram os embaixadores da banda d'aquem do Téjo, eu vos prometto que elles acharam a Elias. *Tu quis es?* Vós quem sois? *Elias es tu*: Sois por ventura Elias? Por ventura? E disso se duvida? Pois quem é o Elias senão eu? O meu zelo do bem commum; o meu zelo da fé e da christandade; o meu zelo do serviço do rei; o meu zelo da conservação e augmento da pátria. Se ser Elias é isto, ningthem é Elias como eu. Ao menos na presumpção eu vol-o concedo. Só isso me parece que tendes de Elias: cuidar que não ha outro Elias, senão vós. Dizia Elias antigamente: *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, et relictus sum ego solus*: (3. Reg. XIX — 14) Eu só sou o que zelo a honra de Deus, todos os outros são idolatras, e não tem Deus no mundo mais que a mim. No mesmo dia em que Elias disse isto, lhe mostrou Deus que tinha na mesma terra sete mil que não dobravam o joelho diante de Baal: *Derelinquam mihi in Israel septem millia virorum, quorum genua non sunt incurvata ante Baal*. (Ibid — 18) Quando Elias cuida que não ha outro Elias no mundo como elle, ha quando menos sete mil. Cuidaes que sois um homem unico, e não só sois homem de duzias, senão de milhares, ou de milheiros: ha sete mil como vós, e pôde ser que melhores.

Não se queixará Elias de lhe medirmos o seu espirito pela sua capa, pois elle assim o fez. Ora cotejemos a capa de Elias com

outra d'outro propheta quasi do mesmo nome (Abias), e verá Elias, o que se reputa por unico, quanto vae de capa a capa, de espirito a espirito, e de zelo a zelo. Encontrou-se uma vez Abias com Jeroboão (então era criado de Salomão, e não rei) e trazia o propheta naquelles dias uma capa nova : *Pallium suum novum*, (Ibid. XI — 30) diz o texto, para que não cuideis que é malicia reparar na novidade das capas ; o mesmo Espirito Santo, Auctor das escripturas, repara nestas novidades. Emfim, Abias tirou a sua capa nova dos hombros, puxou logo de umas thesouras, cortou uma vez, cortou outra, até onze vezes, com que ficou a capa dividida em doze partes : e disse que do mesmo modo se dividiria o reino de Salomão em doze tribus, dos quaes os dez seriam de Jeroboão : *Ecce ego scindam regnum de manu Salomonis, et dabo tibi decem tribus*. (Ibid. — 31) Assim o disse o propheta, e assim foi ; porque o reino dos doze tribus, se dividiu em reino de Israel, e reino de Judá. Mas vamos á capa. De maneira que Abias antes da divisão dos reinos, tinha a sua capa muito nova e muito sã, depois que os reinos se dividiram, anda com a capa feita em retalhos. Oh quantos vemos vestidos hoje com o avesso da capa de Abias ! Antes da divisão dos reinos traziam a capa em retalhos, depois que os reinos se dividiram, trazem uma capa muito nova, e muito sã. Pois por certo que esta era a occasião em que as capas se haviam de fazer em retalhos : um retalho para cobrir o soldado, que anda despido ; outro retalho para vestir o orphão, cujo pae morreu pelejando na campanha ; outro retalho para fazer uma mantilha á viuva, que por zelo da patria chegou a tirar o manto, por não faltar á decima. Que diz agora Elias ? *Quid dicis de te ipso ?* Cortastes algum dia algum retalho da vossa capa ? Tirastes algum fio della ? Callar. Eis ahi os vossos zelos. Mas vamos aos nossos.

Já eu me contentára com que os nossos zelosos ou zeladores fossem como Elias. Todos dizem, daremos as capas ; mas o menos avarento é o que guarda só a sua. Quando Elias se partiu para o outro mundo, não teve de que testar mais, que da sua capa, que deixou a Eliseu. Se Deus hoje quizesse levar para o paraíso terreal alguns dos valentes Elias do nosso Carmelo, para depois pa-

lejam com o Anti-Christo ; eu vos prometto que se quizessem fazer bem e verdadeiramente seu testamento, que haviam de testar de ametade das capas do logar. E então muito comidos e muito carcomidos do zelo : *Zelus domus tuæ comedit me !* (Psal LXVIII — 10) Vós estareis comidos do zelo, mas estaes muito bem comidos. Ha uns a quem o zelo come, e ha outros que comem do zelo. E por onde se hão de conhecer uns e outros ? Tomando-lhes as medidas pela cintura. Se o zelo vos come a vós, a vossa substancia converte-se em zelo ; e se vós comeis do zelo, o vosso zelo converte-se-vos em substancia. Oh quantos zelosos ha, que todo o seu zelo se lhes converte em substancia ! Tomem-se as medidas, como dizia Roboão, e achar-se-ha que sois mais grosso hoje pelo dedó meminho, dó que ereis antigamente pela cintura. Bom proveito vos faça o zelo, que tão bem se vos logra : signal é que o comeis vós a elle, e não elle a vós. Mas ou o vosso zelo coma ou jejue (que me não quero meter nisso) ao menos venhamos a um partido. Se o zelo não ha de comer, jejue em todos, e se ha de comer, coma de todos : seja o vosso zelo convosco, e com os vossos, como com os demais, e não haverá quem se queixe delle.

Zeloso Elias contra os peccados do povo, chegou a tal extremo, que disse estas palavras : *Vivit Dominus, in cujus conspectu sto, si erit ros, et pluvia :* (3 Reg. XVII — 1) Vive Deus, em cuja presença estou, que não ha de chover do céu, nem cair uma gota de orvalho sobre esta má terra. Assim o jurou Elias, e assim o cumpriu, porque tres annos inteiros estiveram os céus como se fossem de bronze, sem os abrandarem, nem os clamores dos homens, nem os balidos e mugidos dos animaes innocentes que pastavam pelos campos, e pereciam de sede. Secaram-se as fontes, secaram-se os rios, e até as lagrimas se secaram : sendo circumstancia cruel de calamidade, não poderem chorar o mal os mesmos que o padeciam. Tudo isto via Elias podendo-o remediar facilmente, porque Deus lhe entregára na mão as chaves das nuvens ; mas ia o rigor por diante. Tudo estava seco, mas as entranhas de Elias mais que tudo. Que se portasse com este rigor um propheta, não me espanto ; que a quem conhece bem a graveza dos peccados, todo o castigo, que não é o eterno, lhe parece muito

pouco. O que me espanta é que soffressem os homens a Elias. É possível que se ha de estar abrazando o mundo, e que tenha Elias em sua mão o remedio, e que o não queira dar? É possível que se esteja abrazando o mundo, e que não querendo Elias dar o remedio que tem em sua mão, que soffram os homens a Elias? Sim: Sabeis porque o soffriam? Porque ainda que Elias tinha as chaves, tanto fechava as fontes para si, como para os demais. Os outros estavam necessitados, e Elias andava mendigando: os outros estavam a ponto de morrer, e Elias vivia de milagre: os outros secavam-se á sede, e Elias abrazava-se e mirrava-se. Isto sim, que é ser zeloso. Mas que na vossa casa corram as fontes, e que nas outras se sequem! Que sobre as vossas searas chovam as nuvens a rios, e que sobre as outras fira o sol a raios! Isto não é zelo. Se o tempo pede que haja sol, sequem-se todos: *Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos.* (Matth. V — 45) E se é razão que haja chuva, molhem-se todos: *Qui pluit super justos, et injustos.* E se o mesmo zelo dictar que entre os máus e bons, entre os justos e os injustos, haja differença, haja differença; mas seja qual convem: o mal carregue para os máus, mas seja para todos os máus: e o bem incline para os bons, mas seja para todos os bons. Esta é a condição do verdadeiro zelo: *Dura sicut infernus æmulatio*: diz o Espirito Santo: (Cant. VIII — 6) que o zelo é como o inferno. Notavel comparação! O zelo, uma virtude tanto do céu, ha de comparar-se ao inferno? Sim: não conheceis as virtudes do inferno. Sabeis porque se compara o zelo ao inferno? Porque o inferno é um fogo que a nenhum bom offende, e a nenhum máu perdoa. Mas o fogo do vosso zelo não é assim: entre os máus tem seus predestinados, a quem não toca, e entre os bons tem seus precitos, a quem abraza. Oh rigor mais que infernal! Não vos digo já que sejaes como os santos do paraíso; ao menos não sereis como o fogo do inferno? E então muito presados de Elias! Quando muito tereis a sua capa. Elias foi-se para o céu, e deixou a Eliseu a sua capa. O zelo foi-se, e ficou a capa do zelo. E quantas maldades se commettem debaixo desta honrada capa!

Levou Deus um dia em espirito ao propheta Ezechiel a Jeru-

zalem, e o que viu o propheta foi uma parede ou fachada em que estava um idolo do zelo : *Et ecce idolum zeli in ipso introitu* : (Ezech. VIII — 5) Cuidas tu, Ezechiél, diz Deus, que não ha aqui mais que o que apparece ? Ora rompe essa parede, e verás. Rompeu a parede Ezechiél, entrou, e viu uma casa em que estavam pintadas pelas paredes cobras, lagartos, basiliscos, serpentes, e outros monstros horribes, e no meio setenta homens de cãs, que com thuribulos na mão os incensavam : *Et septuaginta viri de senioribus domus Israel, stantium ante picturas, et unusquisque habebat, thuribulum in manu sua.* (Ibid VIII — 11 e 14) Adiante, diz Deus a Ezechiél. Passa Ezechiél outra parede : *Et ecce sedebant mulieres plangentes Adonidem* : e viu muitas mulheres assentadas, que estavam chorando por Adonis. Sabida é a fabula, ou a historia de Adonis, e as gentilidades que nasceram de sua gentileza ; e por este estavam chorando vestidas de lucto e desgrehnadas. Por diante, Ezechiél, diz Deus terceira vez. Passa Ezechiél a terceira parede : *Et ecce quasi viginti quinque viri dorsa habentes contra templum Domini* : (Ibid. — 16) e viu vinte e cinco homens que estavam com as costas viradas para o templo do Senhor : *Et facies ad Orientem, et adorabant ad orium solis* : e todos estavam com os olhos postos no Oriente, e com os joelhos em terra, adorando ao sol que nascia. Eis aqui o que Deus mostrou a Ezechiél, e o que passa no mundo, ainda que se não veja. Se olhardes aos homens para as primeiras paredes, não vereis mais que um idolo do zelo : tão zelosos e tão zeladores, que parecem uns idolatras do zelo ; mas detraz dessa parede do zelo, que é o que se faz ? Uns estão chorando por Adonis ; outros estão adorando o sol que nasce ; outros estão incensando altares prohibidos ; e muitos, ainda mal, com as costas viradas para o templo de Deus. Por fóra não ha mais que zelo ; mas dentro ha cobras e lagartos ; ha basiliscos e serpentes ; ha monstros e monstruosidades, ha coisas que estão fechadas a tres paredes. Elias por fóra, idolatrias por dentro. Se houvesse quem rompesse paredes, oh quantas coisas havia de vêr o mundo ! Este é o zelo, estes são os zelosos, estes são os Elias : *Elias es tu.*

VI.

Ouvida a resposta do Baptista, que não era Elias, instaram terceira vez os embaixadores, e perguntaram : *Propheta es tu ?* (Joan. I — 21) Já que não sois Elias, ao menos sois propheta ? A esta pergunta respondeu o Baptista ainda mais seca e mais abbreviadamente : *Non* : Não. Já sabeis que havemos de fazer a mesma pergunta na nossa terra. *Propheta es tu ? Quid dicis de te ipso ?* Vós que tantas coisas dizeis de vós, sois também propheta ? *Propheta et plusquam propheta*. Os vossos discursos são vaticínios : as vossas proposições são revelações : os vossos dictames são prophcias : os vossos futuros não teem contingencia : o que succede depois é tudo o que dissestes antes : tendes intelligencias na secretaria do Espirito Santo : não se decreta lá coisa que se não registre primeiro comvosco. Basta isto ? Ainda tendes mais. Se se tractam materias de estado, sois um propheta Daniel : se se tractam materias de guerra, sois um propheta Isaías : se se tractam materias de mar, sois um propheta Jonas : se se tractam materias ecclesiasticas, sois um propheta Ezechiel : se fazeis advertencias aos reis, sois um propheta Nathan : se choraes as calamidades do povo, sois um propheta Jeremias : se pedis soccorros ao céu, sois um propheta Baruc : e se tendes algum interesse, como tendes muitos, sois um propheta Balam. Muitas graças sejam dadas a Deus, que nos deu tantos prophetas na nossa idade. Não debalde estão prognosticadas tantas felicidades ao nosso reino. Não poderá elle deixar de ser muito glorioso, tendo dentro em si tantos e taes prophetas. Christo Senhor nosso nasceu entre dois animaes ; morreu entre dois ladrões ; e transfigurou-se entre dois prophetas : entre dois animaes esteve pobre ; entre dois ladrões esteve crucificado ; entre dois prophetas esteve glorioso. Tenham os reis prophetas ao lado, e elles terão seguras as suas glorias. Mas que prophetas ? Moyses e Elias : um morto, outro vivo ; mas ambos do outro mundo. Ora já que importa tanto ao reino o ter prophetas ; examinemos o *Propheta es tu*, e vejamos por onde se hão de conhecer os verdadeiros prophetas.

Primeiramente advirto que os prophetas não se hão de co-

nhecer, nem avaliar pelo numero. Ainda que sejam mais os que dizem uma coisa, nem por isso se hão de ter por prophetas. Ouvi uma grande historia do terceiro livro dos Reis. Havendo tres annos que el-rei Acab estava em paz com todas as nações visinhas, entrou em pensamento se iria fazer guerra a el-rei de Syria, o qual lhe tinha tomado a cidade e terras de Ramoth Galaad. Para isto chamou conselho de prophetas, e diz o texto sagrado, que se ajuntaram quatrocentos prophetas: *Congregavit rex Israel prophetas, quadringentos circiter viros.* (3. Reg. XXII — 6) A proposta foi esta: *Ire debeo in Ramoth Galaad ad bellandum, an quiescere?* Devo ir fazer guerra a Ramoth Galaad, ou aquietar-me? E a razão da proposta era: *An ignoratis quod nostra sit Ramoth Galaad, et negligimus tollere eam de manu regis Syria?* (Ibid. — 3) Que as terras de Ramoth eram daquella corôa, e que parecia negligencia não as recuperarem da mão dos syrios. Ouvida a proposta e a razão della, responderam todos os prophetas a uma voz: que se fizesse a guerra, que Deus daria a sua magestade victoria: *Ascende, et dabit eam Dominus in manu tua.* (Ibid — 6) Com este bom annuncio dos prophetas resolveu Acab de fazer a guerra; mas para entrar nella com vantagem, pediu a el-rei Josaphat seu confederado, que o quizesse ajudar na empreza. Disse Josaphat, que sim: mas que se houvesse algum propheta do Senhor, folgaria que o consultassem tambem. Respondeu Acab, que alli havia um Micheas, homem a quem elle aborrecia muito, porque sempre lhe fallava contra o gosto, e nunca lhe prophetisára bem: *Remansit vir unus, sed ego odi eum, quia non prophetat mihi bonum, sed malum.* (Ibid — 8) Levou-se logo recado a Micheas, que viesse, e diz o texto, que o que deu o recado disse a Micheas, que supposto que el-rei tinha quatrocentos prophetas que lhe aconselhavam a guerra, que fosse elle tambem da mesma opinião, e que fallasse ao gosto: *Sit sermo tuus similis eorum, et loquere bona.* (Ibid. — 13 e 14) Que responderia Micheas? O que deve fazer em semelhantes casos todo homem de bem: *Vivit Dominus, quia quodcumque mihi dixerit Dominus, hoc loquar.* Vive Deus, que não hei de dizer outra coisa, senão o que o mesmo Deus me inspirar, e o que entender em minha consciencia.

Finalmente, chegou Micheas á presença dos reis : propoz-se-lhe o caso : respondeu que se não fizesse a guerra, porque se havia de perder o rei e o exercito. Notavel encontro de prophetas ! Que vos parece que devia fazer Acab neste caso, por uma parte quatrocentos prophetas que aconselhavam que fizesse a guerra, e por outra um propheta, dizendo que a não fizesse ? Resolveu el-rei Acab o que eu lhe aconselhára nas circumstancias presentes, ainda que fôra da opinião de Micheas. Mandou que se fizesse a guerra ; e isto por tres razões : Primeira, porque havia muitos annos que estava em paz com todos os principes visinhos ; e quando as armas estão desembaraçadas e ociosas, é bem que se empreguem nas gloriosas empresas : Segunda, porque as terras de Ramoth Galaad pertenciam á sua corôa ; e as terras da corôa hão de fazer os reis o possivel e o impossivel, porque não estejam em mãos de inimigos. Cada torrão das terras conquistadas, se se espremer, ha de deitar muito sangue de vassallos, e o que custou este preço, não se ha de dar por nenhum preço : Terceira, e principal razão, porque ainda que as razões de Micheas fossem boas, estavam pela outra parte quatrocentos prophetas, a quem parecia o contrario : e nas materias publicas, é bem que se conformem os reis, quanto puder ser, com o sentimento commum. Só por esta ultima razão (quando não houvera outras) aconselhára eu a Acab, que nas circumstancias presentes fizesse a guerra : e isto ainda depois de ouvir a Micheas, em cujo parecer não havia risco ; porque os dictames praticos devem-se mudar todas as vezes que se mudam as circumstancias. O medico, conforme os preceitos da arte, manda que se corte o braço encancerado, porque se salve o corpo ; mas se o enfermo repugna, e não se accomoda, tem a medicina outro dictame pratico, com que manda applicar remedios menos violentos, ainda que sejam menos seguros. Conforme a este dictame seguiu el-rei Acab o parecer dos quatrocentos prophetas ; resolveu que se fizesse a guerra : tocam-se as trombetas, marcha o exercito, dá-se a batalha sobre Ramoth ; mas a poucas horas de peleja ficou o exercito desbaratado, e Acab perdido. Notavel caso ! Vêde como são diversos os successos e os juisos humanos ; e a differença que vae de prophetas a prophetas. De uma

parte estavam quatrocentos prophetas, da outra parte estava um só propheta : o rei inclinou para a parte onde estavam quatrocentos, e o successo caiu para a parte onde estava um. Por isso digo, que as prophcias não se hão de julgar pelo numero. As prophcias chamam-se na escriptura pezo : *Onus Ninive*, *Onus Assyriæ*, *Onus Ægypti*. Pezo de Ninive, quer dizer, prophcia de Ninive ; pezo de Assyria, quer dizer, prophcia de Assyria ; pezo de Egypto, quer dizer, prophcia de Egypto. Os prophetas hão-se de pezar, não se hão de contar. Os quatrocentos prophetas, contados, eram mais que Micheas ; Micheas, pezado, era mais que os quatrocentos.

VII.

Supposto pois que os prophetas se não hão de conhecer pelo numero, por onde se hão de conhecer ? Por tres coisas : pelos olhos, pelo coração, e pelos successos. Conhecem-se os verdadeiros prophetas pelos olhos, porque o vêr é o fundamento do prophetisar. Os prophetas na escriptura chamam-se *Videntes* : os que vêem. Só os que vêem são prophetas. Assim como a mais nobre prophcia sobrenatural consiste na visão, assim a mais certa prophcia natural consiste na vista. Só quem viu pôde prophetisar naturalmente com certeza. E a razão é muito clara. A prophcia humana consiste no verdadeiro discurso ; o discurso verdadeiro não se pôde fazer sem todas as noticias ; e todas as noticias só as pôde ter quem viu com os olhos. Nenhuma coisa houve mais assentada na antiguidade, que ser inhabitavel a zona torrida ; e as razões com que os philosophos o provavam, eram ao parecer tão evidentes, que ninguem havia que o negasse. Descobriram finalmente os pilotos e marinheiros portuguezes as costas da Africa e da America, e souberam mais e philosopharam melhor sobre um só dia de vista, que todos os sabios e philosophos do mundo em cinco mil annos de especulação. Os discursos de quem não viu, são discursos : os dictames de quem viu, são prophcias.

O outro signal da prophcia é o coração ; porque conforme cada um tem o coração, assim prophetisa. Os antigos quando queriam prognosticar o futuro, sacrificavam os animaes, consultavam-lhes as entranhas, e conforme o que viam nellas, assim prognosti-

cavam. Não consultavam a cabeça, que é o assento do entendimento, senão as entranhas, que é o lugar do amor ; porque não prognostica melhor quem melhor intende, senão quem mais ama. E este costume era geral em toda Europa antes da vinda de Christo, e os portuguezes tinham uma grande singularidade nelle entre os outros gentios. Os outros consultavam as entranhas dos animaes, os portuguezes consultavam as entranhas dos homens. Assim o diz Strabo no livro terceiro : *Lusitanis vetus mos erat ex intestinis hominum exta prospicere, atque inde omina, et divinationes captare.* Era costume dos antigos portuguezes (diz Strabo) consultar as entranhas dos homens que sacrificavam, e dellas conjecturar e adivinhar os futuros. A superstição era falsa, mas a allegoria era muito verdadeira. Não ha lume de prophesia mais certo no mundo, que consultar as entranhas dos homens. E de que homens? De todos? Não. Dos sacrificados. As entranhas dos sacrificados eram as que consultavam os antigos : primeiro faziam o sacrificio, então consultavam as entranhas. Se quereis prophetisar os futuros, consultae as entranhas dos homens sacrificados : consultem-se as entranhas dos que se sacrificaram e dos que se sacrificam ; e o que ellas disserem, isso se tenha por prophesia. Porém consultar entranhas de quem não se sacrificou, nem se sacrificava, nem se ha de sacrificar, é não querer prophesias verdadeiras ; é querer cegar o presente, e não acertar o futuro.

O ultimo signal de conhecer prophetas, são os successos. No Deuteronomio prometteu Deus a seu povo, que lhe daria prophetas ; e o signal que lhe deu para os conhecer, foi só este : *Hoc vobis signum : quod propheta prædixerit, et non evenerit, hoc Dominus non est locutus.* (Deut. XVIII — 22) Quando duvidardes de algum se é propheta, ou não, observareis esta regra : Se o que elle disser antes, succeder depois, tende-o por verdadeiro propheta ; mas se o que elle disser não succeder, tendo-o por propheta falso. Não póde haver signal, nem mais facil, nem mais certo. Sabeis a quaes haveis de ter por prophetas ? Sabeis de quaes haveis de cuidar que acertaram com os futuros ? Aquelles de quem tiverdes experiencia, que tudo, ou quasi tudo o que disseram antes, veio

a succeder depois. Este dictame seguiu Pharaó com José; Nabucodonosor com Daniel, e todos os principes prudentes com seus conselheiros. Mas assim como ha prophetas de antes, assim ha prophetas de depois. Ha muitos mui presados de prophetas, que depois de acontecerem os máus successos, então prophetisam pelo arrependimento, o que fôra melhor ter prophetisado antes pelo discurso. Este foi um dos tormentos da paixão de Christo. Ataram a Christo um panno pelos olhos, davam-lhe com as mãos sacrilegas na sagrada cabeça, e diziam por escarneo, que prophetisasse quem lhe dera : *Prophetisa nobis Christe, quis est qui te percussit.* (Matth. XXVI — 68) Prophetisar depois de levar na cabeça, é prophecia de quem tem os olhos tapados : é escarneo da paixão de Christo. Não haveis de prophetisar quem vos deu, senão quem vos póde dar ; porque é melhor reparar os golpes, que cural-os : e se o successo mostrar que a prophecia foi certa, a quem a disser tende-o por propheta : *Propheta es tu.*

VIII.

Cançados finalmente os embaixadores de lhes responder o Baptista que não era Messias, nem Elias, nem propheta ; pediram-lhe finalmente, que pois elles não acertavam a perguntar, lhes dissesse elle quem era. A esta instancia não pôde deixar de deferir o Baptista. E que vos parece que responderia ? *Ego sum vox clamantis in deserto :* (Joan. I — 23) Eu sou uma voz que clama no deserto. Verdadeiramente não intendo esta resposta. Se os embaixadores perguntaram ao Baptista o que fazia, então estava bem respondido com a voz que clamava no deserto, porque o que o Baptista fazia no deserto, era dar vozes e clamar ; mas se os embaixadores perguntavam ao Baptista quem era, como lhes responde elle o que fazia ? Respondeu discretissimamente. Quando lhe perguntavam quem era, respondeu o que fazia ; porque cada um é o que faz, e não é outra coisa. As coisas definem-se pela essencia : o Baptista definiu-se pelas acções ; porque as acções de cada um, são a sua essencia. Definiu-se pelo que fazia, para declarar o que era.

D'aqui se entenderá uma grande duvida, que deixamos atraz de ponderar. O Baptista perguntado se era Elias, respondeu que não era Elias: *Non sum*. E Christo no capitulo onze de S. Mattheus disse, que o Baptista era Elias: *Joannes Baptista ipse est Elias*. (Matth. XI — 14) Pois se Christo diz que o Baptista era Elias, como diz o mesmo Baptista que não era Elias? Nem o Baptista podia enganar, nem Christo podia enganar-se: como se hão de concordar logo estes textos? Muito facilmente. O Baptista era Elias, e não era Elias: não era Elias, porque as pessoas de Elias e do Baptista eram diversas: era Elias, porque as acções de Elias e do Baptista eram as mesmas. A modestia do Baptista disse que não era Elias, pela diversidade das pessoas: a verdade de Christo, affirmou que era Elias, pela uniformidade das acções. Era Elias, porque fazia acções de Elias. Quem faz acções de Elias, é Elias; quem fizer acções de Baptista, será Baptista; e quem as fizer de Judas, será Judas. Cada um é as suas acções, e não é outra coisa. Oh que grande doutrina esta para o logar em que estamos! Quando vos perguntarem quem sois, não vades revolver o nobiliario de vossos avós, ide vêr a matricula de vossas acções. O que fazeis, isso sois, e nada mais. Quando ao Baptista lhe perguntaram quem era, não disse que se chamava João, nem que era filho de Zacharias: não se definiu pelos paes, nem pelo appellido. Só de suas acções formou a sua definição: *Ego vox clamantis*.

Muito tempo ha que tenho dois escandalos contra a nossa grammatica portugueza nos vocabulos do nobiliario. A fidalguia chamam-lhe qualidade, e chamam-lhe sangue. A qualidade é um dos dez predicamentos a que reduziram todas as coisas os philosophos. O sangue é um dos quatro humores de que se compõe o temperamento do corpo humano. Digo, pois, que a chamada fidalguia não é somente qualidade, nem somente sangue; mas é de todos os dez predicamentos, e de todos os quatro humores. Ha fidalguia, que é sangue, e por isso ha tantos sanguinolentos: ha fidalguia, que é melancolia, e por isso ha tantos descontentes: ha fidalguia, que é colera, e por isso ha tantos mal soffridos e insofriveis: e ha fidalguia que é fleima, e por isso ha tantos que prestam para tão pouco. De maneira, que os que adoecem de fidal-

guia, não só lhes pecca a enfermidade no sangue, senão em todos os quatro humores. O mesmo passa nos dez predicamentos. Ha fidalguia, que é substancia, porque alguns não teem mais substancia que a sua fidalguia: ha fidalguia, que é quantidade; são fidalgos porque teem muito de seu: ha fidalguia que é qualidade, porque muitos não se pôde negar são muito qualificados: ha fidalguia, que é relação; são fidalgos por certos respeitos: ha fidalguia, que é paixão; são apaixonados de fidalguia: ha fidalguia que é *ubi*; são fidalgos, porque occupam grandes logares: ha fidalguia, que é sitio, e desta casta é a dos titulos, que estão assentados, e os outros em pé: ha fidalguia, que é habito; são fidalgos, porque andam mais bem vestidos: ha fidalguia, que é duração; fidalgos por antiguidade. E qual destas é a verdadeira fidalguia? Nenhuma. A verdadeira fidalguia é acção. Ao predicamento da acção é que pertence a verdadeira fidalguia. Disse o grande fundador de Lishoa. *Nam genus, et proavos, et quæ non fecimus ipsi, vix ea nostra voco* *. As acções generosas, e não os paes illustres, são os que fazem fidalgos. Cada um é suas acções, e não é mais, nem menos, como o Baptista: *Ego vox clamantis in deserto*.

IX.

Desta doutrina tão verdadeira, e desta ultima conclusão do Baptista, tiro dois documentos, com que acabo: um politico, outro espirital. Digo politicamente, que nas acções se hão de fundar as eleições: digo espiritalmente, que nas acções se devem segurar as predestinações. As eleições ordinariamente fundam-se nas gerações, e por isso se acertam tão poucas vezes. Não nego que a nobreza, quando está junta com talento, deve sempre preceder a tudo; mas como os talentos Deus é o que os dá, e não os paes, não se devem fundar as eleições nas gerações, senão nas acções. Este dictame é o verdadeiro em todo o tempo, e muito mais no presente. No tempo da paz pôde-se soffrer, que se deem os logares ás gerações; mas no tempo da guerra, não se hão de

* Ulysses apud Ovidium Metam.

dar senão ás acções. Viu o propheta Ezechiel no primeiro capitulo das suas revelações aquelle carro mysterioso, porque tiravam quatro animaes — homem, leão, boi e aguia : no capitulo decimo tornou a vêr o mesmo carro com os mesmos animaes, mas com a ordem trocada ; porque na primeira visão tinha o primeiro logar o homem ; na segunda visão tinha o primeiro logar o boi. Notavel mudança ! Que o homem na primeira visão se anteponha ao leão, á aguia e ao boi, muito justo ; porque o fez Deus senhor de todos os animaes : mas que o boi, que foi creado para o trabalho e para o arado, se anteponha a tres cabeças corôadas : ao homem, rei do mundo ; ao leão, rei dos animaes ; á aguia, rainha das aves ! Sim : a razão litteral, e a melhor que dão os expositores, é esta. Na primeira visão estava o carro dentro do templo ; na segunda visão saiu o carro á campanha : *Egressa est gloria Domini de limine templi* : (Ezech. X — 18) e quando o carro está quieto, dê-se embora o primeiro logar a quem melhor é ; mas quando o carro caminha, ha se de dar o primeiro logar a quem melhor puxa : e porque o boi puxava melhor que o homem, por isso se deu o primeiro logar ao boi. Quando o carro estiver ño templo da paz, deem-se embora os logares a quem melhor sôr ; mas em quanto o carro estiver na campanha, hão se de dar os logares a quem melhor puxar.

E assim como politicamente é bem que nas acções se fundem as eleições, assim espiritualmente digo, que nas acções se hão de segurar as predestinações. S. Pedro na epistola segunda : *Fratres satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, et electionem facialis* : (2. Petri. I — 10) Irmãos meus (diz S. Pedro) trabalhae com grande diligencia de fazer certa a vossa vocação e predestinação, por meio das vossas acções. Se perguntarem a um homem : *Tu quis es* ? Quanto ao temporal, em qualquer materia póde responder com certeza : se perguntarem a um homem : *Tu quis es* ? Quanto ao espiritual, ninguem ha no mundo que possa responder a esta pergunta. Cada um de nós espiritualmente é o que ha de ser : o que ha de ser cada um, ninguem o sabe : e assim ninguem ha que possa responder com certeza á pergunta : *Tu quis es* ? A maior miseria, a maior perplexidade, a maior

afflicção de espirito, que ha na vida humana, é saber um homem, que ha de ser ou eternamente ditoso, ou eternamente infeliz, e não saber qual destas duas ha de ser : não saber um homem se é precito, ou se é predestinado. A este maior de todos os cuidados, a esta maior de todas as perplexidades acode S. Pedro com o unico remedio que ella pôde ter : *Satagite, ut per vestra bona opera certam vestram electionem faciat.* Se quereis ter segurança de vossa predestinação, a maior que sem revelação se pôde ter nesta vida, appellae para vossas acções e vossas boas obras : fazei obras boas, e estae moralmente seguros que sois predestinados. Este é o verdadeiro intendimento das palavras de S. Pedro, e assim as explica S. Thomaz e todos os theologos. Oh que felicidade tão grande, que tenhamos nas nossas obras um seguro de nossa predestinação ! Na outra vida ha nos de pagar Deus as boas obras com a posse da gloria : nesta vida já nol-as começa a pagar com a segurança della. Ora christãos, já que nas nossa acções, já que nas nossas obras está depositado um thesouro tão grande, não o percamos. *Satagite*, trabalhemos por segurar nossa predestinação. Appliquemo-nos muito deveras á observancia dos preceitos divinos : rompamos por tudo o que nos pôde ser estorvo e impedimento : conheçamo-nos, e conheçamos o mundo e seus enganos : quebrems com uma grande resolução os laços e as cadeas que nos detem, quaesquer que sejam : convertamo-nos de todo coração a Deus : disponhamo-nos com todas as forças para receber sua graça, e seguremos para sempre o premio da gloria.

SERMÃO

DE

SANTO AGOSTINHO.

**Prégado na sua egreja e convento de S. Vicente de
Fóra em Lisboa, no anno de 1648.**

*Sic luceat lux vestra coram hominibus,
ut videant opera vestra bona, et glorificent
Patrem vestrum, qui in cælis est. — Matt. V*

. I.

Ao maior santo entre os doutores, e ao maior doutor entre os santos, celebra neste grande theatro como a pae, a primogenita de suas familias. O evangelho que nesta solemnidade canta a egreja, não só nol-o propõe applicado a Santo Agostinho, senão tambem explicado por Santo Agostinho. Eu porém venerando uma e outra coisa, quanto devo, assim na applicação como na explicação, acha uma implicação não pequena. De sorte que temos hoje o evangelho applicado a Agostinho, explicado por Agostinho, e implicado com Agostinho. Mas de que modo, ou em que parte implicado? Não menos que nas duas partes essenciaes do mesmo

evangelho, e nas duas excellencias maiores do mesmo Santo Agostinho, que são as duas com que dei principio ao sermão. Implicitado o evangelho com Agostinho, em quanto doutor, e implicitado com Agostinho, em quanto Santo. Estae commigo.

O intento de Christo Senhor nosso em todo este evangelho, é formar a perfeita idéa de um prelado ecclesiastico e apostolico. Esta idéa se compõe indistinctamente de duas partes ou qualidades essenciaes : de sciencia, porque deve ser douto, e de virtude, porque deve ser santo. Se tem virtude sem sciencia, será santo : se tem sciencia sem virtude, será douto ; mas em falta de qualquer dellas, não será verdadeiro prelado. E que seria se acaso lhe faltassem ambas ? Bastará porém que seja douto só pela sciencia, e santo só pela virtude ? Não. Bem pôde o prelado ser douto e santo, e não ser bom prelado ; porque pôde ser douto e santo para si, e não para os outros. Ha de ser de tal maneira douto, que seja douto e doutor ; e de tal maneira santo, que seja santo e sanctificador. Isso quer dizer *Qui fecerit et docuerit* : (Matt. V — 19) Doutor ensinando, e sanctificador fazendo. Para ensinar lhe é necessaria a sciencia, com que seja a doutrina sã : para fazer, é-lhe necessaria a virtude, com que sejam boas as obras. Mas essas obras, e essa sciencia, não hão de ser occultas, e que se não vejam, senão publicas e manifestas a todos : *Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus, qui in domo sunt* : (Ibid. — 15) Publica e manifesta a sciencia, para que allumee com a luz de doutrina : *Sic luceat lux vestra coram hominibus* : (Ibid. — 16) E publicas e manifestas as obras, para que edifique com o exemplo da vida : *Ut videant opera vestra bona*. Finalmente, uma e outra, assim a vida como a doutrina, não hão de ser para credito ou estimação propria, que seria vaidade e terra, mas para honra e gloria do Padre, que está no céu : *Et glorificent Patrem vestrum, qui in caelis est*.

Este é o sentido natural das palavras que propuz, e este em summa o intento e discurso de todo o evangelho, explicado em varias partes por Santo Agostinho, tão solida e tão propriamente como elle costuma. Mas se applicarmos o mesmo evange-

lho ao mesmo Santo Agostinho, achal-o-hemos, como dizia, totalmente implicado com elle. Se abirdes os livros de Santo Agostinho, achareis, que o primeiro tem por titulo: *Livro de Retractações de Agostinho*, nas quaes o mesmo santo declara muito miudamente todos os erros e ignorancias (como elle lhes chama) que com menos acerto tinha escripto. Se passardes ao segundo livro, achareis que da mesma maneira tem por titulo: *Livro das Confissões de Agostinho*, nas quaes o santo com a mesma miudeza declara e manifesta todos os peccados de sua vida. Pois se o evangelho manda a todos os prelados que publiquem e manifestem a sua sciencia e doutrina, a sua virtude e as suas boas obras; como publica e manifesta Agostinho em logar da sua sciencia, as suas ignorancias; e em logar das suas boas obras, os seus peccados? Logo, ou este evangelho se não applica bem a Agostinho, ou temos Agostinho implicado com o evangelho? Para desfazer estas duas implicações tenho necessidade hoje de dobrada graça: *Ave Maria*.

II.

Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est.

Faz Santo Agostinho os dois livros de suas Retractações e de suas Confissões, e estes foram os que poz no rosto de todas suas obras. Na primeira folha dos livros se costumam pôr as erratas do impressor: e Agostinho com nova e não imitada invenção poz as erratas do auctor: no livro das Confissões as erratas da vida, no das Retractações as da doutrina. Eu chamara-lhe o *Index rerum notabilium*; porque sendo as coisas que se leem em todos os livros de Santo Agostinho tão altas, tão sublimes, tão divinas; estas duas são as mais notaveis de todas. Muitos ha que não contentes com pôr o seu nome, ainda nos livros que escrevem do desprezo da fama, como notou Cicero; querendo não só ser lidos, mas vistos, poem na primeira estampa o seu retrato. E isto que faz a vaidade em tantos que não merecem nome de auctores, fez no mais celebrado auctor da egreja a modestia e a humildade:

Os corpos retratam-se com o pincel, as almas com a pena; e estes dois livros na minha opinião são a *Vera effigies* da alma de Agostinho. Pediram a S. Paulino que se deixasse retratar: e elle, que tambem tinha dado a primeira parte da vida ao mundo, como a segunda a Christo, respondeu: *Vel cupitis depingere meum veterem hominem, vel nonum: si veterem, ille deformis est, nec pictura, sed latebris dignum: si novum: ille nondum perfectus est.* Ou me quereis retratar na primeira idade, ou na segunda: se na primeira, é muito feia, e mais digna de se esconder, que de se pintar: se na segunda, ainda está muito imperfeita, e não quero que me retrateis. Porém Agostinho, posto que grande amigo de Paulino, tomou tão differente conselho, que tudo o que achou na sua vida mais feio, e mais desforme, e na sua doutrina menos proporcionado, isso é o que pintou por sua propria mão, não só com as côres mais certas, senão tambem com as mais vivas.

No livro de suas Confissões publicou Santo Agostinho os seus peccados, e no livro de suas Retractações as suas ignorancias: e só quem comprehender quão feia coisa é o peccado, e quão indecente a ignorancia, poderá avaliar como merece, estas duas acções de Agostinho. A maior acção de Deus fazer-se homem, e a maior fineza desta acção, não consistiu tanto em tomar a nossa natureza, quanto em tomar a nossa similhaça: *In similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo.* (Philip. II — 7) Não tomou Deus a natureza humana como a tinha dado a Adão, senão como a achou depois d'elle, caída de seu primeiro estado, e sujeita a tantas e tão pesadas miserias. Sujeitou-se a nascer, a morrer e a viver (que não é menos) a trabalhar, a cançar, a suar: a dores, a tristezas, a lagrimas: a ser perseguido, a ser affrontado, a ser crucificado. Mas com se sujeitar a todo este abysmo de miserias e baixezas (porque como diz S. Paulo: *Debuit per omnia fratribus similari*) (Heb. II — 17) exceptuam-se comtudo duas, de que foi totalmente isenta e privilegiada a humanidade de Christo. E quaes foram? O peccado e a ignorancia: Porque é tão feia coisa o peccado, e a ignorancia tão indecente, que ainda no caso que fosse possivel, de nenhum modo era toleravel, que em uma humanidade unida a Deus houvesse peccado

ou ignorancia. Sendo pois tal fealdade a do peccado, e tal indecencia a da ignorancia; que Agostinho por sua vontade e eleição tome estes dois assumptos, e se ponha a escrever muito de proposito dois livros, um de seus peccados, outro de suas ignorancias; e que depois de escriptos, os divulgue e faça publicos a todo o mundo? Para defender culpas ou ignorancias, se teem escripto muitas apologias e manifestos; mas para as confessar e publicar, só Agostinho o fez. Comecei a ponderar estas duas acções por louvor, e já me parece que hão mister desculpa, e não facil.

Dirme-hão (como eu dizia) por parte de Agostinho, que foram effeitos de humildade; mas esta resposta se impugna facilmente do que acabamos de dizer. A virtude propria, e por antonomasia de Christo, é a humildade: *Ut inhabitet in me virtus Christi*: (2. Cor. XII — 9) a virtude que particularmente veio Christo ensinar ao mundo, e de que professou ser Mestre, é a humildade: *Discite à me, quia mitis sum, et humilis corde*; (Matt. XI — 29) e a humildade de Christo não só foi a maior, senão a summa humildade. E comtudo não teve peccado, nem ignorancia; logo callando Agostinho seus peccados e suas ignorancias, ainda que as tivesse, podia ser perfeitamente humilde. Quanto mais que contra preceitos não ha virtude; e contra estes dois actos, ou excessos de humildade, estavam os dois preceitos do evangelho que ouvimos: contra a publicação dos peccados, o do exemplo; e contra a publicação das ignorancias, o da doutrina. Pois se o evangelho manda a Agostinho resplandecer com sciencia e doutrina, como põe em publico erros e ignorancias? Se lhe manda que allumee com exemplo e boas obras; como publica vicios e peccados? Encubra os erros, para que não eclipssem a doutrina; esconda os peccados, para que não escureçam o exemplo. E pois uma das admiraveis obras de Santo Agostinho foi a concordia e explicação do evangelho, não seja o mesmo Agostinho a discordia e implicação delle.

III.

Ora, senhores, para que acabemos de ter suspenso o juizo, tudo isto que em Santo Agostinho parece implicação do evangelho,

não foi implicação, foi amplificação. Assim que não temos o evangelho implicado com Agostinho, senão amplificado por Agostinho. O evangelho manda que os que são luz da igreja allumeem com a sciencia, e com a virtude; com a doutrina, e com o exemplo: e Agostinho amplificando este mesmo preceito, e excedendo os limites delle, não só allumiou o mundo com as suas sciencias, senão também com as suas ignorâncias: não só com as suas virtudes, senão também com os seus peccados. Com as suas ignorancias; porque das mesmas ignorancias fez doutrina: com os seus peccados; porque dos mesmos peccados fez exemplo: e sendo as ignorancias e os peccados trevas, das mesmas trevas fez luz: *Sicut luceat lux vestra coram hominibus.*

Christo Senhor nosso neste preceito, quando mandou aos varões apostolicos que luzissem, nomeadamente lhes disse com que haviam de luzir, e como: quanto ao primeiro, que o instrumento de luzir fosse a luz: *Luceat lux vestra*: quanto ao segundo, que o modo de luzir fosse tal, que delle se seguisse a gloria de Deus: *Sic, ut glorificent Patrem vestrum.* E Agostinho, que fez? Guardou o modo, e amplificou o instrumento. Amplificou o instrumento; porque não só luziu com a luz, senão também com as trevas; e guardou em um e outro luzir o modo; porque assim com a luz, como com as trevas, conseguiu a gloria de Deus. Não acho coisa semelhante na terra; mas no céu, donde Agostinho tomou esta maravilhosa philosophia, sim: *Cæli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum*: (Psal. XVIII — 2) Os céus, diz David, estão sempre apregoando a gloria de Deus, e o firmamento publicando as obras de suas mãos. E que obras de Deus são estas que o céu publica, e toma por instrumento de sua gloria? Admiravelmente ao nosso intento o texto: *Dies dii eructat verbum, et nox nocti indicat scientiam*: (Ibid. — 3) As obras com que o céu publica e apregoa a gloria de Deus, são o dia e a noite. Pois a noite escura e feia também entra em coro como o dia claro e formoso para glorificar a Deus? Sim; porque o dia glorifica a Deus com a luz, e a noite com as trevas; e tanta gloria se pôde dar a Deus com as trevas; como com a luz. Assim o cantaram a trez vozes na fornalha de Babilonia os tres mini-

nos : *Benedicite noctis, et dies Domino : Benedicite lux, et tenebræ Domino.* (Dan. III — 71 e 72) E assim o fez com acção singular Agostinho, que não só com a luz de suas sciencias e virtudes, senão tambem com as trevas de suas ignorancias e peccados, glorificou e ensinou a glorificar a Deus : *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est.*

Mais diz, e mais quer o evangelho. Declarando como ha de ser esta luz : *Sic luceat lux vestra :* diz que ha de ser como a tocha aceza, que não se acende para se esconder, senão para allumiar a todos : *Nequè accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus, qui in domo sunt.* Porém Agostinho amplificando o evangelho tambem nesta similhança, não só luziu e allumiou o mundo com a tocha aceza, senão com a tocha apagada. Tornemos ao céu. No dia do nascimento de Christo acendeu o céu uma tocha, e no dia da sua morte apagou outra. A tocha que acendeu no dia do nascimento, foi a estrella nova que appareceu e guiou os Magos : a tocha que apagou no dia da morte, foi o sol que se eclipsou, e escureceu o mundo desde que o Senhor foi levantado na cruz, até que espirou nella. E que mysterio teve o céu para sair em dois dias tão notaveis com dois prodigios tão encontrados ? O repaço foi do nosso Santo Agostinho no sermão trinta *de tempore :* a resposta (para que não seja em causa propria) é de S. Pedro Damião, por estas palavras : *Habuit testimonium lucis, quia claritas stellæ illustravit Magos : et habuit testimonium tenebrarum, quia in morte ejus tenebræ facta sunt super universam terram :* (Petr. Dam. serm. de epiph.) Acendeu o céu uma tocha, e apagou outra, quando Christo entrou e saiu salvo deste mundo ; para que o Senhor em gloria e abone de sua divindade não só tivesse o testemunho da luz, senão tambem o testemunho das trevas : *Testimonium lucis, et testimonium tenebrarum.* Pois as trevas, cujo effeito é escurecer, tambem podem allumiar e dar testemunho ? Tambem ; e tanto mais qualificado, quanto o sujeito que se escurece fôr mais luminoso, como é o sol. A estrella testemunhou luzindo, o sol testemunhou escurecendo-se : e foi tanto mais efficaç o testemunho do sol que o da estrella ; que a estrella luzindo allumiou tres ho-

mens, e o sol escurecendo-se allumiou o mundo. No caso e questão em que estamos, a uma vista parece Agostinho tocha acesa; a outra tocha apagada: na sua sciencia e doutrina, nas suas virtudes, e no seu exemplo, tocha acesa: no manifesto de suas ignorancias, e na publicação de seus peccados, tocha apagada; mas assim havia de ser, para que glorificasse a Deus com o testemunho de sua luz, e com o testemunho de suas trevas: *Habuit testimonium lucis, et testimonium tenebrarum*. Adverti, porém, que no testemunho da luz, luzindo com as sciencias e virtudes, allumiou Agostinho como estrella, porque isso fizeram outros santos; porém no testemunho das trevas, escurecendo-se com as ignorancias e peccados, allumiou como sol, porque foi acção singular só de Agostinho. Os outros estreitaram-se com o evangelho, Agostinho amplificou-o.

Resta a maior e mais apertada opposição do mesmo evangelho; mas também della sairá Agostinho com maior amplificação. Determinando mais apertada e individualmente o evangelho quasi devem ser os raios ou resplandores da luz que encomenda, diz que hão de ser boas obras de tal modo manifestas aos homens, que todos as vejam, e glorifiquem a Deus por elles: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est*. Ainda nos é necessario tornar ao céu; e seja sobre o texto já allegado de David, em que nos ficou por ponderar um grande e occulto mysterio. Se o céu para glorificar a Deus publica suas obras: *Cæli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum*: como conta entre as obras de Deus a noite e as trevas, que, ainda que sejam obras de Deus impropriamente, propriissimamente não são boas? As trevas são negação de luz, e as negações não teem nem podem ter bondade, porque não teem ser. A mesma escriptura o significou claramente na creação de uma e outras. Quando falla da luz, diz que viu Deus a luz, que era boa: *Facta est lux: et vidit Deus lucem, quod esset bona*; (Genes. I — 3 e 4) pelo contrario, quando falla das trevas, que já eram antes da luz: *Et tenebræ erant super faciem abyssi*; (Ibid. — 2) não diz que visse Deus as trevas, ou dissesse que eram boas. E porque? Porque a luz

como tem ser, e tão excellente ser, tem bondade e é boa ; porém as trevas como são negação, e não teem ser, não podem ter bondade, nem são boas. Pois se as trevas não são boas ; porque as publica o céu entre as obras que glorificam a Deus ? Também o céu para amplificar a gloria de Deus, parece que quiz amplificar o evangelho, mas não tão heroicamente como Agostinho. O evangelho diz aos prelados, que façam boas obras, para que por ellas seja glorificado Deus : *Ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum*. O céu deu um passo mais adiante, e querendo glorificar a Deus com obras : *Et opera manuum ejus annuntiat firmamentum* : acrescentou obras que propriamente não são boas, quaes são, as trevas e a noite : *Et nox nocti indicat scientiam* : porém Agostinho lançando a barra além de tudo o que parecia impossivel, achou modo com que glorificar a Deus até com obras verdadeiras e propriamente más, quaes são erros e pecados. De sorte que o evangelho mandou glorificar a Deus com obras boas ; o céu passou a glorificar a Deus com obras não boas ; e Agostinho chegou a glorificar a Deus não só com obras não boas, senão também com obras más. E isto é o que conseguiu por modo novo e inaudito, saindo á luz com os dois livros de suas Confissões, e Retractações, não contra, mas sobre o mesmo preceito, que, fallando com elle, dizia : *Sic luceat lux vestra coram hominibus, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est*.

IV.

Temos visto ou dito em commum como Santo Agostinho, amplificando o evangelho, não só allumiou com a luz, senão também com as trevas ; podendo-se-lhe applicar gloriosamente o que só se diz de Deus, que as suas trevas são como a sua luz : *Sicut tenebræ ejus, ita et lumen ejus*. (Psal. CXXXVIII — 12) Temos visto que não só allumiou com a tocha acesa, senão com a tocha apagada ; excedendo também o evangelho, no qual as virgens que tinham as alampadas acesas, entraram ás vodas, e as que as tiveram apagadas, ficaram de fóra. Temos visto como não só allumiou com as boas obras, senão também com as más, saindo com ellas

à luz, e sendo excepção do evangelho, que diz : *Omnis, qui male agit, odit lucem, ut non arguantur opera ejus* : (Joan. III — 20) Todos os que obram mal, aborrecem a luz, porque não sejam arguidas suas obras. Segue-se que vejamos agora como isto foi, ou pôde ser ; porque não parece facil. Se o livro das Confissões contém vícios e peccados ; como pôde Agostinho com vícios e peccados, allumiar viciosos e peccadores ? Se o livro das Retractações contém erros e ignorancias ; como pôde Agostinho com erros e ignorancias, allumiar errados e ignorantes ? Tudo isto pôde fazer, e fez Agostinho, e não só de qualquer modo, senão pelo mesmo modo com que Christo no evangelho lhe mandou que allumiasse os homens : *Sic luceat lux vestra coram hominibus*. O modo com que Christo e o evangelho lhe mandou que allumiasse os homens, foi com exemplo e doutrina ; e este mesmo foi o modo com que Agostinho allumiou ; porque no livro das Confissões, dos peccados fez exemplo ; e no livro das Retractações, das ignorancias fez doutrina. Isto é o que agora havemos de vêr : e porque Agostinho dividiu estes dois assumptos em dois livros, nós também para maior distincção e clareza os dividiremos em duas partes.

Começando pela primeira, não ha coisa mais natural ao homem, que esconder e encubrir seus peccados. Naquella famosa disputa que os tres amigos de Job tiveram com elle, todo o seu intento ou teima, foi que todos os trabalhos que padecia Job eram em pena de seus peccados, defendendo pelo contrario Job, que padecia innocente. A este fim fez um grande aranzel de todas suas virtudes, e boas obras, concluindo que se tivera peccados, haviam de ser publicos e sabidos ; porque elle nunca encobrirá peccados : *Si abscondi, quasi homo, peccatum meum*. (Job. XXXI — 33) Nestas palavras tem grande mysterio, e é digna de grande reparo aquella exclusiva : *Quasi homo* : não só diz que não escondeu seus peccados, senão que os não escondeu como homem. Para qualificar Job sua innocencia, bastava dizer que não tinha peccados ; para provar que os não tinha, com o testemunho publico, bastava dizer que nunca os escondêra : pois porque accrescenta que os não escondeu como homem : *Si abscondi, quasi homo, peccatum meum*. Porque não ha coisa mais natural ao homem, que

esconder e encobrir seus peccados. O peccado é malicia ou fragilidade: o esconder o peccado é natureza. O primeiro homem que peccou foi Adão. E qual foi o primeiro effeito do primeiro peccado? Esconder-se e encobrir-se. Não havia então no mundo outros olhos de que Adão se houvesse de esconder e encobrir, senão os olhos de Deus, e até dos olhos de Deus se quiz esconder e encobrir, tanto que peccou. Quando Thamar se foi encontrar com Judas, primeiro fundador e cabeça do tribu real, do qual concebeu a Farez e Zaram, diz o texto sagrado, que vendo-a Judas, suspeitou que era mulher de mau trato: *Suspiciatus est esse meretricem.* (Gen. XXXVIII — 15) E porque, ou donde o colligiu? *Operuerat enim vultum suum, ne agnosceretur*: porque levava coberto o rosto para não ser conhecida. Vejam lá as tapadas as consequencias que descobrem, quando assim se cobrem.

A razão de ser tão natural ao homem o encobrir e esconder o peccado, deu Quintiliano, e é, porque ninguém é tão mau, que o queira parecer: *Non quisquam tam malus, ut malus videri velit.* E deste principio formou Tertulliano um valente argumento em defeza dos christãos contra os tyrannos. (Tertull. adversus sent.) Ide aos vossos cárceres, diz elle, onde tendes prezos ladrões, homicidas, adulteros e christãos, e inquiri de uns e outros os seus delictos: ao christão se lhe perguntaes se é christão, responde logo que sim: o ladrão, o homicida, o adultero, ainda nos tormentos nega. E qual é a causa porque estes negam, e aquelles não? Porque o que é mal e peccado, ninguém quer que seja seu: *Nolunt enim suum esse, quod malum est.* Segue-se logo que o ser christão não é mal, nem peccados, porque se o fôra, elles o encobriram e o negaram. E assim conclue: *Quid hoc mali est, quod naturalia mali non habet? Timorem, pudorem, tergiversationem.* Que mal ou que peccado é logo este, em que se não acha o natural de todo o peccado, que é o cuidado e artificio de se encobrir, e o temor e vergonha de se confessar? E como é tão natural ao homem o encobrir e esconder seus peccados, por isso Agostinho escreveu o livro das suas Confissões, em que descobriu, publicou, e manifestou a todo o mundo os seus peccados para ti-

rar do mesmo mundo este impedimento da salvação, e persuadir com seu exemplo aos homens a confessar, e não encobrir os seus. Pouco ha que dizia Christo : *Omnis, qui male agit, odit lucem* : Todo o homem que faz mal aborrece a luz : e Agostinho como excepção de todos os homens, tirou á luz todo o mal que tinha feito, para que nelle tomassem exemplo, do que devem fazer os que fazem mal. Vêde a differença de Agostinho, e a semrazão dos outros homens. Os outros homens quando fazem mal, aborrecem a luz, sendo que haviam de aborrecer o mal, e aborrecer tambem a quem o faz : mas em vez de aborrecerem o mal, aborrecem a luz, porque ella descobre o mal, e elles sendo máus, querem parecer bons. Para emendar pois esta semrazão, e para pôr em seu logar este mal applicado aborrecimento, sáe Agostinho á luz com quantos males tinha feito em sua vida, para que intendessem os homens, que o que se ha de aborrecer é o mal, e não a luz ; e que o mal encuberto é a enfermidade, e a luz que o descobre, o remedio.

V.

Para remedio do peccado, instituiu Christo Senhor nosso o sacramento da confissão, e este é o maior argumento, ou o maior encarecimento da grande repugnancia natural que o homem tem a descobrir seus peccados ; porque castigando-os Deus justamente com pena eterna, por serem offensas de Magestade infinita, o mesmo Deus achou que ficavam bem commutadas todas essas penas em um homem confessar seus peccados a outro homem. Mas d'aqui mesmo se vê quão admiravel e verdadeiramente estupenda foi a resolução de Agostinho no livro que escreveu de suas Confissões, e quão effizaz e superabundante foi o exemplo que deu com seus peccados para vencer a repugnancia, para animar o temor, e para facilitar o pejo natural, que a fraqueza humana tem de confessar os seus. Que um homem confesse e descubra seus peccados para alcançar o perdão delles, é comprar a graça de Deus por seu justo preço. Porém Agostinho que depois de ter sido peccador, se baptisou, sendo de idade de trinta e tres annos, não confessou publicamente seus peccados para se pôr em graça de Deus,

porque já a tinha, nem para alcançar o perdão delles, porque já estavam perdoados. Fallando S. Paulo deste perdão e desta graça, diz com David : *Beati quorum remissæ sunt iniquitates, et quorum tecta sunt peccata* : (Psal. XXXI — 1) Bemaventurados aquellos a quem estão perdoadas suas maldades, e que teem cobertos seus peccados. A intelligencia deste texto já em tempo de Santo Agostinho foi mui controversa entre catholicos e herejes, pela distincção que o apostolo faz entre peccados perdoados, e cobertos. Se peccados perdoados e cobertos são duas coisas distinctas, em que consiste o estarem perdoados : *Quorum remissæ sunt iniquitates* ? E em que consiste o estarem cubertos : *Quorum tecta sunt peccata* ? Deixadas muitas questões que aqui se envolvem, fallou o apostolo como divino theologo ; porque no perdão e absolvição dos peccados, concorrem duas coisas : a remissão da culpa (que por outros termos se chama condonação), e a infusão da graça : pela remissão da culpa ficam os peccados perdoados : *Remissæ sunt iniquitates* : pela infusão da graça ficam cobertos : *Tecta sunt peccata*. E que Agostinho tendo os seus peccados perdoados e cobertos, os torne a descobrir sem obrigação, nem necessidade, só para que os outros os não encubram ; julgae se foi grande exemplo, o que deu com seus peccados.

Mais. O preceito com que Deus manda ao christão que confesse todos seus peccados, sobre ser debaixo de inviolavel sigillo, é com tal cautela, e com tanta attenção ao credito do mesmo que os confessa, que a ninguem obriga que escreva seus peccados, ainda que por falta ou fraqueza de memoria os não houvesse de confessar todos. E o motivo desta limitação é o perigo que tem um papel de se perder casualmente, e passar a outras mãos. Porém Agostinho accrescentando exemplo sobre exemplo, não só sem temor, mas com desejo de que seus peccados andassem nas mãos e nos olhos de todos, por isso mesmo os escreveu. E como os escreveu ? Na lingua mais vulgar e geral do mundo, e não por cifras ou metaphora, mas estendida e declaradamente, e com a ponderação de todas as circumstancias delles, mais viva ainda que do seu intendimento ; porque era maior que o seu intendimento a sua dor, e igual á sua dor o seu zelo dos peccados alheios. Con-

siderae-me a David chorando e orando, e a Agostinho chorando e escrevendo : e vêde no mesmo caso, que differentes foram os affectos destas duas grandes almas. David vendo os seus peccados escriptos nos livros de Deus, pedia a Deus que os riscasse : *Dele iniquitatem meum* : (Psal. L — 3) e Agostinho sabendo que os seus peccados estavam já riscados nos livros de Deus pelo baptismo, escrevia-os de novo. Mas David pedia remedio para si, e Agostinho escrevia para remedio de todos. Christo para livrar uma peccadora, escreveu os peccados dos que a accusavam, e Agostinho para intender peccadores, accusou e escreveu, não os peccados de outros, senão os seus proprios : Christo escreveu-os na terra, onde facilmente se podiam apagar ; Agostinho escreveu-os nos seus livros, que foi mais que os entalhára em bronzes : Christo escreveu-os sem o nome dos que reprehendia ; e Agostinho debaixo do seu nome : Confissões dos peccados de Agostinho.

Mais ainda. O preceito da confissão obriga a que nos confessemos a outro homem, mas a um só. De sorte que se o confessor não intende a lingua do confessado, não é obrigado o confessado a se confessar por interprete, porque não passem seus peccados á noticia de dois homens. E quem poderá na consideração deste ponto, não digo exaggerar ou encarecer, mas explicar de algum modo sufficientemente aquella façanha mais que heroica, e aquella resolução superior a toda a capacidade humana, com que Agostinho confessou e manifestou seus peccados, não só a todos os homens da sua idade, mas a todos os que hoje somos, a todos os que foram de mil e duzentos annos a esta parte, e a todos os que serão até o fim do mundo ? Só no dia do juizo acho alguma similhaça a este acto, mas com grande differença. No dia do juizo a todos os homens hão de ser manifestos os peccados de cada um : será porém tal o horror que fará a cada um dos homens esta manifestação de seus peccados naquelle immenso theatro, onde se achará junto todo o mundo, que escolheram por partido antes o inferno, que aquella affronta tão publica. Assim o declarou Job, quando disse : *Quis mihi hoc tribuat, ut in inferno protegas me, et abscondas me, donec per transeat furor tuus* ? (Job. XIV — 13) E dá logo a razão, dizendo : *Tu quidem gressus meos dinume-*

rasti : signasti quasi in sacculo delicta mea. (Ibid.—16 e 17) Agora estão os processos cerrados, e os peccados occultos, depois hão se de abrir e manifestar todos. E esta manifestação publica (diz Job) será tão affrontosa, e de tanto horror, que cada um tomará antes, e pedirá por partido, que o escondam e amparem no inferno : *Ut in inferno protegas me, et abscondas me.* Notae muito a palavra *protegas*, que significa protecção, amparo, refugio : porque será tal a confusão e vergonha desta affronta, e tal a apprehensão e verdadeiro conhecimento della, que, comparada com o mesmo inferno, a affronta será o rigor, e o inferno o refugio : a affronta o tormento, e o inferno o amparo : a affronta o castigo, e o inferno a protecção : *Ut in inferno protegas me.* E se me perguntardes a razão deste que mais parece encarecimento que verdade ; a razão digo que é, porque no inferno padece cada um as suas penas, e no juiso hão de vêr todas as suas culpas. Tanto excede o mal da culpa, que hoje não conhecemos, a todo o mal da pena, ainda que seja eterno. E se ainda vos parece esta resposta encarecida, e não adequada, perguntae ao mesmo inferno, quantas almas estão ardendo nelle, só por não se atreverem a descobrir seus peccados ao confessor. Pois se ha homens que escolhem antes o inferno, que manifestar seus peccados a um homem ; que muito é que queiram antes padecer elles as suas penas no inferno, que conhecerem todos os seus peccados no dia do juiso ?

Ah Agostinho, que só a luz de vossos peccados, saindo vós á luz com elles, allumiou invencivelmente esta cegueira ; e só o livro das vossas Confissões a refutou, convenceu, e anniquilou mais que quanto se tem dito até hoje, nem se pôde dizer ou imaginar ! O mais forte argumento com que se desfaz a repugnancia de um homem se confessar a outro, é saber que esses mesmos peccados de que agora se peja que os oiça um homem, no dia do juiso os hão de vêr todos os homens ; mas porque o dia do juiso está longe, e a confissão perto, a grande força que tem conosco o presente, é a que pôde mais que este desengano. São pois Agostinho em sua vida com o livro de suas Confissões, e anticipando para si somente o dia do juiso, não só fez presente o juiso universal futuro ; mas sendo esse juiso pela manifestação publica dos pecca-

dos de maior horror e rigor que o mesmo inferno, elle fez outro juiso em si mais rigoroso que esse mesmo juiso. Dae-me attenção neste parallelo, e vêde como o juiso que fez de seus peccados Agostinho no livro de suas Confissões, é muito mais rigoroso do que ha de ser o juiso universal de Deus, e não por uma, senão sete circumstancias. Contae-as, se quizerdes.

O juiso universal ha de ser um só; e Agostinho fez que para si houvesse dois juisos universaes: um agora entre os vivos, e outro depois entre os resuscitados. O juiso universal ha de ser no fim do mundo, quando tudo se ha de acabar, e Agostinho fez o seu juiso no meio da duração do mundo, tantos seculos antes quantos já tem durado, e para quantos houvesse de durar d'alli em diante. O juiso universal ha se de fazer em um só dia, no qual se hão de lêr as culpas de todos; e Agostinho fez que o juiso das suas fosse de todos os dias, porque todos os dias se estão lendo, e hão de lêr as culpas de Agostinho. No juiso universal hão se de manifestar as más obras de cada um; mas tambem hão de apparecer igualmente as boas, para que as virtudes de uma parte se contrapezem com os peccados da outra; e Agostinho no seu juiso de tal maneira manifestou seus peccados, que sepultou em silencio as suas virtudes. No juiso universal se se publicam os peccados de uns, tambem se hão de publicar juntamente os peccados dos outros, e como cada um tem assaz que estranhar em si, nos excessos alheios ficarão desculpados os proprios; porém os peccados de Agostinho no seu juiso padecem a affronta da publicidade sem o allivio da companhia; porque são culpas publicadas em tempo em que as dos outros estão escondidas. No juiso universal hão de ser julgados por Deus; porém Agostinho no seu juiso expoz os seus peccados a ser julgados, não por Deus, senão pelos homens, cujo juiso, como tão temerario, é muito mais temeroso juiso. Finalmente, no juiso universal hão de apparecer as culpas escriptas fidelissimamente, sem passar por peccado o que não foi peccado, ou por grave o que foi leve; mas no juiso de Agostinho apparecem as suas culpas conforme o encarecimento da sua dôr, e talvez maiores e mais feias do que verdadeiramente foram; porque Deus nos seus livros escreve os peccados dos

homens como justo, e Agostinho no seu livro escreveu os seus como escrupuloso. Tão rigoroso foi o juizo que Agostinho fez de si na publicação de seus peccados, e tantas e tão notaveis as circumstancias com que excedeu os rigores do mesmo juizo de Deus quando ha de julgar o mundo: para que a repugnancia natural dos homens em descobrir seus peccados, á vista de um tal exemplo, mais se envergonhe de os encobrir, que de os confessar, e mais de escusar ou diminuir suas culpas, que de se accusar inteiramente dellas. E este foi o modo altissimo digno só de seu inventor, com que Agostinho das suas mesmas trevas, como dizia, fez luz, e dos seus mesmos peccados exemplo.

VI.

E ninguem me diga que os peccados não podem ser exemplo, argumentando que em qualquer modo que se considerem, sempre são peccados, porque os mesmos peccados conservando a substancia, podem mudar os accidentes, e como sacramentando-se de baixo delles, causar effeitos contrarios: *Si fuerint peccata vestra ut coccinum, quasi nix dealbabuntur*: (Isai. I — 18) Diz Deus pelo propheta Isaías: se os vossos peccados forem vermelhos como a grã, fazei o que vos eu mando, e serão brancos como a neve. Este texto tem dado grande trabalho aos expositores, e todos concordam em que fallou aqui o propheta pela figura que os rethoricos chamam metonymia, tomando a qualidade pela pessoa, e o peccado pelo peccador; porque o peccador pôde deixar de ser peccador e ser justo, e o peccado nunca pôde deixar de ser peccado. Mas deverão advertir que o propheta não falla da substancia do peccado, senão dos accidentes, quaes são as cores. Não diz que os peccados hão de deixar de ser peccados, senão que hão de mudar a côr, e que sendo ou tendo sido vermelhos como a grã, serão brancos como a neve: *Si fuerint peccata vestra ut coccinum, quasi nix dealbabuntur*. E mudando os mesmos peccados a côr, e vestindo-se de outros accidentes, bem podem ter de baixo delles contrarios effeitos, e necessariamente os hão de causar, quando forem vistos. Taes foram os peccados de Agosti-

nho. Em quanto commettidos tinham uma côr, e em quanto confessados, tiveram outra; e por isso em quanto commettidos, como elle mesmo diz, causavam escandalo; e em quanto confessados, causam exemplo. Fez Agostinho exemplo dos seus peccados, publicando-os, sendo que o effeito natural dos peccados publicos é causar escandalo, mas assim como o hypocrita escandaliza o mundo com a ostentação de virtudes, assim Agostinho edificou a egreja com a publicação de peccados.

Dê-me logo licença S. Gregorio para que eu diga com a mesma e maior razão de Agostinho, o que elle disse de Job: *Videatur vir iste cuiuslibet magnus in virtutibus suis, mihi certe sublimis apparet in peccatis suis*: Pareça embora a outros Agostinho grande nas suas virtudes, que a mim me parece maior nos seus peccados. Nas virtudes que exercitou e que retractou nos outros seus livros, foi Agostinho grande; mas no livro de suas Confissões, em que manifestou os seus peccados a todo o mundo, sem duvida foi muito maior. E se este livro se comparar com os outros seus, este foi a corôa de todos. O mesmo Job, que mereceu o elogio de S. Gregorio, só por não encobrir peccados, tendo feito um largo relatorio de suas virtudes, rematou-o confiadamente com esta conclusão: *Librum scribat ipse, qui judicat, ut in humero meo portem illum, et circumdem illum, quasi coronam mihi. Per singulos gradus meos pronunciabo illum, et quasi principi offeram eum*: (Job. XXXI — 35, 36 e 37) Escreva o justo Juiz todas as minhas acções em um livro, e eu o levarei ao hombro e o porei na cabeça como corôa, e lendo todos seus capitulos, o offerecerei a Deus como a principe, para que me despache por elle. Muito dizeis, Santo Job, e muito confiado fallaes, pois quereis que Deus como Juiz, e não vós, escreva o livro de vossas virtudes: e pois crêdes que será tão grande o livro, que o não podereis levar na mão, senão ao hombro; e pois o haveis de offerecer para ser despachado por elle, e antes do mesmo despacho já vos prometteis a corôa. Mas tudo isto que vós dizeis do livro de vossas virtudes, quem haverá que o não diga, com maior razão, do livro dos peccados de Agostinho? Elle o escreveu, e nelle seus peccados, quando já Deus os tinha riscado nos seus livros: elle o formou, e de ma-

teria tanto mais pezada, quanto vae de peccados que affrontam e humilham, a virtudes que honram, engrandecem e exaltam : e elle o offereceu a Deus, e aos olhos do mundo, não para despacho, senão para castigo, e como merecedor de inferno, e não da corôa, mas por isso, e por tudo, dignissimo della. Muitas cordas tem no céu Agostinho, mas esta a mais preciosa e resplandecente de todas. Job com as suas virtudes foi maravilhoso, porque nellas guardou o evangelho antes de haver evangelho, mas Agostinho com os seus peccados foi mais maravilhoso, porque nelles depois de haver evangelho, para mais e melhor o guardar, o ampliou. Só era obrigado pelo evangelho a resplandecer com obras boas, e elle resplandeceu e allumiou o mundo, até com peccados, o que não disse, nem manda o evangelho : *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.*

VII.

Do livro das Confissões de Agostinho passemos ao de suas Retractações, nada menos, antes mais nobremênte admiravel, quanto excede em nobreza o intendimento a vontade. Assim como é natural a todo o homem encobrir o seu peccado, assim é natural a todo o sabio sustentar e não se desdizer do seu erro, e tanto mais, quanto fôr mais sabio. O mais sabio espirito que Deus creou, foi Lucifer ; e é caso verdadeiramente estupendo, que uma creatura dotada de tão sublime intendimento, e allumiada de tão alta sabedoria, caisse em um erro tão crasso, tão manifesto e tão nescio, como cuidar, que podia ser semelhante a Deus, e dizer que o havia de ser : *Similis ero Altissimo.* (Isai. XIV — 14) Mas ainda esta não é a maior admiração. O que mais admira e faz pasmar, é, que nem no céu, onde errou, se quiz descer de tão errado pensamento ; nem no inferno, onde o está pagando, se quer desdizer ou arrepender delle. No céu entre o peccado e condemnação de Lucifer, é sentença muito conforme á piedade divina, que lhe deu Deus bastante espaço para se converter : e no inferno, é também theologia certa, que ainda tem liberdade para o fazer, se quizer. Pois como é possível, que coubesse e caiba em um inten-

dimento tão sabio querer antes cair do céu e arder no inferno, que desdizer-se do que uma vez disse, e persistir no mesmo erro por toda a eternidade? Se Lucifer soubera menos, elle reconhe-cêra o seu erro; mas a grande sciencia, que tanto o inchou para errar, essa mesma o obstinou para se não desdizer. É ponderação não menos que do propheta Ezechiel. Falla deste caso de Lucifer o propheta: considera no céu antes de cair, e no inferno depois de caído, e em um e outro logar lhe chama cherubim: *Et tu cherub, possui te in monte sancto Dei: perdidisti te, ò cherub, projecisti te in terram.* (Ezec. XXVIII — 14, 16 e 17) Lucifer é certo que não era cherubim, senão serafim, porque entre os anjos da primeira e suprema gerarchia, e entre os do primeiro e supremo coro, elle era o primeiro e o maior. Pois se era serafim, porque lhe chama o propheta, assim no céu como no inferno, não serafim, senão cherubim? Porque cherubim quer dizer sabio, e entre todos os espiritos angelicos os mais eminentes na sabedoria são os cherubins: e como a sabedoria foi a que inchou a Lucifer, para que rebentasse em um erro tão ignorante, e a mesma sabedoria a que o cegou e obstinou, para que se não retractasse delle; por isso lhe chama cherubim e sabio, e não serafim. No céu cherubim, porque sendo tão sabio errou no céu; e no inferno cherubim, porque por ser tão sabio, se não quer desdizer de seu erro, nem no inferno.

Quando Lucifer disse: *Similis ero Altissimo*: (Isai. XIV — 13 e 14) Serei semelhante a Deus: também disse: *In cælum conscendam*: Subirei ao céu. Donde argue excellentemente S. Jeronymo: *Vel antequam de cælo corruerit, ista dicebat, vel postquam corruit*: se isto disse Lucifer no céu, como diz: subirei ao céu: *in cælum conscendam*? E se diz, subirei ao céu, signal é que já estava caído e fóra delle? Tudo foi. No céu disse: *Similis ero Altissimo*; e por isso caiu: depois de caído também disse: *Similis ero Altissimo*: e o mesmo está dizendo e o dirá por toda a eternidade; porque esta é pertinacia e soberba de sua sciencia, dizer no céu e fóra do céu, dizer no céu e no inferno, o mesmo que uma vez disse, e não se desdizer, nem se retratar jámais. De sorte que é tal contumacia a do muito saber, uma vez que se chega a

usar mal delle, que antes querêra um sabio presumido cair do céu, que descer-se da sua opinião, e antes arder no inferno, que desdizer-se do que já tem dito. Se fôra verdadeira aquella imaginação de Origenes, o qual teve para si que as nossas almas eram anjos que andavam penando dentro nos nossos corpos, e pagando algumas culpas que tinham commettido; de muitos homens sabios que erraram, e nunca se quizeram retractar, dissera eu, que eram os anjos sequazes de Lucifer.

Tal foi o mesmo Origenes, tal Tertulliano, tal Apollinar, e outros famosissimos doutores em todo genero de erudição divina e humana, os quaes tendo sido insignes mestres da egreja, e ainda hoje allegados; por se não quererem retractar de alguns erros, em que como homens caíram, com perpetua dor da mesma egreja foram anathematisados e apartados della, podendo-se dizer com verdade de cada um, o que Felix imputava a S. Paulo: *Multas te litteræ ad insaniam convertunt.* (Act. XXVI — 24) Era Origenes tão zelador da religião e doutrina christã, que para a poder ensinar com maior liberdade a um e outro sexo, tomando materialmente aquella sentença de Christo: *Sunt eunuchi, qui se ipsos castraverunt propter regnum cælorum:* (Matth. XIX — 12) se martyrisou a si mesmo, e se desfez de homem. Era Tertulliano tão austero na vida e nos costumes, e tão propugnador das heroicas virtudes, como mostram seus mesmos erros, porque negou serem licitas aos christãos as segundas vodas, nem o fugir no tempo da perseguição, senão offerecer-se ao martyrio constantemente, nem serem outra vez admittidos á egreja os peccadores conhecidos, posto que penitentes. Era Apollinar não só tão eminente na sabedoria, que foi mestre nas escripturas sagradas do doutor Maximo na exposição dellas S. Jeronymo, mas de tão honestos e louvaveis procedimentos, que mereceu ser venerado, amado, e ainda defendido dos dois grandes lumes da egreja — Nazianzeno e Basilio — em quanto não foram manifestos seus erros. Mas sendo estes e outros insignes varões tão fortes domadores de outras paixões humanas, chegados ao ponto de se haver de retractar do que tinham ensinado, aqui fraqueou todo seu valor, aqui perdeu o passo toda a sua sabedoria, e aqui se cegaram e escure-

ceram de tal sorte aquelles grandes intendimentos, que antes quizeram perder a união da egreja, e com ella o unico fundamento da propria salvação, que desdizer-se do que tinham dito.

E como é tão natural aos homens doutos e sabios a pertinacia de persistir em seus erros, e o orgulho de os sustentar e defender a todo o risco; para allumiar esta segunda e maior cegueira, que não só perde a seus auctores, senão a muitos com elles, saíu Agostinho á luz com o livro de suas Retractações, em que confessou seus erros, e emendou suas ignorancias, dando confiança a todos os sabios e doutos (como mais sabio e douto que todos) a que nenhum se envergonhasse de ter errado, nem de confessar que errou, pois Agostinho o fazia tão declaradamente. Ou em seus sermões, que eram continuos, ou em varias disputas publicas (em alguma das quaes concorreram em Cartago duzentos e oitenta e seis bispos hereges) convenceu Agostinho com força e evidencia de seus argumentos muitos Donatistas, muitos Manicheos, muitos Pelagianos, que publicamente reconheceram e abjuraram seus erros; mas o argumento mais irrefragavel e sem resposta que confundiu a presumpção de todos, ainda dos mesmos que teimaram a se não desdizer, foi o livro de suas Retractações escripto e divulgado. Bem pudéra Agostinho retractar verbalmente desde a mesma cadeira em que ensinava e prégava, e não com pequena edificação de todos os doutores e mestres; mas quillo fazer e publica por escripto, porque a retractação do que se escreveu e saiu a publico, em homens de opinião, é muito mais difficil.

Presentado Christo ante Pilatos, ouviu elle as acousações; examinou as testemunhas, reconheceu o odio e inveja de inimigos, e pronunciou ao Senhor por innocente. Instando porém os accusadores: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsaris: omnis enim qui se regem facit, contradicit Cæsari*: (Joan. XIX — 12) que se absolvía aquelle réo, incorria em crime de leza magestade contra o Cesar, pois era contra a soberania do imperio consentir dentro nelle um homem que se chamava rei: pôde tanto com Pilatos o temor deste requerimento, e o respeito do nome e amizade do Cesar, que condemnou em Christo a innocencia, e crucificou com Christo a justiça. Crucificado em fim o Senhor, mandou fi-

xar na cruz, como era costame, a causa porque padecia, escripta com aquellas palavras: Jesus Nazareno Rei dos judeus: das quaes novamente escandalizados os accusadores, tornaram a replicar que as mandasse emendar, e que em logar de Rei dos judeus, dissesse: por se fazer Rei dos judeus. Porém Pilatos respondeu: *Quod scripsi, scripsi*: (Ibid. — 22) o que escrevi, escrevi: e de nenhum modo o puderam persuadir a que mudasse o que tinha escripto. O grande reparo que tem esta resposta, todos o estão vendo. Muito mais offendia Pilatos ao Cesar em dar a Christo o titulo de Rei, que em lhe não dar a morte, e muito mais se condemnava em lhe dar a morte, que se o livrasse della. Pois se Pilatos não repara em se condemnar a si e a Christo, por respeito de Cesar, porque não lhe tira o titulo de Rei por respeito do mesmo Cesar? Porque assim o tinha já escripto e publicado: *Quod scripsi, scripsi*. O que um homem de sciencia ou presumpção uma vez escreveu e publicou, não o torna a retractar por nenhum respeito. Condemnar a mesma innocencia, sal-o-ha, senão fôr recto, por um respeito humano; mas riscar o que uma vez escreveu, o está publico em seu nome, não o fará um sabio presumido por nenhum respeito deste mundo, nem ainda do outro. Ella é intoleravel cegueira do intendimento, intoleravel abuso da razão, e intoleravel injuria da justiça e da verdade, que aquillo que se não devia escrever, se haja de sustentar, só porque se escreveu, e que o ser escripto uma vez, seja consequencia de estar escripto sempre: *Quod scripsi, scripsi*. Mas esta sentença, como se fôra de melhor auctor, é a communmente de todos os que escrevem e publicam seus escriptos. Querem que os seus livros sejam como o livro da Predestinação, em que o que está escripto não pôde ser riscado: querem que os seus caracteres sejam como os dos sacramentos; que uma vez impressos, não se podem apagar: querem em fim, que o seu escrever seja prescrever: *Quod scripsi, scripsi*. Cento e dezoito livros temos de Santo Agostinho, exceptos os que não chegaram a nós; e quando elle pudêra assentar a penna, e consagral-a ao templo da sabedoria, como trophieu de todas as sciencias, entre os applausos do mundo e celebridade da fama, maior que a de todos os que escreveram; torna a tomar e apagar

de novo a penna : para que ? Para emendar em um livro todos os seus livros, para se retractar e desdizer de muitas coisas que nelles tinha dito, e para desenganar com o seu exemplo a todos os que tanto se enganam com os seus escriptos.

VIII.

A razão deste engano deu excellentemente Santo Ambrosio, a quem deve a egreja mais que a todos os doutores, porque lhe deve a Agostinho : *Unumquemque fallunt sua scripta, et auctorem prætereunt : atque ut filii etiam deformes delectant parentes, sic etiam scriptores indecores quoque sermones palpant*. A todos os auctores, diz Ambrosio, enganam os seus escriptos, e ainda que tenham erros, só elles os não vêem. E a razão desta cegueira é porque são partos do seu intendmento. E assim como os filhos, posto que sejam feios, agradam a seus paes, e lhes parecem formosos, assim os escriptos de cada um, por imperfeitos, errados, e mal compostos que sejam, naturalmente lisongeam a seus auctores, e lhes parecem bem, porque se parecem com elles. Isto disse e ensinou Santo Ambrosio, dignissimo mestre de Agostinho : e sendo tão verdadeira esta doutrina, e tão universal a razão ou sem-razão della em todos os homens, só em Agostinho se não verificou. Lá disse Elifaz, o mais sabio dos tres amigos de Job, que a justiça de Deus, e a perspicacia dos olhos divinos é tão pura, que até nos seus anjos achou imperfeição : *In angelis suis reperit pravitatem*. (Job. IV — 18) E não está o encarecimento em dizer que achou imperfeição nos anjos, sendo anjos, senão em que achou imperfeição nos anjos sendo seus : *In angelis suis*. Se os olhos de Deus fossem como os dos homens, ainda que os anjos o não foram, bastava que fossem seus, para que lhe parecessem anjos. Angelicas são todas as obras e escriptos de Agostinho ; mas os seus olhos tiveram tanto da perspicacia divina, que com serem angelicos e seus, achou nelles imperfeição e erros : *In angelis suis reperit pravitatem*. Não o lisongeou serem partos da sua alma, e filhos do seu intendmento, para que se enganasse com elles.

Agora se entenderá o proprio e cabal fundamento, porque en-

tre os quatro animaes enigmaticos do carro de Ezechiel, em que foram significados os quatro doutores da egreja, Agostinho é a aguia. Por ventura, porque tendo todos azas e penas, Agostinho com as suas voou mais alto que todos? Seja embora; mas outro mais profundo mysterio se encerra na similhança. A aguia, como diz Aristoteles, e se sabe vulgarmente, depois que lhe nascem os filhos, e lhes dá a primeira creação indistinctamente, tira-os do ninho, suspende-os nas unhas, e examina-os um por um aos raios do sol: se olham de fito em fito para o sol sem pestanejar, reconhece-os e conserva-os como filhos proprios; mas se fecham ou afastam os olhos, e não soffrem toda a luz, repudia-os, e lança-os de si como adulterinos. Assim fez a nossa aguia com todos os seus livros, com todas as suas resoluções, e com todos os seus ditos e pensamentos. Examinou-os aos raios do sol da verdade severissimamente: dos que achou conformes, firmes, e constantes, reconheceu-os por proprios; aquelles porém, em que descobriu alguma fraqueza, ou menos conformidades, retractou-os, e condemnou-os como não seus. O dito bastava para a propriedade deste segundo e maior mysterio. Mas eu passo adiante, e pergunto: No exame e prova que faz de seus filhos a aguia, quaes ficam mais examinados, e mais qualificados, os olhos da mãe, ou os olhos dos filhos? Não ha duvida, que os olhos da mãe; porque os olhos dos filhos não se cegaram com o sol, os olhos da mãe não se cegaram com os filhos. Não se cegarem os filhos com o sol, isso é serem aguias; mas não se cegar a aguia com os filhos, isso é ser mãe sem amor de mãe. Tal Agostinho com os seus livros. Eram partos do seu juizo, eram filhos do seu intendimento; mas examinou-os com tal rigor, e sentenciou-os com tal justiça, como se não foram filhos. Ou os amava Agostinho, ou não os amava: se os não amava sendo filhos seus, que fineza! E se os amava, e os tractou e retractou assim, que maravilha!

Não ha amor que mais facilmente perdoe, e mais benignamente interprete e dissimule defeitos, que o amor de pae. Grandes defeitos foram os do filho prodigo, e tão grandes, que elle mesmo reconhecia que era indigno de ser chamado filho de tal pae: *Pater, non sum dignus vocari filius tuus*: (Luc. XV — 21)

mas o pae nem por isso o desconheceu de filho, ou o lançou de si, antes o abraçou apertadissimamente, e o seu primeiro cuidado foi cubri-lo e vestil-o e enfeitá-lo com as méhiores e mais vistosas galas: *Citò proferte stolam primam.* (Ibid. — 22) Isto é o que fazem todos os escriptores, severissimos com os defeitos alheios, e benignissimos com os proprios, como paes emfim. Mas não assim Agostinho, posto que o podéra fazer melhor que todos. Ainda que alguns ditos ou escriptos seus tivessem taes defeitos que não fossem dignos de se chamar filhos de tal pae, bem podéra elle abraçá-los e não os lançar de si, e cobri-los com taes interpretações e vestil-los com taes cores e figuras de sua divina rethorica, que não só parecessem seus, mas tivessem muito que invejar, como logo foi invejado o prodigo. Porém elle tão fóra esteve de os cobrir, que os manifestou; tão fóra de os enfeitar, que os afeiou mais; e tão fóra de os vestir, dissimular ou disfarçar com outros trajos, que despido de todo o affecto e amor de pae, os condemnou, como severissimo juiz, e lhes não perdoou, como cruel inimigo.

David, sendo tão enormes os erros de seu filho Absalão, e elle tão incapaz de perdão ou desculpa, lá lhe buscou e achou na idade um motivo com que o escusar e salvar: *Servate mihi puerum Absalom.* (2. Reg. XVIII — 5) Pois se Joab lhe não perdoou, e todo o reino então, e hoje todo o mundo o condemna, como lhe perdoa só David e o quer salvar? Porque era pae, diz Santo Ambrosio. E esta é a unica e verdadeira razão. Não ha opinião tão errada, não ha proposição tão temeraria e tão impia, como Absalão, que seus auctores, como paes, não queiram salvar, escusar e defender; porque, ainda que partos tão monstruosos, são partos do proprio intendmento. Os de Agostinho não eram deste genero, mas de tão facil interpretação e escusa, que muitos ainda depois de reprovados por elle, por sua natural gentileza, como a de Absalão, são vistos com admiração e recebidos com applauso. Era porém tal o amor da verdade, e tal a inteireza do juizo de Agostinho, que sendo tão dignos de perdão, e elle pae, não lhes perdoou.

A maior coisa que fizeram os homens por Deus; foi o sacrificio de Abrahão, e a maior que fez Deus pelos homens, foi a encarnação e morte de Christo, em que tambem o sacrificou. E

para encarecer a escriptura estas duas acções, os termos de que usou em uma e outra, é que nem Abrahão perdoou a seu filho, nem Deus ao seu: *Qui fecisti rem hanc, et non pepercisti unigenito filio tuo propter me*: (Genes. XXII — 16) diz Deus fallando de Abrahão; e São Paulo fallando de Deus: *Proprio Filio suo non pepercit, sed pro nobis tradidit illum*. (Rom. VIII — 32) Tão grande façanha e fineza é chegar um pae a não perdoar a seu filho, como não perdoou Agostinho aos de que era pae. Mas com qual destes dois sacrificios se pareceu mais o de Agostinho, com o de Abrahão quando não perdoou a seu filho, ou com o do Eterno Padre, quando não perdoou ao seu? No sacrificio de Abrahão foi figurado o do Eterno Padre. E se fizermos comparação entre um e outro, não de Deus a homem (que não póde ser) senão precisamente de pae a pae; não ha duvida, que ainda assim foi maior sacrificio o do Eterno Padre, que o de Abrahão; porque o filho a que não perdoou Abrahão, era filho da sua carne, e o Filho a que não perdoou o Eterno Padre, era Filho do seu intendmento: e sacrificar os filhos do intendmento, é tanto maior acção, quanto vae do espirito á carne, e da alma ao corpo. Logo muito mais parecido foi o sacrificio de Agostinho ao do Eterno Padre, e muito mais nobre que o de Abrahão, porque os filhos a quem não perdoou Agostinho, eram partos da sua alma, e filhos de seu intendimento. O Filho de Deus é concebido e gerado por intendimento, e por isso se chama Verbo, e Palavra do Padre: e este mesmo é o nome e esta a geração dos filhos a que Agostinho não perdoou: *Propius filiis suis non pepercit*.

IX.

Se lermos o livro das Retractações de Agostinho, acharemos que o que elle chama erros e ignorancias, algumas erem já impugnadas por outros, e as mais descobertas e emendadas pelo mesmo Agostinho. E certo que não sei em quaes dellas se mostrou o seu intendimento e juizo mais admiravel, se em não do-fender as primeiras, ou em estudar, cavar e descobrir as segundas. Verdadeiramente era coisa notavel e digna de toda a mara-

vilha, depois que Santo Agostinho saiu a luz com suas obras, vêr que todo o mundo estudava pelos livros de Agostinho, e o mesmo Agostinho também. Mas o fim de um e outro estudo ainda accrescenta mais a admiração; porque os outros estudavam por Agostinho, para aprender e lograr os thesouros de sabedoria, e Agostinho estudava por Agostinho, para aprender os seus erros e os condemnar. No capitulo primeiro do Ecclesiastes diz Salomão, que foi mais sabio que todos os seus antecessores: *Præcessi omnes sapientia, qui fuerunt ante me in Jerusalem*: (Eccl. I — 16) e fallou muito modestamente, porque do terceiro livro dos Reis consta que Salomão não só foi mais sabio que todos os que tinham sido antes, senão que todos os que foram e haviam de ser depois: *Dedi tibi cor sapiens, ut nullus ante te similis tui fuerit, nec post te surrecturus sit*: (3. Reg. III — 12) e depois de dizer isto Salomão, accrescenta, que não só se applicou a saber as sciencias, senão também os erros e as ignorancias: *Dedique cor meum ut scirem prudentiam, atque doctrinam, erroresque, et stultitiam*, (Eccl. I — 17) Não reparo em que Salomão tendo as sciencias infusas, ou infundidas por Deus, se applicasse ainda a sabel-as, porque isto se ha de intender das mesmas sciencias, em quanto practicas e experimentaes. O que reparo e parece trabalho escusado e superfluo, é que um homem tão sabio se applique a estudar e saber os erros e as ignorancias: *Erroresque, et stultitiam*. Os erros e as ignorancias, é certo que são muitos mais que as sciencias, porque para saber e acertar, não ha mais que um caminho, e para errar, infinitos. Mas esses mesmos caminhos errados e de errar, esses mesmos erros e ignorancias, para que as estuda e quer saber Salomão? Não lhe bastavam as sciencias e tão consnadas sciencias? Não. Porque a Salomão fel-o Deus o maior doutor da egreja antiga: e não só lhe era necessario saber as sciencias, senão também os erros e as ignorancias: as sciencias para ensinar a saber, os erros para ensinar a não errar: as sciencias para as provar e estabelecer, os erros para os refutar e confundir. E isto é o que Salomão fez em todo aquelle admiravel livro, o qual intitulou Ecclesiastes, que quer dizer — o doutor.

Assim como Deus em Salomão fez um Agostinho da egreja an-

tiga, assim em Agostinho fez outro Salomão da igreja nova : e daquelle coração que Agostinho tem na mão, se pôde dizer sem encarecimento depois dos apóstolos : *Dedi tibi cor sapiens, ut nullus ante te similis tui fuerit, nec post te surrecturus sit.* Ambos estes Salomões depois de tantos thesouros de profunda sabedoria, estudaram os erros e as ignorancias : usando das sciencias para ensinar a saber, e dos erros e ignorancias para ensinar a não errar. Mas Salomão estudava os erros e ignorancias nos livros alheios para os confundir e emendar nos outros : e Agostinho estudava-os nos livros proprios para os confundir e emendar em si. A sciencia dos erros alheios é facil, se se examinam sem odio, nem interesse ; a dos erros proprios é muito difficil, porque sempre os julgamos subornados do proprio amor. Os alheios conhecemol-os com o juizo livre, os proprios com o entendimento captivo : os alheios vemol-os como juizes, os proprios como namorados. Mais maravilhosa foi logo em Agostinho que em Salomão a sciencia que ambos tiveram de erros e ignorancias, e mais maravilhoso o mesmo Agostinho na luz e conhecimento com que retractou as suas, que nos argumentos invenciveis com que confundiu as alheias. Que ignorancias, que erros, que heresias houve não só antes e no tempo de Agostinho, seão ainda nos tempos futuros e nestes nossos, que se não confutem e convençam com a doutrina e livros de Agostinho ? Mas o livro de suas Retractações é o que vence e triumpha de todos os mais, posto que sempre vencedores. Nos outros livros vemos em campo pela fé e pela verdade Agostinho contra Fortunato, Agostinho contra Fausto, Agostinho contra Arrio, Agostinho contra Pelagio, Agostinho contra Donato, Agostinho contra Juliano ; mas no livro das Retractações, Agostinho contra Agostinho. Esta foi a mais forte batalha, e esta a maior victoria de Agostinho ; porque vencedor e victorioso de todos, não tendo já a quem vencer, se venceu a si mesmo. Dos quatro animaes do carro de Ezechiel, diz o texto sagrado, que tendo todos quatro azas, a aguia voava sobre todos quatro : *Desuper ipsorum quatuor.* (Ezec. I — 10) Pois se a aguia era um dos quatro, como voava sobre todos quatro ? Se dissera que voava sobre os outros tres, bem estava ; mas sobre todos quatro, sendo um delles ? Sim ;

porque a aguia (como já dissemos) era Agostinho, e Agostinho nos outros seus livros voou sobre os tres doutores da egreja ; mas no livro das suas Retractações voou sobre todos quatro, porque voou sobre si mesmo.

E se me perguntardes como se enganou Agostinho com os que elle chama erros e ignorancias ; quando os escreveu e como se desenganou depois, quando os retractou ? Respondo, que se enganou antes ; porque as suas ignorancias eram taes que pareciam sciencias, e os seus erros taes que pareciam verdade : e desenganou-se depois, porque a luz com que os tornou a vêr era muito maior e mais clara que a luz com que os tinha escripto. Um só lugar da escriptura nos dirá uma e outra coisa. Caso foi notavel e digno de toda a admiração, que na noite das vodas em que Labão introduziu a Lia em lugar de Rachel, Jacob se enganasse de maneira, que cuidasse e se persuadissemos que verdadeiramente era Rachel, e não se desenganasse, nem conhecesse que era Lia, senão quando amanheceu. Jacob não viu a Lia quando a recebeu ? Sim ; pois como não conheceu então que era Rachel, assim como o conheceu depois quando amanheceu ? Porque de noite viu-a á luz da candêa, de dia viu-a á luz do sol. Lia e Rachel como eram irmãs, eram muito parecidas uma com a outra, tanto assim que só nos olhos, como nota a escriptura, tinham a differença e para distinguir coisas muito parecidas (e mais onde entra amor) se a luz não é muito grande, facilmente se padece engano. O mesmo aconteceu a Agostinho. A verdade e a similitude della, são duas irmãs tão parecidas como Rachel e Lia ; por isso o verisimil facilmente parece verdadeiro, e o verdadeiro, se não é verisimil parece falso. E como as ignorancias de Agostinho eram tão verisimeis que pareciam sciencia, e os erros tão verisimeis que pareciam verdade, não é muito que Agostinho com menos luz se enganasse com os seus erros e ignorancias, e que depois que chegou ao summo da luz, então as reconhecesse e retractasse.

X.

Não é muito, disse, e não disse bem ; porque ainda que não foi muito reconhecer Agostinho os erros que elle só descobriu de si para comsigo ; reconhecer porém e retractar aquelles em que

era censurado de outros, e não os defender, foi o ponto mais heroico de suas retractações. No erro secreto em que se não perde a honra, facilmente se sujeita a propria opinião á verdade; mas no publico e censurado, em que a honra se perde, ou ella defende o erro, ou o erro a defende a ella contra a mesma verdade conhecida. O mesmo Santo Agostinho o intendeu e julgou assim em caso não seu. No preceito da correcção fraterna manda Christo que a correcção se faça com tal segredo, que fique entre o que reprehende e o reprehendido sómente: *Corripe eum inter te, et ipsum solum.* (Matt. XVIII — 15) E porque razão com tanto segredo, que não só não passe a publico, mas nem ainda a terceiro: Santo Agostinho: *Corripe inter te, et ipsum solum, intendens correctioni, parcens pudori: forte enim prae verecundia incipit defendere peccatum suum, et quemvis correctionem, facit peiorem.* Mandar Christo que a correcção se faça com tal segredo que fique entre o reprehendido sómente, foi attender na correcção á emenda, e no segredo á honra do reprehendido; porque perdida a honra, como seria se o erro se publicasse, em lugar de se conseguir a emenda, se seguiria naturalmente a contumacia; e o reprehendido vendo-se affrontado, tão fóra estaria de admitir a correcção, que antes se poria em campo para defender o erro. Isto é o que dita em todos os homens a natureza, e esta foi a maior victoria que della alcançou Agostinho, como mais que homem. Vendo-se censurado publicamente de seus emulos, e notados por elles alguns erros em seus escriptos, tão longe esteve de tomar as armas contra os censuradores, que em tudo o que tinham razão se poz da parte delles contra si mesmo, e assim como elles o censuravam, elle se censurou tambem e se retractou. Se Agostinho neste caso se defendera fortissimamente, não era para mim argumento, nem de grande sabedoria, nem de grande intendimento. O animal de Balam, offendido, teve lingua para responder, e razões para impugnar e convencer um propheta. Porém que offendido e censurado Agostinho por seus emulos, lhes ache razão, se ponha da sua parte, e se retracte do que tinha escripto, podendo mais com elle o credito da verdade, que o seu, este foi o *non plus ultra* a que só podia chegar a magnanimidade daquelle coração.

Exhortando São Paulo a si e a todos os varões apostolicos, a que se portem como ministros de Deus: *Exhibeamus nos metipsos sicut Dei ministros*; (2. Cor. VI — 4) e contando entre as virtudes que devem ter, a verdade, a sciencia, e, junto com a sciencia, a longanimidade: *In scientia, in longanimitate, in verbo veritatis*: (Ibid. — 6 e 7) accrescenta como se hão de haver nas batalhas, com estas palavras: *Per arma justitiæ à dextris, et à sinistris, per gloriam, et ignobilitatem, per infamiam, et bonam famam*: (Ibid. VII — 7 e 8) haveis de menear, diz, as armas da justiça á mão direita e á esquerda, e tanto haveis de estimar a honra como o descredito, e a fama como a infamia. As armas da mão direita e esquerda são a espada e o escudo: o escudo para defender e rebater os golpes do inimigo, a espada para o offender e ferir. Mas qual é a razão ou o mysterio com que exhorta e ensina São Paulo, que esta espada da mão direita, e este escudo da esquerda hão de ser armas de justiça: *Per arma justitiæ à dextris, et à sinistris*? Bem disse Filo Hebreu, que as acções dos patriarchas são os melhores commentarios da escriptura. Em nenhum commentador achei este reparo do texto, nem a declaração d'elle; mas na acção que vou ponderando de Agostinho, sim, e divinamente explicado. A espada e escudo de Agostinho, foram as armas mais finas e mais fortes; mas a maior excellencia que tiveram, foi serem sempre armas de justiça, ainda contra si mesmo. Se os inimigos lhe faziam guerra injusta, de tal sorte se defendia com o escudo, que ninguem o podia penetrar, e com tal força feria e offendia com a espada, que ninguem a podia resistir. Mas se acaso os mesmos inimigos lhe faziam guerra justa, como no caso em que estamos, era tal a justiça das armas de Agostinho: *Per arma justitiæ*, que não só as abatia e rendia á verdade, mas passando-se á parte dos contrarios, as voltava contra si mesmo, e elle se impugnava, elle se convencia, elle se retractava. E isto é o que fez no livro mais que humano e verdadeiramente miraculoso de suas Retractações.

Quasi estou arrependido de ter applicado ao livro das Confissões aquelle famoso livro de Job, com que elle se queria coroar, e presental-o a Deus, para que por elle o premiasse; porque ao

livro das Retractações de Agostinho, só por esta ultima circumstancia, parece que é devido ser a coroa de todos. Mas a razão e palavras de São Paulo igualmente se verificam em um e outro livro. Concluamos pois que Agostinho, sobre a laurea de doutor da egreja teve duas coroas, ambas primeiras, uma de doutor confitente pelo livro de suas Confissões, em que dos seus peccados fez exemplo; e outra de doutor revogante pelo livro das suas Retractações em que dos seus erros fez doutrina. A razão e palavras de São Paulo, que ainda não ponderámos, são aquellas : *Per gloriam, et ignobilitatem : per infamiam, et bonam famam*. Quer o apostolo, que os ministros de Christo procurem a gloria de seu Senhor, sem respeito nem attenção á sua propria, ou seja com honra ou com descredito, ou seja com fama ou com infamia. E em ser de um modo ou de outro, não só ha grande differença, mas grande excesso de perfeição. Procurar a gloria e honra de Deus, quando a sua gloria e honra se ajunta com a nossa : *Per gloriam, et bonam famam*, é coisa muito facil; porém procurar a gloria de Deus, quando a sua gloria se ajunta com o nosso descredito : *Per ignobilitatem*; e procurar a honra de Deus, quando a sua honra se ajunta com a nossa affronta : *Per infamiam*; aqui esta o ponto da difficuldade invencivel ás forças da natureza, e aqui se apuraram as duas façanhas, ambas prodigiosas, com que Agostinho em um e outro seu livro amplificou gloriosamente o evangelho de Christo. O que Christo manda no evangelho, como vimos, é que os prelados da sua egreja allumeem com luz de doutrina, e resplandeçam com exemplo de boas obras : *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona*: e posto que o mesmo Senhor juntamente ensina, que o fim da doutrina e do exemplo ha de ser a gloria de Deus, e não a propria : *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est*: estas duas operações são de si mesmas tão luzidas e gloriosas, que ainda que sejam feitas só pela gloria de Deus, sempre vae junta com ellas a gloria humana. Nos peccados e nos erros é o contrario. Porque os peccados, posto que publicados para exemplo, sempre affrontam, e os erros, posto que confessados para doutrina, sempre desacreditam : e comprar a gloria e honra de Deus á custa da pro-

pria affronta e do proprio descredito : *Per ignobililatem et in famiam* : só o inventou o intendimento de Agostinho, se só o coração de Agostinho teve valor para o executar.

Se elle não podéra conquistar a gloria de Deus senão por dois meios tão encontrados com a propria, ainda era muito heroica fineza : mas o que mais a afina e sobe do ponto, é que tendo justissimas razões Agostinho como prelado para encobrir os peccados, e como doutor para dissimular os erros ; quiz antes publicar uns e outros com tão custosa resolução, só para assim, e de todos os modos amplificar mais a mesma gloria de Deus. Convenido diante de Josué um soldado nobre chamado Achan, de que tinha escondido um capa de grã e uma lingua de ouro nos despojos de Jericó, consagrados todos a Deus, e exhortando-o o mesmo Josué a que confessasse o grande erro e culpa que tinha commettido, disse-lhe assim : *Fili mi, da gloriam Domino et confitere* : (Josué VII — 19) filho meu, dá gloria a Deus e confessa. Não só lhe disse que confessasse, senão que desse gloria a Deus ; porque entre os actos de virtude e valor que um homem pôde fazer, nenhum ha por sua natural difficuldade, que tanto glorifique a Deus como a confissão dos proprios erros e peccados, e mais se é publica como esta era. A Agostinho disse-lhe Christo : *Da gloriam Domino* ; mas não lhe disse : *confitere* ; disse-lhe que desse gloria a Deus : *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est* ; mas não lhe disse que confessasse publicamente seus erros e seus peccados, senão pelo contrario, que publicamente resplandecesse com luz de doutrina e boas obras : *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona*. E tendo Agostinho este dobrado motivo, em quanto prelado, para não confessar peccados, e em quanto doutor para não confessar erros ; quiz comtudo confessar publicamente uns e outros, para com uns e outros dar dobrada gloria a Deus : *Da gloriam Domino, et confitere*. Considero eu a Agostinho neste caso com os mesmos despojos do soldado de Josué, capa de grã, e lingua de oiro : tinha muito boa capa e de muito boa côr, para cobrir com ella seus peccados, considerando que era prelado : e tinha muito boa lingua e de muito bom metal, para doirar com ella seus erros, considerando que era

doutor ; mas em quanto prelado, não só quiz dar exemplo com suas virtudes, senão também com seus peccados, confessando-os : e em quanto doutor não só quiz dar doutrina com a sua sciencia senão também com os seus erros e ignorancias, retractando-as : para de todos os modos amplificar mais e mais a gloria de Deus : *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est.*

XI.

Temos desfeita, se me não engano, a implicação de Agostinho com o evangelho, e mostrado o mesmo evangelho alta e grandiosamente amplificado por Agostinho, assim no livro de suas Confissões, como no de suas Retractações. Resta só para complemento da materia combinar um livro com outro, e postos ambos em balança, vêr qual peza mais. Em ambos se mostrou grande Agostinho ; mas em qual maior ? Respondo, que maior em ambos diversamente considerado. Considerado Agostinho como santo, é maior no livro de suas Confissões, porque publicou nelle seus peccados : e considerado o mesmo Agostinho como homem, é maior no livro de suas Retractações, porque publicou nelle suas ignorancias.

Pedindo David perdão a Deus dos peccados de sua mocidade (quæes foram também os de Agostinho) compoz a sua oração nesta fôrma : *Delicta juventutis meæ, et ignorantias meas ne memineris Domine :* (Psal. XXIV — 7) esquecei-vos, Senhor, dos meus peccados, e não vos lembreis de minhas ignorancias. Estas, que no segundo lugar chama David ignorancias, são as mesmas que no primeiro chama peccados : e a razão de chamar ignorancias aos peccados, é porque queria livrar e desculpar os peccados com o nome de ignorancias ; mas parece que não havia de ser, nem dizer assim. As ignorancias são defeitos do intendmento, os peccados defeitos da vontade ; e havendo de desculpar um defeito com outro defeito, parece que o havia de carregar antes sobre a potencia menos nobre, que é a vontade, e não sobre a mais nobre, que é o intendmento. Assim o havia de fazer David, se fallára e intendêra como homem ; mas fallava e intendia como santo. Os santos como conhecem a graveza e malicia do peccado, e quanto mais feios são os defeitos da vontade, que os do intendmento,

mais se pejam de ser máus, que de ser mal entendidos; e antes querem parecer ignorantes, que peccadores. Por isso David, como santo, confessando os peccados por delictos, allega as ignorancias por desculpas: *Delicta juventutis meæ, et ignorantias meas.*

A razão desta differença, é porque a ignorancia oppõe-se á sciencia, e o peccado á virtude: e quem é verdadeiramente santo, muito mais estima a virtude, do que se presa da sciencia. Veio a Magdalena buscar a Christo em casa do phariseu, e para demonstração de quão trocado estava o seu amor, quebrou o alabastro, derramou os unguentos, beijou os pés ao Senhor, regou-os com lagrimas, e enxugou-os com seus cabellos. Estranhando porém o phariseu que Christo admittisse semelhantes obsequios de uma tal mulher, disse assim consigo: *Hic si esset propheta, sciret quæ, et qualis est mulier, quæ tangit eum.* (Luc. VII — 39) Este se fosse propheta, havia de saber quem e qual é a mulher cujas mãos, cujos olhos, cuja boca e cabellos, consente que lhe toquem os pés. Suppostos os obsequios da Magdalena, a permissão de Christo, e a malicia do phariseu, parece que mais á mão estava duvidar elle da virtude do Senhor, que da sua sciencia: pois porque lhe duvida a sciencia, e não a virtude: *Hic si esset propheta, sciret?* Porque desta vez os pensamentos do murmurador estavam no arbitrio do murmurado. O mesmo Christo que admittiu os obsequios da Magdalena, permittiu os pensamentos do phariseu. Mas permittiu-lhe que julgasse mal de sua sabedoria, e não que tivesse máu conceito de sua virtude. Da minha sabedoria cuide o phariseu o que quizer, e digu embora que ha em mim ignorancia: *Si esset propheta, sciret*: mas duvidar da minha virtude, e da minha pureza, e cuidar elle ou alguem que em mim ha ou póde haver peccado; isso não o permite o Santo dos Santos. E como é proprio da santidade estimar mais o conceito da virtude, que o da sciencia, e soffrer antes contra si a opinião da ignorancia, que a do peccado; muito mais fez Agostinho em quanto santo, no livro de suas Confissões, em publicar seus peccados, que no livro de suas Retractações em confessar suas ignorancias.

Em quanto homem não foi assim. Muito mais fez Agostinho

em quanto homem na confissão de suas ignorancias, que na publicação de seus peccados. Peccou o primeiro homem, porque quiz ser como Deus, e é muito de reparar, que sendo os attributos de Deus tantos e tão excellentes, entre todos escolhesse o demonio para tentar o homem o attributo da sabedoria: *Eritis sicut Dii scientes bonum, et malum.* (Genes. III — 5) Eu bem sei que tem Deus muitos attributos que não são accommodados para fazer tentação. Deus é infinita bondade, e ninguem se tenta de ser bom: Deus é eterno, e os homens de nada tractam menos que da eternidade: Deus é invisivel, e o que todos appetecem, é apparecer, e ser vistos. Comtudo, outros attributos tem Deus que podiam fazer grande tentação ao homem. Todo o homem deseja ser, deseja ter, deseja poder. Se deseja ser; porque o não tentou o demonio com o attributo da immensidade e grandeza? Se deseja ter; porque o não tentou com o dominio e senhorio universal de todas as coisas? Se deseja poder; porque o não tentou com a omnipotencia? Mas que deixados todos estes attributos, só com o da sabedoria tentasse o demonio ao homem? Sim. Porque o demonio, como discreto, armou a tentação ao homem conforme o conhecimento que tinha de sua natureza, e para onde o viu mais inclinado, para alli intendeu que cairia. Fez o demonio este argumento: O homem não o hei de render eu, senão o seu desejo; e desejo mais natural ao homem, é o de saber; logo se lhe prometto sabedoria, rendido o tenho; e assim foi. Porém o homem naquelle estado é certo que tinha sciencia infusa: pois se tinha tanta sciencia, como peccou, e se tentou por saber? Porque ainda que tinha muita sciencia, não tinha toda, e esta é a que o demonio lhe prometteu: *Eritis sicut Dii scientes bonum et malum*: tereis a sciencia de tudo como Deus: e como o homem com a sciencia que tinha, ignorava tudo o mais que Deus sabe; antes quiz commetter o peccado, que padecer esta ignorancia. Não teve paciencia nem confiança Adão para saber menos, e por isso quiz antes saber mais com peccado, que saber menos sem peccado.

Já aqui ficava bem provado o que queremos dizer de Agostinho, mas ainda temos outro lugar do Testamento Novo menos

subido, e pôde ser que não ponderado, com que mais se encarece esta verdade. Condemna Christo as injurias com que os homens se affrontam de palavra, assignalando tambem o castigo que cada um merece, e como Soberano Legislador manda assim: *Qui dixerit fratri suo Raca, reus erit concilio: qui autem dixerit fatue, reus erit gehennæ ignis:* (Matth. V — 22) o homem que chamar a outro *Raca* tenha pena arbitraria; porém o que lhe chamar *fatue*, seja queimado em uma fornalha. A palavra *fatue* todos sabem que significa nescio e ignorante: a outra, que é arábica, quer dizer impio, ou mais propriamente, blasphemo. Quem haverá, pois, que não julgue, ou ao menos lhe não venha ao pensamento, que nestes dois casos tão diversos, se não mede bem a pena com a culpa? O ser nescio e ignorante, é um defeito natural; o ser impio e blasphemo, é peccado gravissimo: como logo se dá pena arbitraria ao que chama impio, e ao que chama ignorante, pena de fogo? Porque ainda que o ser impio para com Deus é maior peccado, o ser ignorante para com os homens é maior injuria. A injuria ou contumelia mede-se neste caso pelo sentimento e affronta que o homem recebe, e nenhum ha que não sinta e se affronte mais de ser motejado de ignorante, que de ser notado de máu. E como este é o commum conceito e estimação dos homens, ter por menor injuria o peccado que a ignorancia; muito mais fez Agostinho em quanto homem no livro de suas Retractações, em confessar suas ignorancias, que no livro de suas Confissões em publicar seus peccados.

XII.

Tenho acabado o meu discurso, e já que não pude louvar como devêra a meu Santo Agostinho (a quem tenho tomado diante de Deus por muito particular patrono) ao menos o não quizera desagradar em não fechar o sermão com um ponto da sua doutrina. Aos que fazem o que fez em quanto santo, não é necessario; aos que não fazem o que fez em quanto homem, sim; e não será pouco util aos visinhos do bairro.

Quantos julgadores ha, que, ou no voto, ou na tenção, ou na

sentença reputam por descredito o retractar-se, e seguindo o dictame ou seita de Pilatos, teem por timbre o dizer : *Quod scripsi, scripsi*. E tambem pôde ser que haja algum, o qual sem reparar em que se condemna, não se retractando, ou pela inveja de que outro votou melhor, ou pela soberba de não confessar que errou, não tema acompanhar a Lucifer no castigo, como o imita na contumacia. O retractar-se não é argumento de não saber; mas de saber que muitas vezes pôde acertar o menos douto no que o mais letrado não advertiu. Que comparação tinha na sciencia Jetro com Moysés? E comtudo conheceu Moysés que o dictame de Jetro era mais acertado, e logo retractou o seu, e seguiu o alheio. Por isso disse delle Filo Hebreu (o que igualmente se pôde dizer de Santo Agostinho) : *Intactus à contentionibus veritatem quærebat : quippe qui nihil præter eam admittebat : longe aliter quam isti, qui accepta semel qualiacumque dogmata obstinate defendunt*. Não era Moysés nem Agostinho como aquelles que defendem obstinadamente o que uma vez disseram, só porque o disseram; mas porque só buscavam e amavam a verdade, em qualquer parte que a achavam, e de qualquer boca que a ouviam a seguiam e abraçavam sem contenda nem controversia.

Nenhum homem houve tão amigo de sustentar o credito do que tinha dito como S. Pedro. Aconselhou a Christo que não morresse, dependendo da mesma morte a salvação do mundo. *Absit à te Domine, non erit tibi hoc*. E porque? Porque tinha dito que Christo era Filho de Deus vivo; e quem visse morrer a Christo, podia cuidar que Pedro se enganára no que dissera. Assim o notou e affirma não menos que S. Jeronymo : *Petrus sic loquitur, quia non vult perire confessionem suam, qua dixerat : tu es Christus Filius Dei vivi*. (Matth. XVI — 22) E este mesmo homem que não reparou na salvação do genero humano, só porque se não desacreditasse o que tinha dito, vêde quão facilmente se retractava, depois que foi consummado na sabedoria! Naquella grave questão que se disputou e decidiu no primeiro concilio da egreja sobre os ritos cerimoniaes da lei velha, tinha sido de parecer S. Pedro, que em quanto não obrigava a nova, por não estar sufficientemente promulgada, se deviam dissimular

os mesmos ritos com os gentios, por não escandalisar os judeus, uns e outros novamente convertidos. Porém como S. Paulo provasse efficazmente que se devia proceder d'outro modo ; que resolução tomou S. Pedro ? Sem embargo de ter praticado em Galacia e outras partes a opinião que tivera ; como doutor particular, se retractou logo della, e como summo pontifice definiu no mesmo concilio a verdade contraria. Tanto pôde com aquella grande cabeça a força da razão, posto que Paulo fosse o mais moderno dos apóstolos, e não discipulo da escola de Christo neste mundo, como elle e os demais.

Isto fez S. Pedro depois de descer sobre elle o Espirito Santo ; mas já antes disso em uma excellente allegoria nos tinha ensinado com o seu exemplo a mesma docilidade. Andava pescando S. Pedro com os outros discipulos no mar de Tiberiades, quando o divino Mestre resuscitado lhes appareceu na praia : e ainda que todos o viram, e o Senhor fallou a todos, só S. João o conheceu. Isto que succedeu a Christo, que é a Summa Verdade, succede a qualquer outra verdade quando não é manifesta. Uns a vêem, outros a não vêem, posto que de ordinario (como aqui) a vê e conhece melhor quem mais a ama. E que se deve fazer em semelhantes casos ? O que fez S. Pedro. Disse-lhe S. João que era o Senhor : *Dominus est* ; (Joan. XXI — 7) e elle reconhecendo que dizia bem, se lançou logo a nado, para se ir deitar a seus pés. Assim deve fazer quem busca a verdade. Se não fui eu, senão outro o que a descubriu, nem por isso a hei de duvidar, ou negar, ou impugnar ; mas em qualquer parte que esteja, e por quem quer que fosse vista, hei de nadar logo a ella. E digo nadar, como fez S. Pedro, porque esta é a metaphora com que melhor se declara o seguir e abraçar a sentença ou parecer de outro. Os antigos para significar este acto (que muitas vezes é heroico) diziam : *In alterius sententiam pedibus ire* : ou, *obviis ulnis eam amplecti*. E isto é o que fez S. Pedro, o qual nadando com os pés e com os braços, foi buscar a verdade onde a não tinha visto, porque a vira João, posto que mais moço. Não ha sciencia tão jubilada, que não possa deixar de vêr o que vê outra de menos annos e de menor auctoridade, qual era a de João em

respeito de Pedro. O verdadeiro saber, é de saber reconhecer a verdade, ainda que seja filha de outros olhos, ou de outro entendimento, e não se cegar com o proprio, como se cegou Lucifer.

Oh se Lucifer seguira a sentença dos anjos que elle tinha por inferiores, e se soubera retractar do que tinha dito; que qualificada ficaria a sua sabedoria! Mas onde a quiz sustentar e se namorou demasiadamente della alli a perdeu: *Perdidisti sapientiam tuam in decore tuo.* (Ezec. XXVIII — 27) Nem é pequena prova da obstinação de Lucifer, que depois no livro das Retractações de Agostinho se não arrependesse com tal exemplo, e se não retractasse. D'aqui infiro eu, por remate ou coroa de quanto tenho dito, que no mesmo logar de Lucifer, que elle perdeu no céu por se não retractar, succedeu Santo Agostinho, porque se retractou. A lei, ou texto em que me fundo, é aquella promessa que Deus fez aos filhos de Israel, quando houveram de entrar na terra de Promissão. *Omne locum, quem calcaverit vestigium pedis vestri, vobis tradam:* (Josué I — 3) Todo o logar que pizardes na terra de Promissão será vosso. A terra de Promissão era figura do céu, e desta promessa de Deus infere Origenes, que quem pizar a soberba de Lucifer, esse terá no céu o seu logar: *Lucifer sedem habebat in cælis; postea verò quam factus est angelus refuga, si eum vincere potero, et subicere pedibus meis, consequenter locum Luciferi merebor in cælis.* E se é consequencia fundada na promessa divina, que a cadeira de Lucifer, perdida por soberba de sabedoria obstinada, só a alcançará aquelle que meter debaixo dos pés a mesma soberba pela humildade, a mesma obstinação pelo arrependimento, e a mesma sabedoria errada pela retractação della; a quem se deve, ou seja por votos ou por aclamação, a cadeira de Lucifer senão a Agostinho? Assim resplandece entre os anjos, quem assim allumiou os homens: *Sic luceat lux vestra coram hominibus:* assim exaltam as boas obras a quem soube confessar e retractar as que não eram boas: *Ut videant opera vestra bona:* e assim glorifica Deus no céu a quem tanto o glorificou e fez glorificar na terra: *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est.*

SERMÃO

DA

PRIMEIRA DOMINGA

DA QUARESMA.

Prégado na capella real, no anno de 1655.

Ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum, et dixit ei: hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me. — Matt. IV.

I.

Se o demonio é tão astuto, que até dos nossos remedios faz tentações; porque não seremos nós tão prudentes, que até das suas tentações façamos remedios? Esta é a conclusão que tiro hoje de toda a historia do evangelho. Quarenta dias havia, e quarenta noites, que jejuava Christo em um deserto: -succedeu ao jejum naturalmente a fome, e sobre a fome veio logo a tentação: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant*: (Matth. IV — 3). Se és Filho de Deus, (diz o demonio) manda a estas pedras que se convertam em pães. Vêde se inferi bem, que dos nossos remedios faz o demonio tentação! Com as pedras se defendia das suas ten-

tações S. Jeronymo : os desertos e soledades, são as fortalezas dos anacoretas : o jejum de quarenta dias foi uma penitencia prodigiosa : procurar de comer aos que hão fome, é obra de misericordia : converter pedras em pão com uma palavra, é omnipotencia : ser Filho de Deus é divindade. Quem cuidára que de taes ingredientes como estes, se havia de compôr uma tentação? De pedras, de deserto, de jejum, de obra de misericordia, de omnipotencia, de divindade? De pedras, *Lapides isti*; de deserto, *Ductus est Jesus in desertum*; de jejum, *Cum jejunasset*; (Ibid. — 1) de obra de misericordia, *Panes fant*; de omnipotencia, *Dic*; de divindade, *Si Filius Dei es*. Se o demonio tenta com as pedras, que fará com condições menos duras? Se tenta com o deserto, que será com o povoado e com a côrte? Se tenta com o jejum, que será com o regelo? Se tenta com a obra de misericordia, que será com a injustiça? Se tenta com a omnipotencia, que será com a fraqueza? E se até com a divindade tenta, com a humanidade e com a dehumanidade, que será?

Vencido o demonio nesta primeira tentação, diz o texto que levou a Christo á cidade santa de Jerusalem, e pondo-o sobre o mais alto do templo, lhe disse desta maneira : *Mitte te deorsum, scriptum est enim, quia angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis* : deita-te d'aqui abaixo, porque promettido está na sagrada escriptura, que mandará Deus aos seus anjos te guardem em todos teus caminhos. Vêde outra vez como tornam os remedios a ser tentações : e nesta segunda tentação, ainda com circumstancias mais notaveis. E quaes foram? A cidade santa, o templo de Jerusalem, as sagradas escripturas, os mandamentos de Deus, os anjos da guarda, e tambem o descer para baixo. Podia haver coisas menos occasionadas para tentações? Pois disto fez o demonio uma tentação. Da cidade santa : *Assumpsit eum in sanctam civitatem*; do templo de Jerusalem : *Et statuit eum super pinaculum templi*; da sagrada escriptura : *Scriptum est enim*; dos mandamentos de Deus : *Deus mandavit de te*; dos anjos da guarda : *angelis suis, ut custodiant*; do descer para baixo : *Mitte te deorsum*. Se o demonio tenta com a cidade santa, que será com a cidade escandalosa? Se tenta com

o templo de Deus, que será com as casas dos idolos? Se tenta com as sagradas escripturas, que será com os livros prophanos? Se tenta com os mandamentos de Deus, que será com as leis do mundo? Se tenta com os anjos da guarda, que será com os anjos da perdição? Se tenta finalmente com o descer, que será com o subir?

Eis aqui como o demonio, dos remedios faz tentações. Mas como será possível que nós das tentações façamos remedios? O demonio na primeira tentação pediu a Christo que fizesse das pedras pão; e na segunda, que fizesse dos precipicios caminhos. Que coisa são as tentações, senão pedras e precipicios? Pedras, em que tropeçamos, e precipicios, donde caímos. Pois como é possível que das pedras em que tropeçamos se faça pão com que nos sustentemos, e dos precipicios, donde caímos, se façam caminhos por onde subamos? Isto havemos de vêr hoje, e hei de ser tão liberal com o demonio, que lhe hei de conceder tudo o que Christo lhe negou. Que queres demonio? Que te faça das pedras pão? Sou contente. Que queres mais? Que dos precipicios faça caminhos? Tambem farei isso hoje. O demonio, do pão fez pedras, e dos caminhos fez precipicios, porque dos remedios fez tentações. Eu ás avessas: das pedras hei de fazer pão, e dos precipicios caminhos; porque das tentações hei de fazer remedios.

Para reduzir todo este ponto, tão grande e tão importante, a uma só maxima universal, tomei por fundamento a terceira tentação que propuz, que é a maior que o demonio fez hoje a Christo, e a maior que nunca se fez, nem ha de fazer, nem pôde fazer no mundo. Vencido primeira e segunda vez o demonio, não desesperou da victoria, porque lhe faltava ainda por correr a terceira lança, em que mais confiava. Levou a Christo ao cume de um monte altissimo, e mostrando-lhe d'alli todos os reinos e monarchias do mundo, com todas suas glorias e grandezas, com todas suas riquezas e delicias, com todas suas pompas e magestades, apontando em roda para todo este mappa universal, tão grande, tão formoso, tão vario, disse assim: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*: tudo isto que vês te darei, se com o joelho em terra me adorares. Esta foi a ultima tentação do diabo, e esta

foi a terceira victoria de Christo. As armas com que o Senhor se defendeu, e o remedio que tomou nesta tentação como nas outras, foram as palavras da escriptura sagrada: *Dominum Deum tuum adorabis, et illi soli servies.* (Matt. IV — 10) É a escriptura sagrada um armazem divino onde se acham todas as armas: é uma officina medicinal, onde se acham todos os remedios: esta é aquella torre de David da qual disse Salomão: *Mille clypei pendent ex ea, omnis armatura fortium:* (Cant. IV — 4) porque, como commenta S. Gregorio: *Universa nostra munitio in sacro eloquio continetur.* Esta é aquella botica universal da qual diz S. Basilio: *Ab scriptura unusquisque tanquam ab officina medicinæ appositum suæ infirmitati medicamentum invenire poterit.* E muito antes o tinha dito a Sabedoria: *Neque herba, neque malagma sanavit, sed tuus Domine sermo, qui sanat omnia.* Poderosissimas armas e efficacissimos remedios contra as tentações do demonio, são as divinas escripturas. Mas como eu prégo para todos, e nem todos podem menear estas armas, nem usar destes remedios; é o meu intento hoje inculcar-vos outras armas mais promptas e outros remedios mais facéis com que todos possaes resistir a todas as tentações. Na boca da bívora poz a natureza a peçonha, e juntamente a triaga. Se quando a serpente tentou aos primeiros homens, souberam elles usar bem das suas mesmas palavras, não haviam mister outras armas para resistir, nem outro remedio para se conservar no paraíso. O mais prompto e mais facil remedio contra qualquer tentação do demonio, é a mesma tentação. A mesma coisa offerecida pelo demonio, é tentação: bem considerada por nós, é remedio. Isto hei de prégar hoje.

II.

Na primeira e na segunda tentação tentou o demonio a Christo como a Filho de Deus: na terceira como a puro homem. Por isso na terceira tentação não disse: *Si Filius Dei es;* como tinha dito na primeira e na segunda. Tentou a Christo, como se tentára a qualquer homem: esta é a razão e a differença, porque só esta ultima tentação nos pertence propriamente a nós. Mas como po-

derá um homem, como poderá um filho de Adão resistir a uma tentação tão poderosa e tão immensa como esta que o demonio fez a Christo? A Adão fez-lhe tiro o demonio com uma maçã, derribou-o: a Christo fez-lhe tiro com o mundo todo: *Ostendit ei omnia regna mundi*. Mas sendo esta bala tirada a Christo como a homem, e dando em um peito de carne, foi tão fortemente rebatida, que voltou com maior força contra o mesmo tentador: *Vade retrò*. Um dos casos mais notaveis que succederam em nossos dias no famoso cerco de Ostende foi este: (Londin. in Hist. Fland.) Estava carregada uma peça no exercito catholico: entra pela boca da mesma peça uma bala do inimigo, concebe fogo a polvora, sáe outra vez a bala com dobrada furia; e como veio e voltou pelos mesmos pontos, foi-se empregar no mesmo que a tinha tirado. Oh que bizarro e venturoso *Vade retrò*! Assim havemos de fazer aos tiros do demonio. Volte outra vez a bala contra o inimigo, e vençamos ao tentador com a sua propria tentação. Não cortou David a cabeça ao gigante com a sua propria espada? Judith, sendo mulher não degolou a Holofernes com a sua? Pois assim o havemos nós de fazer; nem necessitamos de outras armas mais, que as mesmas com que o demonio nos tenta.

Mostrou o demonio a Christo todos os reinos do mundo e suas glorias: disse-lhe que tudo aquillo lhe daria de uma vez, se lhe dobrasse o joelho. Parece que faz estremecer a grandeza desta tentação! Mas o demonio é o que havia de tremer della. Desarmou-se a si, e armou-nos a nós. Tu, demonio, offereces-me de um lanço todo o mundo, para que cáia, para que peque, para que te dê a minha alma, logo a minha alma, por confissão tua, val mais que todo o mundo. A minha alma val mais que todo o mundo? Pois não te quero dar o que val mais pelo que val menos: *Vade retrò*. Póde-nos o demonio dar ou prometter alguma coisa que não seja menos que o mundo? Claro está que não. Pois aqui se desarmou para sempre: nesta tentação perdeu todas, se nós não temos perdido o juiso. Ouvi a Salviano: *Quis ergo furor est viles à nobis animas nostras haberi, quas etiam diabolus putat esse pretiosas*. Homens loucos, homens furiosos, homens sem intendi-

mento, nem juiso; é possível, que sendo as nossas almas na estimação do mesmo demonio tão preciosas, no vosso conceito e no vosso desprezo hão de ser tão vis?! O demonio quando me quer roubar, quando me quer perder, quando me quer enganar, não pôde deixar de confessar que a minha alma val mais que todo o mundo; e eu sendo essa alma minha, não ha de haver no mundo coisa tão baixa, tão vã e tão vil, pela qual a não dê sem nenhum reparo? *Quis furor est?* Que loucura, que demencia, que furor é este nosso? Muito mais obrigada está a nossa alma ao demonio, muito mais lhe deve que a nós. Elle a honra, nós a affrontamos. Envergonhou-se o demonio no primeiro lanço de offerecer menos por uma alma que o mundo todo.

Caio Cezar, como refere Seneca, mandou de presente a Demetrio duzentos talentos de prata, que fazem hoje da nossa moeda mais de duzentos mil cruzados. Não creio que haveria na nossa côrte quem não beijasse a mão real e aceitasse com ambas as mãos a mercê. Era porém Demetrio philosopho estoico, como se dissessemos, christão daquelle tempo: e que respondeu? *Si tentare me constituerat, toto illi fui experiundus imperio*: Andae, leve os seus talentos ao imperador, e dizei-lhe que se me queria tentar, que havia de ser com todo o seu imperio: é, e chama-se senhor de todo o mundo? Com todo o mundo me havia de tentar. Não no fez assim o Cezar, porque não conhecia a Demetrio, mas fez-o assim o demonio, *princeps hujus mundi*, porque sabe o que val uma alma. Se vos tentar o demonio com menos que todo o mundo, dae-vos por affrontado; e se vos tentar com todo o mundo, fique vencido. *Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* (Matt. XVI — 26) Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, adquirir todo o mundo, senhorear e dominar todo o mundo, se ha de perder a sua alma? *Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua?* Ou que coisa pôde haver de tanto pezo e de tanto preço, pela qual se haja de vender a alma, ou se haja de trocar? Este é o caso e a supposição em que estamos, nem mais nem menos. Offerece-nos o demonio o mundo, o pede-nos a alma. Considera e peze bem cada um se lhe está bem este contracto, se lhe

está bem esta venda, se lhe está bem esta troca. Mas nós trocamos e vendemos, porque não pezamos.

Chegou Esaú do campo, cansado e com fome de todo o dia, e chegou a desastrada hora, porque estava no mesmo tempo seu irmão Jacob cosinhando, diz o texto, umas lentilhas. Estes eram os grandes homens, e estes os grandes regalos daquelle tempo. Pediu Esaú a seu irmão um pouco daquelle vianda, mas elle aproveitando-se da occasião e da necessidade, respondeu, que dar não, mas vender sim: que se Esaú lhe vendesse o seu morgado, começaria desde logo a lhe dar aquelles alimentos. Deus nos livre de se ajuntar no mesmo tempo, a fome e a tentação. O successo foi que Esaú aceitou o contracto, deu o morgado. Pois, valha-me Deus, o morgado de Isaac, a herança de Abrahão, a benção dos patriarchas, que foi a maior coisa que desde Adão houve no mundo, por uma escudella de lentilhas? Este homem era cego? Era louco? Era vil? Nada disto era; mas era um homem (diz a escriptura) que vendeu e não pezou o que vendia: *Abiit parvipendens, quod primogenita vendidisset*: (Genes. XXV — 34) E homem que vende sem pezar o que vende, não é muito que por uma escudella de grosserias dêsse o maior morgado do mundo. Se Esaú antes de vender, tomára a balança na mão, e puzera de uma parte o morgado e da outra a escudella, parece-vos que venderia? Pois eis ahi porque ha tantas almas venaes. Esta historia de Esaú e Jacob aconteceu uma só vez antigamente; mas cada dia se representa no mundo: o papel de Jacob fal-o o demonio, o de Esaú fazemol-o nós. O demonio offerece-nos um gosto ou um interesse vil, e pede-nos o morgado que nos ganhou Christo; e nós porque contractamos sem a balança na mão, e não pezamos a vileza do que recebemos, com a grandeza do que damos, consentimos no contracto, e ficamos sem benção. Quando Esaú vendeu o morgado não o sentiu, nem fez caso disso; mas depois quando viu que Jacob levava a benção, e elle ficava sem ella, diz o texto, que *irrugit clamore magno, et consternatus est*: (Ibid. XXVII — 34) que tudo era encher o céu de clamores e gemidos, e despedaçar-se a si mesmo e desfazer-se com dor. Ah mal aconselhados Esaús! Agora vendemos a alma e o morgado do céu pela vileza de um

gosto, pelo engano de um appetite, pela grosseria de um manjar de brutos, e disto não fazemos caso. Mas quando vier aquelle dia em que Christo dê a benção aos que estiverem á sua mão direita, e nós virmos que ficamos sem ella por umas coisas tão vis: oh que dor! oh que desesperação! oh que circumstancia de inferno será esta tão grande para nós!

Pois que havemos de fazer para não commetter um erro tão grande e tão sem remedio? Fazer remedio da mesma tentação. Tomar na mão a balança que faltou a Esaú, e pesar o que o demonio nos promette, e o que nos pede. O que nos promette não é todo o mundo: o que nos pede e o que lhe havemos de dar, é a alma. Ponhamos de uma parte da balança o mundo todo, e da outra parte uma alma, e vejamos qual peza mais. Oh se Deus me ajudasse a vos mostrar com evidencia a differença destes dois pezos! Vamos ponderando uma por uma as mesmas palavras da tentação.

III.

Ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum. Desde aquelle monte alto, onde o demonio subiu a Christo, lhe mostrou todos os reinos do mundo, e sua gloria. Isto que tão facilmente se diz, não é tão facil de intender. De um monte, por alto que seja, não se podem descobrir todos reinos do mundo. O sol está levantado na quarta esphera; e comtudo descobre um só hemispherio, e nem vê, nem pôde vêr os antipodas. Pois como foi possivel que o demonio desde aquelle monte mostrasse todo o mundo a Christo? A sentença mais certa e mais seguida é, que o mundo que o demonio mostrou a Christo, não foi este mundo verdadeiro, senão um mundo phantastico e apparente, uma apparencia e representação do mundo. Assim como os anjos, quando apparecem aos homens, se vestem de corpos phantasticos, que parecem corpos formosissimos, e não são corpos; assim o demonio, que no poder natural é igual aos anjos, em todo o ar que se estendia daquelle monte até os horizontes, com cores, com sombras, com apparencias, pintou e levantou em um momento, montes, valles, campos, serras, cidades, castellos, reinos, em fim, um mundo. De maneira,

que todo aquelle mundo, todo aquelle mappa de reinos e de grandezas, bem apertado, vinha a ser um pouco de vento. E com ser assim esta representação (notae agora) com ser o que demonio mostrava, uma só representação phantastica, uma apparencia; com-tudo, diz o evangelista, que o demonio mostrou a Christo todos os reinos do mundo, e suas glorias; porque todas as glorias e todas as grandezas do mundo, bem consideradas, são o que estas eram: ar, vento, sombras, cores apparentes. Antes digo, que mais verdadeiro e mais proprio mundo era este mundo apparente, que o mundo verdadeiro; porque o mundo apparente, eram apparencias verdadeiras; e o mundo verdadeiro, são as apparencias falsas. E senão, dizei-me: de todos aquelles reinos, de todas aquellas magestades e grandezas que havia no tempo de Christo, quando succedeu esta tentação, ha hoje alguma coisa no mundo? Nenhuma. Pois que é feito de tantos reinos, que é feito de tantas monarchias, que é feito de tantas grandezas? Eram vento, passaram: eram sombra, sumiram-se: eram apparencias, desapareceram. Ainda agora são o que de antes eram: eram nada, são nada. Até dos marmores daquelle tempo não ha mais que pó e cinza, e os homens, como bem notou Filo Hebreu, vendo isto com os nossos olhos, somos tão cegos, que fazemos mais caso deste pó e desta cinza, que da propria alma: *Qui cinerem, et pulverem pluris facitis, quam animam.*

Isto são hoje os reinos d'aquelle tempo: e os reinos de hoje que são? São por ventura outra coisa? Diga-o o rei do reino mais florente, e o mais sabio de todos os reis: *Verba ecclesiastæ filii David regis Hierusalem: vanitas vanitatum, et omnia vanitas:* (Eccl. I — 1) Eu fui rei, e filho de rei (diz Salomão) experimentei tudo o que era, e tudo o que podia dar de si o poder, a grandeza, o senhorio do mundo, e achei que tudo o que parece que ha nelle, é vão, e nada solido; e que, bem pezado e apertado, não vem a ser mais que uma vaidade composta de muitas vaidades: *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas.* Vaidade os sceptros, vaidade as corôas, vaidade os reinos e monarchias, e o mesmo mundo que dellas se compõe, vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum.* Esta é a verdade que não sabemos vêr, por estar escondida, e an-

dar enfeitada debaixo das apparencias que vemos : e este é o conhecimento e desengano com que devemos rebater e desprezar o tudo ou o nada com que nos tenta o mundo. Oh como ficariam desvanecidas as maiores tentações, se soubessemos responder ao *omnia* do demonio com o *omnia* de Salomão: *Omnia regna mundi? Omnia vanitas: omnia tibi dabo? Omnia vanitas.*

Mas se todo este mundo, e tudo o que nelle mais avulta, é vão, antes a mesma vaidade ; como é possível que tenha tanto valor e tanto pezo com os homens, que peze para com elles mais que o céu, mais que a alma, e mais que o mesmo Deus ? Tão falsas são as balanças do juiso humano ! Não são ellas as falsas, somos nós : *Mendaces filii hominum in stateris, ut decipiant de vanitate in idipsum :* (Psal. LXI — 10) São taes os homens (diz David) que com a balança na mão trocam o pezo ás coisas. Não diz que as balanças são falsas, senão que os homens são falsos nellas : *Mendaces filii hominum in stateris.* E a razão desta falsidade, ou desta falsificação, é porque os mesmos homens se querem enganar a si mesmos com a vaidade : *Ut decipiant de vanitate in idipsum.* Não é o nosso juiso o que nos engana, é o nosso affecto ; e qual pendendo e inclinando para a parte da vaidade, leva apoz si o fiel do juiso. Nestas balanças (que são como as de S. Miguel, em que se pezam as almas) de uma parte está a alma, da outra o mundo : de uma parte está o temporal, da outra o eterno ; de uma parte está a verdade, da outra a vaidade. E porque nós pomos o nosso affecto e o nosso coração da parte do mundo e da vaidade, esse affecto e esse coração é o que dá á vaidade do mundo o pezo que ella não tem, nem póde ter. A vaidade não amada, não tem pezo, porque é vaidade : mas essa mesma vaidade amada, peza mais que tudo, porque o nosso amor, e o nosso affecto, é o que falsamente lhe dá o pezo. De maneira que o pezo não está nas coisas, está no coração, com que as amava.

O mesmo David o disse admiravelmente : *Filii hominum usque quo gravi corde? Ut quid diligitis vanitatem?* (Psal. IV — 3) Filhos dos homens : até quando haveis de ter os corações peza-dos ? Até quando haveis de amar a vaidade ? Notae a consequencia. Queixa-se de amarem os homens a vaidade : *Ut quid dili-*

gitis vanitatem? E accusa-os de terem os corações peizados: *Usque quo gravi corde?* Porque o pezo que achamos na vaidade, não está na mesma vaidade, senão no coração com que a amamos. Amamos e estimamos a vaidade, e por isso a balança inclina a ella e com ella, e nos mostra falsamente o pezo onde o não ha. Oh se pezassemos bem e fielmente, com o coração livre de todo o affecto; como veríamos logo que a inclinação e movimento da balança pendia todo para a parte da alma, e que todo o mundo contrapezado a ella, não peza um atomo!

Agora intendereis a astucia da tentação do demonio, no modo com que hoje mostrou a Christo todos os reinos do mundo. Diz S. Lucas que lh'os mostrou em um instante: *Ostendit ei omnia regna orbis terræ in momento.* (Luc. IV — 5) E porque razão em um instante? Porque não deu mais espaço de tempo a quem tentava com uma tão grande ostentação? Seria por ventura, porque ainda o demonio quando engana não pôde encobrir a brevidade momentanea com que passa e se muda esta scena das coisas do mundo, apparecendo e desaparecendo todas em um instante? Assim o diz S. Ambrosio: *Non tam conspectus celeritas indicatur, quam caduca fragilitas potestatis exprimitur: in momento enim cuncta illa prætereunt.* Mostrou o demonio todos os reinos e grandezas do mundo em um instante; porque as mostrou assim como ellas são: e tudo o que ha neste mundo, não tem mais ser que um instante. O que foi já não é: o que ha de ser ainda não é: e o que é não é mais que no instante em que passa: *In momento cuncta illa prætereunt.* Boa razão, e verdadeira, como de tal auctor. Mas ainda debaixo della se encobria outra astucia do tentador, o qual não quiz dar tempo ao tentado para pezar o que lhe offerecia. O pezo das coisas vê-se pela inclinação e movimento da balança: e como em instante não pôde haver movimento, por isso lhe mostrou tudo em um instante. Veja o tentado o mundo que lhe offereço, mas veja-o em instante somente, e não em tempo, para que não possa averiguar o pouco que peza: *In momento omnia regna mundi.*

Juntamente com os reinos do mundo, mostrou tambem o demonio a Christo todas suas glorias: *Et gloriam eorum.* Mas ainda

que auctorisadas com tão especioso nome, nenhum pendor fazem á balança; porque são tão vãs como o mesmo mundo, e ainda mais, se pôde ser. E senão discorrei por ellas com qualquer atomo de consideração. O que mais peza, e o que mais luz no mundo, são as riquezas. E que coisa são as riquezas, senão um trabalho para antes, um cuidado para logo, e um sentimento para depois? As riquezas, diz S. Bernardo, adquirem-se com trabalho, conservam-se com cuidado, e perdem-se com dôr. Que coisa é o oiro e a prata, senão uma terra de melhor côr? E que coisa são as perolas e os diamantes, senão uns vidros mais duros? Que coisa são as galas, senão um engano de muitas côres? Cabellos de Absalão, que pareciam madeixas, e eram laços. Que coisa é a formosura, senão uma caveira com um volante por cima? Tirou a morte aquelle véo, e fugis hoje do que hontem adoraveis. Que coisa são os gostos, senão as vesporas dos pezares? Quem mais as canta, esse as vem a chorar mais. Que coisa são as delicias, senão o mel da lança de Jonathas? Juntamente vae á boca o favo e o ferro. Que coisa são todos os passatempos da mocidade, senão arrependimentos depositados para a velhice? E o melhor bem que podem ter, é chegarem a ser arrependimentos. Que coisa são as honras e as dignidades, senão fumo? Fumo que sempre cega, e muitas vezes faz chorar. Que coisa é a privança, senão um vapor de pouca dura? Um raio do sol o levanta, e outro raio o desfaz. Que coisa são as provisões e os despachos grandes, senão umas cartas de Urias? Todas parecem carta de favor; e quantas foram sentença de morte! Que coisa é a fama, senão uma inveja comprada? Uma funda de David que derriba o gigante com a pedra, e ao mesmo David com o estalo. Que coisa é toda a prosperidade humana, senão um vento que corre todos os rumos? Se diminue, não é bonança; se cresce, é tempestade. Finalmente, que coisa é a mesma vida, senão uma alampada aceza, vidro e fogo? Vidro, que com um assopro se faz; fogo, que com um assopro se apaga. Estas são as glorias do vosso mundo, e dos vossos reinos: *Omnia regna mundi, et gloriam eorum*. E por estas glorias falsas, vãs, e momentaneas, damos aquella alma immortal que Deus creou para a gloria verdadeira e eterna.

Certo que andou o demonio muito nescio em mostrar o mundo e suas glorias a quem queria tentar com ellas. Havia de encobrir a mercadoria, se queria que lh'a comprassem. O mundo prometido, forte tentação parece; mas visto, não é tentação. Quereis que vos não tente o mundo, ou que vos não vença, se vos tentar? Olhae bem para elle. Mordiam as serpentes no deserto venenosamente aos filhos de Israel: e que fez Moysés? Mandou levantar em lugar alto uma daquellas serpentes feita de bronze: olhavam para ella os mordidos, e saravam. Todos nesta vida andaes mordidos: uns mordidos do valimento, outros mordidos da ambição, outros mordidos da honra, outros mordidos da inveja, outros mordidos do interesse, outros mordidos da afeição; em fim todos mordidos. Pois que remedio para sarar destas morderuras do mundo? Pôr o mesmo mundo diante dos olhos, e olhar bem para elle. Quem haverá que olhe para o mundo com os olhos bem abertos, que veja como todo é nada, como todo é mentira, como todo é inconstancia, como hoje não são os que hontem foram, como amanhã não hão de ser os que hoje são, como tudo acabou, e tudo acaba, como todos havemos de acabar, e todos imos acabando; em fim, que veja ao mundo bem como é em si, que se não desengane com elle, e se não desengane delle? A serpente de Moysés era de bronze; o mundo tambem é serpente, mas de barro, mas de vidro, mas de fumo, que ainda são melhores metaes para o desengano.

IV.

Mas demos já uma volta á balança. Vimos quanto peza o mundo: vejamos agora quanto peza uma alma. Neste pezo entramos todos. O pezo do mundo não pertence a todos, porque muitos teem pouco mundo: o pezo da alma, ninguem ha a quem não pertença: o rei, o vassallo, o grande, o pequeno, o rico, o pobre, todos teem alma. Ora vejamos quanto peza e quanto val isto que todos trazemos e temos dentro em nós.

Onde porém acharemos nós uma balança tal, que se possa pesar nella uma alma? Quatro mil annos durou o mundo sem ha-

ver em todo elle esta balança. E por ventura essa foi a occasião de se perderem naquelle tempo tantas almas. Chegou finalmente o dia da redempção, poz-se o Filho de Deus em uma cruz : e ella foi a verdadeira e fiel balança que a Divina Justiça levantou no Monte Calvario, para que o homem conhecesse quão immenso era o pezo e preço da alma que tinha perdido. Assim o canta, e nol-o ensina a egreja :

*Beata cujus brachiis
Pretium pendit sæculi,
Statera facta corporis,
Tulitque prædam Tartari.*

IVés, homem, aquella cruz em que está pendente e morto o Filho de Deus ? Pois sabe que ella é a balança justa em que Deus pezoou o preço da tua alma, para que tu a não desprezes. O braço direito desceu tanto com o pezo, que não só trouxe a Deus do céu á terra ; mas do céu até o inferno : e o braço esquerdo subiu tanto, que estando a alma no inferno pelo peccado, não só a levantou do inferno, mas a poz no céu. De maneira que quem fielmente quizer pezar uma alma, não ha de pôr de uma parte da balança a alma, e da outra o mundo, senão de uma parte a alma, e da outra a Deus. O mundo custou a Deus uma palavra ; a alma custou a Deus o sangue, custou a Deus a vida, custou a Deus o mesmo Deus : *Qui dedit semetipsum redemptionem pro omnibus.* (1 Timoth. II — 6) Ouvi agora a Eusebio Emisseno : *Tam copioso munere ipsa redemptio agitur, ut homo Deum valere videatur* : É tal o preço que Deus deu pelas almas, que posta de uma parte a alma, e da outra o preço, parece que val tanto a alma como Deus. Parece, diz, porque Deus verdadeiramente val e peza mais que toda a alma. Mas a Divina Justiça não poz em balança com a alma outro pezo, nem aceitou por ella outro preço, que o do mesmo Deus ; porque de pezo a pezo, só Deus se pôde contrapezar com a alma ; e de preço a preço, só Deus se pôde avaliar com ella : *Ut Deum valere videatur.* Sendo pois esta a verdadeiru balança, e sendo este o pezo e o preço da alma, que

tão cara comprou Deus, e nós tão barata vendemos ao demonio; não vos quero persuadir que a não vendaes: só vos peço, e vos aconselho, que o não façaes sem a pôr primeiro em leilão. O demonio no primeiro lanço offereceu por ella o mundo: Deus no segundo lanço deu por ella a si mesmo: se achardes quem vos dê mais pela vossa alma, dae-a embora.

Toda a desgraça da pobre alma, tão falsamente avaliada, e tão vilmente trocada e vendida, é porque a não vemos como vemos o mundo. O demonio mostrou todos os reinos do mundo: *Ostendit ei omnia regna mundi*: se eu também vos pudéra mostrar uma alma, estavam acabadas todas as tentações, e não eram necessarios mais discursos. O demonio dá todo o mundo por uma alma, porque a vê e a conhece — é espirito, vê as almas: nós, como somos corpo, vemos o mundo, e não vemos a alma; e porque a não conhecemos, por isso a desestimamos. Oh se Deus nos mostrasse uma alma; que pasmo, que estimação seria a nossa, e que desprezo de quanto ha no mundo, e na vida! Mostrou Deus uma alma a Santa Magdalena de Pazzi, e oito dias ficou fóra de si, arrebatada de assombro, de pasmo, de estranhezà, só na memoria, na admiração, na novidade do que vira. Isto é uma alma? Isto é. A Santa Catharina de Sena, mostrou-lhe Deus também uma alma, e dizia (como refere S. Antonino) que nenhum homem haveria, se tivesse visto uma alma, que não dêsse por ella a vida cem vezes cada dia; e não pela propria, senão pela alheia. De sorte que toda a differença e toda a desgraça está em que o mundo, com que o demonio nos engana, é visivel, e a alma invisivel. Mas por isso mesmo havíamos nós de estimar muito mais a alma, se tiveramos juiso. O mundo é visivel, a alma é invisivel: o mundo vê-se, a alma não se vê? Logo muito mais preciosa é a alma, muito mais val que todo o mundo. Ouvi a S. Paulo: *Non contemplantibus nobis quæ videntur, sed quæ non videntur: quæ enim videntur, temporalia sunt, quæ non videntur, æterna*: (2 Corinth. IV — 18) Não havemos de admirar nem estimar o que se vê, senão o que se não vê, diz S. Paulo; porque o visivel, o que se vê, é temporal: o invisivel, o que se não vê, é eterno. O mundo que o demonio me mostra, é visivel, porque é

temporal como o corpo ; a alma, que o demonio me não pôde mostrar (nem me havia de mostrar se pudéra) é invisivel, porque é eterna como Deus ; e assim como os olhos não podem vêr a Deus por sua soberania, assim não podem vêr a nossa alma. Não é a nossa alma tão baixa que a houvessem de vêr os olhos. Vêem o mundo, vêem o céu, vêem as estrellas, vêem o sol ; a alma não a podem vêr, porque não chega lá a sua esphera.

Mas já que somos tão corporaes, e damos tanto credito aos olhos ; os mesmos olhos quero que nos digam, e que confessem o que é a alma. Quereis vêr o que é uma alma ? Olhae (diz S. Agostinho) para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias ? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rethorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão dedusidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e divinos que admiramos, e excedem a admiração : tudo isto era a alma. Se o corpo é de um artifice, quem fazia viver as taboas e os marmores ? Quem amolecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova forma e novo ser á mesma natureza ? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e meter todo o mundo venal em uma praça ? A alma. Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e machinas bellicas, o valor, a bizzarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria, e a morte alheia : quem fazia tudo isto ? A alma. Se o corpo é de um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa ; de quem eram governadas, e de quem eram ? Da alma. Se o corpo é de um santo ; a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das coisas divinas ; os extazis, os raptos, subido o mesmo pezo do corpo, e suspendido no ar : que maravilha ! Mas isto é alma. Finalmente, os mesmos vicios

nossos nos dizem o que ella é. Uma cobiça que nunca se farta ; uma soberba que sempre sobe ; uma ambição que sempre aspira ; um desejo que nunca aquieta ; uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre ; uma altiveza como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus ; tudo isto que vemos com nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso — a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebatava e captiva os sentidos humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida ; que é tudo, senão alma ? E senão, vede o corpo sem ella, insta Agostinho : *Non facit corpus unde ametur, nisi animus ?* Aquillo que amaveis e admiraveis, não era o corpo, era a alma : *Recessit, quod non videtur, remansit, quod cum dolore videatur* : apartou-se o que se não via, ficou o que se não pôde vêr. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de magestade, de virtude ; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma. Viu S. Francisco de Borja o corpo defuncto e desforme da nossa imperatriz Dona Isabel ; e que lhe succedeu ? Pela differença do corpo morto, viu naquelle espelho o que era a alma ; e como viu o que era a alma, deixou o mundo. Não nos enganára o demonio com o mundo, se nós viramos e conhecemos bem o que é a alma. Mas já que a não podemos vêr em si, vejamol-a em nós : no que o corpo ha de ser, vejamos o que ella é.

V.

Então que nos diga o demonio com a boca muito cheia e muito inchada : *Hæc omnia tibi dabo !* Mente o diabo, e troque as balanças : o *omnia*, não ha de estar na balança do mundo, senão na balança da alma. O tudo deste mundo e do outro, é a alma, não é o mundo. No capitulo doze de São João diz Christo : *Et ego cum exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum* : (Joan. XII — 32) E eu quando fôr levantado na cruz, hei de trazer a mim tudo : *omnia*. Digam-me agora os doutos, que *tudo* é este que Christo havia de trazer a si ? Christo desde o instante

da encarnação foi Senhor universal de tudo, pela união hypostática, pelo direito hereditario da filiação, como Filho natural de Deus, e por outros muitos titulos. S. Paulo : *Quem constituit heredem universorum.* (Ad Hebr. I — 2) S. João : *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus.* (Joan. XIII — 3) E o mesmo Christo : *Omnia mihi tradita sunt à Patre meo.* (Matt. XI — 21) Pois se Christo era e sempre foi Senhor de tudo; que *tudo* era este, que diz que ha de adquirir e trazer a si na cruz? Era o tudo que só é tudo — as almas. Assim o resolve S. Chrisostomo, S. Cyrillo, Theofilato, Beda, Leoncio e todos. Desde o instante da encarnação foi Christo absoluto Senhor de todas as creaturas, quanto ao dominio, e quanto á sujeição : só das almas, ainda que era Senhor quanto ao dominio, quanto á sujeição não o era, porque estavam captivas e escravas do demonio e do peccado. E como Christo na cruz havia de remir, adquirir, sujeitar, e trazer a si as almas; este é o tudo a que absolutamente chama tudo : *Omnia traham ad me ipsum.*

E se me perguntardes, porque na cruz não trouxe a si actualmente mais que uma só alma, a do Bom Ladrão? Foi porque intendessemos que o tudo de que fallava, não eram só todas as almas collectivamente, senão qualquer e cada uma dellas. Assim o declarou admiravelmente a versão Siríaca: *Unumquemque traham ad me ipsum.* Todas tudo, cada uma tudo. A vossa alma é tudo, a minha tudo, a de Dimas, e a de qualquer homem, tudo : *omnia : unumquemque.* Mas para que são versões, nem exposições se temos o mesmo auctor do texto : *Simile est regnum celorum homini negotiari querenti bonas margaritas, inventa una pretiosa margarita, dedit omnia sua, et comparavit eam.* (Mat. XIII — 45 e 46) Um mercader (diz Christo) que negociava e tractava em perolas, achando uma, deu tudo quanto tinha, e comprou-a. Quem é o mercader, qual é a perola, e que é o tudo que deu por ella? O mercader (diz Haymo) é Christo, a pedra preciosa é a alma, o tudo que deu por ella, é tudo o que Deus tinha, e tudo o que era. De maneira que não por todas, nem por muitas, senão por uma só alma : *Una pretiosa margarita,* deu Deus tudo o que tinha, e tudo o que era : e não uma só vez, nem por um só modo, senão

por tantos. *Se nascens dedit socium, convescens in edulium, se moriens in pretium, se regnans dat in præmium.* Deu-se na encarnação, deu-se no sacramento, deu-se na cruz, dá-se na gloria. E aquillo porque Deus tantas vezes e por tantos modos deu tudo, vêde se é tudo: *Omnia traham ad me ipsum.* A alma, a alma, tentador, é o verdadeiro tudo, e não o mundo a que tu falsamente dás esse nome: *Hæc omnia tibi dabo.*

Que bem o entendeu assim o mesmo demonio, que para tudo nos dá armas! Terceira vez vencido o tentador, diz S. Lucas, que se retirou por então, não para desistir totalmente de tentar a Christo; mas reservando a tentação para outro tempo: *Et consummata omni tentatione diabolus recessit ab illo usque ad tempus.* (Luc. IV — 13) Comtudo, nem S. Lucas, nem algum dos outros evangelistas dizem expressamente quando o diabo tornasse a tentar a Christo. Que tempo foi logo este, e que tentação? Santo Athanasio, e communmente os padres e expositores, resolvem que o tempo foi no ultimo dia e hora da morte de Christo (que é a occasião em que o demonio faz o ultimo esforço para tentar aos homens), e que a tentação foi por boca dos judeus, quando disseram: *Si Filius Dei est, descendat de cruce, et credimus ei:* (Matt. XXVII — 42) Se é Filho de Deus, desça da cruz, e creremos nelle. E verdadeiramente a phrase e modo da tentação, bem mostra ser do mesmo artifice que tinha tentado a Christo no deserto e no templo, onde sempre começou, dizendo: *Si Filius Dei es.* Vêde agora a astucia e consequencia do demonio, em que fundou toda a sua esperanza. Como na ultima tentação em que se retirou vencido, tinha offerecido a Christo todos os reinos do mundo, fez este discurso: Este homem offereci-lhe todo o mundo, e não o pude render; necessario é logo accrescentar e reforçar a tentação, e offerecer-lhe coisa que peze e valha mais que todo o mundo: coisa de maior preço e de maior valor que todo o mundo, não a ha senão a alma: hei o de tentar com almas; e assim o fez: *Descendat de cruce, et credimus ei.* De sorte, que só com o offerecimento daquellas almas que o demonio tanto possuia, lhe pareceu que podia render a quem não tinha rendido com o offerecimento de todo o mundo.

Esta foi a tentação que o demonio reservou para a ultima batalha. Mas ainda que nesta occasião fez o tiro a Christo com muitas almas, já antes della o tinha feito com uma só, não offerecendo-lh'a mas querendo-lh'a roubar. Para o demonio roubar a Christo a alma de Judas, persuadiu-lhe a traição. E que fez o Bom Pastor para tirar dos dentes do lobo aquella Ovelha? Lançou-se aos pés do mesmo Judas para lh'os lavar. *Cum jam diabolus misisset in cor; ut traderet eum Judas, cepit lavare pedes discipulorum*: (Joan. XIII — 2 e 5) Senhor meu, vós aos pés de Judas, persuadido pelo demonio a vos entregar? Vós aos pés de Judas, a quem chamastes demonio: *Ex vobis unus diabolus est*? Ainda é maior e mais fundada a minha admiração. Diz expressamente S. Lucas, que antes deste acto e deste dia já o demonio tinha entrado em Judas? *Intravit satanas in Judam, et querebat opportunitatem, ut traderet illum: venit autem dies azimorum, in quo oportebat occidi pascha*. (Luc. XXII — 3, 6 e 7) Pois se Judas não só é demonio por maldade, mas em Judas está por realidade o mesmo demonio; como se ajoelha Christo diante de Judas? A figura em que o demonio tentou a Christo quando disse: *Si cadens adoraveris me*, era de homem e não de demonio: Judas, em quem agora está o demonio, tambem é homem: como pois se ajoelha Christo a um homem que é demonio, e dentro do qual está o demonio? Aqui vereis quanto val uma alma; e quanto val mais que o mundo todo. Por todo o mundo não dobrou Christo o joelho, nem o podia dobrar a um demonio transfigurado em homem: e por uma alma lançou-se de joelhos aos pés de um homem, que era o demonio, e tinha dentro de si o demonio. Por todo o mundo não conseguiu o demonio que Christo se ajoelhasse a elle: por uma alma, se não conseguiu que se ajoelhasse a elle, conseguiu que se ajoelhasse diante d'elle.

Ah idolatras do mundo, que tantas vezes daes a alma e dobraes o joelho ao demonio, não pelo mundo todo, senão por umas partes tão pequenas d'elle, que nem migalhas do mundo se podem chamar! Quantos principes dão a alma, e tantas almas ao demonio por uma cidade, por uma fortaleza? Quantos títulos por uma villa? Quantos nobres por uma quinta, por uma vinha,

por uma casa? Que palmo de terra ha no mundo que não tenha levado muitas almas ao inferno, pela demanda, pelo testemunho falso, pela escriptura supposta, pela sentença injusta, pelos odios, pelos homicidios, e por infinitas maldades? Se o mundo todo não peza uma alma, como pezam tanto estes pedacinhos do mundo? Barro alfim. Deitae ao mar um vaso de barro inteiro, nada por cima da agua: quebrae esse mesmo vaso, fazei-o em pedaços, e todos, até o mais pequeno, se vão ao fundo. Se o mundo todo inteiro peza tão pouco, como pezam tanto estes pedacinhos do mundo, que todos se vão ao fundo, e nos levam a alma a poz si? Quizera acabar aqui, e já ha muito que devêra; mas como estamos em um ponto de tanta importancia, que é a maior e a unica, e toca igualmente a todos e a cada um, dae-me licença, com que acabe de desarmar ao demonio, dando-lhe muitas mais armas das que elle tem, e concedendo-lhe tudo o que hoje prometteu, e tudo o que se não atreveu a prometter. Se algum hora me destes attenção, seja neste ultimo argumento que desejo apertar de maneira, que não haja coração tão duro, nem intendimento tão rebelde, que não dê as mãos e fique convencido.

VI.

Quando o demonio offereceu o mundo a Christo, disse-lhe juntamente (como refere S. Lucas) que elle tinha poderes de Deus para dar o que offerecia: *Tibi dabo potestatem hanc universam, et gloriam eorum, quia mihi tradita sunt, et cui volo, do illa.* (Luc. IV — 6) Estes poderes que o demonio allegava, eram tão falsos como as mesmas promessas. Mas para apertarmos este ponto supponhamos que os poderes eram verdadeiros, e que eram ainda maiores. Supponhamos que tinha o demonio poderes de Deus para verdadeiramente dar este mundo a um homem, e demais destes poderes, que tinha tambem delegação da omnipotência, para prometter, cumprir e executar tudo o que quizesse. Neste caso, se o demonio nos propuzesse o mesmo contracto que hoje propoz a Christo: se nos offerecesse todos os reinos e grandezas do mundo

e nos mostrasse procurações de Deus para tudo ; accital-o hiamos ? Eu intendo que neste caso, qualquer homem bem entendido podia pôr tres replicas ou tres instancias a este offerecimento. A primeira, na brevidade da vida ; a segunda, na inconstancia dos reinos ; a terceira, na limitação da natureza humana. Ora discorrei comigo, e sallemos com o demonio. Tu, demonio, me offereces todos os reinos do mundo. Grande offerecimento é ; mas bem sabes tu que Alexandre Magno não durou mais que seis annos no imperio, e outros imperadores duraram muito menos, e algum houve que durou só tres dias. Pois por seis annos, ou por vinte annos, ou por quarenta annos, que posso viver, e esses incertos, hei eu de entregar a minha alma ? Não é bom partido. Não seja essa a duvida (diz o demonio) eu te seguro, com os poderes que tenho, cem mil annos de vida, e esses sem dôr, sem velhice, sem enfermidade : ha mais outra duvida ? Sim ha. Ainda que eu haja de ter cem mil annos de vida, quem me segurou a mim a duração e permanencia desses reinos e dessa monarchia ? Não ha coisa mais inconstante no mundo que os reinos, nem menos duravel que sua gloria e felicidade. Sem recorrer aos exemplos passados, digam-n'o as mudanças que vimos nestes nossos dias, em que tão pouco segura tiveram os reis a obediencia dos vassallos, e a côroa e ainda a mesma cabeça, sobre que assentam as coroas *. Pois se os vassallos mesmo se me houvessem de rebelar, ou os estranhos me houvessem de conquistar os reinos, que me importaria a mim ter o nome e o dominio delles ? Não seja essa tambem a difficuldade (diz o demonio) eu te asseguro a duração e perpetuidade da monarchia, e todos os reinos que te mostrei, por espaço de cem mil annos ; e te prometto que os possuirás sempre quietos e pacificos. Ha mais ainda alguma coisa em que reparar ? Ainda ha uma. Sendo eu, rei de todo o mundo, não me posso gozar de todo elle no mesmo tempo. Quando tiver a corte em Lisboa, não a posso ter em Pariz : quando a tiver em Roma, não a posso ter em Constantinopla : se lograr as terras da Europa, não posso lograr as da America : se lograr as delicias de Italia, não posso gosar as

* Neste tempo foi degolado el rei de Inglaterra.

da India. Pois se eu não hei de ter mais capacidade para os gostos da vida, do que tem qualquer outro homem; que me importa ter tanto poder e tanta materia para ellas? Tambem isso tem remedio (diz o demonio). Assim como Christo no Sacramento está em todos os logares do mundo, sendo um só e o mesmo, assim farei eu pela omnipotencia delegada, que tu, sendo um só, estas juntamente em todos os logares do mundo, para que em todos possas gozar tudo o que quizeres.

Eis aqui as condições com que supponho que nos offerece o demonio o seu contracto. Parece-vos que são boas condições estas, e dignas de se aceitarem? Um homem com cem mil annos de vida seguros, sem dôr, nem enfermidade: um homem monarcha universal de todos os reinos do mundo, com certeza de não se mudarem: um homem multiplicado em todas as partes do mundo para poder gosar no mesmo tempo as delicias de todo elle. Parece que a imaginação não póde inventar mais, nem querer mais o desejo. Dizei-me agora: se este contracto vol-o offerecesse o demonio, assignado por Deus, aceitarieis esta vida, esta magestade. estas delicias de cem mil annos, com condição de no cabo delles perder a alma e ir ao inferno? É certo que nenhum de nós aceitaria tal contracto. Ao menos, eu não. Pois se não aceitaríamos ao demonio um tal contracto, como aceitamos tentações tão differentes? Dizei-me: quando o demonio vos tenta promette-vos larga vida? Antes são muitas vezes taes as tentações, que sabeis de certo que caindo nellas, quando menos, haveis de encurtar a vida e perder a saude. Mais. Quando o demonio vos tenta, promette-vos reinos e monarchias universaes do mundo? Não: um governo, uma privança, um titulo, um morgado, uma herança, e outros interesses menores. Mais. Quando o demonio vos tenta, multiplica-vos a capacidade dos sentidos, para que possaes gosar com maior largueza, e sem limite, os gostos e delicias do mundo? Nada disto. Pois se fôra loucura, e rematada loucura, entregar um homem a sua alma por aquelle contracto; que será entregarmol-a cada dia e cada hora por tentações de tanto menos porte? Por uma vaidade, por um desejo, por uma representação, por um pensamento, por um appetite, que no instante de antes o desejaes, e

no instante de depois o aborreceis? Tomara que me respondesseis a esta evidencia, para vêr que razão me daes.

Só uma vos pôde occorrer que tenha alguma apparencia, e é o que nos engana a todos. Padre, entre aquelle contracto e as tentações ordinarias do demonio, ha uma differença grande. Consentindo naquelle contracto, ficava eu perdendo a minha alma de certo: consentindo nas outras tentações, somente ponho a minha alma em duvida, porque depois de aceitar a tentação e lograr o que o diabo ou o appetite me promette, posso arrepender-me e salvar-me. Primeiramente, essa mesma conta fizeram todos os christãos que estão no inferno. Mas sem chegar a esta supposição; tão leve negocio é pôr a alma e a salvação em duvida? Aprendamol-o do mesmo demonio, e torne a tentação a ser remedio. Quando o diabo tentou a Christo, bem via que aquelle homem quem quer que fosse, depois de aceitar o partido, e se ficar com os reinos do mundo, assim como se houvesse posto de joelhos diante do demonio para o adorar, assim se podia pôr de joelhos diante de Deus, para pedir perdão e se restituir á sua graça e salvar-se. Pois se isto era assim, porque lhe offerecia o demonio todo o mundo, só por aquella adoração, só por aquelle peccado? Porque aquelle peccado em um homem, ainda que lhe não tirava a salvação com certeza, punha-lhe a salvação em duvida; e só por pôr em duvida a salvação de uma alma, dará, e dá o demonio todo o mundo. Pois se o demonio, que não é interessado como eu, dá um mundo só por pôr a minha salvação em duvida, eu porque porei em duvida a minha alma e a minha salvação, ainda que seja por todo o mundo?

Christãos, Deus nos livre de pôr a salvação de nossa alma em duvida, ainda que seja pelo preço de todo o mundo e de mil mundos. O que se põe em duvida, pôde ser e pôde não ser: e se fôr? se a duvida inclinar para a peor parte, se eu me não salvar e me condemnar, como se condemnaram tantos que lhe fizeram essa mesma conta, será bem que fique a alma nessas contingencias? Oh tristes almas as nossas, que não sei que nos teem feito, que tanto mal lhe queremos! Por certo, que não nos havemos nós assim nas temporalidades. O negocio em que vos vae a vida, ou a

fazenda, ou a honra, ou o governo, contentaes-vos com o deixar nessas duvidas? Não buscaes sempre o mais seguro? Pois só a Deus, e á ventura hão de ser para a triste alma? Vede como se queixava Christo desta sem-razão: *Diviserunt sibi vestimenta mea, et super vestem meam miserunt fortem*: (Matth. XXVII — 35) As minhas vestiduras exteriores, dividiram-nas para si, e a minha tunica interior lançaram-na a sortes. Os vestidos-exteriores de Christo dividiram-nos entre si os soldados em partes iguaes: a tunica interior jogaram-na, a vêr quem a levava inteira. Que é esta tunica interior, e que vestiduras exteriores são estas que os homens receberam de Deus? As vestiduras exteriores são os bens temporaes; a tunica interior é a alma. Vede agora com quanta razão se queixa Christo: *Diviserunt sibi vestimenta mea*: as vestiduras exteriores, os bens temporaes, estimam-nos os homens tanto, que os não querem pôr na duvida de uma sorte; dividem-nos com grande tento, reparandó em um fio, e cada um segura a sua parte: *Et super vestem meam miserunt sortem*: pôrém a tunica interior, a alma, fazem tão pouco caso della os homens, que a lançam a sortes, e á ventura, ao tombo de um dado. Atrevemo-nos a estar eternamente no inferno? Para quando guardamos os nossos juisos? Para quando guardamos os nossos entendimentos? Porque cuidaes que foram prudentes as cinco virgens do evangelho? Porque eram muito intendidas? Porque fallavam com grande discrição? Não. Porque quando as companheiras lhe pediram do oleo para acompanhar o Esposo ás vodas, ellas responderam: *Ne forte non sufficiat nobis, et vobis*: (Matth. XXV — 9) não, amigas, porque não sabemos se nos bastará o que temos. Pôr em duvida a entrada do céu, pôr em duvida a salvação da alma; nem por amor das amigas, nem por amor das vodas, nem por amor do Esposo.

VII.

Não digo eu pôr a salvação da alma em duvida. Ainda que algum de nós soubera de certo, e tivera revelação, que a sua alma se não havia de salvar, só por ser alma a não havia de dar por

nenhum preço do mundo. Ouvi uma ponderação que me faz tremer. É de fé, que o Filho de Deus morreu por todos os homens. Assim o definiu Innocencio Decimo em nossos dias, contra o erro dos Jansenistas, e assim o diz expressamente S. Paulo em dois logares de suas epistolas : na segunda ad Corinth. cap. 5 : *Christus pro omnibus mortuus est*. E na primeira ad Timoth. cap. 2 : *Qui dedit redemptionem semetipsum pro omnibus*. Todos os homens quantos ha, e houve, e ha de haver no mundo, ou são predestinados que se hão de salvar, ou são precitos que se hão de perder. Que Christo morresse pelas almas dos predestinados, bem está, são almas que se hão de salvar, e que hão de vêr e gosar e amar a Deus por toda a eternidade ; mas morrer Christo, e dar o preço infinito de seu sangue tambem pelas almas dos precitos ? Sim. Morreu pelas almas dos predestinados, porque são almas que se hão de salvar : e morreu tambem pelas almas dos precitos, porque, ainda que se não hão de salvar, são almas. Nos predestinados, morreu Christo pela salvação das almas : nos precitos, morreu pelas almas sem salvação ; porque é tão grande o valor das almas por si mesmas, ainda sem o respeito de se haverem de salvar, que deu Deus por bem empregado, ou por bem perdido nellas o preço infinito de seu sangue. Grande exemplo em uma alma particular.

Fez Christo por Judas os extremos que todos sabem ; mas nem todos os ponderam como merecem. Se Christo tivera certeza de que Judas se havia de salvar, bem empregadas estavam todas aquellas despezas de trabalho e de amor. E se, quando menos, a salvação de Judas estivera duvidosa, tambem era bem aventurar todas aquellas diligencias na contingencia dessa duvida. Mas Christo sabia de certo que Judas era precito, e se havia de condemnar. Pois, Senhor, como empregaes e despendeis tantas vezes o preço infinito de vossas palavras, de vossas acções, e de vossas lagrimas, com esse infeliz homem ? Não sabeis que se ha de perder a sua alma ? Sim, sei ; mas ainda que se ha de perder, é alma. A certeza da sua perdição não lhe tirou o ser, antes accrescenta a dôr de tamanha perda. E que haja ainda almas que se queiram perder certamente ? ! Que haja ainda tantos Judas que

deem entrada ao demonio em suas almas, não por todo o mundo, nem por trinta dinheiros, mas por outros preços mais vis e mais vergonhosos ?

Ora, christãos, se uma alma, ainda sem o respeito da salvação val tanto; as nossas almas que pela misericórdia de Deus ainda estão em estado de salvação, porque as estimamos tão pouco ? Que nos fizeram as nossas almas, para lhes querermos tanto mal, para as desprezarmos tanto ? Christo estima infinitamente a minha alma mais que todo o mundo : o mesmo demonio estima tambem mais a minha alma que todo o mundo ; e só eu hei de estimar todas as coisas do mundo mais que a minha alma ? Que coisa ha neste mundo tão vil, ou seja da vida, ou seja da honra, ou seja do interesse, ou seja do gosto, que a não estimemos mais que a alma, e que não vendamos a alma por ella ? Ponhamos os olhos em um Christo crucificado, e aprendamos naquella balança, a pesar e estimar nossa alma. Como está Christo na cruz ? Despido, affrontado, atormentado, morto : despido pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que o interesse : affrontado pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que a honra : atormentado pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que os gostos : morto pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que a vida. Oh, peze-mos bem o que é, e o que ha de ser o mundo ; o que é, e o que ha de ser a nossa alma. Seja esta a principal devoção desta quaresma, e seja tambem a principal penitencia. Não vos peço que nesta quaresma accrescenteis as devoções, nem as penitencias ; só uma commutação dellas vos peço, e é que tomeis na mão aquella balança. Tomemos sequer meia hora cada dia, para nos fecharmos comnosco e com a nossa alma, e para tractarmos della, e com ella. Diz S. João no Apocalypse : *Factum est silentium in celo quasi media hora* : (Apoc. VIII — 1) que se fez silencio no céu por espaço de meia hora, em quanto se tractava das petições da terra. Se no céu, onde tudo é segurança e felicidade, se toma meia hora para tractar da terra ; na terra, onde nada é seguro, e tudo é miseria ; porque se não tomará meia hora para tractar do céu ? De vinte e quatro horas do dia, não lhe bastarão ao corpo

vinte e tres e meia, e a pobre alma não terá sequer meia hora ? E que seja necessario que isto se vos esteja rogando e pedindo, e que não baste ? Ora, fieis christãos, façamol-o assim todos nesta quaresma, para que tambem a quaresma seja christã. Consideremos que a nossa alma é uma só ; que esta alma é immortal e eterna ; que a união que tem esta alma com o corpo (a que chamamos vida) póde desatar-se hoje ; que todas as coisas deste mundo cá hão de ficar, e só a nossa alma ha de ir connosco ; que a esta alma a esperam uma de duas eternidades : se formos bons, eternidade de gloria ; se formos máus, eternidade de pena. É isto verdade, ou mentira ? Cremos que temos alma, ou não o cremos ? São estas almas nossas, ou são alheias ? Pois que fazemos ?

Tambem das alheias nos devemos lastimar muito! Todo o mundo que o demonio hoje offereceu a Christo, foi por uma alma alheia. Se dá todo o mundo o demonio por perder uma alma ; porque não daremos nós, e porque não faremos alguma coisa por tantas almas que se perdem ? Neste mesmo instante se estão perdendo infinitas almas na Africa, infinitas almas na Asia, infinitas almas na America (cujo remedio venho buscar) tudo por culpa e por negligencia nossa. Verdadeiramente não ha reino mais pio que Portugal ; mas não sei entender a nossa piedade, nem a nossa fé, nem a nossa devoção. Para as almas que estão no purgatorio, ha tantas irmandades, tantas confrarias, tantas despezas, tantos procuradores, tantos que as encommendem de noite e de dia : só aquellas pobres almas que estão indo ao inferno, não teem nada disto ! As almas do purgatorio, ainda que padeçam, teem o céu seguro : as que vivem e morrem na gentilidade, não só teem o céu duvidoso, mas o inferno, e a condemnação certa, sem haver quem lhes acuda. Não é maior obra de misericordia esta ? Pois porque não haverá tambem uma irmandade ; porque não haverá tambem uma congregação ; porque não haverá tambem uma junta ; porque não haverá tambem um procurador daquellas pobres almas ? Senhor, estas almas não são todas remidas com o vosso sangue* ? Senhor, estas almas não são todas remidas com o sangue de Christo ? Se-

* Falla alternadamente com Deus e com o rei.

nhor, a conversão destas almas não a entregastes aos reis e reino de Portugal? Senhor, estas almas não estão encarregadas por Deus a Vossa Magestade com o reino? Senhor, será bem que estas almas se percam, e se vão ao inferno, contra o vosso desejo? Senhor, será bem que aquellas almas se percam, e se vão ao inferno por nossa culpa? Não o espero eu assim da Vossa Magestade Divina, nem da humana. Já que ha tantos expedientes para os negocios do mundo, haja tambem um expediente para os negocios das almas, pois valem mais que o mundo. Desenganemo-nos: quanto mais se adiantar o negocio da salvação das almas, tanto os do mundo irão mais por diante. O demonio offereceu todos os reinos do mundo a Christo, pela perdição de uma alma; e Christo porque tractou da salvação das almas, está hoje Senhor de todos os reinos do mundo. Assim nos succederá a nós tambem, e assim o prometto em nome do mesmo Deus. Deixae-me santificar as palavras do demonio, e pol-as na boca de Christo: *Ostendit ei omnia regna mundi*: está-nos Deus mostrando todos os reinos desse novo mundo, que por sua liberalidade nos deu, e por nossa culpa nos tem tirado em tanta parte. E apontando para a Africa, para a Asia, para a America, nos está dizendo: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*: reino de Portugal, eu te prometto a restituição de todos os reinos que te pagavam tributo, e a conquista de outros muitos, e mui oppulentos desse novo mundo, se tu, pois te escolhi para isso, fizeres que crêa em mim, e me adore: *Si cadens adoraveris me*: Assim o prometto da bondade de Deus, assim o espero do grande zelo e piedade de sua magestade, assim o confio da muita christandade de todos os ministros; e se tractarmos das almas alheias, este meio de que tanto se serve Deus, será o mais effizaz de conseguirmos a salvação das proprias, nesta vida com grandes augmentos de graça, e na outra com o premio da gloria.

SERMÃO

DO

SANTÍSSIMO SACRAMENTO

**Prégado no real convento da Esperança, em Lisboa,
no anno de 1669.**

Hic est panis qui de cælo descendit. —
Joan. VI.

I.

Que satisfeita está hoje a fé, e que satisfeita a caridade! Só a esperança parece que não está nem pôde estar satisfeita. Está satisfeita a fé, porque se vê sublimada a crêr a verdade do mais alto, do mais profundo, e do mais escondido mysterio: *Caro mea verè est cibus.* (Joan. VI — 56) Está satisfeita a caridade, porque se vê abraçada intimamente com Deus no laço da mais estreita e da mais amorosa união, e da mais reciproca: *In me manet, et ego in illo.* (Ibid. — 57) Só a esperança parece que não está, nem pôde estar satisfeita no divinissimo sacramento; porque se lhe nega o que deseja, porque se lhe encobre o que suspira, porque se lhe retira o que segue, e porque na mesma presença se lhe ausenta o que espera. Está Deus alli para a fé, está Deus alli para a caridade, e só para a esperança não está alli. Está alli

para a fé, porque o objecto da fé é Deus crido : está alli para a caridade, porque o objecto da caridade é Deus amado, e não está alli para a esperança, porque o objecto da esperança, como ensina S. Paulo, é Deus visto. A Deus invisível póde-o crêr a fé, a Deus invisível póde-o abraçar a caridade, a Deus invisível, não o póde lograr a esperança. Se o objecto da esperança é Deus visto, e a essencia do sacramento é Deus não visto, nem visível, porque isso se chama sacramento, como estará a esperança satisfeita neste desvio, contente neste desengano, e socegada neste impossível ? Firme sim, constante sim, animosa e anciosa sim; mas satisfeita, contente e socegada, não fôra a esperança, esperança, se assim estivera. Pois por certo, Senhor, que não é a vossa condição tão esquivã, nem o vosso coração tão pouco humano, que o não obriguem desejos, que o não solicitem ancias, que o não penetrem suspiros, que o não enterneçam saudades. E se este é o ser e o exercicio continuo da esperança ; como se esqueceu tanto della vossa providencia neste mysterio, que parece vos sacramentastes somente para accrescentar novos pezares a seus desejos, e um perpetuo martyrio a suas ancias ?

A satisfação destas queixas será hoje a materia do nosso discurso : para que o nome e circumstancia do logar dê novidade á celebridade do dia, verã a esperança queixosa os extremos de fineza que deve a Christo sacramentado ; e nós veremos sem queixa do mesmo sacramento, que posto que se chame mysterio da fé, encerra maiores mysterios da esperança. *Ave Maria.*

II.

Hic est panis qui de cœlo descendit. (Joan. VI — 59)

Este é o pão que desceu do céu. E porque desceu do céu este pão ? Só para exercicio da fé, só para augmento da caridade ? Não. Digo, que desceu do céu o pão do céu para satisfação da esperança. Ora vêde. Perguntam os theologos, se ha esperança no céu ; e resolvem todos com Santo Thomaz, que nem no céu nem no inferno ha esperança. A razão é porque o bem que fôr objecto

da esperança, ha de ter estas duas condições : ser possível, e ser futuro possível ; porque o impossível não se deseja : futuro, porque o presente não se espera. E como o *summo* bem, que é o objecto da esperança sobrenatural, no inferno já não é possível, e no céu já não é futuro ; por isso, nem no céu, nem no inferno pôde haver esperança. A alma, se vae ao céu, salva-se ; se vae ao inferno, perde-se ; mas a esperança, ou no céu, ou no inferno, sempre se perde : no céu pela vista de Deus, no inferno pela desesperação da mesma vista. Succede-lhe á alma com a esperança o que a Moysés com a terra de promissão, e ás virgens prudentes com as companheiras. Moysés levou á terra de promissão os israelitas, mas não entrou lá : as virgens prudentes entraram no céu, mas as companheiras, ainda que chegaram á porta, ficaram de fóra. A mais fiel companheira da alma, é a esperança ; porém é tal a ventura da alma, e tal a sorte da esperança, que quando á alma se lhe abrem as portas do céu, á esperança fecham-se : a alma entra, e a esperança fica de fóra. E como a esperança não podia subir nem entrar no céu ; que fez Deus para satisfazer a esperança ? Desceu e saiu do céu em disfarces de pão : *Hic est panis, qui de cælo descendit* : para que a esperança, que o não podia gosar da parte de dentro, o gosasse da parte de fóra.

Levado o propheta Ezechiél em espirito, desde Babylonia, onde estava captivo, á cidade e templo de Jerusalem, mostrou-lhe um anjo o sanctuario com a porta fechada, e disse-lhe que fóra daquella porta assim fechada se assentaria o principe á meza para comer o pão na presença do Senhor : *Et convertit me ad viam portæ sanctuarii, et erat clausa, et dixit Dominus ad me : porta hæc clausa erit ; princeps ipse sedebit in ea, ut comedat panem coram Domino.* (Ezech. XLIV — 1, 2 e 3) Entram agora os expositores sagrados a declarar este enigma, e dizem que o sanctuario é o céu, o principe Christo, e por consequente a meza o altar, e o pão o santissimo sacramento. Em que não ha difficuldade. Mas se o santuario é o céu, e o principe o Principe do céu, e o pão o pão do céu ; porque está a porta do céu fechada, e se diz que ha de estar fechada sempre, e o principe e a meza não dentro, senão fóra da porta ? Verdadeiramente, que se não poderá

pintar com maior propriedade de circumstancias tudo o que queremos provar. A meza do divinissimo sacramento, em que assiste realmente o Principe da gloria, foi instituida para os homens não no estado da patria, senão no estado da esperança : e como a esperança não pôde entrar das portas do céu para dentro, por isso se poz a meza das portas a fóra. Andou Christo tão fino com a esperança, que porque ella não podia entrar no céu, para se assentar á meza da bemaventurança, poz outra meza e fez outra bemaventurança fóra do céu, só para que a esperança a lograsse. Oiçamos a Dávid.

No psalma tinta e tres convida David a todos os fieis para a meza dos pães da proposição da lei da graça (como notam no mesmo logår os padres gregos). E diz assim : *Gustate, et videte, quoniam suavis est Dominus.* (Psal. XXXIII — 9) Comei, e vêde quão suave é o Senhor. Não diz, comei e vêde quão suave é o pão ; senão, comei e vêde quão suave é o Senhor ; porque o Senhor é o pão que alli se come. E ditas estas palavras, exclama o propheta : *Beatus vir, qui sperat in eo* : (Ibid.) Oh bemaventurados homens que esperam nelle ! Nesta exclamação, e nesta consequencia reparo. Supposto que David nos convida a comer a Deus no sacramento, e gozar nelle a suavidade do mesmo Deus : *Gustate, et videte, quoniam suavis est Dominus*, parece que havia de inferir e exclamar : ó bemaventurados os que o comem, e não bemaventurados os que esperam nelle : *Beatus vir, qui sperat in eo* ! Na bemaventurança do céu, que consiste em vêr a Deus, são bemaventurados os que o vêem : logo tambem na bemaventurança da terra, que consiste em comer a Deus, são bemaventurados os que o comem. Assim é. Pois porque não diz David aqui : Bemaventurados os que comem, senão bemaventurados os que esperam ? Porque não só quiz o propheta revelar o mysterio, senão tambem declarar o motivo. Nas primeiras palavras : *Gustate, et videte, quoniam suavis est Dominus* : revelou o mysterio, que é o sacramento : nas segundas palavras : *Beatus vir, qui sperat in eo* : declarou o motivo que é a esperança. E com razão exclamou David, admirado mais ainda do motivo, que do mysterio, porque não pôde haver fineza digna de maior admiração, que tendo Deus

feito uma bemaventurança universal para premio e satisfação de todas as outras virtudes, para premio e satisfação da esperança fizesse outra bemaventurança particular. Para todas as outras virtudes uma bemaventurança no céu; para a esperança outra bemaventurança na terra: para todas uma bemaventurança futura, para a esperança, outra bemaventurança presente: para todas uma bemaventurança que consiste em Deus visto, para a esperança, outra bemaventurança que consiste em Deus comido: para todas uma bemaventurança, que se goza sem esperança, para a esperança, outra bemaventurança que lá a gozam os que esperam: *Beatus vir, qui sperat in eo.*

III.

Mas para que me detenho eu em referir prophcias de David, e visões de Ezechiél, se tenho o testemunho do mesmo Auctor e instituidor do sacramento — o Senhor, que está presente? No capítulo doze de S. Lucas, chama Christo bemaventurados a certos servos seus: *Beati sunt servi illi.* (Luc. XII — 38) E como se a bemaventurança que lhes promete, fosse incrível, confirma a mesma promessa com juramento, dizendo: *Amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis:* (Ibid. — 37) De verdade vos digo, que o Senhor se cingirá e os fará assentar á meza, e elle em pessoa os servirá a ella. Sabamos agora que meza e que bemaventurança é esta. A commun exposição dos interpretes é, que fallou Christo aqui da meza e bemaventurança do céu. Mas esta sentença se impugna fortemente com as mesmas palavras do texto: *Præcinget se, et transiens ministrabit illis.* Deus no banquete da gloria communica-se aos bemaventurados em toda a largueza de sua immensidade: logo não se póde dizer daquelle banquete, que Deus se cinge e se estreita nelle: *Præcinget se.* Demais: o banquete da gloria é permanente, porque dura e ha de durar por toda a eternidade: logo, não se póde dizer que é transeunte e de passagem: *Et transiens ministrabit illis.* Que banquete é logo este, em que Deus se communica não permanentemente, senão de passagem, e com a

immensidade de sua grandeza não dilatada, senão abbreviada e cingida? Santo Agostinho como aguia de mais aguda vista diz, que é o banquete do santissimo sacramento: *Qui nobis ministravit, nisi quod hodie manducamus et bibimus?*

Bastava que esta exposição fosse de Agostinho, para nós a vernerarmos e recebermos: mas porque é singular, e o santo a não proyou, eu a provo. E não só a demonstrarei com a propriedade do mysterio, senão tambem com a mesma instituição d'elle. Que diz o texto? *Præcinget se*: que Christo se cingirá? Isso fez Christo antes da instituição do sacramento: *Præcinget se*. (Joan. XIII — 4) Que mais diz? Que elle o administrará por sua propria pessoa: *Ministrabit illis*? (Luc. XII — 37) Isso fez Christo na cea: *Fregit, deditque discipulis suis*. Que mais? Que o fará em transito: *Transiens*? Assim foi: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*. (Joan. XIII — 1) E a mesma festa que então celebrou Christo, se chamava *Phase, idest, transitus Domini*. (Exod. XII — 11) E se confirma tudo com o texto da mesma parabola: *Quando revertatur á nuptiis*: (Luc. XII — 36) porque se instituiu o sacramento quando Christo depois de ter vindo a celebrar as vodas com a natureza humana, tornava outra vez para o céu. Isto quanto á historia, e no modo e tempo e circumstancias da instituição. E quanto ao mysterio, não pôde haver propriedade mais natural. Porque Christo ao sacramento tem abbreviada e estreitada sua grandeza, e reduzida não só ao circulo de uma hostia, senão a qualquer parte della: *Præcinget se*. E porque o sacramento é viatico de caminhantes, em que somente se nos dá Christo em quanto dura a peregrinação e passagem, desta vida: *Et transiens*: e finalmente, porque ainda que o sacerdote pronuncia as palavras da consagração, Christo é o principal ministro do sacrificio e do sacramento, como dizem todos os padres e concilios: *Ministrabit illis*. Bem se prova logo a sentença de Santo Agostinho, e bem se demonstra que a meza e bemaventurança que o Senhor prometeu neste logar, é a meza e bemaventurança, não do céu, senão de fóra do céu, não da gloria, senão do sacramento.

Mas a quem se fez esta promessa, a quem se prometeu este

premio, e por que merecimentos? Grão caso! Não se prometteu a outros, senão aos que esperam, nem por outros merecimentos senão os da esperança. O mesmo texto o diz: *Et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum.* (Luc. XII — 36) Sêde semelhantes, diz Christo, aos servos, que esperam por seu senhor, e se assim o fizerdes, o mesmo Senhor vos porá á sua meza, e vos servirá a ella, dando-se a si mesmo: *Amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis.* Oh admiravel fineza de Christo! Oh singular privilegio da virtude da esperança! Porque não podia dar á esperança, o que ella espera no céu, deu aos que esperam na terra, o que elles não esperavam, nem podiam esperar. Esperavam os servos, ou podiam esperar que seu Senhor lhes puzesse e os puzesse á meza? Não: e isso é o que ella faz: *Faciet illos discumbere.* Esperavam ou podiam esperar que elle por sua propria Pessoa os servisse? Não: e elle é o que os serve: *Et transiens ministrabit illis.* Esperavam, ou podiam esperar que se lhes dêsse a comer a si mesmo? Muito menos. Só esperavam e podiam esperar que se lhes dêsse a vêr no céu; mas elle anticipando o tempo, e satisfazendo o desejo da esperança sobre a mesma esperança, para que o podessem comer na terra, desce do céu transubstanciado no pão: *Hic est panis qui de cælo descendit.*

IV.

Provado assim o que digo com a visão de Ezechiél, com a prophécia de David, e com a parábola do mesmo Christo, se alguém ainda deseja o exemplo da experiencia, tambem este nos não falta. Apparece Christo em trajos de peregrino aos dois discipulos, que na manhã da resurreição caminhavam para Emaús; e assentado á meza, para que o conhecessem, parte o pão e consagra-se nelle: *Et cognoverunt eum in fractione panis.* (Luc. XXIV — 35) Não sei se reparaes, não só no admiravel, senão muito mais no singular deste caso. A outros muitos appareceu o Senhor e se deu a conhecer neste mesmo dia, mas a nenhum com semelhante favor, nem com tão extraordinario modo. Appareceu

a Magdalena, appareceu ás outras Marias, appareceu a S. Pedro, appareceu a todos os discipulos juntos, e comeu com elles, e tendo aqui a mesma occasião o Senhor de consagrar o pão, e repetir o mysterio do sacramento, não o fez, parecendo superflua a presença sacramental, onde a natural estava com elles. Depois que todos passaram a Galiléa tambem appareceu e comeu o Senhor com os discipulos muitas vezes : e sendo a meza, como muitos querem, a de sua Mãe santissima, tambem alli não consagrou seu corpo. Pois que merecimento concorreu nos dois discipulos de Emaús, ou que maior razão teve Christo para se lhes dar a elles sacramentado e não aos demais ? Lembrae-vos do que diziam, e logo vereis que foi obrigação e não favor ; necessidade é não excesso. O que diziam estes discipulos, dando a causa da sua tristeza ; é que esperavam desconfiados : *Nos autem sperabamus*. (Ibid. — 21) E como a sua esperança ia tão enfraquecida e quasi desmalada ; com que lhe havia de acudir o Senhor, senão com o alimento da esperança, que é o sacramento ? Remedio foi logo e não favor ; necessidade é não excesso. E notae que esta foi a primeira vez que o pão natural se consagrou em corpo do Christo depois de instituido o sacramento na cea, para que desde logo se desse principio ao fim porque se instituirá. Como o fim particular da instituição do sacramento foi alentar e alimentar nesta vida a nossa esperança, por isso o mesmo Senhor que tinha instituido o remedio, quiz tambem ser o primeiro que nos mostrasse a sua efficacia na primeira enfermidade que necessitava d'elle.

E para que se não duvide que o remedio da esperança foi a maior razão desta differença, diz o evangelista que no mesmo ponto em que o Senhor partiu e consagrou o pão, se fez juntamente invisivel, e se escondeu aos olhos dos dois discipulos : *Et ipse evanuit ab oculis eorum*. (Ibid. — 31) Mas se o fim desta consagração foi para que os dois discipulos o conhecessem ; porque desaparece no mesmo ponto, e se esconde a seus olhos ? Encobrir-se, para se manifestar ? Esconder-se, para se dar a conhecer ? Sim : e não podia ser de outro modo. Porque sendo mysterio do sacramento, e remedio da esperança, nem a esperança remediada podia vêr, nem o Senhor sacramentado podia ser visto.

Se o sacramentado fosse visto, deixava de ser sacramento ; se a esperança o visse, deixava de ser esperança : e porque verdadeiramente era sacramento, e sacramento para remedio da esperança ; por isso foi não só conveniente, mas necessario, que o Senhor se escondesse a seus olhos : *Et ipse evanuit ab oculis eorum*. Isto é o que succedeu naquelle grande dia, e isto o que todos estes oito dias tivemos presente : Christo alentando e alimentando, não desmaios, mas saudades da esperança : escondido porém o Senhor, e encoberto a nossos olhos : *Et ipse evanuit ab oculis eorum*. Porque nem a esperança fôra esperança, nem o sacramento sacramento, se assim não fôra. Goza pois a esperança por meio do sacramento na terra, o que não podia gosar no céu : e Deus por meio do sacramento desce do céu : *Hic est panis, qui de celo descendit* : para que a esperança o possar gosar na terra.

V.

É tanto assim verdade, que só em quanto durar a esperança, ha de durar o sacramento, e tanto que acabar a esperança, também o sacramento se ha de acabar. O sacramento do altar ha de durar somente até o fim do mundo, conforme a promessa de Christo : *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi*. (Matth. XXVIII — 20) E depois do mundo porque não ? Christo não é sacerdote eterno ? Sim é ; e sacerdote eterno, não segundo a ordem de Aram, que sacrificava cordeiros, senão segundo a ordem de Melchisedech, que sacrificou em pão e vinho : *Tu es sacerdos in æternum secundum ordinem Melchisedech* : (Psál. CIX — 4) *Melchisedech proferens panem, et vinum*. (Gen. XIV — 18) Pois se o sacerdote é eterno, porque não será também eterno o sacrificio e o sacramento ? Porque o sacrificio foi instituido para propiciação do peccado, e o sacramento para satisfação da esperança. E assim como no fim do mundo ha de cessar o sacrificio, porque ha de ter fim o peccado ; assim no fim do mundo ha de cessar o sacramento, porque ha de ter fim a esperança. Agora intendereis o mysterio do manná, quando se acabou, e porque ?

Em quanto os filhos de Israel caminhavam para a terra de promissão, chovia-lhes o manná todos os dias. Chegaram finalmente á terra desejada, começaram a comer os fructos della, e diz o texto sagrado, que no mesmo ponto cessou o manná : *Defecit manna postquam comederunt de frugibus terræ, nec usi sunt ultra cibo illo filii Israel.* (Josué V — 12) De maneira, que em quanto os filhos de Israel iam peregrinando pelo deserto com os desejos e esperanças de chegar á patria promettida, sustentavam-se do manná ; porém depois que chegaram ao fim de suas esperanças, aonde teve fim a esperança, teve tambem fim o manná : *Defecit manna.* E que manná é este, senão o divinissimo sacramento ? Oicamos a Ruperto : *Nunc pascimur ore manducando panem vitæ æternæ : at ubi venerimus in terram viventium, ubi in sua specie videbitur Deus, jam non in istis speciebus, sed in propria substantia videndo, manducabimus panem angelorum. Igitur postquam manducaverunt terræ fruges, defecit manna.* Sabeis porque cessou o manná, quando os filhos de Israel entraram na terra de promissão ? Foi porque tambem ha de cessar o sacramento, quando nós entrarmos na bemaventurança da gloria. Todos nesta vida somos peregrinos daquellá patria bemaventurada : os que foram diante, já chegaram, nós imos caminhando agora, e assim caminharão depois os que nos succederem, todos com esperança de a gosar. No fim do mundo estarão recolhidos á patria todos os predestinados, e quando todos chegarem ao fim da sua esperança, e a mesma esperança tiver fim, tambem terá fim o manná, tambem terá fim o sacramento. Se a esperança houvera de durar eternamente, tambem o sacramento seria eterno ; mas como a esperança ha de parar com a roda do tempo, e do mundo, tambem o sacramento ha de durar somente até o fim do mundo : *Usque ad consummationem sæculi.* Tão vinculado deixou Christo o pão do céu ao morgado da esperança !

E se alguém me perguntar a razão natural desta mutua correspondencia e connexão, como necessaria, do sacramento com a esperança, e da esperança com o sacramento, assim na duração, como no fim ; na natureza da mesma esperança, e do mesmo sacramento, a acharemos. A esperança é um affecto, que, suspirando

sempre por vêr, vive de não vêr, e morre com a vista. É theologia de S. Paulo, fallando da mesma esperança de que nós tractamos: *Spes quæ videtur, non est spes: nam quod videt quis, quid sperat?* (Rom. VIII — 24) A esperança que chegou a vêr o summo bem esperado, já não é esperança; porque quem espera ainda não vê, e quem vê já não espera. Esta é a natureza da esperança. E a do sacramento qual é? É a presença da humanidade e divindade de Christo, encuberta debaixo daquelle véo, o qual de tal maneira a faz invisível, que se se podesse ou deixasse vêr, já não seria sacramento. E como a esperança sendo desejo de vêr a Deus, já não seria esperança se o visse; e o sacramento tendo dentro de si a Deus, já não seria sacramento se o deixasse vêr; d'aqui vem ser tal a connexão que ha entre a esperança e o sacramento, e a duração de um e outro, que quando Deus franquear a sua vista a todos os que a esperam (o que será no fim do mundo) necessariamente se hão de acabar a esperança e mais o sacramento: a esperança, porque já veremos a Deus; o sacramento, porque já Deus não será invisível.

As estrellas vivem de noite, e morrem de dia. O mesmo nos succederá nesta noite da esperança, quando amanheceu o dia da gloria. Não debalde instituiu Christo o divino sacramento de noite, quando por uma presença que nos levou da vista, nos deixou muitas á fé. Mete-se o sol no Occidente, escurece-se o mundo com as sombras da noite; mas se olharmos para o céu, veremos o mesmo sol multiplicado em tantos soes menores, quantas são as estrellas sem numero em que elle substitue a sua ausencia, e não só se retrata, mas vive. Assim se ausentou Christo de nós sem se ausentar, deixando-se, abbreviado sim, no sacramento, mas multiplicado em tantas presenças quantas são as hostias consagradas em que o adoramos e temos realmente comnosco. Nesta ausencia, pois, e nesta noite escura da esperança, em que não vemos a Deus, que outra coisa é a igreja com o divino sacramento multiplicado em todas as partes do mundo, senão um sol estrelado, esperando nós com Job a que amanheça: *Post tenebras spero lucem?* (Job. XVII — 12) Mas assim como com o mesmo nascimento do sol, a noite acaba, e as estrellas desaparecem;

assim com a mesma vista clara de Deus, o sacramento ha de desaparecer, e a esperança acabar.

Quando Christo espirou na cruz, rasgou-se o veu do templo, com que estava coberto o *Sancta Sanctorum*, em signal que então se abriram as portas da gloria até alli fechadas: e no mesmo ponto se acabaram em Jerusaleu, e no Limbo, duas coisas notaveis: em Jerusaleu os sacrificios da lei velha, no Limbo as esperanças dos patriarchas. Da mesma maneira quando este mundo se acabar, entrarão no céu todos os predestinados a gosar a vista clara de Deus, e no mesmo ponto se acabará o sacrificio e sacramento da lei da graça, e a esperança de todos os que professamos a mesma lei. E este será o ultimo testemunho, e a prova então evidente, como agora certa, que para satisfação da mesma esperança tinha descido do céu aquelle pão: *Hic est panis qui de calo descendit*.

VI.

Mas se a esperança é um affecto que sempre anheia a vêr, e está suspirando pela vista, e no sacramento não vê, nem pôde vêr o summo bem que deseja; como pôde o sacramento, e Deus invisivel nelle, ser satisfação da esperança? Este é o ultimo mysterio, e o mais escuro ponto do nosso discurso, para cuja intelligencia será necessario desentranhar mais interiormente, e fazer uma exacta anatomia da esperança. É questão celebre entre os theologos, se a esperança reside no intendimento, ou na vontade: os mais defendem que é acto da vontade, os menos que é acto do intendimento; mas a opinião mais provavel, e para mim sem duvida, é que a esperança comprehende ambas as potencias, firmando-se com um pé no intendimento, e com outro na vontade. Por isso a esperança se chama ancora, nome que lhe deu S. Paulo: *Ad tenendam propositam apem, quam sicut ancoram habemus animæ autem, ac firmam*. (Hebr. VI — 18 e 19) E assim como a ancora para estar segura, ha de prender de uma e da outra parte, assim a esperança para se firmar bem na alma, não só ha de estar fundada em uma das potencias, senão em ambas juntamente. É a esperança um composto de desejo e confiança:

com a vontade deseja, e com o intendimento confia: se desejára sem confiança de alcançar, seria somente desejo; mas como deseja e confia juntamente, por isso é esperança. D'aqui se segue, que para a esperança estar inteiramente satisfeita, parte da satisfação ha de pertencer ao desejo, e parte á confiança: ao desejo para o allivio: á confiança para o seguro: e tudo isto tem a esperança no sacramento. Tem seguro para a confiança, porque o sacramento é penhor: tem allivio para o desejo, porque o mesmo sacramento é posse: penhor, em quanto o temos fechado naquella custodia; posse, em quanto dentro do peito o temos em nós, e comnosco. Está dito tudo, vamos á prova por partes.

Tem primeiramente a esperança no sacramento o seguro da confiança; porque é penhor da mesma gloria, que espera, como nos ensina a egreja: *Et futura gloriæ nobis pignus datur*. Mas quem pediu jámais, nem deu, nem ainda imaginou tal sorte de penhor? Quando Elias se houve de partir para o céu, pediu-lhe Eliseu o seu espirito dobrado: e como Elias lh'o não podia logo dar, prometeu-lh'o, e deixou-lhe em penhor a sua capa. Drogo Hostiense reconheceu nesta capa, e neste penhor, o mysterio do sacramento, em que Christo se nos encobre com a capa dos accidentes. Mas quanto vae de capa a capa, e de penhor a penhor? Elias deixou a capa, e levou a pessoa, e quando se ausenta a pessoa, não é bastante penhor a capa. Christo deixou-nos em penhor a capa, e mais a pessoa: a capa nos accidentes, a pessoa na substancia. Póde haver mais seguro penhor? Só um penhor houve no mundo quasi similhante a este, mas muito desigual.

Quando José viu a seus irmãos no Egypto, faltava naquella numero Benjamim, que era sobre todos o que mais amava; e desejando com grandes ancias vê-lo, prometeram os irmãos que lh'o trariam. Não se deu comtudo por satisfeita a confiança de José com esta promessa: vieram a partido, que em penhor de Benjamim ficasse Simeão prezo, e debaixo da chave: *Frater vester unus ligetur in carcere*: (Genes. XLII — 19) e assim se fez. Agora pergunto: Qual esperança podia estar mais satisfeita, e qual confiança mais segura, a de José, ou a nossa? Já me arrependo de

o ter perguntado ; porque é agravo de tão soberano e nunca imaginado penhor. A confiança de José muito segura podia estar, porque tinha em custodia, e debaixo de chave, um irmão em penhor de outro irmão ; mas os seguros da nossa confiança são incomparavelmente muito mais firmes ; porque o penhor da promessa (de que também temos as chaves) é o mesmo prometido. A esperança de José estava muito confiada, porque o penhor de Benjamin era Semeão : a nossa confiança está muito mais segura, porque em penhor de Benjamin tem o mesmo Benjamin. Que espera a nossa esperança ? Vêr a Deus ? Pois em penhor de vêr a Deus temos debaixo da chave ao mesmo Deus, e em fórmã de pão e sustento nosso, para maior firmeza. Se Deus se dá a comer, não se dará a vêr ? Se Deus faz de si prato, não fará de si espelho ? Segura está a confiança.

E se por parte da confiança está tão satisfeita a esperança no penhor, por parte do desejo não deve estar menos satisfeita no allivio. S. Thomaz chamou ao divinissimo sacramento : *Solatium singulare* : allivio singular. E porque é singular este allivio ? Discretamente por certo. Porque nas outras esperanças, e nos outros desejos, o allivio sempre é menor que o bem desejado : aqui o mesmo bem desejado é menor que o que se nos dá por allivio. Qual é o bem que a esperança deseja ? A vista de Deus no céu. Qual é o allivio que dá Christo a essa esperança ? O sacramento do altar na terra. Logo maior é o bem que se nos dá por allivio do desejo, que o mesmo bem desejado ; porque mais se dá Deus a quem communga, do que se communica ao céu a quem o vê. Os bemaventurados no céu vêem a Deus, mas não o comprehendem : de maneira que lhes communica Deus o que vêem, mas o que não comprehendem não lh'o communica : porém no mysterio do sacramento o que o bemaventurado vê, e o que o bemaventurado não comprehende, tudo recebe quem communga. Diremos logo, que a communhão é comprehensão de Deus ? Por este modo não me cançara muito em o dizer, mas quero que o diga S. Epiphanio.

Concebeu a Deus a Virgem Maria (que na maior solemnidade do Filho não era bem que nos faltasse a Mãe, e mais em sua casa)

concebeu a Deus a Virgem Maria em suas purissimas entranhas, e admirado da grandeza e profundidade do mysterio, exclamou assim S. Epiphanio: *Ó uterum celo ampliozem; qui incomprehensum Deum verè comprehensum portasti!* Ó ventre virginal, maior que o céu, pois verdadeiramente comprehendeste em ti o que no céu é incomprehensível! Note-se muito a palavra *verè*: não só comprehendido de qualquer modo, senão verdadeiramente comprehendido: *Verè comprehensum*. Mas saibamos: A Virgem Senhora nossa no céu comprehende a Deus? Não; porque ainda que o lume da gloria da Senhora, e a visão beatifica com que vê a Deus excede em supremissimo gráu á de todos os bemaventurados; comtudo não comprehende a Deus, porque Deus por sua infinita perfeição e essencia é incomprehensível a todo o conhecimento creado. Pois se a Mãe de Deus não comprehende a Deus no céu, quando o vê, como diz Epiphanio que o comprehendeu quando o concebeu e trouxe em suas entranhas? Fallou o grande padre como tão grande theologo. Para comprehender a Deus, é necessario vel-o todo e totalmente: *Totum et totaliter*. Assim o definem as tres maiores escólas da theologia — S. Thomaz, Scoto, Soares. E como os bemaventurados (entrando tambem neste numero a Virgem Maria) ainda que vêem a todo Deus, não o vêem totalmente; por isso não o comprehendem. Agora pergunto: E quando a Virgem Maria concebeu e trouxe a Deus em suas entranhas, teve-o nellas todo e totalmente? Sim. Pois por isso diz S. Epiphanio, que o comprehendeu verdadeiramente: *Verè comprehensum portasti*: não por comprehensão intellectual, senão por comprehensão corporal, ao modo que S. Paulo disse da humanidade de Christo: *In ipso inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter*. (Colos. II — 9)

Isto supposto: diga-me agora a nossa fé: Deus no sacramento está menos inteiramente do que esteve nas entranhas de sua Mãe? Não por certo. Todo e totalmente nas entranhas de Maria: todo e totalmente no sacramento. Pois se Maria, porque teve a Deus todo e totalmente no peito, o comprehendeu; quem o communga e o recebe todo e totalmente no sacramento, porque o não comprehende? É verdade que o peito de Maria é sem comparação

mais capaz, sem comparação mais puro, e sem comparação mais digno; mas, como douta e gravemente notou o padre Soares, a esphera do sol, que é a quarta, tanto a comprehende o quinto céu, como o oitavo, ainda que o oitavo seja maior, e esteja matizado de innumeraveis estrellas, e o quinto não. E se Deus no sacramento se comprehende, e no céu não se comprehende: se Deus no sacramento se dá todo e totalmente ao peito dos que o commungam, e no céu se dá todo, mas não totalmente, aos olhos dos que o vêem; vêde se tem a esperança mais no allivio, do que espera no desejo. Satisfeita está logo a esperança, e mais que satisfeita, tanto pela parte da confiança no seguro, como pela parte do desejo no allivio, pois para um ter o penhor, e para outro a posse do pão que desceu do céu: *Hic est panis qui de cælo descendit.*

VII.

Estas são (voltemos agora sobre nós) estas são as finezas soberanas, com que Deus no sacramento satisfaz a nossa esperança: mas não sei se esta satisfação é reciproca. A nossa esperança está satisfeita de Deus; o que importa é que Deus esteja também satisfeito da nossa esperança. E como será isto? A unica e verdadeira satisfação que a nossa esperança pôde dar a Deus, é pôr-se toda nelle. Se não esperamos só em Deus e de Deus, que esperamos, e em quem esperamos? Esperou David em Saul como rei, esperou em Jonatas como amigo, esperou em Absalão como filho, e todas estas esperanças, ou lhe mentiram ou lhe saltaram, porque eram esperanças postas em homens. Por isso tomou David duas resoluções, ambas dignas de quem elle era, como homem e como propheta. Como homem, de esperar só em Deus: *Mihi autem adhærere Deo bonum est: ponere in Domino Deo spem meam.* (Psal. LXXII — 28) Como propheta, de prégar a todo o homem que ninguem ponha a sua esperança e confiança em homens, por grandes que sejam ou pareçam: *Nolite confidere in principibus in filiis hominum, in quibus non est salus.* (Ibid. CXLV — 2 e 3) Para prova deste desengano não quero outra consideração, mais que a do nosso texto: *Hic est panis qui de cælo des-*

cendit. Quem bem considerar estas palavras pelo direito e pelo avesso, verá que só Deus é merecedor de que se ponham nelle todas as esperanças, e que todo o homem é indigno de que outro homem espere nelle.

Primeiramente diz o nosso texto, que desceu Deus : *Descendit* : E donde desceu ? *De cælo* : desceu do céu, desceu da gloria, desceu do throno altissimo e immenso de sua Magestade : e não só desceu uma vez na encarnação, para nos remir, mas desce infinitas vezes todos os dias no sacramento, para nos alimentar, para nos remediar, para nos enriquecer, para nos divinizar. Que homem ha que desça um degráu de sua auctoridade, ou de sua conveniencia, ou de sua vaidade, por amor de outro homem ? Deus desce para vos levantar, e os homens derribam-vos para subir. Que homem ha que não derribe, se póde, o que está mais acima, para fazer delle degráu á sua fortuna ? Se fordes como Abner, tereis um amigo como Joab, que com um abraço vos tire a vida para succeder no vosso officio : se fordes como Mephiboseth, tereis um criado como Ciba, que vos levante um falso testemunho, para herdar a vossa fazenda : se fordes como Esaú, tereis um irmão como Jacob, que com engano vos furte a benção, para entrar no vosso morgado : se fordes como David, tereis um filho como Absalão, que rebelle contra vós os vassallos, para pôr na cabeça a vossa coroa. E se podesseis ser como Christo, não vos faltaria um discipulo como Judas, que vos vendesse pelo menor interesse, e vos entregasse nas mãos de vossos inimigos, e vos puzesse em uma cruz. Deste homem disse o mesmo Christo : *Homo pacis meæ, in quo speravi : malignificavit super me supplantationem.* (Ibid. XL — 10) O homem em que esperei, me fez a maior traição. Espereae lá e fiae-vos de homens, com quem não val a obrigação nem a amizade, nem o sangue, nem a mesma fé, para vol-a guardarem. Só vos não fazem mal em quanto não esperam algum bem da vossa ruina. O primeiro e o melhor homem deu com todo o genero humano atravez, só por subir aonde não podia, e ainda elle e nós estiveramos caídos, se Deus para nos levantar não descêra : *Descendit.*

E como desceu ? Em pão : *Panis qui de cælo descendit.* Deus

faz-se pão, para vos sustentar, e os homens fazem de vós pão, para vos comer. Não sou eu o que o digo. Quando Josué e Caleb foram por espias á terra dos cananeos, as novas que trouxeram, e as alviças que pediram aos seus, foi, que os podiam comer como pão : *Sicut panem eos possumus devorare.* (Num. XIV — 9) Assim o disseram, e assim o fizeram os hebreus. Comeram-lhes as fazendas, comeram-lhes as cidades, comeram-lhes as liberdades, comeram-lhes as vidas. Mas em fim eram diversas nações, e inimigos contra inimigos. O peor é que na mesma nação, no mesmo povo, e talvez na mesma familia se comem os homens uns aos outros. Este é o pão usual, e esta a queixa de Deus por David : *Qui devorant plebem meam sicut escam panis* : (Psal. XIII — 4) O meu povo, a quem eu me dei em pão, vejo que m'o comem como pão. Nota aqui Genebrardo, que falla o propheta dos grandes e dos poderosos : *Loquitur de magnatibus.* Os pequenos não comem, nem podem comer os grandes ; os grandes, porque podem, são os que comem os pequenos. Por isso os povos estão tão despovoados e tão comidos, e os comedores tão cheios e tão fartos.

Parece que competiu a potencia e maldade humana com a omnipotencia e bondade divina a fazer outro sacramento ás avessas do seu. O Todo-Poderoso converteu a substancia do pão em substancia de carne e sangue, para que comessemos seu corpo : os todo-poderosos convertem a substancia da carne e sangue do povo em substancia de pão, para o comerem elles. Oíçam os que isto padecem, a Job, para que peçam a Deus semelhante paciencia : *Quare persequimini me sicut Deus, et carnibus meis saturamini* ? (Job. XIX — 22) Porque me perseguis como Deus, e vos fartaes de minha carne ? Reparae-me naquelle *sicut Deus.* Diz Job que seus perseguidores se fartavam da sua carne, e que nisso se queriam fazer semelhantes a Deus. Pois semelhantes a Deus em se fartarem da carne de Job ? Onde está aqui o *sicut Deus* ? No milagre da transubstanciação, o qual ainda não tinha nome, e lh'o deu o mysterio do sacramento : só Deus póde converter uma substancia em outra. E nisto são perversamente como Deus os que da substancia alheia fazem substancia propria, e da carne dos pobres, pão. Taes eram os perseguidores de Job. Assim como Deus

converte a substancia de pão na de sua carne, para que o comamos, assim elles, ás avessas, convertiam a substancia e carne de Job em pão, para o comerem. E quem eram estes, para que melhor conheçamos o que são homens? Eram os mais obrigados a Job, eram os de quem elle mais se fiava, eram os da sua familia e da sua casa: *Dixerunt viri tabernaculi mei: quis det de carnibus ejus, ut saturemur?* (Job. XXXI — 31) Eis-aqui o que chegam a fazer os homens; para que vejaes o que se póde esperar delles, e se está mais bem posta a esperança em quem se vos dá a comer, ou em quem vos come.

A conclusão seja a que tomou o propheta Jeremias em uma e outra consideração: *Maledictus homo qui confidit in homine*: (Jerem. XVII — 5) Maldito seja o homem que confia em homem: *Benedictus vir qui confidit in Domino*: (Ibid. — 7) Bemaventurado o homem que confia em Deus. No dia do ultimo desengano a uns se dirá: *Ite maledicti*: (Mat. XXV — 41) e estes serão os loucos e malaventurados que puzeram a sua esperança nos homens: *Maledictus homo qui confidit in homine*. A outros, pelo contrario, se dirá: *Venite benedicti*: e estes serão os sizudos, e bemaventurados que puzeram a sua esperança em Deus: *Benedictus vir qui confidit in Domino*.

Não me parece que haverá nenhum homem tão enganado comsigo e com os homens, que, em quanto póde escolher, não escolha antes a sorte dos que esperam em Deus e só em Deus. Então verão, que se Deus fez uma bemaventurança nesta vida para a esperança, ainda tem guardada outra bemaventurança na outra vida para os que nelle esperam: *Expectantes beatam spem, et adventum gloriæ magni Dei*. (Tit. II — 13) Duas coisas diz S. Paulo nestas palavras, dignas de grande ponderação, uma presente, outra futura. De presente diz, que a nossa esperança já é bemaventurada: *Beatam spem*. E que bemaventurança é esta, senão a que está encerrada, como vimos, no divinissimo sacramento, bemaventurança propria da esperança, e propria da vida presente? A que o apostolo promette de futuro ainda a declarou por termos de maior reparo, porque diz, que a bemaventurança que está por vir, é a gloria de Deus grande: *Et adventum gloriæ magni Dei*.

Deus não é sempre igual, sempre grande, sempre o mesmo? Pois que gloria de Deus grande é esta? Ha uma gloria de Deus grande, e outra gloria de Deus pequeno? Sim. A gloria de Deus no sacramento, é gloria de Deus pequeno, porque no sacramento estreitou, encolheu, e abbreviou Deus a sua grandeza a tão pequena esphera, como a daquella hostia: a gloria de Deus no céu, é gloria de Deus grande, porque lá se nos mostrará a grandeza e magestade de Deus em toda a largueza infinita de sua immensidade. Cá encolhida e abbreviada para poder caber e entrar em nós: lá dilatada e estendida, para que, não podendo caber em nós, nós entremos nella: *Intra in gaudium Domini tui.* (Mat. XXV — 21) Quem haverá logo, que, podendo ser bemaventurado nesta vida, e bemaventurado na outra, só com esperar em Deus, não espere só nelle? Esperemos só em Deus renunciando de uma vez e para sempre as esperanças de todas as creaturas: e em quanto não subirmos ao céu a gozar a bemaventurança, que nos espera, goze a nossa esperança a bemaventurança que tem presente no pão que desceu do céu: *Hic est panis qui de celo descendit.*

SERMÃO

DA

PRIMEIRA OITAVA DA PASCHOA.

**Prégado na matriz da cidade de Belem no Gram-Pará,
no anno de 1656*.**

*Qui sunt hi sermones, quos confertis ad
invicem ambulantes, et estis tristes? Nos
autem sperabamus quia ipse esset redemptu-
rus Israel. — Luc. XXIV.*

I.

Em um dia tão alegre como o de paschoa, em que pela gloriosa resurreição de Christo, Redemptor nosso, se revogou com a mesma gloria a antiga sentença de morte fulminada contra Adão e Eva, digna coisa de admirar é que nem nas filhas de Eva, nem nos filhos de Adão, se achem effeitos de alegria. Amanheceu o sol neste formoso dia mais arraiado que nunca, accrescentando tantos raios a seus naturaes resplandores, quantos tinha eclipsado

* Na occasião em que chegou a nova de se ter desvanecido a esperança das minas, que com grandes empenhos se tinham ido descobrir.

e escondido no dia da paixão : e que é o que achou no mundo o mesmo sol, ou quando nasceu no Oriente, ou quando se foi pôr no Occaso ? Quando nasceu achou a terra orvalhada das lagrimas da Magdalena, como se ella fôra a aurora daquelle dia : *Mulier, quid ploras ?* (Joan. XX — 13) E quando ia a se pôr, achou a tristeza dos dois discipulos de Emaús : *Et estis tristes* : (Luc. XXIV — 17) como se nelles se multiplicára coberta de sombras a estrellada da tarde ou Vesper : *Quoniam advesperascit*. (Ibid. — 29) Tão tragicos como isto foram os dois primeiros actos, ou apparencias desta famosa comedia !

Para eu vos declarar quão naturaes fossem as causas de um e outro sentimento, não me é necessario ir buscar o exemplo mais longe, pois a fortuna nestes mesmos dias vol-o trouxe a casa. Não é grande desconsolação buscar, e não achar ? Pois essa era a desconsolação da Magdalena e das outras Marias : *Non invento corpore ejus*. (Ibid. — 23) Não é bastante motivo de tristeza esperar, e não succeder o que se esperava ? Pois essa era a causa porque os dois discipulos iam tristes : *Nos autem sperabamus*. (Ibid. — 21) Em quanto os cuidados e esperanças se poem na terra, não podem faltar desconsolações e tristezas á terra. As Marias desconsoladas, porque não acharam o que buscavam debaixo da terra : *Veniunt ad monumentum* : (Marc. XVI — 2) e os discipulos tristes, porque lhes não succedeu o que esperavam para remedio da sua terra : *Quia ipse esset redempturus Israel*. (Luc. XXIV — 21)

Taes considero, senhores, nesta occasião, ou taes são, ainda que se não considerem, as causas que parece nos fizeram menos alegres estas paschoas, as quaes eu desejo a todos, e para todos peço a Deus tão liberaes dos bens do céu, e tambem dos que não são do céu, quanto o mesmo Senhor sabe que nos convém. Foram-se buscar debaixo da terra as minas de oiro ou prata, e não se tendo achado depois de tanto trabalho ; assim como as Marias se desconsolaram de verem mal logradas as suas diligencias, as suas prevenções, e ainda as suas despezas : *Emerunt aromata* : (Marc. XVI — 1) assim confesso vos póde desconsolar o muito que nesta infeliz jornada se tem gastado de tempo, de cuidado, e de fazenda. E assim como os discipulos iam tristes por vêr bal-

dadas e perdidas as esperanças com que desejavam ver melhorada a sua patria, e restaurado o seu reino : *Quia ipse esset redempturus Israel* : assim vos concedo que é para entristecer e sentir não se ter conseguido a oppulencia propria, e da monarchia, que das mesmas minas desvanecidas, com tanto boato se esperavam. É comtudo tão bom consolador Christo, e tão apressado, que na mesma manhã enxugou as lagrimas das Marias, e na mesma tarde serenou a tristeza dos discipulos, como eu tambem determino alliviar a vossa hoje.

Resumindo-me pois á historia do evangelho, que, sendo succedida hontem, reservou a egreja para este segundo dia ; dois affectos, ou duas paixões naturaes do animo, consolou ou curou Christo Senhor nosso nos dois discipulos de Emaús : a tristeza declarada, e a esperança perdida : a tristeza declarada : *Et estis tristes* : a esperança perdida : *Nos autem sperabamus*. E sendo estes os mesmos dois affectos com que os corações da nossa cidade se acham menos quietos e satisfeitos ; assim como o Senhor mostrando-se vivo aos discipulos, sepultou a sua tristeza, e resuscitou a sua esperança ; assim eu para consolar uma, e alentar outra, vos mostrarei vivamente duas verdades. A primeira, que muito melhor vos esteve não se descobrirem as minas esperadas, que descobrirem-se. A segunda, que em lugar das minas incertas, que se não descobriram, vos descobrirá Deus outras certas, e muito mais ricas. Ambos estes assumptos parecem temporaes, como tambem eram por causas temporaes a tristeza e desesperação dos dois discipulos á ida : mas nem por serem temporaes deixou de as consolar o Divino Mestre, para as converter a ellas e a elles em espirituaes, como tornaram á volta. O mesmo pretendo eu com a graça do céu, que me ajudareis a alcançar : *Ave Maria*.

II.

Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, et estis tristes ?

Que praticas são estas que ides conferindo entre vós, e de que estaes tristes ? Esta foi a pergunta que fez Christo, Redemptor

nosso aos dois discipulos que iam de Jerusalem para Emaús. E se eu fizesse a mesma no nosso Belem, e perguntasse ás vossas conversações, porque estaes tristes ; é certo que me haviéis de responder como elles responderam : *Nos autem sperabamus* : Esperavamos de ter minas, e estamos desenganados de que as não ha : ou esperavamos que se descobrissem, e não se descobriram. E se eu instasse mais em querer saber o discurso ou consequencia com que sobre este desengano fundaes a vossa tristeza ; tambem é certo haviéis de dizer, como elles disseram, que no successo que se desejava e suppunha, estavam livradas as esperanças da redempção, não só desta vossa cidade, e de todo o estado, senão tambem do mesmo reino : *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel*. Ora ouvi-me attentamente, e (contra o que imaginaveis, e por ventura ainda imaginaes) vereis como nesta, que vós tendes por desgraça, consistiu a vossa redempção ; e de quantos trabalhos, infortunios e captiveiros vos remiu e vos livrou Deus em não succeder o que esperaveis.

Primeiramente havemos de suppôr que muitas vezes está a nossa perdição em succederem as coisas como esperamos, e, pelo contrario, está o nosso remedio e a nossa conservação, em não terem o successo que se pretendia. Em uma maldição muito encarecida de Job temos o mais claro e mais notavel espelho que se pôde imaginar desta verdade : *Pereat nox, in qua dictum est, conceptus est homo : expectet lucem, et non videat, nec ortum surgentis auroræ* : (Job. III — 3 e 9) Maldita seja a noite em que fui concebido, diz Job : espere pela luz, e nunca amanheça : espere pela aurora, e nunca venha. Parecer-vos-ha (como pareceu a quem o disse) que esta era a maior desgraça que podia succeder á noite, e a maior praga que se lhe podia rogar ; mas bem considerado o caso, não era senão a maior dita e a maior ventura. O maior inimigo que tem a noite, é a aurora : em quanto não amanhece, conserva-se e persevera a noite ; tanto que amanheceu, ficou acabada e perdida : logo aquella que parecia maldição, não era maldição, antes era o maior bem, e a maior felicidade que se podia desejar e imprecar á noite ; porque se a noite esperasse pela manhã, em lhe succeder, como esperava, estava a

sua perdição e o seu fim; e em lhe não succeder, como esperava, estava a sua conservação, o seu augmento e o seu ser.

O mesmo digo, senhores, da esperança das vossas minas, a qual eu nunca tive por bem fundada, e, perguntado, assim o disse. Lá se mostrou oiro e prata; mas estes dois metaes as mais das vezes são como os dois cabritinhos de Jacob, com que enganou ao pae cego para levar a benção de Esaú. (Gen. XXVII — 9) Disse Jacob, que o guizado que presentava ao pae era da caça, e elle não era do mato, senão do rebanho. Assim é o oiro e prata que lá levam: dizem que foi cavado da beta, e elle é fundido da bolça. Por isso as minas não são minas para quem faz as despezas, e só são minas, como a benção de Jacob, para os mesmos que as fingiram, e veem ricos de mercês e salarios, e cheios de jurisdicções e omnipotencias, com que se fazem mais ricos. Mas, ou se não descobrissem as minas, porque as não ha; ou porque havendo-as, não quiz Deus que se descobrissem, vêde de quantos perigos e trabalhos vos remiu e livrou a misericordia e providencia divina em não succeder este descobrimento como esperaveis!

III.

E para que comecemos pelos perigos que podem vir de fóra, e de mais longe; se este estado sem ter minas, foi já tão requestado e perseguido de armas e invasões estrangeiras; que seria se tivesse esses thesouros? Lá traz Christo Senhor nosso, a comparação de um campo, que era cultivado somente na superficie da terra, fértil de flores e fructos: porém sabendo um homem acaso, que no mesmo campo estava enterrado e escondido um thesouro: *Thesau-ro abscondito in agro*: (Matth. XIII — 44). o que fez com todo o segredo e diligencia, foi ir logo comprar o campo a todo custo, e deste modo ficou senhor, não do campo por amor do campo, senão do campo por amor do thesouro. De sorte que toda a desgraça do campo em mudar de senhorio, e passar de um dono a outro dono, esteve em ter thesouro dentro em si, e saber-se que o tinha. Contentemo-nos de que nos deem os nossos campos pacificamente, o que a agricultura colhe da superficie da terra, e

não lhe desejemos thesouros escondidos nas entranhas, que esper-tem a cubiça alheia : principalmente quando os mesmos campos não estão cercados de tão fortes muros, que lhe possam facilmente defender a entrada.

Conta a sagrada escriptura no capitulo trinta e oito de Ezechiel (ou seja historia do passado, ou prophecia do futuro) que sabendo as nações de Gog e Magog, que os hebreus viviam ricos e descansados nas suas terras, fizeram conselho entre si de os irem conquistar, fundando esta deliberação em dois motivos : o primeiro, que tinham oiro e prata : o segundo, que não tinham muros. Um motivo os excitou á conquista, e o outro lh'a facilitou. O que os excitou foi o oiro e a prata : *Ecce ad diripiendam prædam congregasti multitudinem tuam, ut tollas argentum, et aurum* : (Ezech. XXXVIII — 13) e o que os facilitou foi serem terras habitadas, sem muros nem fortificações : *Ascendam ad terram absque muro : vectes, et portæ non sunt eis*. (Ibid. — 11) E terras que teem oiro e prata, e não teem muros fortes que as defendam, naturalmente estão expostas á cubiça e invasão dos inimigos, porque o oiro e a prata que teem, excita a cubiça ; e os muros e fortificações que não teem, facilitam a invasão.

É verdade que os hebreus naquelle tempo estavam muito seguros com a paz das outras nações, e já livres de suas armas : *Ad terram, quæ reversa est à gladio : ad quiescentes, habitantesque securè*. (Ibid. — 8 e 11) Mas esta segurança é muito enganosa. Onde ha nova occasião de interesse, não ha confederação que dure. Ouvi um dito notavel de Jeremias : *Nunquid fœderabitur ferrum ferro ab aquilone, et æs ?* (Jerem. XV — 12) Cuidaes que o ferro do norte (do norte diz nomeadamente : *ab aquilone*) cuidaes que o ferro do norte se póde confederar com outro ferro, e o seu bronze com outro bronze ? Enganaes-vos, diz o propheta áquelles com quem fallava : e o mesmo vos certifico eu sem ser propheta. Livrou-vos Deus da prata, porque vos quiz livrar do ferro. A arte, com a prata liga os outros metaes ; e a cubiça, com a prata desfaz e rompe todas as ligas.

Confederados estavam os israelitas com os babilonios, e era tanta a amizade e boa correspondencia entre um e outro rei, que

Baradac, rei de Babylonia, soberbissimo e potentissimo, sabendo que Ezechias, rei de Israel, tinha convalescido daquella grave enfermidade em que esteve á morte, lhe mandou embaixadores com grandes presentes a lhe dar o parabem da saude. Quiz-se mostrar agradecido Ezechias, e em signal de benevolencia e confiança, levou os mesmos embaixadores ao mais secreto do seu palacio, e alli lhe descobriu e manifestou todos os seus thesouros. Elle e elles ficaram mui satisfeitos: mas não eram passadas vinto e quatro horas, quando Deus mandou annunciar a Ezechias as perigosas e tristes consequencias daquelle descobrimento: *Ecce dies venient, et auferentur omnia, quæ in domo tua sunt, et quæ thesaurizaverunt patres tui usque ad diem hanc, in Babylonem: non relinquetur quidquam, dicit Dominus; et de filiis qui exibunt de te, quos genueris, tollent, et erunt eunuchi in palatio regis Babylonis.* (Isai. XXXIX — 6 e 7) E vós, Ezechias, fostes tão inconsiderado, que manifestastes os vossos thesouros aos embaixadores de Babylonia? Pois sabeí, diz Deus, que os babilonios os virão buscar, e não só se farão senhores dos mesmos thesouros, sem delles deixar coisa alguma, senão que até a vossos proprios filhos captivarão e levarão prezos a Babylonia; para lá se servirem delles. Eis aqui em que param as amizades, as pazes, e as confederações, em havendo descobrimento de thesouro. Dae graças a Deus de se frustrarem as vossas esperanças, e não lhe sejaes ingratos com vos entristecer, pois assim vos quiz livrar de tamanhos perigos.

Se em Hespanha não houvera minas de oiro e prata (das quaes diz Estrabo que eram as mais ricas do mundo) nunca os romanos iriam a lhe fazer guerra de tão longe, nem com tanto empenho e pertinacia. Assim o dá a intender a mesma escriptura sagrada no primeiro livro dos Machabeus, referindo as conquistas dos romanos, e a fama das suas victorias: *Et quanta fecerunt in regione Hispaniæ, et quod in potestatem redegerunt metalla argenti, et auri, quæ illic sunt.* (1 Machab. VIII — 3) Não diz que conquistaram os homens, senão as minas, porque as minas foram o motivo da guerra e da conquista. Como a gente de Hespanha era tanta, tão remota, e tão forte, gastou a potencia romana na

pertinencia desta conquista, duzentos e trinta e cinco annos : Vêde se serão cá necessarios tantos !) até que finalmente a terra, as minas, e os moradores, ficaram todos sujeitos ao jugo e dominio estranho, presidiados de suas legiões, tributarios á sua cobiça, governados e opprimidos da sua tyrannia : e o mesmo oiro e prata (que, como diz o Espirito Santo, muitas vezes é redempção do homem) para elles foi a causa da servidão, e o reclamo que chamou de tão longe, e lhe meteu em casa o captiyeiro.

IV.

Mas dado que as minas tão esperadas e appetecidas não tivessem por consequencia de sua fama estes perigos de fóra, bastava a consideração dos trabalhos e miserias domesticas, que com ellas se vos haviam de levantar de debaixo dos pés, para que o vosso juízo, se o tivesseis, tractasse antes de sepultar as mesmas minas depois de achadas, que procurar de as desenterrar e descobrir, ainda que foram muito certas. Um dos maiores castigos que Deus podia dar a esta cidade, e a este estado, era descobrirem-se nelle minas. E não sou eu o que o digo, senão a prudencia e verdade de quem se não podia enganar.

No psalmo dezeseis pede David a Deus lhe faça justiça, e dê a seus inimigos o castigo que merecem pela deshumanidade de feras com que perseguiram sua innocencia. E depois de dizer que Deus tinha ouvido sua petição, prôphetiza o castigo que o Justo Juiz havia de dar aos mesmos inimigos ; e como se já lh'o tivera dado, refere-o assim em poucas palavras : *De absconditis tuis adimpletus est venter eorum* : (Psal. XVI — 14) Fartastes, Senhor, a sua fome, com os encher dos vossos escondidos. Entram agora os interpretes a examinar quaes são os escondidos de Deus. E o sentido mais proprio e mais litteral, com Simaco e outros, é que os escondidos de Deus são as minas de oiro e prata. O oiro e a prata ; tem-nos Deus escondidos lá no profundo da terra, onde os creou, e quando o mesmo Senhor é servido que se descubram as minas, então apparecem e se manifestam estes escondidos de Deus : *De absconditis tuis*. Mas se David tinha pedido a Deus

que lhe fizesse justiça, e castigasse a seus inimigos; e o mesmo Deus lhe tinha promettido de o fazer assim, e de os castigar; como diz que lhe ha de descobrir o oiro e prata que tem escondidos nas minas, e os ha de farta dellas: *De absconditis tuis adimpletus est venter eorum?* Mais apertadamente ainda. Neste psalmo, que todo é prophetico, assim como na pessoa de David é figurado Christo, assim nas perseguições de David são significadas a crueldade e ingratição com que Christo foi tractado em vida por seus inimigos, e as maldades e peccados com que ainda hoje é desacatado e offendido. Pois em premio dessas offensas, dessas maldades, e desses peccados descobre Deus os seus thesouros que tem escondidos debaixo da terra, e enche e farta de oiro e prata aos que estão famintos de minas? Sim; porque essas minas que tanto se desejam e estimam, ordinariamente não as descobre, nem as dá Deus por merecimentos, senão em castigo de grandes peccados. Ouvi o commento de todos os padres gregos sobre o mesmo texto, divididos em duas opiniões, mas ambas concordes no que tenho dito: *Illud autem de absconditis, alii quidem intellexerunt de suppliciis, alii verò de fustilibus metallis.* (Græc. PP. apud Cord.) Aquelles que o propheta chama os escondidos de Deus, uns dos santos padres intenderam que significam castigos, e outros que significam minas: e uns e outros não discrepam, mas concordam admiravelmente na mesma differença de um e outro sentido. Porque? Porque as minas, quando Deus as descobre, são castigos; e um dos maiores castigos que Deus dá por peccados, é o descobrimento de minas: *De metallis fustilibus, de suppliciis.*

E notae a mysteriosa propriedade com que este genero de castigos se chamam tambem *os escondidos de Deus: De absconditis tuis.* Porque Deus umas vezes castiga com castigos manifestos, e outras vezes com castigos escondidos. Os castigos manifestos, são os que todos temem e reconhecem por castigos, como são as fomes, as pestes, as guerras, e as outras calamidades temporaes: os castigos escondidos e occultos, são aquelles que não se reputam, nem temem como taes, antes se estimam e desejam como felicidades e boas fortunas: e deste genero são as minas e seus

descobrimentos. São castigos escondidos debaixo de apparencias contrarias; porque se appetecem, estimam e festejam enganosa e enganadamente, sendo certo que debaixo do preço e esplendor do oiro e prata se occultam e escondem grandes trabalhos, afflicções e miserias, com que a justiça divina por peccados quer castigar e açoitar as mesmas terras onde as veias destes metaes se descobrem. Deus tanto pôde açoitar com varas de ferro, como com varas de oiro e de prata; antes estes açoites são muito mais peizados, quanto a prata e oiro pezam mais que o ferro.

Aquella ponta de terra montuosa, que hoje chamamos Cabo de S. Vicente, antigamente se chamava Promontorio Sagrado, por estar alli o sepulchro de Tubal, primeiro pae da nossa nação, e tambem o de Hercules, um dos mais famosos e amados reis da Lusitania. Havia minas neste Promontorio, as quaes por causa da mesma veneração tambem era vedado cavarem-se: e dizem as historias daquelle tempo, que só em um caso se permittia aos moradores aproveitarem-se do oiro e prata das ditas minas. Mas qual era este caso? Coisa verdadeiramente admiravel e muito digna de se notar. O caso era, quando caía do céu algum rãio que penetrasse a terra e descobrisse os preciosos metaes que nella estavam escondidos. De sorte, que naquella terra, tambem nossa, o abrirem-se minas e o cairem raios do céu, tudo vinha junto: como se o céu nos prégara, que o descobrimento de minas na terra não são felicidades e boas fortunas, como se imagina, senão execuções da ira de Deus, e castigos do céu.

V.

E para que vos não pareça que são isto encarecimentos lenitivos, inventados para divertir a tristeza, e dar especie á consolação, troquemos este oiro e prata em miudos, e vejamos os proventos e interesses que do descobrimento de minas haviam de resultar á vossa terra, no caso em que se tivessem achado. Eu nunca fui ao Potosi, nem vi minas; porém nos livros que descrevem o que nellas passa, não só causa espanto, mas horror, lèr a fabrica e as machinas, os artificios e a força, o trabalho e os

perigos com que as montanhas se cavam, as betas se seguem, e, perdidas, se tornam a buscar : os encontros de pedernaes impenetraveis, ou de aguas subterraneas, que rebentam das penhas, as quaes, ou se hão de esgotar com bombas, ou abrir-lhes novo caminho, furando por outra parte os mesmos montes : o estrondo dos maços, das cunhas, das alavancas, e dos outros instrumentos de ferro, alguns dos quaes teem cento e cincoenta libras de pezo, com que se batem, cortam e arrancam as pedras, ou se precipitam com maior perigo do alto : e tudo isto naquellas profundissimas concavidades, ou infernos, onde nunca entrou o raio do sol, allumiados malignamente aquelles infelizes Ciclopes só com a luz escassa e contrafeita de alguns fogos artificiaes, cujo halito, fumo e vapor ardente lhes toma a respiração, e muitas vezes os afoga.

Faz aqui padecer a cubiça muito mais do que prophetiza Isaias que fará em algum tempo a penitencia : *Introibunt in speluncas petrarum, et in voraginis terræ : projiciet homo idola argenti sui, et simulacra auri sui, quæ fecerat sibi, ut adoraret, talpas, et vespertiliones* : (Isai. II — 19 e 20) Metter-se-hão os homens pelas covas, e pelas concavidades mais profundas da terra, não para buscar oiro ou prata, mas abominando e lançando de si os idolos, que do oiro e da prata tinham feito, toupeiras e morcegos. Vêde agora estas mesmas figuras como as ajunta e introduz todas a cubiça neste escuro e horrendo theatro da paciencia sem virtude. Alli os penitentes arrependidos entram pelas grutas e concavidades da terra ; aqui os cubiçosos e enganados tambem se mettem, não pelas covas que a terra tem aberto, senão pelas que elles cavam e rompem á viva força, muito mais penetrantes e profundas : alli desprezam-se os idolos de oiro e prata, conhecida sua mentira e vaidade ; aqui estima-se e adora-se tanto a mesma vaidade, que por novos e occultos caminhos de tantos estadios se vae buscar e desenterrar o oiro e prata, para se fundirem e lavrarem idolos : alli as figuras dos idolos, são toupeiras e morcegos : *Talpas, et vespertiliones* ; e aqui os homens desfigurados como toupeiras vivem debaixo da terra, sem ter olhos para vêr a luz, e como morcegos fogem do sol e do dia, e se vão mais se-

pullar que viver naquella escura e perpetua noite. Ainda teem outra propriedade : porque uns, como toupeiras, com os pés e mãos na terra e andam cavando, revolvendo e mondando continuamente, e outros, como morcegos suspensos no ar, estão picando as pedras, e sangrando as suas veias com o corpo, e com a vida pendente de uma corda. Houve jámais algum anacoreta dos que habitavam as covas, que fizesse tal penitencia ? Pois ainda não ouvistes o mais temeroso della.

Solapadas por baixo aquellas grandes montanhas, todo o pezo immenso dellas se sustenta sobre pilares da mesma materia, que vão deixando a espaço, os quaes, se enfraquecem ou quebram, como acontece muitas vezes, qual é o effeito ? Toda a montanha, ou grande parte della, cae de repente, e a multidão que andava desenterrando a prata, fica sepultada com ella em um momento, sem outra noticia de tamanho e tão miseravel estrago, que a que deu aos de muito longe o estrondo da ruina, e o tremor de toda a terra. Isto é o que se escreve, e se escreve muito menos do que verdadeiramente é. Baste por prova, que a sevicia e crueldade dos Neros e Dioclecianos commutavam a morte e os tormentos dos christãos em os mandar servir e trabalhar nas minas : e a egreja, que com tanta difficuldade e consideração examina e avalia os merecimentos dos santos, canonisava e venerava por martyres, aos que nellas acabavam a vida.

Agora vos pergunto eu : E estes martyrios das minas, se as vossas se descobrissem, quem os havia de padecer ? Dos degradados não fallo ; porque os que hoje se degradam para o Maranhão, então se haviam de degradar todos, e muito mais para as minas. Os cavadores não serieis os mais nobres e ricos da terra ; mas quem haviam de ser senão os seus escravos ? Quem havia de conduzir todos aquelles instrumentos e machinas por esses certões dentro ? Quem havia de contribuir o sustento, e leval-o aos trabalhadores ? Quem havia de cortar e acarretar aquellas serras estereis (como são todas) as lenhas para as fornalhas e fundições ? E aquelles lumes perpetuos e subterraneos, com que oleos se haviam de sustentar, senão com os dos fructos agrestes que aqui se estilassem, e não com os dos olivaeos que de lá viessem ? Sobretudo, se tan-

tos milhares de indios se teem acabado e consumido em tão poucos annos, e com tão leve trabalho, como o das vossas lavouras, onde se haviam de ir buscar outros que supprissem e supportassem quanto tenho dito? E quaes haviam de ser os que vendo-se enterrar vivos naquellas furnas, não fugissem para onde nunca mais apparecessem, levando o mesmo medo com elles aos demais? Tudo isto não o haviam de fazer nem padecer os que passeam em Lisboa; porque tambem estas minas são como as da polvora, que sempre arruinam, derribam, e poem por terra o que lhes fica mais perto. E isto é o que vós desejaveis para a vossa, e vos entristece, porque não succedeu como esperaveis?

Ainda falta por dizer o que mais vos havia de destruir e assolar. Quantos ministros reaes, e quantos officiaes de justiça, de fazenda, de guerra, vos parece que haviam de ser mandados cá para a extracção, segurança, e remessa deste oiro ou prata? Se um só destes poderosos tendes experimentado tantas vezes, que bastou para assolar o estado, que fariam tantos? Não sabeis o nome do serviço real (contra a tenção dos mesmos reis) quanto se estende cá ao longe, e quão violento é e insupportavel? Quantos administradores, quantos provedores, quantos thesoureiros, quantos almoxarifes, quantos escrivães, quantos contadores, quantos guardas no mar e na terra, e quantos outros officios de nomes e jurisdicções novas se haviam de crear ou fundir com estas minas, para vos confundir e sepultar nellas? Que tendes, que possuis, que lavraes, que trabalhaes, que não houvesse de ser necessario para serviço d'el-rei, ou dos que se fazem mais que reis com este especioso pretexto? No mesmo dia havieis de começar a ser feitores, e não senhores de toda a vossa fazenda. Nem havia de ser vosso o vosso escravo, nem vossa a vossa canôa, nem vosso o vosso carro e o vosso boi, senão para o manter e servir com elle. A roça haviam-vol-a de embargar para os mantimentos das minas: a casa haviam-vol-a de tomar de aposentadoria para os officiaes das minas: o canalial havia de ficar em mato, porque os que o cultivassem haviam de ir para as minas; e vós mesmo não havieis de ser vosso, porque vos haviam de apenar para o que tivesséis ou não tivesséis prestimo; e só os vossos engenhos haviam de ter

*

muito que moer, porque vós e vossos filhos haviéis de ser os moídos.

VI.

Parece-me que vos vejo dar assenso a tudo o que digo (que por isso desci a coisas tão particulares e domesticas), e também creio que já a vossa esperança terá mudado de conceito á vista deste descobrimento de mineraes, tão diversos do que ella desejava e suppunha, os quaes é certo que haviam de ser maiores, e mais duros na experiencia, do que os póde representar o meu discurso. Fique logo por conclusão, que muito maior mercê vos fez Deus, e muito mais bem afortunados fostes em não se acharem as minas, que se o oiro e prata que se suppunha e esperava dellas, se descobrisse. Ouvi a sentença de um gentio fundado só na razão natural e experiencia, sem nenhum principio de fé, que a nós nos devia levantar mais da terra: *Aurum irreperitum, et sic melius situm cum terra celat*: o oiro (diz Horacio) é melhor não se achar nem se descobrir, que achar-se: *Aurum irreperitum*. E porque? Porque em quanto a terra o esconde e encobre: *Cum terra celat*: está elle no sitio e logar que lhe deu a natureza, que é o melhor: *Et melius situm*. Excellente razão. As coisas naturaes, em quanto estão no seu proprio logar em que as situou a natureza, nenhum damno fazem; tiradas delle, são muito damnosas. A agoa no seu centro não peza; o fogo na sua esphera não queima; a terra se sobe ao ar faz raios; o ar se se mete debaixo da terra faz terramotos, derriba casas e cidades: assim também o oiro e prata das minas. Em quanto estão escondidas lá no centro da terra, onde as poz a natureza, conservam-se innocentes, e não fazem mal a ninguém; mas se se cavam, e se tiram fóra, então são muito perniciosas, e fazem grandes estragos. Olhae para o passado, se vos não quereis enganar com o presente.

Aquella idade doirada, tão celebre nos primeiros tempos, quem a fez? Parece que a havia de fazer o oiro, e não a fez o oiro que havia, senão o oiro que não havia; porque ainda se não tinha descoberto. Em quanto no mundo não houve oiro, então foi a idade de oiro; depois que appareceu o oiro no mundo, então começou

a idade de ferro : *Jamque nocens ferrum, ferroque nocentius aurum prodierat*. O que era necessario e util para a vida e conservação dos homens, notou Seneca, Democrito, e ainda o mesmo Epicurio, que o poz a natureza muito perto de nós, e muito descoberto e patente, como são as plantas, os fructos, os animaes : pelo contrario, o que não só era inutil, mas pernicioso, pôl-o muito longe de nós, occulto e escondido, onde o não vissemos : e este é o oiro e a prata. Houve-se em tudo a natureza como mãe. A mãe dá a maçã ao filhinho, e esconde-lhe a saca. Porque ? Porque quer que coma, mas não quer que se fira : e se o menino chora pelo que o ha de ferir, não é justo que os homens de razão e de juizo tenham sentimento de meninos.

Esta mesma doutrina, como tão necessaria (porque não cuideis que é só de philosophos) foi a primeira que nos ensinou a sagrada escriptura logo no principio do mundo : *In principio creavit Deus cælum et terram : terra autem erat inanis, et vacua* : (Genes. I — 1 e 2) No principio creou Deus o céu e a terra ; porém a terra estava vazia, e vazia. E qu e quer dizer que a terra estava vazia, e vazia : *Inanis, et vacua* ? Quer dizer que estava vazia por dentro, e vazia por fóra : vazia por dentro : *Inanis* ; porque ainda não tinha Deus creado no interior da terra os mineraes ; e vazia por fóra : *Et vacua* ; porque tambem não tinha creado na superficie da mesma terra as plantas, as arvores, e os animaes. Creou pois Deus todas estas coisas naquelles primeiros seis dias ; e fazendo a escriptura muito particular e miuda relação das plantas, das arvores, e dos animaes ; das minas e dos metaes não faz menção alguma. Pois se a escriptura tinha dito que a terra em sua primeira criação nascêra vazia por dentro e por fóra, e relata com tanta distincção, e engrandece com tanto apparato, como Deus a encheu e povoou por fóra ; porque cala totalmente, e não diz tambem como a encheu e enriqueceu por dentro ? Mais. Depois que Deus teve creado todas as coisas, e o homem, que foi a ultima, mostrou-lhe as hervas, as plantas, as arvores e seus fructos, e disse-lhe : Eis aqui toda esta variedade, a qual creei, e vos dou para vosso sustento e regalo. E fazendo vir diante do mesmo Adão todos os animaes, disse-lhe da mesma maneira : tambem de todos

estes vos dou o dominio, os quaes creei, para que vos ajudem e sirvam. Agora cuidava eu que havia de accrescentar o Senhor: e não só tenho provido e aparelhado para vosso sustento, serviço e conservação, todas estas coisas que vedes-na superficie da terra, mas tambem lá no centro, e entranhas della, creei muitas minas de metaes preciosos, para maior riqueza, grandeza e utilidade vossa, e de vossos descendentes. Mas nada disto disse Deus; tudo passou em silencio, sem fazer das minas a menor insinuação. Pois se Deus nesta doação universal entrega, como por lista, a Adão todas as outras coisas que tinha creado para elle; as minas de ouro e prata, que parecia (como hoje parece) que era a melhor e mais rica partida de todas, porque a deixa de fóra? Porque todas as outras coisas que estão á face da terra, e o dominio e uso dellas, era util e necessario ao homem para sua conservação e sustento, e ainda para seu regalo; porém as minas, o ouro e a prata, não só não eram necessarios, nem uteis, mas superfluos e perniciosos, e occasião que lhe podia e havia de ser de gravissimos danos. Por isso assim como as tinha sepultado e escondido debaixo da terra, assim lhe escondeu e encobriu tambem a noticia dellas, passando totalmente em silencio, e não fazendo menção de tal coisa.

Mas vejo que me perguntam os curiosos, e me arguem os criticos: se as minas eram tão damnosas e perniciosas ao homem, e por isso lh'as escondeu e encobriu Deus; porque as creou, ou para que? Para responder a esta pergunta, faço-vos primeiro outra. E a arvore da sciencia que foi a occasião e origem de todos os males do mundo, porque a creou Deus no paraizo? Ou aquella arvore era boa ou má (como argumenta S. Agostinho): se era má, para que a plantou Deus: se era boa, para que a prohibiu? Ameaça ao homem com a morte se comer daquelle fructo, e pinta o mesmo fructo com taes cores, que levava apoz si os olhos: *Pulchrum oculis, aspectuque delectabile*? (Genes. III — 6) Sim. Porque aquelle fructo tão formoso não foi creado para que Adão comesse ou provasse delle, senão para que Deus tentasse a Adão, e o provasse com elle. E esta é tambem a razão porque Deus creou o ouro e a prata, e lhe deu tanta formosura de cores. Chilon, um

dos sete sabios de Grecia, dizia que assim como a pedra de toque prova o oiro e a prata; assim o oiro e a prata são a pedra de toque dos homens. Quereis provar quem são os homens, tentae-os com oiro e com prata. Do oiro o disse o Ecclesiastico: *Qui post aurum non abiit: probatus est in illo*: (Eccles. XXXI — 8 e 10) e da prata o disse David: *Ut excludant eos, qui probati sunt argento*. (Psal. LXVII — 31) E notae que o que nesta tentação ficou approvado foi um só: *Qui probatus est in illo*: e os que ficaram reprovados e excluidos, foram muitos: *Ut excludant eos, qui probati sunt argento*. Ora já que todos os dias pedimos a Deus que nos livre das tentações, ou que nos não metta nellas: *Ne nos inducas in tentationem*: demos-lhe muitas graças, pois nos livrou desta em que nós nos tínhamos mettido.

E porque vos não fique a ultima desconsoação de não terdes com que bater moeda na vossa terra; saibam os que tanto a desejam e procuram, que posto que seja com boa tenção e bom zelo, é esta a maior traição que podem fazer á sua patria. É possível que vos dê Deus uma terra tão abundante e tão fertil, que só com a commutação dos fructos e drogas della vos sustentaes, e conservaes ha tantos annos tão abastada e tão nobremente, sem haver nem correr nella dinheiro; e que desejeis e suspireis por dinheiro, sem o qual, e por isso mesmo, vos fez a vossa fortuna singulares no mundo? Plinio, que foi o homem que maior conhecimento teve de todo elle, entre outras muitas sentenças com que condemna o uso do dinheiro, e louva o da commutação dos fructos naturaes, diz estas notaveis palavras: *Quam innocens, quam beata, imò verè et delicata esset vita, si nihil aliud quam supra terras concupisceret? Utinamque posset è vita totum abdicari aurum, ad perniciem vitæ repertum: quantum feliciore ævo, cum res ipsæ permutabantur inter se**? Quer dizer: Que innocente, que bemaventurada, e que deliciosa seria a vida dos homens, se elles se contentaram com o que nasce sobre a terra! Oxalá se pudéra desterrar de todo o mundo o oiro descoberto para destruição da vida, e se trocaram os tempos e uso presente por aquella idade

* Plin. in proem. lib. 33 et cap. 1.

felicissima, em que as coisas se commutavam umas por outras. Atéqui o parecer daquelle grande juiso, que ajuntou em si a sciencia e comprehensão de todos os seculos. E que tendo-vos Deus feito mercê de que gozeis esta inestimavel riqueza e felicidade natural, queiraes abrir as portas a um inimigo tão universal e pernicioso como o dinheiro, que, no dia em que entrar na terra, vos ha de empobrecer a todos de repente?! Ouvi um caso admiravel de Christo Senhor nosso, com seus discipulos.

Mandou-os o Senhor prégar pelo mundo, e prohibiu-lhes nomeadamente que não tivessem oiro nem prata, nem levassem bolça nem dinheiro comsigo: *Nolite possidere aurum, neque argentum, neque pecuniam in zonis vestris.* (Matth. X — 9) Vieram os discipulos da jornada, e fez-lhes o Divino Mestre esta pergunta: *Quando misi vos sine sacculo, et pera, nunquid aliquid defuit vobis?* (Luc. XXII — 35) Quando vos mandei sem bolça nem alforge, faltou-vos alguma coisa? Responderam todos que nenhuma coisa lhes faltára? *At illi dixerunt: nihil.* (Ibid.—36) Pois agora vos digo, replicou o Senhor, que quem tiver bolça e dinheiro, o leve comsigo, e se tiver alforge, tambem: *Sed nunc, qui habet sacculum tollat similiter et peram.* (Ibid.) Com razão chamei a esté caso admiravel. Se Christo tinha mandado aos discipulos sem bolça nem dinheiro, e elles experimentaram e confessaram que nenhuma coisa lhes faltára; como depois desta experiencia, e desta confissão, lhes manda agora o contrario, e que levem dinheiro? Se elles tiveram dito, que por não levarem dinheiro lhes tinham faltado muitas coisas necessarias á vida, então se seguia bem que o Senhor lh'o concedesse. Mas tendo-lhes prohibido o dinheiro, quando foram a primeira vez, e não lhes tendo faltado nada, agora lhes diz que o levem? Responde depois de grandes admirações S. João Chrysostomo. Christo Senhor nosso, queria exercitar seus discipulos na paciencia, e que padecessem pobreza, e falta do que lhes fosse necessario: e como quando foram sem dinheiro, nenhuma destas coisas lhes faltou, mandou-lhes que levassem dinheiro, para que tudo lhe faltasse: *Ac si eis dixerit: hactenus cuncta vobis uberrime affluebant, nunc autem volo vos et inopiam experiri.* Como se dissera o Senhor (diz Chrysostomo): Atégora sem

dinheiro tudo vos sobeja ; pois agora quero que tenhaes dinheiro, para que tudo vos salte, e sejaes pobres. Isto é o que querem, sem intender o que querem, os que desejam que entre e corra dinheiro nesta vossa terra. Se sem dinheiro, é só com a commutação dos fructos naturaes da terra, tendes abundantemente tudo o que é necessario para a vida, e muitos de vós o superfluo, para que quereis dinheiro, senão para que tudo custe dinheiro, e custando tudo dinheiro, todos sejaes pobres ? Benzei-vos desta tentação como da outra : lograe o que Deus vos deu tão abundantemente sobre a terra, e de debaixo della nem queiraes minas, nem o que dellas se bate.

VII.

Mas antes que acabemos este ponto (com promessa de que o segundo será muito breve) não quero que me accuseis de pouco zeloso da oppulencia do reino. E assim como vos tenho mostrado que as minas, no caso em que se descobrissem, seriam de grande damno, em particular para este estado ; assim accrescento agora, que tambem para o mesmo reino em geral antes haviam de ser de maior oppressão e ruina, que de utilidade e augmento. E para que comecemos pelos exemplos mais visinhos ; que utilidades se teem seguido a Hespanha do seu famoso Potosi, e das outras minas desta mesma America ? A mesma Hespanha confessa e chora que lhe não tem servido mais, que de a despovoar e empobrecer. Elles cavam e navegam a prata, e os estrangeiros a logram. Para os outros é a substancia dos preciosos metaes, e para elles a escoria. Lá disse Isaias fallando do reino de Israel : *Argentum tuum versum est in scoriā* : (Isai. I — 22) e o mesmo se poderá dizer sem metaphora da prata de Hespanha. Ainda com mais domestica propriedade se lhe póde applicar o dito do seu mesmo patrão Santiago : *Argentum vestrum æruginavit* : (Jacob. V — 3) pois a prata se lhe tem convertido em cobre, e a fama e oppulencia de tanto milhão, em belhão.

E para que se não engane alguem com me dizer ou cuidar que a evidencia deste mesmo exemplo nos servirá de doutrina e emenda, passemos a outro reino, ou a outro reinado mais sabio,

qual foi, sem injuria dos presentes, nem futuros, o de Salomão. Salomão com a sua universal sabedoria, descobriu riquissimas minas, e não outras, segundo opinião de graves auctores, senão as mesmas deste novo mundo. As do Perù, que os hespanhoes descobriram sem as buscar; e as do Brazil, que nós buscámos, e não descobrimos. Funda-se esta sentença no capitulo terceiro do segundo livro do Paralipomenon, onde, fallando do oiro que daquellas partes vinha a Salomão, diz o texto hebreu: *Aurum erat Paruaim*. A qual palavra Paruaim é um nome do plural, cujo singular é Perù: com que vem a dizer o mesmo texto, que aquelle oiro se trazia de ambos os Perùs, ou de um e outro Perù. Assim o declara Genebrardo, peritissimo na lingua hebraica: *Aurum Paruaim in hebræo appellatur quasi allatum ex utroque Perù* *. E d'aqui infere como coisa evidente, que era tirado das minas deste novo mundo: *Quis non cernit novum hunc orbem nominari?* E para que se veja que um destes Perùs era o que hoje conserva o mesmo nome, e o outro este nosso, que chamamos Brazil (onde só podiam vir aportar as frotas de Salomão), diz o mesmo texto sagrado, que uma das coisas novas, e nunca vistas na Asia, que levavam as mesmas frotas, eram certos páus chamados *ligna thyina*, os quaes dizem os hebreus citados por Tirino, que eram *lignum Brasilium*: páu do Brazil. (Tirin. in cap. X) O chaldéo traslada *coralium*: coral: (3 Reg.) donde parece lhe deram este nome pela similitude da côr vermelha. Mas as obras, que o texto aponta se faziam deste páu, não podiam ser do que vulgarmente se chama Brazil, senão de outra madeira preciosa, das muitas que nelle nascem.

Isto supposto (e não supposto tambem) ou fossem desta terra as minas de Salomão, ou de qualquer outra; vamos ao que rendiam, e em que se empregava, que é o que faz ao meu caso. O que traziam as suas frotas a Solomão, só em oiro, eram seiscentos e sessenta e seis talentos, que montam oito milhões, menos oito mil cruzados. Assim o conta pontualmente a escriptura: *Pondus auri, quod afferebatur Salomoni per annos singulos, sexcen-*

* Genebrard. lib. 1. Chronol.

torum sexaginta sex talentorum auri. (3. Reg. X — 14) E não só traziam as frotas oiro, senão também muita prata, cuja quantidade era tão immensa na côrte de Jerusalem, que affirma a mesma escriptura igualava ás pedras da rua: *Fecitque, ut tanta esset abundantia argenti in Jerusalem, quanta et lapidum.* (Ibid. — 27) Esta é a immensidade de oiro e prata que rendiam aquellas minas. Mas antes que vejamos em que todo este oiro, e toda esta prata se gastava, deixae-me fazer um reparo, digno não só de admiração, mas de assombro e de pasmo.

Morto Salomão, succedeu-lhe na coroa Roboão, seu filho; e a primeira proposta que lhe fizeram os povos juntos em côrtes, foi que tivesse piedade delles, e os alliviasse dos tributos com que estavam opprimidos em tempo de seu pae, porque eram insupportaveis. E chegou esta instancia a termos tão apertados, e do cabo, que não querendo Roboão condescender no que tão justamente pediam, dos doze tribus de que constava todo o reino, os dez lhe negaram a obediencia e se rebellaram, e fizeram outro rei e outro reino, que nunca mais se sujeitou, nem restituiu aos herdeiros de Salomão. Agora entra o meu reparo. Se o pezo de oiro e a quantidade da prata que contribuiam as minas, era tão excessiva (além dos direitos ordinarios do reino, de que também faz menção a escriptura) com toda esta immensidade de thesouros, com todos estes rios de prata e oiro que estavam sempre a correr: *Per singulos annos*; como não se alliviava a oppressão dos vassallos, como se não levantavam ou diminuiam os tributos dos povos, antes cresciam e se multiplicavam ao mesmo passo, com tal excesso que os obrigaram a uma tal desesperação, e reduziram o reino a extrema ruina? Aqui vereis qual é o fructo das minas, e o que fazem esses rios de oiro e prata, trazidos de tão longe. Com as suas enchentes innundam a terra, opprimem os povos, arruinam as casas, destroem os reinos.

As causas naturaes destes effeitos tão lamentaveis, não são ordinariamente outras, senão as mesmas que precederam no reinado de Salomão. E quaes foram estas? O luxo, a vaidade, a ostentação, a delicia, os palacios, as casas de prazer, as fabricas e machinas exquisitas, e outras coisas tão notaveis como superfluas,

que chamavam á corte de Jerusalem os olhos do mundo, e vistas, desmaiavam a admiração, como aconteceu a rainha Sabá. As baixellas todas eram de oiro (porque da prata não se fazia caso) as mezas, e todas as outras alfayas, tambem de oiro, e, o que se não podéra crêr, se o não referira a historia sagrada, até as lanças e escudos, em grande numero, de oiro. Nestes monstros da vaidade (que sempre é maior que o poder) se consumiam aquelles immensos thesouros, e onde não chegavam os milhões das frotas, suppriam os tributos dos vassallos. Quando as frotas haviam de partir, uns concorriam com o prestimo de suas artes para os aprestos, outros com as contribuições das suas herdades para os bastimentos, outros com o dinheiro amoeado para os soldos, outros com as proprias pessoas, embarcando-se forçados a uma tão dilatada, tão nova, e tão perigosa navegação. E quando as mesmas frotas voltavam carregadas de oiro e prata, nada disto era para allivio ou remedio dos povos, senão para mais se encherem e incharem os que tinham mando sobre elles, e para se excogitarem novas artes de desperdiçar, e novas invenções de destruir. E se isto succedia no reinado e governo de Salomão, vêde se se pôde esperar ou temer outro tanto, quando não forem Salomões os que tenham o governo!

Dos futuros condicionaes e contingentes, ninguem é sabedor senão Deus e os seus prophetas. E assim não quero que me creaes a mim, senão a Isaias: *Repleta est terra argento, et auro, et non est finis thesaurorum ejus*: (Isaias II — 7) Vejo a terra (diz Isaias) toda cheia de oiro e prata; e são tantos e tão grandes os seus thesouros, que não teem fim. Oh ditosa e bem afortunada terra, em que não haverá já probreza nem miseria, pois estando toda cheia, a todos abrangerá a riqueza, e não haverá quem não tenha com que remediar a sua necessidade! Assim parece verdadeiramente. Mas vejamos se vê mais alguma coisa o propheta, e se é isto mesmo que nós inferimos. Vae por diante Isaias, e ás palavras que tinha dito accrescenta as seguintes: *Et repleta est terra ejus equis, et innumerabiles quadrigæ ejus: et repleta est terra ejus idolis: opus manuum suarum adoraverunt*. (Ibid. — 8) Depois de vêr a terra cheia de oiro e prata, o que mais vi, diz o propheta,

foi que a mesma terra estava cheia de cavallos, e que as suas carroças eram innumeraveis, e que os homens adoravam as obras de suas mãos, e faziam dellas idolos. Eis-aqui os augmentos que havia de ter o reino com os haveres que lhe promettiam as vossas minas. Encher-se-hia a terra de oiro e prata; mas esse oiro e prata, posto que naturalmente desce para baixo, havia de subir para cima. Não havia de chegar aos pequenos e pobres, mas todo se havia de abarçar e consumir nas mãos dos grandes e poderosos; porque, como bem disse o outro, as magnetes attrahem o ferro, e os magnates o oiro: e as obras pias em que esses thesouros se haviam de dispender, eram, mais cavallos, e mais carroças, e mais galas, e mais palacios e obras magnificas e ostentosas: e tambem haviam de ter parte nelles os idolos baptizados, que lá se adoram, e que tantas vidas e fazendas teem destruido. E se estes eram os proveitos com que se havia de adiantar o reino no descobrimento das vossas minas, á custa da vossa fazenda, do vosso trabalho, da vossa oppressão e do vosso captiveiro; vêde se foi grande favor e providencia do céu, que se não descobrissem, e se tanto no particular, como no geral, ia desencaminhada e errada a vossa esperança: *Nos autem sperabamus.*

VIII.

Desenganado assim e desvanecido o falso descobrimento das vossas minas, segue-se o verdadeiro das minhas, que vos prometti descobrir. E porque é certo e infallivel, não necessita de tão largo discurso. Promettendo Christo redemptor nosso aos escribas e phariseus em lugar de um milagre do céu, que lhe pediam, outro milagre maior na terra, disse que assim como Jonas estivera tres dias e tres noites no ventre da balea, assim elle havia de estar no coração da terra outros tantos dias e noites, que foram os que se contaram desde a tarde de sua sagrada morte, até á manhã da sua gloriosa resurreição. Alguns dizem que se cumpriu esta promessa e prophecia na sepultura do Senhor. Mas esta interpretação é insufficiente e impropria; porque ainda que Christo na sepultura esteve debaixo da terra, não esteve no coração da

terra : *In corde terræ* : (Mat. XII — 40) O coração da terra não é junto á superfície, onde estava o sepulchro, senão o meio e centro della, e o lugar mais interior e inferior, onde o Senhor desceu e se deteve aquelles tres dias, e isso é o que cremos e significamos, quando dizemos, não só que foi sepultado, senão que desceu ao inferno. Mas a que fim desceu Christo ao inferno estando já em estado glorioso, a que naturalmente é devido o céu ? Que foi buscar áquellas concavidades escuras e subterraneas, onde nunca entrou o sol ? Foi buscar e descobrir umas minas mais ricas que toda a prata e todo o oiro, cujo preço e lugar só elle conhecia, e nenhum homem, nem anjo, senão elle as podia descobrir.

Quando os auctores, ainda gentios, querem encarecer o extremo da cubiça furiosa e cega, com que os homens não duvidam de se metter e penetrar o mais profundo da terra, e ter sobre si as montanhas para chegar ao escondido das minas, dizem que até ao inferno vão buscar e desenterrar o oiro e a prata :

Itum est ad viscera terræ.

*Quasque recondiderat, Stigiisque advexerat undis,
Effodiuntur opes irritamenta malorum :*

disse com elegantes versos Ovidio. E não com menos elegante prosa, nem com menor sentimento e juízo, Plinio : *Imus in viscera ejus, et in sede manium opes quærimus. Illa nos premunt, illa nos ad inferos agunt, quæ occultavit, atque demersit.* Isto pois que aquelles homens, que não tiveram conhecimento de Christo, disseram por exaggeração e encarecimento dos mineiros do oiro e prata, isto mesmo, e em proprios termos, é o que realmente e em pessoa fez Christo, penetrando o mais escondido e inferior da terra, e descendo verdadeiramente ao inferno, para descobrir, romper e abrir as suas minas, não de oiro ou prata, que accrescentam os males da terra, senão de outros muito mais preciosos metaes, com que se accrescenta, illustra e enriquece o céu.

A montanha onde começaram a romper-se estas minas, foi o

monte Calvario, os instrumentos a cruz e os cravos; o sitio subterraneo onde ellas estavam escondidas, o seio de Abrahão; e as riquezas que dellas tirou Christo depois de tantos trabalhos, as almas. Tirou a alma do mesmo Abrahão, que deu nome ao logar. Tirou a alma de Abel, que foi a primeira que alli entrou. Tirou as almas de Adão e Eva, que por um appetite foram a causa de que elles e seus filhos, do paraizo da terra não fossem trasladados ao céu. Tirou as almas dos antigos patriarchas, Seth, Noé, Isaac, Jacob, Joseph e Moysés, cuja lei, posto que foi disposição, não teve virtude para levar os homens á gloria, privilegio só da lei da graça. Tirou a alma de Job, que no mesmo tempo se salvou na lei da natureza, e tambem (segundo parece) as dos outros seus amigos que tinham a mesma fé do verdadeiro Deus. Tirou as almas dos reis que foram justos e santos (muito menos porém em numero do que foram as coroas) a alma de Jozias, a alma de Ezechias, a de Jozaphat, a de Manasses, a de David. E se tambem não foi com elle a de Salomão, vêde que desgraça? Tirou as almas dos prophetas Isaías, Jeremias, Ezechiél, Daniel, e os demais: e com cada um delles em triumpho, as almas que com súas prégações tinham livrado do inferno. E porque não fiquem de fóra as mulheres (cujas almas não faltou quem dissesse que não foram creadas á imagem e semelhança de Deus) tirou as almas de Sara, de Rebecca, de Rachel, a de Maria, irmã de Moysés, a de Esther, a de Ruth, a da casta Suzanna, a da valente Judith. E com estas de mais conhecido nome, todas as outras que naquelle escuro deposito estavam esperando longamente a vinda do Messias,

Das que lá entraram depois de Deus feito homem (se a historia do rico avarento não foi mais antiga) tirou o Senhor singularmente a alma do pobre Lazaro, de que só se faz menção no evangelho, a qual levaram ao mesmo seio de Abrahão os anjos, ficando para sempre no inferno, ardendo em fogo e em inveja, a alma do mesmo rico, cuja fortuna neste mundo fóra tão invejada. Tambem foi notavel entre as almas deste tempo a de Semeão, aquelle velho venturoso que teve a Christo em seus braços, e despedindo-se da vida foi o que lá levou as primeiras novas de que já ficava no mundo o Redemptor delle. Os antigos tiveram para

si, que havia almas grandes, e almas pequenas: e se isto assim fôra, muito accrescentaram o numero das almas pequenas as dos innocentes de Belem, os quaes o Senhor não livrou da espada de Herodes, para agora as levar gloriosas consigo. Finalmente, sobre toda aquelle numerosissimo esquadrão avultaram com excesso entre todas as almas grandes, quatro maiores — a de S. João Baptista, a de S. Joaquim, a de Santa Anna, e a do que mereceu ser chamado pae do mesmo Christo, o incomparavel S. José.

Estes foram os thesouros inestimaveis, que o Redemptor do mundo tirou daquellas suas minas, que em espaço de quatro mil annos desde o principio do mesmo mundo, se foram multiplicando e crescendo sempre. Então se cumpriu a promessa que dellas lhe tinha feito Deus por boca de Isaias, dizendo: que lhe daria os thesouros escondidos e mais secretos e encobertos de toda a terra, e quebraria para isso portas de bronze e fechaduras de ferro: *Portas aereas conteram, et veces ferreos confringam, et dabo tibi thesauros absconditos, et arcana secretorum.* (Isai. XLV — 2 e 3) Bem sei que estas palavras foram dirigidas exteriormente a el-rei Cyro; mas é certo que o interior da prophecia fallava expressamente com Christo. Assim como o que tem diante de si a imagem de um santo, parece que falla com a imagem, e falla com o santo; assim Isaias fallando no exterior com Cyro, que era figura e imagem de Christo, com o mesmo Christo é que fallava propriamente, e de Christo prophetisava, e não de Cyro. O mesmo propheta se explicou logo, e se commentou a si mesmo e com tal individuação de palavras, que de nenhum modo se podem iatender de Cyro, nem de outro algum homem, senão daquelle que era homem, e Deus juntamente: *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator*: (Ibid. — 15) Este de quem fallo debaixo do nome de Cyro, é verdadeiramente Deus escondido, Deus escondido e Salvador. Deus escondido; porque em Christo estava a divindade escondida debaixo da humanidade: e Deus assim escondido Salvador; porque para Deus nos salvar se fez homem. E para tirar toda a davida, e que este Salvador não era homem como os outros homens da terra, senão Deus descido do céu, continúa o mesmo propheta pedindo e instando ao

mesmo céu, que acabasse já de chover lá de cima o Justo, para que nascesse na terra o Salvador: *Rorate cæli desuper, et nubes pluant Justum, aperiatur terra, et germinet Salvatorem.* (Ibid. — 8) Assim que aquelle principe a quem Deus prometeu o descobrimento das minas secretas, e as riquezas dos thesouros mais occultos e escondidos, não era Cyro, nem outro rei da terra, senão Christo, verdadeiro Deus tambem escondido, que desceu do céu, e que desceu, não para outro fim, senão para ser Salvador.

Mas se Christo quando desceu do céu e veio á terra, nasceu na pobreza de um presepio: se como Filho escolheu Mãe pobre, e como Mestre discipulos pobres: se a primeira coisa que ensinou e prégou foi pobreza: se viveu de esmolas como pobre, se morreu sem casa nem cama, e despido como extremamente pobre: se o que sempre condemnou foram as riquezas, e prometendo o céu aos pobres, só o difficultou, e quasi impossibilitou aos ricos; que thesouros são estes que Deus lhes prometeu, e que minas secretas e escondidas as que havia de descobrir? Não foram sem duvida, nem são outras, senão aquellas almas tão preciosas, como prezadas, que no seio de Abrahão, como em thesouro, se iam depositando por todos os seculos, não só escondidas e encerradas, mas verdadeiramente captivas, para cujo descobrimento, liberdade e redempção desceu Christo, como diz S. Paulo, ás partes mais inferiores da terra: *Ascendens in altum captivam duxit captivitatem. Quod autem ascendit, quid est, nisi quia et descendit primum in inferiores partes terræ.* (Ephes. IV — 8 e 9) E porque as mesmas almas não podiam sair daquelle logar subterraneo, onde estavam prezas e aferrolhadas como em um carcere de bronze; por isso juntamente com a promessa destes thesouros, e destes minas, assegurou Deus ao mesmo Christo, descobridor e conquistador dellas, que primeiro quebraria as portas de bronze, e romperia as fechaduras de ferro: *Portas æreas conteram, et veces ferreos confringam, et dabo tibi thesauros absconditos, et arcana secretorum.*

Assim commentam este logar litteralmente S. Jeronymo e Santo Agostinho. Mas quem poderá declarar dignamente o preço

destes thesouros, e o valor destas minas? Só por comparação do oiro e prata, que o mundo tanto preza e estima nas outras, se pôde de algum modo rastear, e assim o fez S. Pedro, fallando daquellas almas, e das nossas. Exhorta-nos S. Pedro a que conservemos puras as nossas almas com a obediencia dos preceitos divinos, que todos se encerram na caridade: *Animas vestras castificantes in obedientia caritatis*: (1 Petr. I—22) e o motivo principal que para isso nos propõe é o preço e valor das mesmas almas: *Scientes quod non corruptibilibus auro vel argento redempti estis, sed pretioso sanguine quasi agni immaculati Christi*: (Ibid. — 18) advertindo e considerando (diz o principe dos apóstolos) que essas almas não foram compradas com oiro ou prata, senão com o precioso sangue do mesmo Filho de Deus. Não sei se reparaes, que não só diz S. Pedro o preço com que foram compradas as almas, senão também o preço com que não foram compradas. Não foram compradas, diz, com oiro, nem com prata, senão com o sangue de Christo. E não bastava dizer que foram compradas com o sangue de Christo unido á divindade, e por isso de preço infinito? Bastava e sobejava. Mas como fallava com a baixeza e vileza dos homens, que, como feitos de terra, não sabem levantar os pensamentos da terra, e tanto prezam e estimam o oiro e a prata, por isso ajuntou e ponderou, que não foram compradas as almas com oiro, nem com prata, senão com o preço infinito do sangue de Christo: para que acabem de intender e de crêr todos os que teem fé, que são infinitamente mais preciosas as almas, e infinitamente mais ricas as minas, donde Christo as foi buscar debaixo da terra, que todo o oiro e toda a prata que se tira, ou pôde tirar das outras.

Que bem o intendeu assim el-rei D. João, o segundo, quando se descobriram as minas da Costa de Africa, que deram nome á mesma terra! Edificou-se alli o famoso castello de S. Jorge: mas porque as despezas eram muitas, e a terra doentia, poz-se em conselho de estado, se se largaria? E como muitos dos conselheiros votassem que sim; que responderia el-rei? Respondeu que de nenhum modo se largasse. Porque eu (diz) não mandei edificar aquelle castello tanto para a defensa e conservação das minas,

quanto para a conversão das almas dos gentios: e basta-me a esperança da salvação de uma só daquellas almas, para ter por bem empregadas todas essas despezas.

IX.

Estas são, senhores meus, as minas de que Christo hoje subiu tão rico do centro da terra: estas as que eu vos prometti descobrir: e estas, e não outras, as minas do vosso Maranhão. Se Deus vos não deu as de oiro e prata, como esperaveis, ou vos fez mercê de que não se descobrissem, para vos livrar de tantas desgraças como ouvistes; contentae-vos de vos ter dotado e enriquecido daquellas que na sua estimação (que só é a certa e verdadeira) foram dignas de ser compradas com seu proprio sangue. Este grande rio, rei de todos os do mundo, que deu o nome á vossa cidade, e a todo o estado, que ribeira tem na sua principal e maior corrente, ou nas de seus tão dilatados braços, que em lugar das areias de oiro, de que outros fabulosamente se jactam, não esteja rico destas perolas, que assim chamou Christo ás almas? Outros lhe chamam Rio das Almazonas; mas eu lhe chamo Rio das Almazinhas: não por serem menores, nem de menos preço (pois todas custaram o mesmo) mas pelo desamparo e desprezo com que se estão perdendo, quando o oiro e a prata se deseja com tanta ancia, se procura com tanto cuidado, e se busca com tanto empenho? Oh almas remidas com o sangue do Filho de Deus, que pouco conhecido é o vosso preço, e que pouco sentida a vossa perda, digna só de se chorar com lagrimas de sangue! Mas os que tão pouco caso fazem da alma propria, como o farão das alheias?

Ora já que o Senhor do mundo nos descobriu estas minas, e nos encareceu tanto o preço dellas, e as poz tanto á flor da terra, nesta terra de que vos fez senhores para este mesmo fim, não as desprezeis. Vêde que injuria seria da fê e da caridade, e do mesmo sangue de Christo, se descendo elle ao centro da terra a buscar almas, nós as deixassemos perder, e ir ao inferno, quando as

podemos salvar para si, para nós, e para o mesmo Christo, sem cavar, nem romper montanhas. E para que se anime o nosso zelo neste pequeno trabalho, e de tanto lucro, só quero que advirtamos todos, que fazendo-o assim, faremos em certo modo mais, sem sair da superficie da terra, do que fez o mesmo Christo descendo ao centro della. É de fé que Christo desceu aos infernos : *Descendit ad inferos*. Tambem é de fé que ha dois infernos, um inferior, e muito mais abaixo, onde estava o rico avarento, e outro superior, e mais acima, onde estava Abrahão e Lazaro. Deste inferno superior tirou Christo todas as almas que lá estavam ; mas do inferno inferior (ou Christo descesse lá presencialmente, ou não) não tirou alma alguma. Comtudo, David diz de si, que o Senhor tirou a sua alma do inferno inferior : *Eruisti animam meam ex inferno inferiori*. (Psal. LXXXV — 13) Pois se a alma de David, como a dos outros patriarchas, foi tirada do seio de Abrahão, que é o inferno superior, como diz que a tirou Deus do inferno inferior, que é o inferno dos condemnados, e que propriamente se chama inferno ? Porque a alma de David livrou-a Deus duas vezes, e de dois infernos ; uma vez em vida, e outra vez depois da morte. Depois da morte livrou-a do inferno superior, quando com as outras almas santas a tirou do seio de Abrahão : e na vida livrou-a do inferno inferior, ao qual estava condemnada a alma de David pelo peccado do adulterio e homicidio, e onde havia de penar eternamente, se Deus por sua grande misericordia a não livrara, como elle mesmo diz : *Quia misericordia tua magna est super me, et eruisti animam meam ex inferno inferiori*. (Ibid.)

Eis aqui o estado em que estão toda essa infinidade de almas, cujo remedio e salvação fiou Deus do nosso zelo, e da nossa christandade. Os innocentes pelo peccado original irão ao limbo, que tambem é inferno, pois não hão de vêr a Deus para sempre. Porém os adultos, assim pelos peccados actuaes, como pela falta de fé e baptismo, todos vão e estão indo continuamente ao inferno inferior. E deste inferno, donde Christo hoje não tirou alma alguma, podemos nós tirar sem sair da terra onde Deus nos poz, tantos milhares de almas, e fazer dellas um thesouro inestima-

vel, tanto mais rico e precioso, quanto val mais uma só alma que todo o ouro e prata, e todos os haveres do mundo. Ou cremos esta verdade, christãos, ou não a crémos? Se a não crémos, onde está a nossa fé, a nossa esperança, e o nosso entendimento? Diga-se do nosso entendimento, e da nossa fé, o que hoje disse Christo aos discipulos desesperados: *Ó stulti, et tardi corde ad credendum?* (Luc. XXIV — 25) Mas se temos fé e juízo, como não ha de prevalescer a alegria, o gosto, e a felicidade de Deus nos ter descoberto estas minas do céu, á falsa e mal entendida tristeza, de não termos achado as da terra que nella buscavamos?

Notou Santo Agostinho uma coisa digna do seu entendimento, que hoje succedeu a S. Pedro, quando a Magdalena esta manhã não achou o corpo do Senhor que buscava na sepultura, veio a toda a diligencia dar conta a S. Pedro, o qual não andando, senão correndo, foi logo a certificar-se, e vêr por seus olhos se era assim o que ouvia. E qual vos parece que seria o desejo que S. Pedro levava no coração? Santo Agostinho o diz: *Ad sepulchrum celeri cursu festinat, lætior rediturus, si non inveniret, quem quærebat**. Corria S. Pedro ao sepulchro, não com desejo de achar, senão de não achar, e para tornar da jornada muito mais alegre, se não achasse o que buscava. Assim se alegra quem olha para as coisas com são juízo, e quem intende (como S. Pedro intendia) que ha casos em que a felicidade consiste, não em se achar o que se busca e deseja, senão em se não achar. Em quanto se não achava entre todas as creaturas quem fosse semelhante a Adão: *Adæ verò non inveniebatur adjutor similis ejus*: (Genes. II — 20) foi Adão feliz; e tanto que se achou o que se não achava, d'ahi lhe procederam todos os seus desgostos, todas as suas perdas, e todas as suas e nossas infelicidades. Alegrem-se pois com S. Pedro os que estavam tristes, por se não achar o que se buscou: e alegrem-se tambem, e muito mais com os dois discipulos de Emaús, de acharem, e de se lhe descobrir tanto mais do que esperavam. Elles esperavam um bem particular e temporal, que era a re-

* Agust. serm. 132 de temp.

dempção do reino de Israel: *Nos autem sperabamus, quod ipse esset redempturus Israel*: e o que acharam sem o buscarem, foi a redempção espiritual e eterna do mundo, em que consistia a salvação das suas almas, e a de todas.

Todas devemos desejar que se salvem, e por todas havemos de offerecer nossos sacrificios e orações a Deus. Mas pois não podemos cooperar á salvação de todas, ao menos não façamos a estas tão desamparadas, ás quaes, por mais visinhas, é mais devedora a nossa caridade. Sobretudo tracte cada um com verdadeiro zelo christão, da doutrina e salvação, ao menos daquellas almas que tem em sua casa, e muito particularmente da sua, de que muitos vivem tão esquecidos. Acabemos de intender, e de nos desenganar, que só estes são os verdadeiros thesouros, e que não ha outros, posto que a nossa cegueira lhes dê este nome. Concedo-vos que se descobrissem as minas que desejaveis, e que esta vossa cidade estivesse lagueada de barras de prata, e coberta de telhas de ouro: que importava tudo isto á alma? Havia de levar alguma coisa destas consigo? Havia-lhe de importar alguma coisa para a conta? Pois se tudo cá ha de ficar, porque não tomamos o conselho de Christo, que tantas vezes nos disse que fizéssemos o nosso thesouro no céu: *Thesaurizate vobis thesauros in celo*. (Matth. VI — 20) E notae que diz: *Thesaurizate vobis*. Enthesourae para vós: porque todos os outros thesouros são para os que cá ficam. Costumavam os antigos mandar enterrar os seus thesouros debaixo das suas sepulturas; e por isso diz Job, que os que cavam thesouros, se alegram quando acham algum sepulchro: *Effodientes thesaurum, gaudent vehementer cum invenerint sepulchrum*. (Job. III — 21 e 22) E não é melhor que a alma ache os seus thesouros no céu, e se alegre com elles, do que alegrarem-se outros com a vossa sepultura, e com a vossa morte, para se lograrem do que vós não podeis levar convosco? Ora tenhamos, tenhamos fé, e entristeçam-nos somente nossos peccados, e alegre-nos somente a esperança bem fundada de nossa salvação. E para que até das minas que não achastes tireis algum fructo seja o primeiro a confusão de fazermos tantas diligencias pelos thesouros da terra, quando tão pouca fazemos pelos do céu, que

hão de durar para sempre : e o segundo, o exemplo e resolução de fazer ao menos outro tanto pela salvação da alma, e graça de Deus, a qual nos promete o mesmo Deus que acharemos sem duvida, se assim a buscarmos : *Si quæsieris eam, quasi pecuniam, et sicut thesauros effoderis illam ; tunc intelliges timorem Domini, et scientiam Dei invenies.* (Prov. II — 4 e 5)

SERMÃO

DA

BULLA DA SANTA CRUZADA.

Pregado na cathedral de Lisboa, no anno de 1647.

Unus militum lancea latus ejus aperuit, et continuo exivit sanguis, et aqua. — Joan. XIX.

I.

Como do lado do primeiro Adão dormindo foi formada Eva, assim do lado do segundo Adão morto se formou a igreja. Daquelle lado ferido saíram e manaram os sacramentos, e daquelle lado aberto se derramaram os thesouros das graças, com que o mundo depois de remido se enriquece. Mas, se bem todas as graças da igreja se representam admiravelmente na historia deste mysterio, reparando eu com attenção em todas as circumstancias delle ainda acho com maior propriedade as da bulla da santa cruzada, que hoje se concedem e publicam solemnemente ao reino e reinos de Portugal.

Sairam estas graças do lado de Christo, não antes, nem depois, senão quando estava pregado na cruz; porque da cruz trouxeram o merecimento, e da cruz tomou a mesma bulla o nome, que por

isso se chama da cruzada. Sairam em figura de sangue e agua : *Exivit sanguis, et aqua* : de agua, para apagar o que estava escripto ; e de sangue, para se escrever de novo o que naquelle sagrado papel se lê. Diz S. Paulo, que Christo morrendo apagou a escriptura de nossos peccados, e que assim apagada a pregou na sua cruz : *Delens, quod contra nos erat, chirographum, et ipsum tulit de medio, affigens illud cruci.* (Col. II — 14) Mas se Christo então apagou uma escriptura, e a fixou na cruz para o remedio, hoje escreve outra escriptura, e fixa nella a mesma cruz para o effeito. Isto é o que significa aquella cruz, e isto o que contém aquella escriptura, tudo graça e tudo graças.

Vejo porém que me estão perguntando todos, e com razão : se estes thesouros e graças manaram do lado de Christo aberto, como os abriu não outrem, senão um soldado : *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit* ? Esta é a maior circumstancia da historia, e a mais viva energia do mysterio. O principio e primeira instituição da bulla da cruzada foi em tempo do concilio lateranense, quando se concederam estas graças e indulgencias a todos os que tomando a insignia da cruz se alistassem por soldados para a conquista da Terra Santa. E como ellas foram concedidas não a outros, senão aos soldados daquella sagrada empreza, por isso com a mesma propriedade não outrem, senão um soldado, foi o que abriu o lado de Christo : *Unus militum*. Mas não parou aqui o mysterio, como tambem não pararam aqui as graças. O motivo que teve primeiro o papa Gregorio XIII, e depois seus successores, e hoje o santissimo padre Innocencio X, nosso senhor, para conceder as mesmas indulgencias da cruzada aos reinos de Portugal, foi, como se contém na mesma bulla, o subsidio dos nossos soldados da Africa, que, armados sempre, e em vela naquellas fronteiras, defendem as portas de Hespanha e da christandade contra a invasão dos moiros. E como os soldados da Africa propriamente são soldados de lança, e os cavalleiros que lá servem, servem ou com uma ou com muitas lanças ; para cumprimento e realce do mysterio em toda a sua propriedade, o soldado que abriu o lado de Christo e franqueou os thesouros das mesmas graças, não foi só, nem devia ser, de qualquer modo sol-

dado, senão soldado de lança e com lança : *Lanced latus ejus aperuit.*

Temos declarado o thema, e proposta a materia em commum. Para descer aos particulares della publicando as graças da santa bulla, e descobrindo um por um os inestimaveis thesouros que nellas se encerram, o mesmo thema nos dará o discurso. Em todo elle não seguirei outra ordem, nem outra divisão, que a das mesmas palavras. *Ave Maria.*

II.

Unus militum lanced latus ejus aperuit.

A primeira excellencia que acho na bulla da santa cruzada, é ser um o que abre estes thesouros do lado de Christo : *Unus.* Se estas graças e indulgencias dependeram de muitos, para mim quasi deixaram de ser graças. Esta é a grande differença que ha entre as graças e mercês dos reis da terra, e as do Rei do céu. As graças dos reis da terra, sendo por merecimentos nossos, dependem de muitos ministros : as do Rei do céu, sendo por merecimentos seus, dependem de um só : *Unus.*

Antes de David entrar em desafio com o gigante, perguntou, que premio se havia de dar a quem tirasse do mundo aquelle opprobrio de Israel ? (1. Reg. XVII — 23) E foi-lhe respondido, que o rei lhe havia de dar sua propria filha em casamento. (Ibid. — 25) Saiu David a campo, matou o philisteu ; mas quando aos applausos da famosa victoria parece que se haviam de seguir logo as vodas, nada menos lhe passava pelo pensamento a Saul. Puxava David pela palavra real : requeria o premio não arbitrario, senão certo de um tão singular e notorio serviço ; e a resposta por muito tempo (como se costuma) eram dilações e palavras frivolas. Finalmente, mandou-lhe responder o rei, que se queria com effeito a satisfação que se lhe promettêra, matasse mais um cento de philisteus. (1. Reg. XVIII — 25) Servi lá, arriscae-vos lá e fiae-vos de promessas e mercês de homens. De maneira, que para David merecer a mercê, bastou-lhe pelear e vencer um philisteu ; e para fazer a mercê effectiva, foi-lhe necessario pelear

e vencer um cento de philisteus. Isto é o que vos acontece em todas as promessas e despachos dos reis da terra. Muito mais custa o requerimento que o merecimento. Para o merecimento basta batalhar com um inimigo; para o requerimento é necessario batalhar com um cento de ministros, que as mais vezes não são amigos. Para render o philisteu de David bastou uma pedra; para render estes philisteus tão estirados, tão sombrios, tão armados, não basta uma pedreira, nem muitas pedreiras: e se alguns se rendem com pedras, não são as do rio. Mas quando não foram tão duros e tão difficultosos, bastava serem tantos.

Esta é pois a primeira graça que Deus nos faz, na bulla da santa cruzada. Tantas enchentes de mercês, tantos thesouros de misericordias e favores, e todos despachados por um só ministro, um confessor. Para as mercês dos reis da terra, que não importam nada, tantas papeladas e tantos ministros: para as graças do rei do céu, que importam tudo, uma só folha de papel, e um só ministro; uma bulla, e um sacerdote: *Unus*.

Mas porque, para tirar toda a difficultade e repugnancia, não basta só ser o ministro um, se fôr certo e determinado; concede-vos mais a bulla, que esse *um* seja á vossa eleição, aquelle que vós escolherdes. Esta é a maior circumstancia de graça que se encerra nesta graça. Quando Christo sarou aquelle leproso do evangelho, mandou-lhe (segundo o texto de S. Marcos) que se fosse apresentar ao principe dos sacerdotes: *Vade, ostende te principi sacerdotum*. (Marc. I — 44) Contra este mandado está, que a lei universal do Levitico (como consta do capitulo treze) só obrigava aos leprosos, que se manifestassem a qualquer sacerdote, aos quaes pertencia julgar da lepra. (Lev. XIII — 1) Pois se qualquer sacerdote ordinario podia conhecer da lepra, porque manda Christo a este leproso, que nomeadamente se presente ao principe dos sacerdotes? Respondem os expositores, que antigamente assim era; mas que esta lei geral se tinha restringido depois, e estava reservado o caso da lepra ao conhecimento e juizo do principe dos sacerdotes somente. (Cornel. ibi.) E por isso Christo mandou o leproso não a outro sacerdote, senão ao principe: *Principi sacerdotum*. O mesmo passa hoje nos casos e peccados reservados,

*

de que não podem absolver os sacerdotes ordinarios, e só pertence a absolução ao prelado de toda a diocese, e talvez ao principe supremo de toda a egreja. E posto que semelhantes reseruações sejam muito justas e necessarias para refreiar a temeridade, não ha duvida que tambem são occasionadas para precipitar a fraqueza. Que haja um homem de descobrir a sua lepra e manifestar a sua miseria, de que só Deus é sabedor, não só a outro homem como elle, senão determinadamente a tal homem? Grave e difficullosa pensão! E muito mais quando pela distancia dos logares se accrescenta o trabalho e a despeza; e pela grandeza e dignidade da pessoa se faz maior a repugnancia, o pejo e o horror. É verdade que os meios da salvação se hão de procurar e aceitar de qualquer mão, ainda que seja a mais aborrecida e repugnante: *Salutem ex inimicis nostris, et de manu omnium, qui oderunt nos.* (Luc. I — 71) Mas ainda mal porque é tal a fraqueza e pusillanimidade humana, que estão ardendo muitos no inferno não por não confessar seus peccados, senão pelos não confessar a tal homem; sem reparar que no dia do juizo hão de ser manifestos todos a todos os homens.

A este inconveniente porém acode hoje a misericordia divina, e a benignidade do summo pastor por meio da santa cruzada, concedendo a todos os que a tomarem, faculdade de eleger cada um o confessor approvado de que mais se contentar e satisfizer. Por isso o ministro que abriu o lado se não nomeia no texto, e só se diz que era: *Unus militum*: Um, indeterminadamente. E posto que da historia ecclesiastica conste que foi Longino (ou, como o vulgo lhe chama, Longuinhos) nesse mesmo homem-concorriam duas circumstancias dignas de grande reparo para o nosso caso. Era Longino estrangeiro e cego. Estrangeiro; porque sendo romano servia nos presidios de Jerusalem: cego; porque, como affirma S. Gregorio Nazianzeno, de ambos os olhos não via. (Naz. in Trag.) E porque quiz Christo que lhe abrisse o ladô e fosse o dispensador destas graças um estrangeiro e cego? Para tirar toda a occasião e escusa ao pejo e repugnancia humana. Tendes pejo de manifestar a vossa miseria, tendes repugnancia de descobrir o vosso peccado? O remedio está na vossa eleição: buscae um es-

Trangeiro que vos não conheça; buscae um cego que vos não veja: *Unus militum*. Passemos á segunda palavra.

III.

Militum. Sobre esta palavra *soldados*, a primeira coisa que occorre é o soldo. E se este se paga pontualmente e se despende todo com os nossos soldados e cavalleiros da Africa tão benemeritos da fé e da egreja, esse é o fim para que os summos pontifices concederam o subsidio da bulla. Da pureza das primeiras mãos em que se recebe, nunca houve, nem pôde haver duvida. Mas como passa por tantas outras, e ha tanto mar e sumidoiros, em meio, não sei se poderá ser justificada a queixa commum?... É certo que nos escriptores da Africa (sem serem Tertullianos, nem Agostinhos) se leem de tempos passados graves lamentações deste descaminho. O dinheiro santo da bulla, que cá se recolhe em vintens, dizem que torna de lá em meticaes, e que a muita fome que de cá se leva, é a causa da que lá se padece. Mas isto toca a quem toca. O que a mim me pertence é desfazer este escrupulo, e assegurar a todos os que tomam a bulla, que ainda que o dinheiro da esmola se desencaminhe, e os soldados da Africa o não comam, sempre as graças concedidas se ganham com infalível certeza.

No dia do juiso dirá Christo: *Venite, benedicti patris mei: esurivi enim, et dedistis mihi manducare*: (Mat. XXV — 34 e 35) Vinde, bemditos de meu Padre, porque tive fome e me destes de comer. Notae muito aquelle *porquê*. Não diz: Porque comi o que me destes; senão: Porque me destes de comer. Aqui está o ser da obra. O merecimento da esmola não consiste em que a comam aquelles para quem a daes; senão em que vós a deis para que elles a comam. E isto é o que se verifica na esmola da bulla, em qualquer acontecimento. Pôde acontecer que a não comam, nem se sustentem com ella os soldados para que está applicada. E pôde tambem acontecer, que em parte não haja taes soldados; porque ha praças phantasticas. Mas ainda que a praça e o soldado seja phantastico, a esmola que se dá para seu sustento sempre é

verdadeira, e o merecimento certo. Grande exemplo na historia sagrada.

Vieram a casa de Abrahão tres anjos em figura de peregrinos, e diz o texto, que Abrahão os hospedou e lhes poz a meza e os tractou com grande agasalho e regalo. (Gen. IV — 2) Agora pergunto : Aquelles anjos comeram verdadeiramente o que lhes deu Abrahão ? Claro está que não ; porque os anjos não comem, e aquelles corpos com que appareceram, eram corpos phantasticos. Comtudo, diz o mesmo texto, que Deus pagou esta obra a Abrahão muito de contado, e lhe fez grandes mercês por ella, como foi a do filho Isaac, e outras. (Ibid. XV — 18) Pois por uma obra que se fez a homens phantasticos, a homens que não havia taes homens no mundo ; e pelo comer que se lhes deu, o qual elles não comeram, nem podiam comer, faz Deus tantas graças e tantas mercês a Abrahão ? Sim. Porque ainda que os homens eram phantasticos, a esmola era verdadeira : e ainda que elles não comeram o que lhes deu Abrahão, Abrahão deu-o para que elles comessem. A esmola da bulla que daes para os soldados de Africa, pôde acontecer que elles a não comam, ou porque alguns os não ha, ou porque fica cá o dinheiro, ou porque se lá vae, elles (como dizeis) ficam anjos : mas como Deus só respeita o merecimento da esmola, e o fim della ; ainda que os homens o divirtam e desencaminhem, a paga que naquella escriptura se vos promette sempre está segura.

Tenho notado a este proposito um lanço da providencia e governo de Christo, que sempre me admirou muito, e deve admirar a todos. Christo e seus discipulos como não possuiam nada deste mundo, viviam das esmolas com que a devação dos fieis soccorria o sagrado collegio. Para receber estas esmolas e as despender e distribuir, houve o Senhor de eleger um delles : e quem se não admirará e pasmará de que este eleito fosse Judas ? (Joan. XII — 6) Senhor, dae-me licença. Vós não conheceis muito bem a Judas ? Sim conheço. Não sabeis que é ladrão, e que ha de furta-
tar ? Sim, sei. Estas esmolas que lhe entregaes e fiacs d'elle, não são para sustento dos outros discipulos que vos servem, e que hão de defender com a vida vossa fé, e vossa egreja ? Sim, são. Sobre

tudo a esmola não é aquella obra de caridade tão estimada de vós, a que tendes promettido tantos premios, tantas mercês, tantas graças, e a mesma bemaventurança? Sim, é. Pois nas mãos de Judas metteis tudo isto, para que elle se aproveite e os outros padeçam? Para que ella coma e os outros morram á fome? Não foi esse o fim de Christo, que Deus não favorece ladrões, ainda que os permita; mas permittiu neste caso com alta providencia, que as esmolos dadas para sustento dos que o serviam, corresse por mãos de quem as havia de roubar; para que constasse então e agora a toda sua egreja, que ainda que as esmolos se roubem e se desencaminhem, e não se applicuem ao fim para que se dão, o preço e merecimento dellas, e o premio que se promette a quem as dá, sempre está seguro. Neste contracto ha duas pagas: uma, a paga dos soldados para quem daes a esmola, que corre por mão dos homens: e outra, a paga da mesma esmola que daes, que corre pela mão de Deus. A que corre por mão dos homens, póde faltar aos soldados: a que corre por mão de Deus, nunca vos póde faltar a vós. Os soldados não serão pagos, vós sempre sois pago.

Satisfeito este escrupulo vulgar, respondamos a outro de mais bem fundada objecção a que nos chama o texto.

IV.

Lanced. Assim como a lança do soldado do Calvario foi a que abriu o lado de Christo, assim dissemos que as lanças dos nossos soldados de Africa são as que abriram e abrem os thesouros da egreja, que se nos concedem na bulla. Mas esta applicação, ou modo de dizer, parece que se encontra com a propriedade e verdade do que cremos neste mesmo ponto. É verdade catholica de nossa santa fé romana, que quem abre e só póde abrir os thesouros espirituaes da egreja, são as chaves de S. Pedro: logo mal o attribuímos ás lanças dos nossos soldados. Direi. Para abrir estes sagrados thesouros, necessariamente concorrem duas coisas: da parte de quem os concede (que é o papa) e poder: e da parte de quem os recebe (que somos nós) a justa causa. Mas de tal sorte de-

pendem desta justa causa as mesmas graças concedidas, que sem ella seriam totalmente invalidas, e de nenhum effeito. A razão disto é, como está decidido em muitos canones, porque o pontifice não é senhor dos bens espirituaes da egreja, senão despende-seiro; e como tal só os pôde despende racionavelmente, e com causa justa. D'outra maneira seria a monarchia espiritual de Christo tão mal governada, como são as temporaes de muitos principes. Por isso vemos tantos thesouros mais desperdiçados que repartidos, e tantas graças e mercês immodicas, concedidas sem nenhuma causa, e muitas vezes com a contraria. Digam-no as prodigalidades d'el-rei Assuero, com o seu máu valido Aman. (Esth. III — 1) E no mesmo tempo o fiel Mardocheo benemerito de tantos serviços feitos á corôa e á pessoa do mesmo rei, pregado manhã e tarde aos postes de palacio, subindo e descendo aquellas cançadas escadas, sem haver quem puzesse nelle os olhos, salvo o mesmo Aman, para o destruir. Não assim os thesoureiros da monarchia de Christo, de que tem as chaves o seu vigario. Elle só os pôde despende, sim; mas só com justa causa. E como a justa causa das graças que se nos concedem na bulla, é a defensa dos logares e fortalezas da Africa, as quaes os nossos soldados sustentam contra a invasão e forças de toda a Barberia; por isso a abertura das mesmas graças se attribue justamente ás suas lanças. Vede se fallo conforme a doutrina e leis do Senhor e Auctor da mesma egreja?

Quando Christo concedia perdão de peccados, ou dava saude milagrosa aos enfermos, tudo attribuia communmente á fé dos que a recebiam. Á Magdalena: *Fides tua te salvam fecit.* (Luc. VII — 50) Á Cananea: *Ó mulier, magna est fides tua.* (Matth. XV — 28) Ao Centurião: *Sicut credidisti, fiat tibi:* (Ibid. VIII — 13) ao pae do surdo e mudo: *Omnia possibilia sunt credenti.* (Marc. IX — 22) E assim a outros muitos. Mas porque razão? Essas obras sobrenaturaes, Senhor, e essas mercês extraordinarias, ou da graça, ou da saude, não são todas effeitos da vossa omnipotencia? São. Pois porque as não attribuis á mesma omnipotencia que as obra, senão á fé dos que as recebem? Porque segundo a regra geral da Providencia de Christo, queria o

Senhor que assentassem estas mercês e graças que fazia, sobre o merecimento da fé dos que as logravam. E como para as mesmas graças concorriam duas causas; uma efficiente, que era a omnipotencia; e outra meritoria, que era a fé, attribue-se o effeito á meritoria, e não á efficiente; porque a efficiente naquella supposição dependia da meritoria. O mesmo passa no nosso caso. O poder de abrir os thesouros da igreja está nas chaves de S. Pedro; mas como ellas os não podem abrir validamente, senão com justa causa, e toda a justa causa das graças que se nos concedem na bulla, é a conservação das praças catholicas, que os nossos soldados e cavalleiros da Africa defendem ás lançadas, por isso, sem offensa do poder das chaves (que reconhecemos), não attribuímos os effeitos dellas tanto ás mesmas chaves, quanto ás lanças: *Lanced latus ejus aperuit*.

Mas vejo que voltaes contra mim a mesma lança, e me arguis com a minha mesma razão. Se a causa das indulgencias que se concedem na bulla, é a defensa dos logares da Africa, e daquellas muralhas da christandade com que impedimos os passos aos infieis, e pomos freio ao orgulho e furia de seus exercitos; será justa e justissima causa para os soldados e cavalleiros, que, com as armas ás costas, vigiando de noite, e pelejando de dia, defendem ás lançadas, e com o sangue e as vidas, as mesmas muralhas. Mas para nós, que estamos em Portugal muito seguros e descansados, sem vigiar. nem acodir a rebate, nem vêr moiro, nem empunhar lança; que só com a contribuição de uma esmola tão tenue, tenhamos justa causa de se nos concederem as mesmas graças! Parece que não póde ser. Prova-se com a experiencia das nossas fronteiras. Para os soldados que nellas militam e as defendem, todos pagamos a decima: mas quando vem ao requerimento das mercês, só os soldados e capitães as pedem e as recebem: os demais, ainda que os sustentem com os seus tributos, nem recebem, nem pedem, nem esperam mercê por isso. Não é assim? Assim é: e assim havia de ser, se Deus fôra como os homens, e o Rei do céu como os da terra. Nas leis da terra dão-se os premios a o que milita e serve; mas não a quem o sustenta: nas leis do céu, aquelle que milita e serve, e mais

aquelle que o sustenta, todos teem o mesmo premio. Lei expressa do evangelho promulgada por Christo: *Qui recipit prophetam in nomine prophetæ, mercedem prophetæ accipiet: qui recipit justum in nomine justī, mercedem justī accipiet*: (Matth. X — 41) Eu (diz Christo) mando meus pregadores, que são os meus soldados, a conquistar o mundo, e pelejar contra os infieis: mas porque eu lhes não dou sustento, nem soldo com que o comprar, saibam todos que a mercê que lhes tenho taxado a elles por me servirem, a mesma hei de fazer aos que os sustentarem: *Mercedem prophetæ, mercedem justī accipiet*. Póde haver texto mais claro, e promessa mais infallivel? Pois isto é o que se nos promete naquella escriptura, fundada na mesma lei da munificencia divina. Os soldados e cavalleiros da Africa passam o mar, mudam o clima, e deixam a patria; vós ficaes nella: elles vigiam nas atalayas; vós dormis: elles defendem as tranqueiras, saem ao campo, andam ás lançadas com os barbaros, e muitas vezes perdem a vida; vós lograes a bella paz. Mas basta que as vossas esmolas (posto que tão limitadas) concorram ao seu sustento, para que nas mercês e nas graças iguale Deus o vosso ocio ao seu trabalho. Para com os reis só elles merecem e ganham as commendas: para com Deus tanto ganha a vossa esmola, como a sua lança: *Lanced.*

V.

Latus ejus. Se esta segunda palavra não limitára ou ampliára a primeira, grande opposição se nos offerecia nella contra tudo o que temos dito, e nos resta por dizer. Christo na cruz estava com titulo e representação de Rei; mas não de Rei universal, que era de todo o mundo, senão de Rei particular de uma nação: *Rex judæorum*: e não ha graças mais difficultosas e duras de conseguir, que as que dependem dos lados dos reis: *Latus ejus*. Olhe-mos bem para esta figura exterior, e veremos nella uma imagem natural do que os vassallos teem nos reis, e do que padecem com os lados. Primeiramente no estado em que Christo se achava na cruz, tudo o que pertencia ao Rei estava feito; só o que corria

por conta do lado estava por fazer. O que houve de fazer o Rei, era pedir perdão pelos inimigos; e já estava pedido: era dar o paraíso ao ladrão penitente; e já estava dado: era entregar o discípulo á Mãe, e a Mãe ao discípulo; e já estavam entregues: era beber, ou gostar o fel; e já estava gostado: era principalmente remir o mundo; e já estava remido. Em fim, tudo o que tocava ao Rei estava feito: *Consummatum est.* (Joan. XIX — 30) Ao lado pertencia dar os sacramentos; e só isso estava por fazer. O Rei estava patente a todos com quatro portas abertas, duas para os inferiores nos pés, e duas para os mais altos nas mãos: e os lados no mesmo tempo estavam fechados por uma e por outra parte, sem haver por onde entrar, nem penetrar a elles. O corpo todo estava ferido e lastimado, e só os lados sãos, e sem lesão alguma. Nem chegaram lá os golpes dos açoites, como ás costas: nem os carregou o pezo da cruz, como aos hombros: nem os rasgava ou suspendia a dureza dos cravos, como aos pés e mãos: nem os molestava o estirado e desconjuntado dos membros, como aos nervos e ossos: nem os attenuava o vazio e exausto do sangue, como ás veias: nem os amargava o fel, como á bocca, e, o que é mais que tudo, nem os picavam os espinhos, como á cabeça, tendo tanto da corôa. Finalmente, o que excede toda a razão e toda a admiração, é que estava junto e recolhido nos lados tudo o que faltava ao Rei. De duas coisas padeceu Christo extrema falta no Calvario: falta de sangue, e falta de agua. Faltou-lhe o sangue, porque o tinha derramado alli, e em tantas outras partes: faltou-lhe a agoa, porque da mesma falta de sangue se seguiu aquella extraordinaria sede, que o obrigou a dizer: *Sitio.* E porém muito de notar, que quando se abriu o lado, do mesmo lado saiu sangue e agua: *Exivit sanguis, et aqua.* Pois se o Rei padecia tanta falta de sangue, e tanta falta de agua; como agora lhe são do lado sangue e mais agua? Porque tudo o que falta aos reis está junto e recolhido nos lados. Oh se houvesse, não digo uma lança, ou lançada, senão uma chave mestra que abrisse estes lados; como é certo que achariam nelles junto os reis, ou tudo, ou grande parte do que lhes falta; e que fazendo dois actos de justiça em um mesmo acto, poderiam soccorrer,

*

remediar, e ainda enriquecer a muitos com o que não basta a poucos.

Estes são os lados dos reis, mas não assim o lado de Christo. Passemos do exterior da allegoria ao interior da realidade: *Latus ejus*. Toda a differença de lado a lados está na limitação do *Ejus*. Delle, de Christo. Os lados dos reis da terra dilatam, porque não querem fazer: o lado de Christo dilatou para poder fazer mais do que estava feito. Os lados dos reis, estando todo o corpo chagado, só elles se vêem sãos: o lado de Christo esteve são, para ser elle o mais chagado; antes a maior chaga de todas. Os lados dos reis fecham-se, porque se não querem communicar: o lado de Christo esperou fechado, para se communicar com maior abundancia, e para ficar sempre aberto. Finalmente, os lados dos reis ajuntam em si, e para si, tudo o que falta aos reis: o lado de Christo ajuntou em si, mas para nós, tudo o que sobejou á Christo. Notae muito.

O sangue de Christo foi o preço de nossa redempção; e como este preço era infinito, porque uma só gota. bastava para remir mil mundos, tão infinito foi o que sobejou depois de remido, como era infinito o que se despendeu para o remir. E que se fez deste preço que sobejou? Assim como do que se despendeu se pagou o resgate, assim do que sobejou se fez um deposito. E este deposito de preço e valor infinito, são os thesouros da egreja, que mysteriosamente estavam encerrados no lado de Christo. D'aqui se intenderá a razão porque tendo o Senhor derramado tanto sangue até á morte, ainda reservou no lado mais sangue para o derramar depois de morto. E porque, se no ponto da morte de Christo ficou o mundo remido? Porque o sangue derramado até á morte significava o preço necessario á redempção, que se despendeu; e o sangue que se derramou depois da morte, significava o preço superabundante que sobejou. Do que se despendeu na paixão, como de resgate, se remiu o mundo: do que sobejou no lado, como de deposito, se formou e enriqueceu a egreja: *Dormiente Adam fit Heva de latere: mortuo Christo perforatur latus, ut super effluent sacramenta, unde formetur Ecclesia**: Assim como

* Aug. in sentent. sentent. 328.

do lado de Adão (diz Santo Agostinho) se formou Eva, assim do lado de Christo saíram os sacramentos, para que delles, como de materia superabundante, se formasse a igreja. Isso quer dizer a palavra: *Super effluant*, que significa sair como coisa superabundante, superflua, e que sobeja. Fallou Agostinho como tão grande lume da theologia; porque estes são os proprios termos de que usam os theologos quando fallam do thesouro da igreja, que se compõe principalmente da satisfação infinita do sangue de Christo, que superabundou e sobejou do preço da redempção: *Thesaurus satisfactionum Christi super effluentium*, diz com todos os doutores orthodoxos o cardeal Bellarmino*. E este é o thesouro donde a igreja tira as graças e indulgencias que concede e applica aos fieis, para que satisfaçam á justiça divina, pelas culpas ou penas de que lhe são devedores.

E se alguém desejar na similhaça de Santo Agostinho (que tambem é de S. Paulo) a perfeita proporção da figura com o figurado; (Ephes. V — 32) e me perguntar como se verifica ou pôde verificar do lado de Adão ser formada Eva, não da parte ou materia necessaria, senão da superabundante e superflua; eu o direi satisfazendo a esta e a outra grande duvida. Diz o texto sagrado, que tirou Deus uma costa do lado de Adão, e que desta costa formou a Eva: mas duvidam, e com muito fundamento os theologos, que costa de Adão foi esta; porque se era uma das costas, de que naturalmente se compõe o corpo humano, segue-se que o corpo de Adão ficou defeituoso e imperfeito, o que se não deve admittir, sendo Adão o primeiro homem, e o modelo original de todos os homens que d'elle haviam de nascer. E se o corpo de Adão ficou perfeito, antes perfeitissimo (como era bem que fosse) que costa foi esta sua de que Eva se formou? Responde S. Thomaz, que o corpo de Adão quando ao principio foi creado, tinha uma costa de mais em um dos lados; e que deste lado, e desta costa que nelle sobejava foi formada Eva“. Pois assim como no lado de Adão creou Deus uma parte superabundante e super-

* Bellarmin. de indulg. l. I — 6 e 2.

“ D. Thom. p. 1, q. 92, art. 3.

flua, de que tirou a materia necessaria á formação de Eva, assim no lado de Christo depositou outra parte tambem superabundante e superflua, necessaria á formação e reformação da egreja, que foi o que sobejou do preço infinito da redempção. E estes são os thesouros das graças que hoje se nos concedem, tirados do deposito infinito e inexhausto do lado de Christo aberto : *Latus ejus aperuit.*

VI.

Aperuit. Abriu-se o lado de Christo : mas porque se podia abrir mais ou menos ; para que saibamos a largueza com que se abriu, e quão immensos são os thesouros que d'elle se nos communicam, vejamos-os patentes e declarados, não por outro interprete, senão pela mesma bulla. Diz S. João no principio de seu Apocalypse, (Apoc. V — 1) que viu diante do throno de Deus um pergaminho escripto por dentro e por fóra, envolto e cerrado com sete sellos. Isto é o que elle chama livro, porque assim eram, e se chamavam os livros daquelle tempo. Desejava, como propheta, saber o que continha aquella escriptura tão cerrada ; e diz que chorava muito, por se não achar quem a abrisse. Mas logo se chegou a elle um velho dos vinte quatro anciãos que assistem ao throno de Deus, o qual o consolou, dizendo que o Leão da tribu de Judá tinha poder para a abrir. Então viu S. João um Cordeiro que estava em pé, como morto, o qual desfechando os sete sellos, abriu e estendeu o pergaminho, e fez patente o que nelle estava escripto. Grande mysterio verdadeiramente, e grande e excellente representação ou figura da bulla da santa cruzada ! Primeiramente isto significam os sellos, que são os que dão auctoridade á bulla, e dos mesmos sellos pendentes é que ella tem e tomou o nome, porque bulla quer dizer sello. Estava o pergaminho escripto por dentro e por fóra, porque as graças que contém a bulla, não só pertencem aos bens interiores e espirituaes, senão tambem aos temporaes e exteriores. E não só aos vivos, que estamos neste mundo, senão tambem aos defunctos, que estão fóra d'elle. Não se achava quem abrisse o que alli estava fechado, e publicasse o que estava escripto, porque este poder é só de Christo e do seu vigario ; e

por isso o velho que consolou a S. João, como tem para si Ly-rano, foi S. Pedro. Disse-lhe que o abria o Leão da tribu de Judá, que é Christo, o qual logo appareceu em figura de cordeiro, em pé, e como morto: *Agnus stantem, tanquam occisum*: (Apoc. V — 6) tudo com o mesmo mysterio. Em figura de cordeiro, porque esta obra sendo de seu poder, é muito mais de sua benignidade e misericordia. Em pé e como morto, porque Christo morreu na cruz, não jazendo senão em pé; e da cruz accresceu á bulla o nome de cruzada. E finalmente não morto, senão como morto, porque correr sangue do lado de Christo (o que só acontece aos vivos) foi acção de faculdade vital e vivificante, como gravemente notou S. Hypolito. *Ut ne ipsum corpus mortuum aliis simile appareat, nobis autem ea, quæ sunt vitæ causa, possit profundere**. Correu sangue do lado de Christo morto, como se estivera vivo (diz este antiquissimo padre) para que entendessemos que o mesmo lado, ainda morto, tinha potencia de vivificar, e que delle manavam todas as graças que nos haviam de dar vida.

Vamos agora mettendo a mão neste sagrado lado aberto (não como Thomé incredulo mas fiel), e abrindo os sete sellos um por um, como o mesmo Cordeiro crucificado os abriu; vejamos os divinos thesouros de graças, que naquella larga escriptura se nos promettem, e communicam. Em uma alma, ou consciencia embaraçada, podem geralmente concorrer sete impedimentos, para não conseguir promptamente os meios de sua salvação. Peccados reservados, excommunhões, interditos, votos, enfermidades, dividas temporaes aos homens, e espirituaes a Deus. E todos estes impedimentos (com poucas excepções, em que me não posso deter e se conteem na mesma bulla) se nos tiram e facilitam por ella. Acha-se carregada a vossa alma não só com peccados, mas com peccados de difficilissima absolução, quaes são os reservados? Tomaes a bulla da santa cruzada; abri o primeiro sello: *Aperuit*: e ella dá poder ao confessor que elegerdes, para vos absolver de todos, por graves e enôrmes que sejam, e não só reservados aos

* S. Hypol. Epist. ad Regin.

prelados ordinarios, mas á mesma sé apostolica. Estaes ligado com a gravissima censura da excommunhão; tendes horror (como deveis ter) de vós mesmo, vendo-vos privado da communicação dos fieis? Abri o segundo sello: *Aperuit*: e por graça e faculdade da mesma bulla, sereis absolto da excommunhão, ou seja *A jure*, ou *Ab homine*, e restituído ao antigo estado. Fecharam-se-vos as portas da egreja, por estar interdita a parochia, a cidade ou reino, onde viveis? No meio desta tristeza e desconsolação publica, abri o terceiro sello: *Aperuit*: e pelo privilegio que debaixo d'elle se vos concede, não só podereis assistir privadamente aos divinos officios e receber os sacramentos, mas se durante o interdito morrerdes, gozareis de ecclesiastica sepultura. Fizestes votos, com que vos obrigastes a Deus e aos santos, mais do que o tempo, as occupaões e a pouca devação vos dão logar? Abri o quarto sello: *Aperuit*: e o confessor por virtude da bulla vol-os commutará de modo que facilmente os possaes cumprir. Sois enfermo, ou achacado, fazem-vos damno á saude os comerres quadregesimaes? Abri o quinto sello: *Aperuit*: e de conselho do medico e confessor, não só na quaresma, mas em todos os outros dias prohibidos podereis comer licitamente o que julgardes conveniente á vossa fraqueza. Acquiristes e possuis bens alheios; não sabeis a quem os haveis de restituir, porque ou foram adquiridos vagamente, ou não apparece o dono; não podeis restituir inteiramente por pobreza, ou não quereis por avareza (como é mais certo)? Abri o sexto sello: *Aperuit*: e a tudo vos dará a bulla tão facil remedio, que com pouca despeza satisfaes muita divida. Finalmente, deveis a Deus as penas de vossos peccados, que sois obrigado a pagar, ou nesta, ou na outra vida, como as estão pagando os do purgatorio, dos quaes igualmente vos compadeceis, ou pelas obrigações do sangue, ou pelas de christão? Abri o setimo sello: *Aperuit*: e achar-vos-heis rico de tantas abundancias de graças e indulgencias, que plenaria e plenissimamente possaes satisfazer por vós, e por todos os defuntos a quem se estender a vossa caridade.

Oh misericordias do lado de Christo! Oh thesouros da madre egreja, que d'elle se enriqueceu! Elle tão infinito em lh'os entregar, e ella tão liberal em nol-os repartir! Agora intendereis

a clausula desta visão do Apocalypse. Diz S. João, que quando o Cordeiro abriu os sete sellos daquella mysteriosa escriptura, prostrados diante do seu throno lhe deram infinitas graças todos os que estavam no céu, e na terra e debaixo da terra, e no mar e debaixo do mar : *Et omnem creaturam, quæ in calo est, et super terram et sub terra, et quæ sunt in mari et quæ in eo, omnes audiui dicentes sedenti in throno, et Agno : benedictio, et honor, et gloria.* E quem são estes que davam tantas graças a Deus e ao Cordeiro que abriu os sete sellos, não só no céu, senão na terra e no mar ; e não só da terra e no mar, senão também debaixo da terra, e debaixo do mar ? São todos aquelles que por diversos modos gozam os beneficios da bulla. Os do céu são os bemaventurados ; os da terra e do mar são os vivos : os de debaixo da terra e debaixo do mar são os defuntos. E todos davam graças a Deus e a Christo morto pela abertura dos sete sellos da santa cruzada ; porque bemaventurados, vivos e defuntos, todos por diverso modo lhe devem o maior beneficio. Os bemaventurados, porque por meio da bulla subiram direitos á gloria. Os vivos, porque por meio da bulla se restituem á graça. Os defuntos e do purgatorio, porque por meio da bulla se livram das penas. Vêde até onde alcançam, e se são grandes e universaes para todas as graças daquelle lado e daquella escriptura aberta : *Aperuit ?*

VII.

Et continuò. Mas porque em materia de mercês e graças não basta só estarem impetradas e concedidas, nem basta terdes em vosso poder as portarias, os alvarás, e as provisões, para que, entre o dado e o effectivo ; entre a escriptura e a posse ; entre o papel e o que elle diz, não se atravessem muitos embaraços e muito tempo de esperas, e ainda de desesperações ; com muita razão me perguntareis : estas graças e indulgencias tão grandes que se nos concedem na bulla, quando se alcançam ? Já pagámos a esmola ; já se escreveu o nosso nome na bulla ; já a temos em nosso poder ; mas o effeito ou o effectivo, quando ha de ser ? A palavra que se segue o diz : *Et continuò* : logo sem dilação, logo

sem tardança, logo verdadeiramente, logo. E digo, verdadeiramente, porque não cuide ou receie alguém, que o logo da santa cruzada é como os logos dos vossos tribunaes.

Não ha palavra mais equívoca, nem adverbio de mais duvidosa significação, que o logo em materia de despachos. Apenas ha remissão, que não desça com um logo, e quasi não ha consulta que não suba com dois logos, e alguma com tres. Mas estes logos quão longos são, quanto tardam, e quanto duram ! Ha logo de dois annos, e de quatro, e de dez, e de toda a vida. Estaes despachado para a India, sobem os vossos papeis com tres logos ; dispara a capitania peça de leva, cortam-se as amarras, embarcaes-vos : e que vos succede ? Estivestes parado muitos dias nas calmas de Guiné ; déstes volta ao Cabo de Boa Esperança ; invernastes em Moçambique ; passastes duas vezes a linha ; chegaes finalmente a Goa a cabo de anno e meio ; e os logos ainda não chegaram. Se lá morrestes, chegarão para o dia do juizo ; e se tornastes d'ahi a oito ou dez annos, ainda os logos estão lá em cima, ou não ha já memoria d'onde estejam. E isto é o que significavam aquelles logos. Muitas vezes me puz a considerar, que quer dizer logo, logo ? Porque se o primeiro logo significa logo, o segundo que significação tem ? Parece que um logo sobre outro logo, é como um não sobre outro não. Um não sobre outro não, quer dizer, sim ; e um logo sobre outro logo, muitas vezes quer dizer nunca, e quasi sempre, tarde. Isto porém se intende quando os logos são para remunerar e premiar benemeritos, que quando são para os destruir e anniquilar, um logo, e dois, e tres, todos voam. Vêde-o na tragedia do grande precursor de Christo. Fez el-rei Herodes aquelle solemne convite ao dia dos seus annos : saiu a dançar a filha de Herodias : disse-lhe o rei que pedisse, ainda que fosse ametade do seu reino. E que pediu ? A cabeça do Baptista com tres logos : *Cumque introisset statim cum festinatione ad regem, petivit dicens: Volo, ut protinus des mihi in disco caput Joannis Baptistæ.* (Marc. VI — 25) Contae os logos, e vêde se foram tres : *Statim*, logo ; *Cum festinatione*, logo : *Protinus*, logo : e foram os logos tão promptos e tão logos, que logo entre os pratos da meza appareceu em um delles a cabeça do

maior dos nascidos. Estes são os logos da justiça, ou tyrannia do mundo. Quatro significações, todas formidaveis ! Para o bem um nunca, para o mal tres logos : *Statim : Cum festinatione : Pro-*
tinus.

Só o logo da santa cruzada sendo para bem, e para tão grandes bens, verdadeiramente e com infallivel certeza é logo : *Et continuò.* Para um logo não ser logo, podem-no impedir e retardar, ou as distancias do tempo ou as dos logares. Mas nem as distancias do tempo (ainda que sejam de muitos annos) nem as distancias dos logares (ainda que sejam de muitos centos de leguas) podem impedir ou suspender o logo da santa cruzada, para que não seja logo. Vamos á mesma bulla, e ide comigo. O jubileo do anno santo antigamente era de cem em cem annos : depois foi de cincoenta em cincoenta : hoje é de vinte cinco em vinte cinco. Mas esta mesma distancia de tempo tão comprido se estreita e abbrevia de tal modo por graça e privilegio da bulla, que, sem esperar vinte cinco annos, nem dez, nem dois, nem um, neste mesmo dia podeis ganhar o jubileo do anno santo ; e neste mesmo anno duas vezes. Nas distancias dos logares ainda é mais maravilhoso este logo : *Et continuò.* Quereis ganhar as indulgencias de Sant'Iago ; haveis de peregrinar cem leguas a Compostella. Quereis fazer as estações de Roma e correr as sete egrejas dentro e fóra dos muros ; haveis de peregrinar quinhentas leguas a Italia. Quereis visitar o santo sepulchro, o Calvario, o Monte Olivete, a Casa Santa, haveis de peregrinar mil leguas a Jerusalem. Não são grandes distancias de logares estas ? Grandes por certo, e ainda maiores, se lhes juntarmos que haveis de passar por terras habitadas de infieis, e por mares infestados de infinitos corsarios, onde é mais certa a escravidão e o remo, que os perdões e indulgencias que ides buscar. Mas para todos estes perigos, eu vos darei um passaporte muito seguro, e para todos estes caminhos um atalho muito breve. Tomae a bulla da santa cruzada, e sem sair de Lisboa fostes a Compostella, fostes a Roma, fostes a Jerusalem ; porque as graças que lá haveis de ir buscar, aqui se vos concedem, não diversas, nem menores, senão as mesmas. Quereil-as alcançar logo ? Visitae cinco egrejas. Que-

reis mais logo? Visitae na mesma egreja cinco altares. Quereis mais logo? Visitae o mesmo altar cinco vezes; e sem vos bul-lir de um lugar, fostes a Galliza, fostes a Italia, fostes a Palestina, e vos achaes rico de todos os thesouros de graças, que tão longe se vão buscar com tanto trabalho.

Mas oiço que me diz algum pobre: padre, não são indulgencias o que eu só quero: maior mal e maior pena é a minha. Fui tão desgraçado, que encorri uma excommunhão da bulla da ceia. E quem me ha de levar aos pés do padre santo, e mais em tempo de tantas guerras? Tambem commetti um peccado muito grave, reservado ao meu bispo, e agora não ha bispos. Além de que eu sou de uma aldêa de entre Douro e Minho; e depois que faltou o santo Fr. Bartholomeu dos Martyres, já os prelados não conhecem o meu Logar. Assim que me vejo com o remedio quando menos muito dilatado: a morte pôde vir mais cedo, não sei que ha de ser de mim? Que? Eu vos dou o remedio logo. Tomae a bulla da santa cruzada, elegei um confessor, e logo tendes o bispo na vossa egreja e o papa na vossa terra; porque o confessor com uma bulla na mão é bispo e é papa. Pôde haver maior felicidade e maior brevidade que esta, para os peccados, para as censuras, para as indulgencias? De maneira que sem a bulla da cruzada haveis de ir buscar o bispo e o papa; e com a bulla, o bispo e o papa vem-vos buscar a vós. Sem a bulla haviéis de ir tão longe, a Compostella, a Roma, a Jerusalem: com a bulla tendes Compostella, tendes Roma, tendes Jerusalem dentro em Lisboa. Vêde quanto vae deste sagrado tribunal aos outros. Nos outros tribunaes tractam-se os negocios em Lisboa, como se estiveram em Roma, ou em Jerusalem; neste tractam-se e conseguem-se os de Roma e de Jerusalem como se estiveram em Lisboa. Em Lisboa digo, mas não como em Lisboa; porque o despacho e as graças não estão na mão dos ministros, senão na vossa.

E se vos parece coisa difficultosa que naquella folha de papel, como se fôra um mappa do mundo se ajuntem logares tão distantes e terras tão remotas, como são Roma, Jerusalem e Lisboa; e que para se conseguirem tantos thesouros de graças, se con-

tente Deus e o seu vigario, com que vos punhaes de joelhos n'uma egreja; respondei-me a uma pergunta: Quem é mais liberal, Deus em dar, ou o demonio em prometter? Não ha duvida que Deus em dar. Lembrae-vos agora do que fez o demonio e do que prometteu, e do que pediu a Christo na tentação do monte. O que fez foi trazer alli todo o mundo: o que prometteu, foi a gloria de todos os reinos: o que pediu foi somente que se puzesse Christo de joelhos diante d'elle. Pois se o demonio trouxe todos os reinos do mundo a um monte; porque não trará Deus, por modo mais facil, Jerusalem, Roma e as outras cidades santas á vossa? E se o demonio prometteu todas as glorias daquelles reinos; porque não prometterá Deus todas as graças daquelles logares? E se o demonio se contenta, e não quer mais, nem põe outra condição, senão que se lhe ajoelhem; porque se não contentará Deus com vos vêr de joelhos diante de si, contricto, arrependido e orando? Finalmente, se o demonio fez tudo isto (como diz o evangelista) em um momento: *In momento*; (Luc. IV — 5) porque o não fará Deus em um logo que seja logo: *Et continuo*? Mas já é tempo de concluirmos. Vão juntas as duas ultimas palavras.

VIII.

Exivit sanguis, et aqua. S. Jeronymo, que por testemunho da egreja, na interpretação das sagradas escripturas, é o maximo de todos os doutores, declarando o mysterio porque do lado de Christo morto saiu sangue e agua, disse com singular propriedade, que foi para significar no sangue o martyrio, e na agua o baptismo: *Latus Christi percutitur lancea, et baptismi aqua martyrii pariter sacramenta funduntur.* (D. Hier. Ep. 83) E porque razão mais o martyrio e o baptismo, que algum dos outros sacramentos? A razão deste pensamento não a deu S. Jeronymo; mas posto que seja altissima, não é difficilissima de intender. Entre todos os sacramentos, só o baptismo e o martyrio (que tambem é baptismo) de tal modo purificam a alma, e a absolvem de toda a culpa e pena, que no mesmo ponto ao martyr por meio do sangue proprio, e ao baptizado por meio da agua baptismal, se lhes

abrem as portas do céu, e se lhes franquea a vista de Deus. Esse foi o mysterio com que ao soldado que abriu o lado (tanto que d'elle saiu o sangue e agua) logo sendo cego, se lhe abriram os olhos, e viu ao mesmo Christo, que não podia vêr. E como o fim da encarnação do Verbo foi destruir o peccado, reparar o estado da innocencia, e abrir e restituir ao homem o paraizo perdido; por isso o ultimo acto da vida e morte de Christo, e a ultima clausula com que cerrou a obra da redempção, foi tirar do sacramento de seu proprio peito aquellas duas chaves doiradas do céu, e dar-nos as duas prendas mais seguras de sua graça e gloria, que são, no sangue a do martyrio, e na agua a do baptismo: *Baptismi, atque martyrii pariter sacramenta funduntur.*

Quando os filhos de Israel passaram do Egypto á terra de promissão, passaram pelo Mar Vermelho, e pelo Rio Jordão; mas por um e outro a pé enxuto. E que Egypto, que terra de promissão, que filhos de Israel, que Mar Vermelho, que Rio Jordão foi este? O Egypto é o mundo, a terra de promissão é a gloria, os filhos de Israel são os fieis, o Mar Vermelho é o martyrio, o Rio Jordão é o baptismo: e passaram por um e outro milagrosamente a pé enxuto; porque só pelo Mar Vermelho do martyrio, e só pelo Rio Jordão do baptismo, se póde passar á gloria a pé enxuto (isto é) sem tocar as penas do purgatorio. Mas com isto ser assim, debaixo das mesmas significações de martyrio e baptismo, acho eu que ainda nos deu mais o lado de Christo, e foi mais liberal connosco nas graças da santa cruzada. Comparado o martyrio com o baptismo, não tem conhecida vantagem: ambos se excedem um ao outro, e ambos são excedidos. O baptismo (como é sacramento do principio da vida) deixa-nos capazes de merecer; mas tambem capazes de peccar. O martyrio (como se consumma com a morte, e acaba a vida) deixa-nos incapazes de peccar, mas tambem incapazes de merecer. E nesta vantagem reciproca, com que o martyrio e o baptismo se excedem, e são excedidos, só poderá resolver qual é maior graça, quem primeiro averiguar se é melhor o merecimento com perigo, ou a segurança sem merecimento? Tão iguaes ou problematicas são as prerogativas do baptismo, e do martyrio, comparados entre si. Mas comparados com

as graças da santa cruzada, não ha duvida que a indulgencia e indulgencias plenarias, que tão facilmente, e por tantos modos se nos concedem nella, ainda teem circumstancias de vantagem, com que não só igualam, mas excedem ao mesmo baptismo, e ao mesmo martyrio. Igualam o baptismo e o martyrio; porque se o baptismo e o martyrio purificam e livram a alma de toda a culpa e pena, o mesmo faz a indulgencia plenaria verdadeiramente ganhada. E excedem o mesmo baptismo, e o mesmo martyrio; porque a indulgencia plenaria, é como o martyrio, mas como martyrio sem tormento: e é como o baptismo, mas como baptismo com repetição. Ora vêde.

O martyrio (como lhe chama a egreja) é um compendio ou atalho brevissimo do caminho da gloria; porque o martyr sem dar mais que um passo, com um pé na terra, e outro no céu, entra da morte á bemaventurança. Por aquella morte se lhe não pede conta da vida; por aquella pena se lhe perdoam todas as penas que devia por seus peccados. E posto que tivesse sido o maior peccador, no mesmo ponto fica santo. Grande felicidade por certo, e muito para desejar! Mas os martyres que assim passaram ao céu, por onde passaram? Uns por cruces, outros por grelhas, outros por rodas de navalhas, outros pelas unhas e dentes das feras, e todos por tantos e tão atrozes tormentos, que muitos por medo e horror de tão crueis mortes, se escondiam e fugiam do martyrio; e outros, estando já nelle, por não lhes bastar a fortaleza e constancia para o soffrer, desmaiavam e retrocediam. Vêde agora quanto mais facil é ir direito ao céu por uma indulgencia da bulla da cruzada, que de cruz não tem mais que o nome! O martyr sobe direito ao céu, mas por tantos tormentos e tão arriscados: vós com a indulgencia plenaria tambem subis direito ao céu, mas sem tormento, nem risco. Por isso o sangue, que significava o martyrio, não saiu do lado de Christo vivo com dor, senão do lado morto e insensivel; porque as graças que manaram daquella fonte divina, se bem logram os privilegios de martyrio, são martyrio sem tormento.

E se é grande prerogativa a da indulgencia plenaria, por ser como o martyrio, mas sem tormento; não é menor, nem menos

privilegiada, por ser como o baptismo, mas com repetição. A graça do sacramento do baptismo é tão maravilhosa por grande, como por facil. Que maior maravilha, e que maior facilidade, que um homem carregado de peccados e obrigado por elles a penas eternas, purificar-se de toda a culpa, e livrar-se de toda a pena só com se lavar, ou o lavarem com uma pouca de agua? Mas esta mesma graça tão grande, e esta mesma maravilha e facilidade (se é licito fallar assim) tem um notavel defeito. E qual é? Não se poder o baptismo reiterar, nem repetir. O homem uma vez baptizado não se póde baptisar outra vez. Essa foi a razão (como lemos em Santo Agostinho) porque muitos dos antigos catholicos conhecendo esta limitação, e que não se podiam baptisar mais que uma só vez, ou dilatavam o baptismo para a morte, ou, quando menos, para a velhice, reservando e como poupando a efficacia daquelle remedio para o tempo da maior necessidade. Era abuso, e por isso se prohibiu justissimamente. Mas se o baptismo se pudéra repetir, e um homem se pudesse rebaptisar todas as vezes que quizesse, não ha duvida que seria graça sobre graça, e um excesso de favor muito mais para estimar. Pois isto mesmo que Deus não concedeu a todos pelo sacramento do baptismo, nos concede hoje a nós pela bulla da santa cruzada; porque sendo a indulgencia plenaria, como baptismo em purificar de culpa e pena, é juntamente como baptismo com repetição, porque se póde repetir e reiterar muitas vezes. O baptismo é fonte que se abre uma só vez e se torna a cerrar para sempre: mas a indulgencia da bulla é fonte que se abre hoje e todos os annos, e não se torna a cerrar, antes fica continuamente aberta. Por isso o lado de que saiu a agua (que significava o baptismo) de tal maneira se abriu, estando Christo morto, que não se tornou a cerrar, nem depois de resuscitado. Aberto uma vez, e sempre aberto: *Lanceâ latus ejus aperuit, et continuò exivit sanguis, et aqua.*

IX.

Tenho acabado o meu discurso. E sei, senhores, que vos tenho cansado, mas não sei se vos tenho persuadido? Se estaes

resolutos todos a vós aproveitar de tão inestimaveis thesouros; isto é o que Christo deseja : e esta a correspondência que espera de vossa devação o amor e liberalidade, com que para vos encher de graças, abriu e tem aberto o lado. Mas se houver algum christão indigno de tal nome, que por fraqueza de fé, ou falta de piedade, não agradeça ao mesmo Senhor as mercês que tão de graça lhe offerece, ao menos com as aceitar e estimar como merecem, saiba que esta será a segunda lançada com que lhe penetrará mais dentro o peito aberto e lhe ferirá o coração. A lançada do Calvario não diz o texto que feriu, senão que abriu o lado : esta segunda lançada é a que só o póde ferir, estando tão aberto, e penetrar tanto dentro, que lhe chegue ao coração. *Vulnerasti cor meum soror mea sponsa; vulnerasti cor meum in uno oculorum tuorum.* (Cant. IV — 9) São queixas de Christo á sua egreja, que se compõe de máus e bons, de devotos e indevotos, e de fieis e infieis. Diz pois o amoroso Senhor que sua esposa lhe feria o coração com um dos olhos : *In uno oculorum*. E porque não com ambos? Porque os dois olhos da egreja são a fé e o entendimento ; e só com um delles (se se dividem) ferem os homens neste caso o coração de Christo. Os hereges ferem o coração de Christo com o olho da fé : *In uno oculorum* ; porque negam a verdade das indulgencias, e o poder do pontifice para as conceder. Assim as negou Luthero, por signal que raivoso de se dar a outro pré-gador o sermão da cruzada, que elle pretendia prégar. E este foi o primeiro erro com que depois se precipitou a tantos. Os catholicos (que somos nós) ferem tambem o coração de Christo; mas com o olho do entendimento : *In uno oculorum* ; porque crendo o poder do pontifice, e a verdade das indulgencias, tem alguns tão pouco juizo, que por negligencia e pouco cuidado da alma, e por desprezo dos bens do céu deixam de se aproveitar de tamanhos thesouros. Oh que ferida esta para o coração de Christo, tão cruel da nossa parte, e tão sensivel da sua !

É possível que ha de haver no mundo homem com fé, que podendo-se purificar de todos seus peccados, e pagar a Deus as penas de que lhe é devedor, e uma e outra coisa tão facilmente, o não faça ? Mas a mesma facilidade é a causa. É tal a condição

vil de nossa natureza, que só estimamos o difficultoso, e desprezamos o facil. A primeira vez que se concederam as indulgencias do anno santo, foi tal o concurso de todo o mundo a Roma, que não cabendo a multidão das gentes na cidade, inundava os campos. Se esta mesma bulla se concedêra uma só vez em cem annos, e no cabo do mundo, lá a haviamos de ir tomar. Pois porque Deus nos facilita tanto este bem, e nos vem buscar com elle a nossa casa, o havemos nós de estimar menos? O que e havia de fazer mais precioso, lhe ha de tirar o preço? Taes como isto somos os homens. Quando Eliseu mandou a Naaman Syro, que se lavasse no Jordão para sarar da lepra, quiz-se elle voltar logo para a sua terra, desprezando o remedio pela facilidade, e não crendo que podia ter tanta virtude, o que tão pouco custava. Mas que lhe disseram a este principe os seus criados, e com que o persuadiram a que fizesse o que Eliseu lhe ordenava? *Pater, et si rem grandem dixisset tibi propheta, certè facere debueras, quantò magis, quia nunc dixit tibi lavare, et mundaberis*: Senhor, se o propheta vos mandasse fazer uma coisa muito difficultosa, é certo que a havieis de fazer para sarar da lepra; pois se vos pede uma coisa tão facil como lavar-vos no Jordão, porque o não fareis? Isto diziam a Naaman os prudentes criados, e o mesmo digo eu aos que não quizerem curar suas consciencias, e acudir a suas almas para esta e para a outra vida, com um remedio tão facil. Se para nos purificar de tantas lepras tão feias, tão asquerosas e tão mortaes (como são os peccados de todo genero), e para nos livrar das penas devidas por elles, ou eternas no inferno, ou de muitos annos no purgatorio, deviamos aceitar qualquer partido, e offerecer-nos muito de grado a qualquer satisfação, por dura e difficultosa que fosse; uma tão facil como esta, em que tudo se nos concede, e perdoa de graça, porque a desprezaremos? Se ha alguém que saiba responder a este porquê, deixe embora de tomar a bulla. Mas porque estou certo, que nenhum intendimento que tenha fê, lhe póde achar reposta, quero-vos deixar com a mesma pergunta nos ouvidos, esperando que por elles nos abra os corações aquelle mesmo Senhor que para nos encher de tantas graças se deixou abrir o peito: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit*.

SERMÃO

DA

DOMINGA DECIMA NONA DEPOIS DO PENTECOSTE.

**Prégado na cathedral da Bahia no anno de 1639,
na festa que se faz todos os mezes
ao Santissimo Sacramento.**

Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias.
— Matth. XXII.

I.

É semelhante o reino do céu a um homem rei (Vou repetindo e construindo o texto do evangelho, palavra por palavra. Tende advertencia, e fazei memoria de todas; porque teem mysterio, e todas nos hão de servir). E semelhante o reino do céu (diz Christo Redemptor nosso) a um homem rei, o qual fez as vodas a seu filho. Chegado o dia, mandou a seus criados que fossem chamar os convidados para o banquete, e elles não quizeram vir. Tornou comtudo a mandar outros criados com outro recado nesta sóma: Dizei-lhe que venham, porque o banquete está aparelhado, e o gasto feito, as rezes e as aves mortas, e tudo preparado. Os con-

★

vidados, porém, não fizeram caso desta segunda instancia : uns se foram para a sua lavoura, outros para a sua negociação, e alguns houve tão descomedidos, que prenderam os mesmos criados, e depois de muitas affrontas os mataram. Irou-se o rei, como era justo, mandou os seus exercitos a que fossem castigar aquelles rebeldes, com ordem que não só matassem os homicidas, mas puzessem fogo a toda a cidade, e a queimassem. Executado assim, voltou-se o rei para os criados, e disse : o banquete está aparelhado, e pois os convidados não foram dignos, ide ás saídas das ruas, e trazei quantos achardes. Foram : e ajuntando quantos encontraram máus e bons, todos trouxeram e introduziram, com que os logares do convite ficaram cheios. Então o rei entrou em pessoa na sala para os vêr á meza, e como notasse que entre elles estava um sem vestidura de vodas, estranhou-lhes a descortezia, dizendo : Amigo, como entraste aqui tão indecentemente vestido ? O homem emudeceu, e o rei mandou a seus ministros que atado de pés e mãos o lançassem fóra, e o levassem a um carcere subterraneo e escuro, chamado trevas exteriores. Alli não haverá (conclue Christo) senão choro, e ranger de dentes. Porque os chamados são muitos, e os escolhidos poucos.

Esta é, letra por letra, a historia ou parabola do evangelho, para cuja intelligencia convém saber quem é o rei : quem o filho : quaes as vodas : qual o banquete : quem os convidados que vieram : quem os que não quizeram vir : e quem os criados que os foram chamar. O rei é o Eterno Padre : o filho é o Verbo, segunda Pessoa da Santissima Trindade : as vodas são a encarnação do mesmo Filho de Deus, que se desposou com a natureza humana : o banquete é a gloria e bemaventurança do céu, que por meio deste mysterio se nos franqueou : os convidados que vieram, são os que se salvam : os que não quizeram vir, os que se condemnar ; e os criados, finalmente, que os chamaram, são os pregaçãoes. Supposto pois que este é o officio, e esta a obrigação do pregação, esta será tambem hoje a materia do sermão : *Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias.* (Matth. XXII — 3) Manda-me Deus, senhores, que vos chame para o banquete da gloria ; e assim o farei. Mas quando vejo nesta mesma parabola, que chamados uma

e outra vez os convidados, não quizeram vir ; que razões vos posso eu allegar, ou de que meios me posso valer, para vos persuadir o que tantos pregadores mandados e escolhidos por Deus não persuadiram ? Toda a minha confiança trago posta na virtude e efficacia do evangelho : e assim vos não direi outra coisa, senão o que elle diz, e já ouvistes. Ponderarei somente as suas palavras, e ponderal-as-hei todas sem deixar nenhuma : e para quanto disser e provar, não allegarei outra escriptura, nem do Velho, nem do Novo Testamento, mais que o mesmo evangelho. Se vos parece assumpto novo e difficuloso, por isso mesmo me deveis ajudar a pedir mais graça hoje que n'outras occasiões : *Ave Maria*,

II.

Misit servos suos vocare invitatos ad nupticias. Chamar os convidados para o banquete da gloria, é assumpto que tomei, ou me mandou tomar o evangelho. E não sendo este banquete senão o do Santissimo Sacramento, o que com repetida memoria de todos os mezes celebra hoje a vossa piedade : para que me deis attenção sem desgosto nem escrupulo, sabej que o mesmo evangelho vos ha de livrar d'elle, e com propriedade e mysterio atégora não ouvido, nem de vós esperado.

Entrando pois na parabola que referi, a primeira coisa que ella suppõe para fundamento do muito que encerra, e nos ha de ensinar, é que todos os que estamos presentes, somos convidados para o banquete da gloria. Para prova desta supposição, diz o texto que chegado o dia das vodas mandou o rei alguns de seus criados, que fossem chamar os convidados para o banquete : *Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias.* E como estes não quizessem vir, em vez de se mostrar offendido como homem, e como rei : *Homini regi* : para mostrar que debaixo desta metaphora era Deus, tornou a mandal-os chamar, não pelos mesmos, senão por outros criados : *Misit alios servos.* Quem fossem estes criados, assim os primeiros, como os segundos, declaram com excellente propriedade Origenes, S. Jeronymo, e Santo Thomaz. Os primeiros dizem, que foram os prophetas, os segundos

os apóstolos. Os prophetas foram os primeiros ; porque primeiro chamaram os convidados na lei escripta : e os apóstolos foram os segundos ; porque vindo depois dos prophetas, também chamaram os convidados na lei da graça. D'aqui se segue com a mesma propriedade, que os convidados para o banquete da gloria antes de virem os apóstolos nem os prophetas, já estavam convidados. Antes dos prophetas já estavam convidados ; porque dos primeiros criados diz o texto : *Misit servos suos vocare invitatos* : e antes dos apóstolos também estavam convidados ; porque aos segundos criados disse o rei : *Dicite invitatis*. Pois se já estavam convidados antes de haver apóstolos nem prophetas, e nem os apóstolos, nem os prophetas, foram os que os convidaram, senão os que somente os chamaram : quem os convidou ? Não ha duvida que quem os convidou, foi o mesmo rei, pae do principe desposado, que é Deus. Mas quando ? Alguns dizem que foram convidados ab æterno, quando Deus predestinou os homens para a gloria. Mas isto não pôde ser ; porque convidar, e ser convidado, suppõe noticia reciproca, e os homens não podiam ser convidados, quando ainda não eram destinados ou predestinados : sim : logo se antes dos apóstolos e dos prophetas, já estavam convidados quando os convidou Deus ? Convidou-os em Adão, quando lhe revelou, que não só o creára a elle, e a todos seus descendentes para o paraizo da terra nesta vida, senão para a gloria do céu na outra. Nem a verdade, ordem, e consequencia da parabola, se pôde concordar d'outro modo com a verdadeira theologia. Em summa, que desde o principio do mundo, e desde Adão, assim como depois todos peccamos nelle, assim todos fomos convidados nelle para o banquete da gloria ; porque o fim para que todos nascemos, e fomos creados, é para servir a Deus na vida, e o gozarmos na eternidade.

Supposta esta primeira verdade tão manifesta no nosso evangelho ; e supposto também que os successores dos apóstolos e prophetas que foram chamar os convidados são os prégadores ; o que a mim me toca hoje (como dizia) é chamar-vos também para o banquete, e persuadir-vos que vos não escuzeis ou condemneis em o não querer aceitar. Mas se o banquete é da gloria ; que

posso eu dizer da grandeza, da magnificencia, e do summo gosto e gostos que Deus tem aparelhado nella para os que forem dignos de a gosar? Dos prophetas e apostolos que chamaram os convidados para o banquete da gloria, só dois o viram. Um a viu de longe estando na terra, que foi Isaías, e outro a viu de perto sendo levado ao céu, que foi S. Paulo. E que é o que disseram um e outro do que lá viram? O que disseram ambos conformemente, é que se não póde dizer. Porque os bens e felicidades daquella patria bemaventurada, são tão diversos destes nossos, a que falsamente damos o mesmo nome, que excedem sem proporção nem medida a capacidade de todos nossos sentidos, e a esphera natural de todas nossas potencias. Pois se o mais allumiado nas coisas da bemaventurança entre os prophetas, qual foi Isaías, e o mais allumiado e experimentado nellas entre os apostolos, qual foi S. Paulo, não sabem dizer nada do que viram; que posso eu dizer do que não vi, nem mereço vêr? Mais ainda. Quando os primeiros criados do rei, que eram os prophetas, foram chamar os convidados, diz o texto, que elles não quizeram vir: *Nolebant venire*: (Ibid. — 3) e quando os segundos criados, que eram os apostolos, os chamaram, tambem diz, que não fizeram caso disso: *Illi autem neglexerunt*. (Ibid. — 5) Pois se chamados com toda a eloquencia dos prophetas, e com toda a efficacia dos apostolos, se não persuadiram; que argumentos, ou que demonstraões vos posso eu fazer, para que intendaes o que elles não entenderam; para que queiraes o que elles não quizeram; para que estimeis o que elles desprezaram, e para que procureis e trabalheis por alcançar o que elles uma e outra vez rogados não admittiram?

III.

Esta é a razão, fieis, porque hoje me despedi de todas as outras escripturas, e só com o evangelho nua e secamente considerado, quero fazer prova da vossa fé, e da sua graça. Em todas as outras escripturas apenas se acham divididas tres coisas, as quaes Christo Senhor nosso poz juntas neste evangelho, para com ellas nos ensinar a fazer inteiro e cabal conceito da gloria, a que

nos tem convidado. Propõe-nos esta gloria em metaphora de banquete, em que até os mais grosseiros sentidos são agudos; e as tres circumstancias notaveis que nelle pondera, e quer que ponderemos, são estas: primeira, quem o fez? Segunda, para quem se fez? Terceira, quanto custou a fazel-o.

O rei que fez este banquete da gloria: *Qui fecit nuptias*, é Deus. Assim o intendem concordemente todos os padres e expositores: e se é Deus o que o fez: *Qui fecit*; quaes serão as delicias incomprehensiveis daquella meza celestial e divina, a qual fez e collocou diante de si o mesmo Deus, não só para ultima ostentação de sua magestade e grandeza; mas para fazer eternamente bemaventurados a todos os que se assentarem a ella? Tudo o que se póde imaginar e encarecer, se encerra na significação daquella immensa palavra: *Qui fecit*. O que o fez é a infinita sabedoria, o que o fez é a infinita omnipotencia, o que o fez é a infinita liberalidade, e o infinito amor. Vêde que será o que fez? Os philosophos que não tinham fé pelas coisas que se vêem neste mundo inferior, entenderam que o auctor dellas era Deus. Nós que temos fé, havemos de argumentar ás avessas: e porque sabemos que o auctor das coisas do céu, que não vemos, é Deus; d'ahi havemos de arguir quaes ellas serão. Mas não é isto o que pondero; mais alto é o fundo do nosso texto.

Simile est regnum cælorum homini regi, qui fecit nuptias filio suo. (Ibid. — 2) É similhante o reino do céu a um homem rei, que fez as vodas a seu filho. Este homem rei, como dissemos ao principio, é Deus Padre, que fez as vodas a seu Filho quando o desposou e uniu com a natureza humana. Pois se é Deus Padre, porque se chama rei homem: *Homini regi*? Que se chame rei para significar a soberania de sua magestade, e a grandeza de seu poder, bem está; mas rei homem, parece impropriedade; porque o Padre Eterno ainda que fez homem a seu Filho, elle nem se fez, nem é homem. Diga logo a parábola: similhante é o reino do céu a um rei, e não a um rei homem, pois não é homem o rei de que falla. E se quer distinguir este rei dos outros reis, diga a um rei Deus, e não a um rei homem? *Homini regi*. Assim havia de ser, se a parábola não fôra do banquete da glo-

ria. Mas porque é do banquete da gloria, sendo o Eterno Padre Deus, e não homem, chama-se comtudo homem, e não Deus; porque na magnificência deste banquete, para que fosse mais magnifico, não obrou Deus como Deus, senão como homem. Ora vêde. O homem quando se quer mostrar magnifico e grandioso, faz quanto póde; porém Deus ainda que quizesse fazer quanto póde, não póde. A razão que a nós nos basta, deixadas outras, é muito clara, porque como Deus é omnipotente, por mais que faça, sempre lhe fica poder para fazer mais. E se pudesse fazer quanto póde, esgotar-se-hia a omnipotencia, e não sendo omnipotente deixaria de ser Deus. Este é pois o modo com que Deus obra em todas as outras coisas, em que sempre faz menos do que póde, e póde mais do que faz. Porém no banquete da gloria, como se obrára como homem, faz tudo o que póde, e não póde mais. Porque? Porque se dá a gostar e a gozar a si mesmo. A gloria immensa do mesmo Deus, que só elle comprehendendo, em que consiste? Consiste em se vêr, em se amar, em se gozar a si mesmo. Pois esse mesmo Deus, e esse mesmo summo bem, que Deus vê, é o que nós vemos; esse mesmo que Deus ama, é o que nós amamos; e esse mesmo que Deus goza, é o que nós gozamos na gloria; porque a sua meza e a nossa é a mesma. E isto é o que fez este rei Deus, como se fôra rei homem: *Homini regi, qui fecit.*

Dirá comtudo alguém, que não basta isto só para Deus obrar como homem na magnificencia da gloria; porque os homens quando se querem ostentar magnificos, não só fazem tudo o que podem, senão mais do que podem. Vemos que os reis homens depois de despender seus thesouros, ou os reconhecer menores que sua magnificencia, carregam de tributos sobre tributos os povos, para assim igualar á ostentação de sua grandeza. E os homens que não são reis, tambem fazem o mesmo; e por isso nas festas de um dia se empenham para toda a vida, e desherdam e empobreceem toda a sua descendencia. Logo para Deus obrar como homem na magnificencia do banquete da gloria, não só havia de fazer quanto póde, senão mais do que póde. Assim é, e assim o faz Deus, se bem se considera. Obra Deus tanto como homem

no banquete da gloria, que não só faz tudo o que póde, senão também mais do que póde; porque faz que gozemos nella o que elle não póde fazer. Deus póde fazer creaturas, e essas mais e mais perfeitas infinitamente; póde fazer mais e melhores mundos; póde fazer mais e melhores céus; mas fazer-se a si mesmo, ou outros como elle é, não póde, porque nem elle se fez a si. E isto que Deus não fez, nem póde fazer, faz que nós o gozemos no banquete da gloria, sendo o mesmo Deus a primeira e a principal iguaria daquella meza divina. No nosso texto o temos.

Quando o rei mandou a segunda vez chamar os convidados, a fórma do recado foi que viessem ás vodas, porque o banquete estava preparado: *Ecce prandium meum paravi: venite ad nuptias*. E supposta esta distincção das vodas, em quanto vodas e em quanto banquete, é muito para reparar que as vodas diz o texto que as fez o rei: *Qui fecit nuptias filio suo*; porém o banquete não diz o rei que o fez, senão que o preparou: *Ecce prandium meum paravi*. Pois porque não diz também, que fez o banquete, assim como diz, que fez as vodas? Porque as vodas fel-as Deus, o banquete não o fez, preparou-o somente. As vodas significam a encarnação do Verbo: o banquete significa a gloria dos bemaventurados: e a encarnação do Verbo fel-a Deus, porque fez a humanidade e a união hypostatica; porém a gloria dos bemaventurados não a fez, porque o objecto da gloria, e o que os bemaventurados nella gozam, é o mesmo Deus; e Deus nem se fez, nem se póde fazer. Mas este mesmo banquete da gloria, que não diz que fez, diz altíssima e prompriissimamente que o preparou, porque elevando sobrenaturalmente o intendimento com que o vemos, como este que se chama lume da gloria, o prepara e nos faz capazes de o gozar. De sorte que o banquete da gloria é um composto de tudo o que Deus póde fazer, e de mais do que póde. Da parte do objecto, que é Deus visto e gozado, é mais do que Deus póde fazer, porque Deus não se póde fazer a si mesmo. E da parte do sугeito, que é o bemaventurado que vê e goza a Deus, é tudo o que Deus póde; porque não póde Deus fazer mais que elevar a creatura a que o veja e goze, assim como elle é: e por este modo se verifica, que no banquete da gloria faz Deus, como

se fosse homem, não só tudo o que pôde fazer, senão mais do que pôde.

E que mais fazem os homens quando se querem mostrar magníficos? Se lhes não basta para isso o que teem de seu, pedem emprestado o que não teem; e com o seu e o emprestado supprem a magnificencia da obra. Isto fazem ultimamente os homens, e isto é o que também fez Deus, como se obrasse como homem: *Homini regi*. O homem com os olhos da alma, que são espirituaes, se forem elevados, pôde vêr a Deus; mas com os olhos do corpo, em que não é possível tal elevação, não o pôde vêr: e que fez Deus para que o homem não só com a alma, mas também com o corpo o gozasse inteiramente no banquete da gloria? O que fez Deus foi pedir emprestado á natureza humana o corpo que não tinha, e unindo por este modo ineffavel a divindade com a humanidade, o mesmo banquete da gloria, que tem por objecto a Deus, ficou não só divino, mas divino e humano juntamente: divino, para beatificar o homem na alma; e humano, para o beatificar no corpo. É pensamento altissimo de S. Cypriano: *Deus homo factus est, ut homo haberet in Deo unde fieret plenè beatus: in anima videndo divinitatem, in corpore videndo humanitatem*. Sendo o homem composto de alma e corpo, se somente visse a Deus com os olhos da alma, ficaria beatificado, como de meias, e não inteiramente: e como se Deus fizera a consideração de Epitecto (*Hoc inter opulandum considera, duos tibi excipiendo convivas, corpus, et animam*) vendo que em cada homem se haviam de assentar á sua meza dois convidados, um que é a alma, outro que é o corpo; para que um e outro recebesse o gosto, e tivesse a satisfação proporcionada á sua capacidade. A este fim, diz Cypriano, tomou Deus a natureza humana, e se vestiu do corpo que não tinha, fazendo-se homem, para que o homem, gozando no mesmo Deus a vista da divindade com os olhos da alma, e a vista da humanidade com os do corpo, fosse inteiramente bemaventurado: *Ut homo haberet in Deo unde fieret plenè beatus*. Aos anjos, que são puros espiritos, basta-lhes para ser inteiramente bemaventurados, vêr a divindade de Deus; porém ao homem, que é composto de espirito e corpo, não lhe bastava:

por isso pois não lhe bastando também a Deus para nos fazer inteiramente bemaventurados no banquete da gloria, a natureza divina, que tinha, tomou emprestado da natureza humana o que lhe faltava; e deste modo encheu as medidas, ou a immensidade de sua magnificencia, obrando não só como Deus, senão também como homem: *Homini regi, qui fecit.*

IV.

Declarada a grandeza da gloria por parte de quem a fez, segue-se a segunda consideração, e maior ainda (se pôde ser maior) em que vejamos e ponderemos para quem se fez. Naquella considerou-se o auctor da obra, que é o pae, nesta considerou-se o motivo que é o filho: *Fecit nuptias filio suo.* Mas quem poderá declarar bastantemente a excellencia infinita deste soberano motivo, que só o mesmo pae comprehende? Os mais sublimes intendimentos, quando querem rastear de algum modo a realza do banquete da gloria, do que vemos e experimentamos na terra conjecturam o que será no céu. Na terra poz Deus a meza aos homens, e é coisa tão digna de agradecimento como de admiração, que de seis dias em que creou o mundo, empregasse os tres maiores e mais fecundos só em prover esta meza. Tudo quanto nada no mar, tudo quanto voa no ar, tudo quanto nasce ou pasce na terra, são os simples que produziu a natureza, para que delles compuzesse e temperasse a arte o sustento e regalo do homem. As especies que se conteem debaixo destes quatro generos vastissimos, tão varias na formosura, tão exquisitas nos sabores, e infinitas no numero, excedem sem limitê a capacidade do gosto e dos outros sentidos. E que discurso ha que não pasme na consideração do poder, magnificencia e grandeza, com que mais parecez quiz Deus enfastiar o appetite humano com a superfluidade da meza, que faltar a necessidade com a abundancia? D'aqui faz tres illações Santo Agostinho, comparando logar com logar, tempo com tempo, e pessoas com pessoas: *Si tanta facis nobis in carcere, quid ages in palatio? Si tanta solatia in hac die lachrymarum, quanta conferes in die nuptiarum? Quid dabit us, quos*

prædestinavit ad vitam, qui hæc dedit, etiam us, quos prædestinavit ad mortem? Se Deus fez tantas delicias para o desterro e para o carcere, que será para a patria e para o palacio? Se assim nos sustenta e regala no tempo das lagrimas, que será no dia das vodas? Se tudo isto creou tambem para os inimigos, que hão de arder no inferno, que será para os amigos, que o hão de gozar no céu? Esta é a differença que pondera, e o argumento e conjectura que faz Santo Agostinho. Mas com licença de seu alto entendimento, ou sem ella, o excesso que se argue do nosso texto, é infinitamente maior. Não faz comparação de logar a logar, nem de tempo a tempo, nem de estado a estado, nem de pessoas a pessoas, ainda que sejam tão indignas umas como os precitos: *Quos prædestinavit ad mortem*: e tão dignas outras como os predestinados: *Quos prædestinavit ad vitam*. Mas abstrahindo de toda a comparação (porque a não ha) diz, que será o banquete, qual deve ser o das vodas do filho: *Qui fecit nuptias filio suo*. Considere quem o poder ou souber considerar, quanta é a summa grandeza e dignidade do filho, cujas vodas se festejam, tão infinito, tão immenso, e tão Deus como o proprio pae, e d'aqui fórme o conceito de qual será o banquete; porque toda a outra consequencia e conjectura feita de uns homens a outros homens, por mais amigos, por mais amados, por mais cheios de graça, por mais santos, e por mais dignos que sejam os que se hão de assentar áquella soberana meza, é infinitamente desigual á sua magnificencia.

Haverá porém quem cuide (e fundado no nosso mesmo evangelho) que a grandeza e magnificencia da meza da gloria, não se ha de medir com a dignidade do filho, senão com a dignidade dos convidados. Assim o disse o mesmo rei, quando elles não quizeram vir: *Sed qui invitati erant, non fuerunt digni*. (Mat. XXII — 8) Não lhes chamou ingratos, descortezes, e descomedidos, como mereciam; o que sómente disse, é, que não foram dignos. E quem são os dignos ou indignos do banquete da gloria? Os dignos são os que teem merecimentos de boas obras, e os indignos os que os não teem. Não se segue d'aqui que os que não foram dignos de vir ao banquete, tambem não tinham sido dignos

de ser chamados a elle ; porque a dignidade que faz dignos de ser chamados, funda-se na excellencia da natureza racional, capaz de ser elevada a vêr a Deus ; e a dignidade que faz dignos de o vêr e gozar na gloria, funda-se na disposição da vontade e merecimento das boas obras. E d'aqui vêm, que sendo o banquete o mesmo, uns o gozam mais, outros menos, segundo a maior ou menor dignidade, isto é, segundo o maior ou menor merecimento com que se fazem dignos. Logo se a porção ou gráus da gloria (que Deus não quiz que alcançassemos senão a titulo de premio) se mede, ou ha de medir no céu pelos merecimentos desta vida, e o merecimento humano, por grande e heroico que seja, sempre é curto e limitado : a mesma sentença do rei, com que diz que os convidados não foram dignos, não só se lhes nega a elles a dignidade, mas tambem diminue ao banquete ; porque medido com os merecimentos, ainda dos dignos e muitos dignos, sempre será limitado.

Bem se inferia assim, se Deus fizera o banquete para nós por amor de nós ; mas o evangelho nega a consequencia, e prova o contrario, porque diz que o não fez o rei para os convidados por amor dos convidados, senão para os convidados por amor do filho : *Fecit nuptias filio suo*. Dizei-me : Quando nasce ou se desposa um principe primogenito, não se fazem festas reaes, com a maior grandeza, com a maior magestade, com o maior apparato e empenho que é possivel ? Sim. E esse empenho e apparato das festas reaes, com quem se mede ; com o merecimento do povo, que as ha de vêr e gosar, ou com o merecimento e grandeza do principe por quem se fazem ? Claro está, que com o merecimento e grandeza do principe. Pois o mesmo passa no banquete do céu. A grandeza da gloria e bemaventurança, que havemos de gosar, não se mede pela estreiteza dos nossos merecimentos, que são limitados, senão pelos merecimentos e dignidade do principe, que é infinita. Os merecimentos nossos, fundados nos seus, só servem de ter melhor lugar no banquete, assim como cá nas festas, uns têm lugar mais alto, outros mais baixo : porém o vêr e gozar absolutamente, ou a grandeza do que se vê e se goza, não se mede pelos nossos merecimentos, senão pelos de Christo ; porque se não

foram os merecimentos de Christo, que é a causa de nossa predestinação, a ninguém se dera a gloria.

Considerae agora qual é a grandeza infinita do principe desposado nas vodas, e d'ahi podereis inferir qual será a magnificencia do banquete feito para ellas. Assim o declarou com magestosa energia o mesmo rei. No recado que deu aos segundos criados, disse : *Ecce prandium meum paravi, venite ad nuptias.* (Ibid. — 4) Notae, que não disse, está preparado o banquete, vinde ao banquete, senão : está preparado o banquete, vinde ás vodas. E porque ? Porque as mesmas vodas por serem de quem eram, eram as que mais encareciam qual havia de ser o banquete. Como se dissera : Já uma vez não quizestes vir ao banquete, sem duvida, porque não tendes entendido qual elle é : e para que vos arrependaes de não ter querido, e venhaes com tanta ambição, como vontade, adverti e considerae qual será o banquete, pois é feito para as vodas de meu filho : *Venite ad nuptias.* Se o banquete fôra feito para vós, então o podereis estimar menos, mas sendo feito para o filho do rei, e havendo-vos de assentar á meza com elle, como vos podeis escusar ? Assim conclue com mais alta e mais adequada consideração, que as primeiras, o mesmo Santo Agostinho : *Ubi erit unicus ejus, ibi erunt et illi : hæredes quidem Dei, cohæredes autem Christi.* Já não argumenta Agostinho da terra para o céu, nem dentro do mesmo céu com o merecimento e dignidade dos que Deus escolheu para a gloria, nem com a graça e amor com que os escolheu. Não diz que os convidados se assentaram á meza com os patriarchas, apostolos e martyres, que tanto padeceram e mereceram, nem com os anjos e archanjos, e as outras gerarchias supremas dos espiritos bem-aventurados, nem finalmente, que terão logar com a mesma mãe de Deus, senão com o filho : *Ubi erit unicus ejus, ibi erunt et illi.* Porque este é só o argumento cabal, e esta a medida adequada da magnificencia do banquete. Por isso ajunta com nova e canonica confirmação, que o gozaremos não só como herdeiros de Deus, senão como co-herdeiros de Christo : *Hæredes quidem Dei, cohæredes autem Christi.* Faz muita differença Agostinho, e considera grande vantagem em entrarmos no banquete da glo-

ria, mais como co-herdeiros de Christo, que como herdeiros de Deus. E porque razão? Não por outra (que não pôde ser outra) senão pela que ponderamos em todo este discurso. Porque entrar ao banquete como herdeiros de Deus, declara somente a magnificencia de ser feito por Deus; porém entrar como co-herdeiros de Christo, accrescenta a vantagem não só de ser feito por Deus; mas por Deus, e para seu filho: *Qui fecit nuptias filio suo.*

V.

E se estas duas considerações ainda não chegam a nos persuadir de todo; passemos á terceira e ultima, de que se não pôde passar. Na primeira vimos o auctor, na segunda o motivo, nesta veremos o preço. Na primeira o auctor Omnipotente, que fez o banquete, na segunda o motivo immenso porque se fez, nesta terceira o preço infinito que custou o fazer-se. E se a primeira consideração foi incompreensivelmente grande, e a segunda ainda maior; esta é tão superior a toda a admiração e encarecimento, que quasi excede a fé. Dirá (e com muita razão) a fé, que a quem pôde tudo, não lhe pôde custar nada fazer o que pôde. Que podia logo custar ao Omnipotente fazer este banquete? O mesmo Omnipotente que é o rei que o fez, o disse. Vendo que os convidados se escusavam, mandou-lhes declarar os gastos que tinha feito, com este segundo recado: *Tauri mei, et altilia occisa sunt, et omnia parata, venite ad nuptias:* (Ibid. — 4) Dizei-lhes que venham, porque as rezes e as aves já estão mortas, e tudo apparelhado. Pois para o banquete da gloria matou-se alguma coisa? Sim, e não menos que o Filho de Deus. Se Christo não morrêra, nenhum filho de Adão podia entrar na gloria, porque no paraizo da terra perdemos o direito que tínhamos ao do céu, e pela gula de um bocado ficámos excluidos do banquete. Morreu pois Christo, e derramou o preço infinito de seu sangue, e este preço infinito foi o custo que se fez, para de novo se comprar e preparar o que por tão pouco se tinha perdido. Pezæ agora, se podeis, o preço daquella morte, e contaes as gotas daquelle sangue, cada uma das quaes val mais que infinitos mundos, e então podereis rastear de

algun modo o valor incomprehensivel do que com elle se comprou. Este mundo que tanto nos leva os olhos e os corações, e tantas coisas tem deleitaveis, dignas do poder e liberalidade de seu Auctor, não custou a Deus mais que um aceno da sua vontade. E se quizeria fabricar outro mundo mais precioso, em que a terra fôra ouro, o mar e os rios prata, as arêas perolas, os penhascos diamantes, as plantas esmeraldas, as flores rubins e safiras, e os fructos e seus sabores proporcionados a esta riqueza e delicia, com outro aceno da mesma vontade, e sem mais tempo que um instante, o pudéra crear de nada. Qual será logo o preço daquelle bem, ou summa de bens, que a este mesmo Deus, tão justo como poderoso, não custou menos que a morte e sangue de seu Filho? Mas ponderemos as palavras do Pae, que todas estão cheias de profundos mysterios, com que mais se declara este.

Tauri mei, et altilia occisa sunt: diz primeiramente o rei, que estão mortas as rezes e as aves para o banquete. E que rezes e aves são estas? Já se sabe que na parabola são o que soam, e no fundo della o que significam. Sendo pois o significado de umas e outras Christo morto, como dizem todos os interpretes; as rezes, que são animaes da terra, significam a humanidade de Christo; e as aves, que são do céu, a divindade. E posto que a divindade seja immortal, de ambas se diz comtudo, que estão mortas: *Tauri mei, et altilia occisa sunt*. Porque como a natureza humana e a divina estão unidas em um supposto, não só morre Christo em quanto homem, mas tambem é verdadeiro dizer que morreu Deus. E não deve passar sem reparo o modo e distincção advertida, com que o rei fallou neste caso; porque ás rezes chama suas, e ás aves não: *Tauri mei, et altilia*. Pois se o rei é Deus, senhor de tudo, porque chama suas as rezes, e não as aves? Pela mesma razão que temos dito. Sobre a humanidade de Christo tem Deus dominio; sobre a divindade não tem, nem pôde ter dominio, porque é o mesmo Deus: e como as rezes no composto ineffavel de Christo significam o que tem de humano, e as aves o que tem de divino; por isso o rei, que significa e representa a Deus, ás rezes chama suas, e ás aves não: *Tauri mei, et altilia*: como se nos dissesse: o humano que ha em Christo é

meu, o divino não é meu, sou eu. Finalmente, a palavra *occisa sunt*, que significa, não qualquer morte, mas violenta, posto que propria para as rezes e aves do banquete, tambem a disse o rei com particular mysterio e energia; porque tal foi a morte de seu Filho, com que Deus nos preparou o banquete da gloria. Não morte natural (que bastára) mas violenta, e não com o sangue congelado nas veias, mas derramado dellas. No mesmo texto temos o caso, e toda a historia delle singularmente descripta.

Quando o rei mandou segundo recado aos convidados, alguns delles foram tão insolentes e furiosos, que não só não quizeram vir, mas prenderam os criados do rei, e lhe fizeram muitas affrontas, e por fim os mataram: *Reliqui verò tenuerunt servos ejus, et contumeliis affectos occiderunt.* (Ibid. — 6) Os criados que levavam este segundo recado, já dissemos que eram os apostolos. Os convidados que os prenderam, affrontaram e mataram, não ha duvida que foram os cidadãos de Jerusalem, os quaes não só tiraram a vida a alguns delles, senão tambem ao apostolo dos apostolos, que foi o mesmo Christo, e de quem particularmente falla o texto. Prova-se por muitos principios: Primeiro, porque Christo foi proprio e particular apostolo do povo de Israel, como elle mesmo disse: segundo, porque o rei que mandou os recados era o Padre Eterno, (Ibid. XV — 24) e Christo foi immediatamente mandado pelo Padre, como os outros apostolos immediatamente por Christo: terceiro, porque de Christo se verifica com toda a propriedade o ser prezo, o ser affrontado com muitas injurias, e o ser cruelmente morto: *Tenuerunt servos ejus, et contumeliis affectos occiderunt.* Nem faz contra isto o nome de servo: *Servos ejus*; porque não obstante que alguns theologos tiveram para si, que Christo ainda em respeito de Deus se não podia chamar servo, é certo que em quanto homem, verdadeira e propriamente foi servo de Deus, e assim se póde e deve chamar, como depois de Santo Thomaz prova douda e diffusamente o padre Soares.

Finalmente, para que conste com toda a evidencia, que o nosso texto falla litteralmente da morte de Christo, vae por diante a historia, e diz que sabendo o rei o que aquelles homicidas ti-

nham feito, mandou seus exercitos a que os fossem castigar, e não só os mataram e destruíram, mas também arrasaram e queimaram a sua cidade: *Missis exercitibus suis perdidit homicidas illos, et civitatem illorum succendit.* (Ibid. — 7) E que exercitos mandados por Deus (que é o rei) e que cidade assolada e abrazada foi esta? São Jeronymo: *Per hos exercitus romanos intelligimus sub Duce Vespasiano, et Tito, qui occisis Judææ populis, prævaricatricem incenderunt civitatem*: Estes exercitos (diz S. Jeronymo) foram os dos romanos, governados por Vespasiano e Tito, os quaes, destruidos e mortos os povos de Judéa, assolaram e queimaram a cidade de Jerusalem, em pena do peccado da morte de Christo. O mesmo Senhor indo a morrer, e muitas vezes antes lh'o tinha assim prophetisado. E porque esta morte tão violenta padecida em Jerusalem, foi a que no mesmo ponto abriu as portas do céu, e este o preço infinito que se suspendeu para o banquete da gloria; por isso o rei mandou dizer aos convidados, que já os gastos estavam feitos, e as rezes e aves mortas: *Tauri mei, et altilia occisa sunt.*

Mas aqui se deve notar uma differença admiravel entre o primeiro recado e o segundo. No primeiro recado só mandou o rei que fossem chamar os convidados: *Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias.* No segundo recado não só os mandou chamar, mas accrescentou, que já o banquete estava aparelhado, e o gasto feito: *Dicite invitatis: ecce prandium meum paravi, tauri mei, et altilia occisa sunt, et omnia parata.* Pois se os primeiros criados não levaram este recado; porque o levaram os segundos? E se estes haviam de dizer, e disseram, que já estava aparelhado o banquete, os primeiros porque não disseram o mesmo? Porque nem o podiam dizer com verdade, nem o rei lhes podia mandar que o dissessem. Os primeiros criados, como vimos, foram os prophetas, os segundos os apostolos. Os prophetas foram antes da encarnação e morte de Christo, os apostolos foram depois de sua morte: e como por meio da morte de Christo se abriu o céu que estava fechado, e se preparou o banquete, que até então só estava promettido; por isso os primeiros criados não disseram, nem podiam dizer, que estava preparado o banquete, e

★

os segundos sim : e por isso os que mereceram a gloria na lei antiga, iam esperar ao limbo, e os que a merecem agora na lei da graça, entram logo a gozal-a.

E para que não fique sem ponderação a ultima clausula do recado, o que nelle disse o rei, é que tudo estava aparelhado : *Et omnia parata*. Tudo disse, porque tudo o que o homem póde querer, e tudo o que Deus póde dar, se comprehende no banquete da gloria. Mas não é isto o que pondero. O em que reparo, é que tendo dito no principio : *Ecce prandium meum paravi*, torne a repetir no fim : *Et omnia parata*. Se tinha dito que já estava aparelhado o seu banquete, porque torna a dizer que está aparelhado tudo? Porque antes da ultima clausula fez menção do que estava morto para o mesmo banquete, e antes da primeira não : e para vir em conhecimento do que é, ou póde ser o banquete da gloria, não se fórma tão grande conceito de dizer Deus, que é seu : *Prandium meum* : quanto de se intender que custou a morte de Deus : *Tauri mei, et altilia occisa sunt*. Por isso accrescentou depois : *Et omnia parata* ; porque muito mais se encarece a grandeza do banquete por custar o que custou, do que por ser de quem é. É de Deus, e custou a morte de Deus : logo muito mais se engrandece pelo preço, que pelo Auctor. Porque Deus que o fez como Omnipotente, póde fazer mais e menos ; mas o mesmo Deus que o pagou como justo, não póde dar menos pelo que val mais. Oh Deus sempre incomprehensivel ; mas nunca com tanto excesso como neste mysterio ! Sendo o Pae o que fez as vodas, e o Filho o desposado, que houvesse de morrer o desposado, para o Pae fazer o banquete das vodas ! Pare a considração neste passmo, pois não póde passar d'aqui.

VI.

Tem-nos mostrado o evangelho dentro em si mesmo qual seja a magnificencia do banquete da gloria pelo Auctor, pelo motivo, e pelo preço della, tudo infinito : infinito quem a fez, infinito por quem se fez, e infinito o que custou fazer-se. Mas somos chegados a ponto em que o mesmo evangelho parece que nos desfaz

tudo o que com elle fizemos atégora. Não querendo vir os convidados ao primeiro e segundo recado, mandou o rei chamar outros, e depois que estiveram assentados á meza, quil-a honrar o mesmo rei com a magestade de sua presença : *Intravit, ut videret discumbentes.* (Ibid. — 11) Não ha festa sem desar, e assim aconteceu nesta. Viu entre os demais um homem que não estava vestido com a decencia que convinha á realza do banquete, estranhou o atrevimento, e mandou a seus ministros que o lançassem fóra, e atado de pés e mãos o levassem ao carcere. As palavras que disse o rei, foram : *Quomodo huc intrasti non habens vestem nuptialem ?* (Ibid. — 12) Como entraste aqui sem vestidura nupcial ? A vestidura nupcial, como declaram todos os padres e expositores cathólicos, é a graça de Deus. Sem graça de Deus é de fé, que ninguem póde entrar no céu : logo este banquete, de que atégora fallámos, não é, nem póde ser o banquete da gloria. Mais : a gloria e bemaventurança do céu de sua propria natureza é perpetua e eterna, porque d'outra sorte não seria bemaventurança, e quem uma vez entrou na gloria, não póde sair, nem ser privado della. Este homem que entrou e estava assentado á meza sem vestidura nupcial, foi lançado fóra do banquete : logo este banquete não é o da gloria.

Este argumento é tão forte, que só o divinissimo sacramento do altar nos póde dar a solução delle tão verdadeira como admiravel, e tão propria deste dia como verdadeira. Respondo, que esta mesma meza no principio e na continuação da parabola era o banquete da gloria ; porém no fim da mesma parabola, a que agora chegamos, é o banquete do sacramento. E porque á meza do Santissimo Sacramento póde haver homens tão atrevidos e sacrilegos, que cheguem com consciencia de peccado (o qual só Deus conhece, e os outros que estão á mesma meza não) por isso o rei, que é Deus, viu que um dos que estavam assentados a ella não tinha como os demais a vestidura da graça : *Et vidit ibi hominem non vestitum veste nuptiali.* Aos que não quizeram vir ao banquete, em quanto banquete da gloria, disse o rei que não eram dignos : *Qui invitati erant, non fuerunt digni.* Porque ao banquete do céu, que é o da gloria, ninguem póde entrar, senão

somente os dignos; porém no banquete da terra, que é o Santissimo Sacramento, bem pôde entrar algum que seja indigno, e por isso o rei, cujos olhos só vêem, e penetram as consciencias, viu que um dos que estavam á meza não trazia vestidura nupcial: *Non vestitum veste nuptiali.*

A distincção e differença bem vejo que estão vendo todos, que é muito verdadeira, e muito accommodada. Mas tambem vejo que igualmente duvidam da supposição della, e que me estão perguntando como pôde, ou podia ser, que no mesmo dia, e na mesma parabola de Christo, a mesma meza, e o mesmo banquete, que começou em banquete da gloria, acabasse em banquete do sacramento? Aqui está o ponto da maior difficuldade. Mas vêde como naturalmente foi assim, nem podia ser de outro modo. O banquete havia de ser ao jantar, que assim o disse o rei: *Ecce prandium meum paravi*: e como os convidados não quizeram vir ao primeiro recado, e foi necessário ir o segundo, em que houve más respostas, prizões, injurias, e mortes; com estas dilacões, que não se fizeram na mesma cõrte de rei, senão na outra cidade, que refere o texto, passaram-se as horas do jantar. Depois disto despachou o rei, e despediu os seus exercitos, para que fossem castigar os homicidas, e queimar a cidade rebelde, em que se gastou muito mais tempo. Finalmente, foram-se chamar outros homens que viessem substituir os logares dos convidados; e estes não se trouxeram de junto ao paço do rei, mas foram-se buscar por seu mandado ao fim da cidade, e ás saídas das ruas: *Ite ad exitus viarum.* (Ibid. — 9) Nestas diligencias, tantas e tão detençosas, posto que feitas a toda a pressa, passou-se forçosamente o resto do dia, com que o banquete veio a se fazer á noite, e já não foi jantar, como estava determinado, senão ceia, E como foi ceia, e não jantar, e as iguarias eram as mesmas, por isso tambem o que era o banquete da gloria, se mudou em banquete do sacramento.

E qual é ou foi a razão desta tão notavel mudança? A razão clara e manifesta é porque entre a bemaventurança do céu, e o sacramento na terra, não ha outra distincção, nem outra differença de banquete a banquete, senão ser um de dia, outro de

noite; um com luz do sol, outro com luz de candeia; um com o lume da gloria, que é claro, outro com o lume da fé, que é escuro: um que se goza e se vê, outro que se goza sem se vê. Não é certo que o mesmo Deus que se goza no céu, é o que está no sacramento? Sim. Não é tambem certo, que lá se vê esse mesmo Deus, e cá não? Tambem. Pois essa é só a differença que ha entre o banquete da gloria no céu, e o do sacramento na terra. A gloria é o sacramento com as cortinas corridas, o sacramento é a gloria com as cortinas cerradas. Lá come-se Deus exposto e descoberto, aqui come-se coberto e encerrado. Se os que se assentaram hoje a esta mesma meza, parte foram cegos, e parte não, que differença havia de haver entre uns e outros? Os que tivessem olhos, haviam de comer, e vêr o que comiam; os cegos não; haviam de vêr o que comiam, mas haviam de comer as mesmas iguarias que os outros. O mesmo nos succede a nós em comparação dos bemaventurados do céu. Elles comem e vêem, porque comem de dia; nós comemos e não vêmos, porque comemos de noite. É verdade que ainda que de noite comemos á luz da candeia, que é o lume da fé; mas este lume é de tal qualidade, que certifica, mas não mostra, porque, se mostrára o que certifica, já não fôra fé.

Quando o rei mandou ir preso o que se assentou á meza sem vestidura nupcial, disse que o levassem ás trevas exteriores: *Mittite eum in tenebras exteriores*. (Ibid. — 13) E porque disse nomeadamente ás trevas exteriores, ou trevas de fóra? Para significar, como verdadeiramente era, que tambem dentro na mesma sala onde se fazia o banquete, havia trevas. As trevas do carcere, onde mandava levar o delinquente, eram trevas exteriores, e de fóra; as trevas da sala onde comiam os convidados, eram trevas interiores e de dentro. E quem fazia umas e outras trevas? As trevas do carcere fazia-as o escuro do logar, as trevas do banquete fazia-as o escuro da fé. Mas este escuro, ou esta escuridade da fé, tem tal excellencia, que tanto nos assegura a nós da verdade do que não vêmos, como a vista certifica aos bemaventurados da verdade do que vêem. Para vêr os convidados, diz o texto, que entrou o rei: *Intravit rex, ut videret discumbentes*. E nota Abu-

lense, que o fim e intento desta entrada foi : *Ut lætificaret epulantes, cum eis præsentiam suam exhiberet* : para alegrar aos que comiam, com a sua presença. Com a sua presença disse, e não com a sua vista, e disse bem ; porque o que nos alegra e satisfaz no banquete do sacramento, não é a evidencia da vista, senão a certeza da presença : por isso advertidamente o texto não diz que entrou o rei para ser visto ; senão para vêr : *Ut videret discumbentes*. No banquete do céu os que estão á meza, vê-os Deus, e elles vêem a Deus : no banquete do sacramento não é a vista reciproca, senão de uma só das partes : Deus vê-nos a nós, e nós não o vemos a elle ; porque se a fé nos certifica da presença, a mesma fé nos encobre a vista.

Mas se o rei, como dissemos, é o Eterno Padre, e o quê comemos no banquete do sacramento é o corpo de Christo, como se diz, que entrou o Padre neste banquete ? Porque não fôra igual o banquete do sacramento ao banquete da gloria, se o Eterno Padre tambem não entrára nelle. Os bemaventurados não só vêem uma pessoa divina, senão todas, porque vêem a Deus como é, e Deus é um em essencia, e trino em pessoa. E se no sacramento só estivera o corpo e sangue de Christo, e não a divindade, e a pessoa do Verbo, e as outras pessoas divinas, encerrára mais em si o banquete da gloria, que o do sacramento. É porém certo e de fé, que tanto encerra em si o sacramento, quanto a gloria de todos os bemaventurados e a do mesmo Deus : não *ex vi verborum* (como fallam os theologos) mas *concomitanter*. Ainda que por força das palavras da consagração só esteja no sacramento o corpo e sangue de Christo ; como esse corpo e sangue está unido á divindade, e a divindade não por união, mas por unidade e identidade, é inseparavel das pessoas divinas, por isso todas as pessoas divinas estão tambem no sacramento, não como partes essenciaes, de que o mesmo sacramento se componha ; mas como partes (se assim se podem chamar) que necessariamente o acompanham e entram nelle. E esta é a verdade e propriedade com que o rei, que é o Padre, se diz que entrou ao banquete : *Intra-vit rex*.

E se o sacramento, quanto á substancia, é o mesmo banquete,

que o da gloria ; quanto á grandeza e magnificencia com que se communica aos convidados, em tudo é semelhante. No banquete da gloria repartem-se as iguarias, sem se partirem ; porque Deus é indivisível : e o mesmo passa no sacramento : *Non confractus, non divisus, integer accipitur*. No banquete da gloria da-se todo Deus a todos, e todo a cada um ; e no sacramento tanto recebe um como todos : *Sic totum omnibus, quod totum singulis*. No banquete da gloria por mais que cresçam os convidados, não se gastam, nem se diminuem os manjares : e no sacramento, ainda que sejam muitos os que o recebem, nem por isso se diminue : *Sumit unus, sumunt mille, nec sumptus consumitur*. No banquete da gloria, sendo Deus Espirito, não só faz bemaventurados os espiritos, senão também os corpos ; e no sacramento dando-nos Christo seu corpo, não só é refeição dos corpos, senão muito mais dos espiritos : *Ut duplicis substantiæ totum cibaret hominem*. No banquete da gloria os que vêem a Deus transformam-se no mesmo Deus ; e no sacramento os que comem a Christo também se transformam em Christo, o qual para isso sendo Deus se fez homem : *Ut homines Deus faceret factus homo*. No banquete da gloria em fim, gostam-se todos os deleites e delicias, que manam, como de fonte, da divindade ; e no sacramento também se gozam e se gostam, porque a doçura e suavidade de todos se bebe alli na sua propria fonte : *In quo spiritualis dulcedo in proprio fonte gustatur*. Assim o diz e ensina o doutor angelico Santo Thomaz, de quem são todos os textos citados e de quem os tomou e approvou a egreja.

VII.

De tudo o que fica dito neste discurso, parece que bastante-mente nos tem mostrado o nosso evangelho, que o banquete que havia de ser jantar, veio a ser cea, e que começando em convite da gloria, acabou em convite do sacramento. O que agora resta é, que todos nos aproveitemos de um e outro, e que não sejamos tão ingratos a Deus, tão inimigos de nós mesmos, e tão faltos de intendimento e juízo, como os que uma e outra vez chamados não quizeram vir. A primeira razão que nos deve animar a to-

dos, é saber que a todos nos chama e está chamando Deus, e que, assim o banquete da gloria, como o do sacramento, para todos os fez e tem aparelhado igualmente sem reserva, nem excepção de pessoas. Notou S. Paschasio, que este mesmo rei da nossa parabolá, quando se diz que fez as vodas a seu filho, chama-se rei homem: *Homini regi*; porém depois que tractou do banquete, nunca mais se chamou homem; porque os reis homens convidam só aos principes e aos grandes: o rei Deus não é assim: a todos convida, a todos chama, todos quer que se assentem á sua meza, ou seja no céu a da gloria, ou na terra a do sacramento.

Depois que os convidados, descortezes ao primeiro e segundo recado, não quizeram vir, mandou o mesmo rei buscar outros que substituissem os seus logares; e a instrucção que deu aos criados, foi que saíssem ás ruas, e que chamassem para o banquete todos quantos achassem: *Ite ad exitus viarum, et quoscunque inveneritis, vocate ad nuptias*. (Ibid. — 9) Pois para a meza do rei, e em uma celebridade tão real como a das vodas do principe seu primogenito, não se limitam as qualidade? Não se assignalam os postos? Não se faz menção de titulos ou estados, nem se distingue quaes hão de ser os chamados, e quaes os excluidos? Não. Chamae todos os que achardês pelas ruas; porque assim como as ruas são publicas e communs a todos, assim quero que o seja a minha meza: e assim foi. Diz o texto, que os criados ajuntaram todos quantos acharam, máus e bons: *Congregaverunt omnes, quos invenerunt, malos et bonos*: (Ibid. — 10) E destes achados e tirados das ruas, se encheram os logares do banquete: *Et impletæ sunt nuptiæ discumbentium*. E que quer dizer bons e máus: *Malos et bonos*? Quer dizer, como explica a glossa e os doutores: *Cujuscumque conditionis homines, cujuscumque gradus, cujuscumque nationis*: de qualquer nação, de qualquer condição, de qualquer estado, de qualquer officio, de qualquer fortuna. O hebreo e o grego, o alto e o baixo, o grande e o pequeno, o rico e o pobre, o nobre e o plebeo, o senhor e o escravo, o branco e o preto, todos, sem differença, nem exclusão. E notae, que antepõe o texto os máus aos bons: *Malos et bonos*, isto é, os menos nobres aos mais honrados, porque esta é a maior honra e a

maior magnificencia da meza de Deus. Assim o canta ao mesmo Deus no mesmo banquete, quem melhor lhe conhece a condição, que é a sua igreja : *Ó res mirabilis, manducat Dominum pauper, servus et humilis* : coisa admiravel, que coma á meza do Senhor, e ao mesmo Senhor, o servo, o pobre, o humilde ! Mas se eu tivera licença para mudar um adverbio, e trocar a ordem a estes versos, não havia de dizer senão assim : *Manducat Dominum pauper, servus, et humilis ?* *Illa ud res mirabilis* : Que o servo, o pobre, e o humilde se assente á meza do Senhor ? Não é isto maravilha. Maravilha seria se o banquete fosse de algum rei da terra ; mas sendo do Rei do céu, que creou a todos, e morreu por todos, como havia de distinguir na meza os que igualou na natureza, no preço e na graça ? Cá fazemos estas distincções, e na outra vida veremos a vaidade dellas. Que confusão será dos grandes, vêr que o céu é dos pequenos ? E que confusão a dos que teem tantos escravos, vêr o seu escravo assentado ao banquete da gloria, e que o senhor ficou de fóra ?

Supposto, pois, que um e outro banquete é para todos, e Deus nos chama a todos para ambos, não nos descuidemos agora de frequentar o banquete da terra, para que o mesmo banquete da terra nos leve ao do céu. Alberto Magno, tão grande na sabedoria, como na piedade, em um excellente livro que compoz do santissimo sacramento, diz esta notavel sentença : *Id quod nunc in sacramenti specie percipiendo Christum agimus, signum est, qualiter eundem aliquando secundum dulcedinem suæ Deitatis in cælesti beatitudine percipiemus*. Quereis saber se haveis de ir ao céu, e como lá haveis de ser recebido ? Olhae se frequentaes cá o santissimo sacramento, e como o recebeis ; porque o modo com que nesta vida recebemos o corpo de Christo no sacramento é signal do modo com que na outra vida receberemos a divindade do mesmo Christo na gloria : *Id quod nunc percipiendo Christum agimus, signum est qualiter eundem in beatitudine recipiemus*. Que esperança póde ter logo de gozar o banquete da gloria, ou quem despreza esta sagrada meza, como os primeiros convidados desprezaram a outra, ou quem chega á mesma meza com tão pouca disposição e pureza de consciencia, como o que foi lan-

gado della, e levado ao carcere das trevas, que é o inferno? Quando o rei deu esta sentença, disse que naquelle logar escuro e subterraneo haveria choro e ranger de dentes: *Ibi erit fletus, et stridor dentium*. (Ibid. — 13) Onde se deve muito advertir, que dois tormentos, de que só fez menção, um é da boca, outro dos olhos. No inferno ha muitos outros tormentos e mais terriveis com que o fogo e os demonios atormentam os condemnados; porque fez logo menção somente destes dois, com que os mesmos condemnados se atormentam a si mesmos, e um dos olhos, outro da boca? Porque como o comer a Deus tem por premio o vêr a Deus, e a culpa de o comer indecentemente tem por castigo não o vêr eternamente; a culpa de o comer indecentemente aquelle miseravel foi castigada na boca, e o castigo de o não vêr eternamente foi executado nos olhos. Chorem eternamente os olhos, pois não hão de vêr a Deus em quanto Deus fôr Deus: *Ibi erit fletus*. E pois a boca se atreveu a tocar e comer a Deus como não devera, morder-se tambem eternamente de raiva e desesperação com seus proprios dentes: *Et stridor dentium*.

D'aqui inferiu Christo Senhor nosso aquella tremenda conclusão: *Multi enim sunt vocati, pauci verò electi*: (Ibid. — 14) porque muitos são os chamados, e poucos os escolhidos. Mas se os escolhidos são os que entraram com vestidura nupcial, e ficaram no banquete; e o não escolhido, que entrou indecentemente vestido, foi um só; como diz o Senhor e infere do successo desta mesma parabola, que os chamados são muitos e os escolhidos poucos? Esta duvida deu já muito em que intender aos interpretes, mas tem facil solução. Porque os chamados não foram só os que vieram ao banquete, senão tambem os que não quizeram vir. E como todos os que vieram e não vieram, foram chamados, e ainda dos que vieram, um não foi escolhido, bem se infere que os chamados são muitos, e os escolhidos poucos. Poucos em respeito de todo o numero dos chamados, e menos ainda em respeito do desejo que Christo tem, e do preço que despendeu para que todos se salvem. Porém o que sobre tudo faz ao nosso intento, é, que todos os chamados que vieram com vestidura nupcial ao banquete do sacramento, todos fo-

ram escolhidos: *Pauci electi*. Poucos sim, mas escolhidos todos. E porque razão? Porque o fim dos chamados é a gloria; o pão dos escolhidos é o sacramento; e todos os que usam bem do pão dos escolhidos, conseguem o fim dos chamados. Não ha fim sem meios; e todos os que se sabem aproveitar deste soberano meio tão aparelhado e tão facil; todos os que frequentam com a decencia e disposição que convem a meza do santissimo sacramento; todos os que comem e se sustentam do pão dos escolhidos, que é o banquete de Deus na terra, todos conseguem o fim dos chamados, que é o do céu.

VIII.

Grande consolação por certo, christãos, para todos os que assim o fazem: como igual desconsoação tambem e affronta e vergonha grande para os que por interesses, ou appetites tão vãos, como são todos os deste mundo, deixam o banquete divino do sacramento, e perdem o da gloria. Aquelles descortezes e mal entendidos, que, chamados ao banquete, não quizeram vir, diz o texto, que um se foi para a sua lavoura, outro para a sua negociação: *Alius in villam suam: alius verò ad negotiationem suam*. (Ibid. — 5) Vêde o que perderam e porque? Que podia ganhar um na sua negociação, e outro na sua lavoura, que tivesse comparação com o que desprezaram: *Illi autem neglexerunt?* (Ibid.) Chama-nos Deus para o descanso e para estarmos assentados á sua meza, e nós antes queremos trabalhar e suar com o mundo, que descansar e regalar com Deus. Tanto podem conosco as apparencias do presente, e tão pouco a fé e esperanza do futuro. De ninguem se podia receiár menos esta desattenção, que dos mesmos a quem o rei mandou chamar. Mandou chamar lavradores, que são os que foram para a sua lavoura: e mercadores, que são os que foram para a sua negociação. E porque mais lavradores e mercadores, que gente de outro tracto, ou de outros officios? Porque assim o lavrador como o mercador, são homens que teem por exercicio e profissão accrescentar o cabedal. O lavrador semea pouco para colher muito: o mercador compra por menos para vender por mais. E por isso mesmo, assim aos

lavradores, como aos mercadores, os devia trazer á meza do rei o seu proprio interesse. Que melhor lavoura que semear na terra, e colher o céu? E que maior mercancia, que vender o tempo, e comprar a eternidade? Oh eternidade engeitada! Oh gloria desprezada! Oh céu, nem querido, nem crido!

Crêdes vós que vos chamaes christãos; crêdes que ha céu? Crêdes que ha gloria? Crêdes que ha eternidade? Dizeis que sim, de que eu duvido. Mas se é verdade que crêdes tudo isto que tenho dito; como o não quereis? Assim o diz o evangelho, que não quizeram os que vós imitaes: *Et nolebant venire*. (Ibid. — 3) Se tanto póde convosco a lisonja do presente, e tão pouco a fé do futuro; porque não consideraes no presente esse mesmo presente, onde ha de vir a parar? Coisa muito digna de admiração é que dos primeiros e segúndos chamados todos se escuzassem, e nenhum quizesse vir; e que os ultimos todos viessem, e nenhum se escuzasse! Os recados e os criados não eram do mesmo rei, e as vodas as mesmas? Que homens foram logo estes de juisos e vontades tão differentes, que nenhum repugnou, e todos quizeram vir? Olhae onde o rei os mandou buscar, e onde estavam quando vieram: *Ite ad exitus viarum*: (Ibid. — 9) Ide aos fins dos caminhos: *Et quoscumque inveneritis, vocate*: e todos os que alli achardes, chamae a esses. Sabeis porque não acudimos ao chamado de Christo? É porque não estamos nos fins dos caminhos. Os principios dos caminhos, que cada um toma para a sua vida, e tambem os meios delles são muito enganosos: os fins, e onde vão parar, esses são os que desenganam. Todas as cidades, e mais as côrtes (como esta era) teem tres estradas reaes por onde vae o fio da gente, e onde concorrem todas: a das riquezas, a das honras, a dos deleites. Mas os que se poem com a consideração, ou com os successos da mesma vida, onde essas estradas vão parar: *Ite ad exitus viarum*; estes são os que Deus busca, e estes os que acha: *Et quoscumque inveneritis, vocate*.

Tambem houve outra razão que muito moveu e obrigou as vontades dos que vieram em ultimo logar. Quando foram chamados os primeiros uma e outra vez, ainda o rei se não tinha irado: *Iratu est rex*: (Ibid. — 7) ainda não tinha mostrado o rigor de

sua justiça: *Perdidit homicidas illos, et civitatem illorum succendit*. E por isso não aceitaram o convite, nem respeitaram o recado, nem temeram o rei. Porém os outros que viram a benignidade do rei trocada em ira, os rebeldes feitos em quartos, e a cidade em cinzas; que viram arder sem excepção as casas humildes, os palacios soberbos, e as torres mais altas; como lhes não haviam de allumiar os olhos aquellas labaredas, e como lhes não havia de abrandar os corações, ainda que fossem de bronze, um tal incendio? Alguns abstraindo da historia, e tomando em geral a culpa e o castigo, reconhecem neste fogo o do inferno, que é o ultimo paradeiro dos que despresam o céu. E será bem que os interesses de tão pouco momento, e os gostos tão leves, e tão breves, como os desta vida, se vão lá pagar no inferno eternamente? Pois isto é o que querem, sem querer, os que tanto caso fazem do presente, e tão pouco do futuro; e por lograr o engano do que é (ou não é) não reparam no que ha de ser.

Disse o que *querem sem querer*; porque bem vejo que lá dentro nos vossos corações estaes dizendo, que se agora não quereis, haveis de querer depois, e que se agora sois como os primeiros, que não quizeram vir, depois sereis como os ultimos que vieram. Este é o engano commum, com que o demonio nos cega, e nos vae entertendo, até que nos leva, já perdidos á condemnação. Pede-nos a vontade agora, e promettenol-a para depois. Deus nos livre de uma vontade habituada a não querer; porque nunca quer. Olhae o que diz o texto: *Et nolebant venire*: e elles não queriam vir. Não diz: *Noluerunt*, senão, *nolebant*: não diz que não quizeram, senão que não queriam. Se dissera não quizeram, significava um acto da vontade; mas dizendo não queriam, não significa acto, senão habito: e vontade habituada a não querer, nunca quer. Por isso não quizeram a primeira vez que foram chamados, nem a segunda em que os tornaram a chamar, e se os chamassem a terceira, tambem não haviam de querer. Mas se o rei foi tão bom, e tão benigno, que sem embargo de não quere-rem vir a primeira vez, os chamou a segunda, porque os não mandou tambem chamar terceira vez? Este é o mais tremendo ponto de toda esta materia. Ninguem se póde converter a Deus,

sem Deus o chamar com a sua inspiração, e o prevenir com o auxilio de sua graça. E Deus ainda que nos chama uma e outra vez, se nós desprezamos a vocação, e não acudimos a esta, também elle subtrahе as suas inspirações, e nos nega justamente os seus auxilios. E que será da miseravel alma destituida dos auxilios de Deus. Ouvi a S. Gregorio Papa : *Nemo contemnat, ne dum vocatus excuset, cum voluerit intrare non valeat* : Ninguém despreze a vocação e inspiração divina, porque se quando é chamado não quer ir, depois, ainda que queira, não poderá.

E para que nos enganemos e conheçamos todos, que podemos chegar a tal estado em que totalmente não possamos, ainda que quizessemos ; confirmemos a verdade desta doutrina de S. Gregorio, com a ultima clausula do nosso evangelho, que só nos resta por ponderar. Mandou o rei que o que tinha vindo ao banquete sem vestidura nupcial atado de pés e mãos, fosse lançado no carcere das trevas : *Ligatis manibus, et pedibus ejus, mittite eum in tenebras exteriores*. (Ibid. — 13) E diz o texto, que ouvindo o miseravel homem esta sentença, emmudeceu, e não disse palavra : *At ille obmutuit*. Este emmudecer, é o que mais me assombra e atemorisa. Homem miseravel, homem pusilanime, homem inimigo de ti mesmo, e sem juizo, porque não appellas da sentença para o mesmo rei ? Não vês que é tão clemente e piedoso, que ainda offendido, te chama amigo : *Amice, quomodo hue intrasti* ? Não vês que o mesmo dia de tanta celebridade é muito aparelhado para o perdão ? Se não tens com que escusar a tua culpa, porque a não confessas ? Porque te não lanças aos pés do Pae, e lhe pedes misericordia por amor do Filho, e pela mesma humanidade com que se desposou ? Nada disto fez o miseravel, e nada disto podia fazer, ainda que quizesse, porque a mesma sentença em pena da sua culpa o inhabilitou para tudo. Nem podia vêr, porque estava condemnado ás trevas ; nem se podia lançar aos pés do rei, porque tinha presos os seus ; nem podia bater nos peitos, porque tinha atadas as mãos ; nem podia confessar seu peccado e pedir perdão, porque tinha emmudecida a lingua. E isto é o que acontece a quem assim como este entrou despido da graça de Deus, chegou a ser despido della. Os pés e mãos da alma,

como diz Santo Agostinho, são o entendimento e vontade, de que se compõe o alvedrio, e este em faltando a graça de Deus, fica tão atado e escurecido, que nem tem luz para vêr, nem mãos para obrar, nem pés para se mover, nem lingua para dizer, pequei. Vêde se pôde haver mais infeliz e mais tremendo estado; mas justamente merecido? Oh se Deus quizesse que ao menos nos fiquem muito impressa nas almas por ultimo documento a culpa, porque este miseravel homem perdeu o uso de todas as potencias e movimentos, e até a mesma falla com que se pudéra remediar de tudo. E qual foi esta culpa? Não foi outra, senão entrar ao banquete sem vestidura nupcial, isto é, chegar á meza do Santissimo Sacramento não estando em graça. Por isso emmudeceu de tal sorte, que não pôde confessar sua culpa: porque é justo juizo de Deus castigar nas confissões o que se pecca nas communhões. Já que a boca se streveu a commungar em peccado, não tenha lingua para confessar seus peccados: *At ille obinuit.*

Emmudeceu o homem por justo castigo: nós devemos emmudecer de horror e assombro: o evangelho emmudeceu, porque já não tem palavra, que não esteja ponderada; e eu tambem emmudeço porque não tenho mais que dizer. Se a minha ignorancia e tibieza vos não soube chamar para o banquete, como devia, espero que interiormente o tenha feito a graça e inspirações divinas com tal efficacia, que frequentando nesta vida o do Santissimo Sacramento, mereçamos na outra alcançar o da gloria.

SERMÃO

DO

ESPIRITO SANTO.

Prégado na cidade de S. Luiz do Maranhão, na egreja da companhia de Jesus, em occasião que partia ao rio das Amazonas uma grande missão dos mesmos religiosos.

Ille vos docebit omnia, quaecumque dixerit vobis. — Joan. XIV.

I.

A sexta vez é hoje, que no anno presente e nos dois passados me ouvis prégar este mesmo mysterio. Mas não será esta somente a sexta vez, em que vós e eu experimentamos o pouco fructo com que esta terra responde ao que se devêra esperar de tão continuada cultura. Se a doutrina que se semêa nella fôra nossa, achada estava a causa na fraqueza de nossas razões, no desalento de nossos affectos, e na efficacia mal viva de nossas palavras : mas não assim : *Sermonem quem audistis, non est meus, sed ejus qui misit me Patris* : (Joan. XIV — 24) O sermão que ouvistes não é meu, senão do Eterno Padre, que me mandou ao mundo, diz Christo neste evangelho, e o mesmo podem dizer todos os pré-gadores, ao menos os que ouvis deste lugar. Os sermões, as ver-

dades, a doutrina que prêgamos, não é nossa, é de Christo. Elle a disse, os evangelistas a escreveram, nós a repetimos. Pois se estas repetições são tantas e tão continuadas, e a doutrina que prêgamos não é nossa, senão de Christo; como fazem tão poucos progressos nella, e como aprendem tão pouco os que a ouvem? Nas palavras que propuz, temos a verdadeira resposta desta tão nova admiração.

*Ille vos docebit omnia quaecumque dixerit vobis**. O Espirito Santo (diz Christo) vos ensinará tudo o que eu vos tenho dito. Nota a differença dos termos, e vereis quanto vae de dizer a ensinar. Não diz Christo, o Espirito Santo vos dirá o que eu vos tenho dito: nem diz, o Espirito Santo vos ensinará o que eu vos tenho ensinado; mas diz, o Espirito Santo vos ensinará o que eu vos tenho dito; porque o prégador, ainda que seja Christo, diz: o que ensina é o Espirito Santo. Christo diz: *Quaecumque dixerit vobis*; o Espirito Santo ensina: *Ille vos docebit omnia*. O mestre na cadeira diz para todos; mas não ensina a todos. Diz para todos, porque todos ouvem; mas não ensina a todos, porque uns aprendem, outros não. E qual é a razão desta diversidade, se o mestre é o mesmo e a doutrina a mesma? Porque para aprender não basta só ouvir por fóra, é necessario intender por dentro. Se a luz de dentro é muita, aprende-se muito: se pouca, pouco: se nenhuma, nada. O mesmo nos acontece a nós. Dizemos, mas não ensinamos, porque dizemos por fóra: só o Espirito Santo ensina, porque allumia por dentro: *Ministeria for insecus adiutoria sunt, cathedram in celo habet, quia corda docet*, diz Santo Agostinho. Por isso até o mesmo Christo prégando tanto converteu tão pouco. Se o Espirito Santo não allumia por dentro, todo o dizer por mais divino que seja, é dizer: *Quaecumque dixerit vobis*; mas se as vozes exteriores são assistidas dos raios interiores da sua luz, logo, qualquer que seja o dizer, e de quem quer que seja, é ensinar, porque só o Espirito Santo é o que ensina: *Ille vos docebit*.

Porque vos parece que appareceu o Espirito Santo hoje sobre

* Joan. XIV — 26. Dixerit, id est, dixi. Uti habet græcum originale.

os apóstolos, não só em linguas, mas em linguas de fogo ? Porque as linguas fallam, o fogo allumia. Para converter almas, não bastam só palavras ; são necessarias palavras e luz. Se quando o prégador falla por fóra, o Espirito Santo allumia por dentro : se quando as nossas vozes vão aos ouvidos, os raios da sua luz entram ao coração, logo se converte o mundo. Assim succedeu em Jerusalem neste mesmo dia. São S. Pedro do cenaculo de Jerusalem, assistido deste fogo divino ; toma um passo do propheta Joel, declara-o ao povo : e sendo o povo a que prégava, aquelle mesmo povo obstinado e cego, que poucos dias antes tinha crucificado a Christo, foram tres mil os que naquella prégção o confessaram por verdadeiro Filho de Deus, e se converteram á fé. Oh admiravel effi-
cacia da luz do Espirito Santo ! Oh notavel confusão vossa e minha ! Um pescador com uma só prégção e com um só passo da escriptura no dia de hoje converte tres mil infieis ; e eu no mesmo dia com cinco e com seis prégções, com tantas escripturas, com tantos argumentos, com tantas razões, com tantas evidencias não posso persuadir um christão ! Mas a causa é, porque eu fallo, e o Espirito Santo, por falta de disposição nossa, não allumia. Divino Espirito, não seja a minha indignidade a que impida a estas almas, por amor das quaes desceste do céu á terra, o fructo de vossa santissima vinda : *Veni Sancte Spiritus, et omille calitus lucis tuæ radium*. Vinde, Senhor, e mandae-nos do céu um raio efficaz de vossa luz, não pelos nossos merecimentos, que conhecemos quão indignos são ; mas pela infinita bondade vossa, e pela intercessão de vossa Esposa santissima. *Ave Maria*.

II.

Ille vos docebit omnia. Diz Christo aos apóstolos, que o Espirito Santo os ensinará. E ser Christo, ser o Filho de Deus o que diz estas palavras, faz segunda difficuldade á intelligencia e razão dellas. Ao Filho de Deus, que é a segunda pessoa da santissima Trindade, attribue-se a sabedoria ; ao Espirito Santo, que é a terceira pessoa, o amor : e supposto isto, parece que a pessoa do Espirito Santo havia de encommendar o officio de ensinar á

pessoa do Filho, e não o Filho ao Espirito Santo. Que o amor encommende o ensinar á sabedoria, bem está ; mas a sabedoria encommendar o ensinar ao amor : *Ille vos docebit ?* Neste caso sim. Porque para ensinar homens infieis e barbaros, ainda que é muito necessaria a sabedoria, é muito mais necessario o amor. Para ensinar sempre é necessario amar e saber ; porque quem não ama não quer ; e quem não sabe, não póde : mas esta necessidade de sabedoria e amor não é sempre com a mesma igualdade. Para ensinar nações fieis e politicos, é necessario maior sabedoria que amor : para ensinar nações barbaras e incultas, é necessario maior amor que sabedoria. A segunda pessoa o Filho, e a terceira o Espirito Santo, ambas vieram ao mundo a ensinar e salvar almas ; mas a missão do Filho foi a uma nação fiel e politica, e a missão do Espirito Santo, foi principalmente a todas as nações incultas e barbaras. A missão do Filho foi só a uma nação fiel e politica ; porque foi só aos filhos de Israel, como o mesmo Senhor disse : *Non sum missus, nisi ad oves, quæ perierunt, domus Israel.* (Matt. XV — 24) A missão do Espirito Santo foi principalmente ás nações incultas e barbaras ; porque foi para todas as nações do mundo, que por isso desceu e appareceu em tanta diversidade de linguas : *Apparuerunt dispersitæ linguæ.* (Act. II — 3) E como a primeira missão era para uma nação politica, e a segunda para todas as nações barbaras, por isso foi muito conveniente, que á primeira viesse uma pessoa divina, a quem se attribue não o amor, senão a sabedoria ; e que á segunda viesse outra pessoa tambem divina, a quem se attribue, não a sabedoria, senão o amor. Para ensinar homens intendidos e politicos, pouco amor é necessario ; basta muita sabedoria ; mas para ensinar homens barbaros e incultos, ainda que baste pouca sabedoria, é necessario muito amor.

Desceu hoje o Espirito Santo em linguas, para formar aos apostolos mestres e prégadores : mas mestre e prégadores de quem ? O mesmo Christo que os mandou prégár, o disse : *Euntes in mundum universum prædicate evangelium omni creaturæ* : (Marc. XVI — 15) Ide por todo o mundo, e prégae a toda a creatura. A toda a creatura, Senhor ? (É reparo de S. Gregorio Papa.) Bem sei eu

que são creaturas os homens ; mas os brutos animaes, as arvores, e as pedras, tambem são creaturas ? Pois se os apostolos hão de prégar a todas as creaturas, hão de prégar tambem aos brutos ? Hão de prégar tambem aos troncos ? Hão de prégar tambem ás pedras ? Tambem, diz Christo : *Omni creaturæ* ; não porque houvessem os apostolos de prégar ás pedras, e aos troncos, e aos brutos ; mas porque haviam de prégar a todas as nações, e linguas barbaras e incultas do mundo, entre as quaes haviam de achar homens tão irracionaes como brutos, e tão insensiveis como os troncos, e tão duros e estupidos como as pedras. E para um apostolo se pôr a ensinar e abrandar uma pedra, para se pôr a ensinar e moldar um tronco, para se pôr a ensinar e metter em juizo um bruto, vêde se é necessario muito amor de Deus. Em um delles o veremos.

Poucos dias antes de Christo mandar aos apostolos a prégar pelo mundo, fez esta pergunta a S. Pedro : *Simon Joannis, diligis me plus his ?* (Joan. XXI — 15) Pedro, amas-me mais que todos estes ? Respondeu o santo : *Eliam, Domine, tu scis quia amo te* : Senhor, bem sabeis vós que vos amo. Ouvida a resposta, torna Christo a fazer segunda vez a mesma pergunta : *Simon Joannis, diligis me plus his ?* Pedro, amas-me mais que todos estes ? Respondeu S. Pedro com a mesma submissão e encolhimento, que bem sabia o Senhor que o amava : *Tu scis quia amo te*. Ouvida a mesma resposta segunda vez, torna Christo terceira vez a repetir a mesma pergunta, e diz o texto, que se entristeceu S. Pedro : *Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio, amas me ?* Entristeceu-se Pedro, porque Christo lhe perguntou a terceira vez se o amava. E verdadeiramente que a materia e a instancia era muito para dar cuidado. Quando eu li estas palavras a primeira vez, pareceu-me que seria este exame de amor tão repetido, para Christo mandar a S. Pedro que fosse a Jerusalem, que entrasse pelo palacio de Cayfaz, e que no mesmo logar onde o tinha negado, se desdisse publicamente, e confessasse a vozes, que seu Mestre era o verdadeiro Messias, e Filho de Deus verdadeiro ; e que se por isso o quizessem matar e queimar, que se deixasse tirar a vida, e fazer em cinza. Para isto cuidava eu que eram es-

tas perguntas, e estes exames tão repetidos do amor de S. Pedro. Mas depois que o santo respondeu na mesma fôrma terceira vez, que amava; o que o Senhor lhe disse foi: *Pasce oves meas*; (Ibid. — 17) Pois, Pedro, já que me amas tanto, mostra-o em apascentar as minhas ovelhas. Agora me admiro eu devêras. Pois para apascentar as ovelhas de Christo tanto apparato de exames de amor de Deus? Uma vez, se me amas, e outra vez, se me amas, e terceira vez, se me amas? E não só, se me amas, senão se me amas mais que todos? Sim. Ora vêde.

As ovelhas que S. Pedro havia de apascentar, eram as nações de todo o mundo, as quaes Christo queria trazer e ajuntar de todo elle, e fazer de todas um só rebanho, que é a igreja, debaixo de um só pastor, que é S. Pedro: *Et alias oves habeo, quæ non sunt ex hoc ovili, et illas oportet me adducere, et vocem meam audient, et fiet unum ovile, et unus pastor.* (Ibid. X — 16) De maneira que o rebanho que Christo encomendou a S. Pedro, não era rebanho feito, senão que se havia de fazer; e as ovelhas não eram ovelhas mansas, senão que se haviam de amansar: eram lobos, eram ursos, eram tigres, eram leões, eram serpentes, eram dragões, eram aspides, eram basiliscos, que por meio da prégação se haviam de converter em ovelhas. Eram nações barbaras e incultas; eram nações feras e indomitas; eram nações crueis e carneiras; eram nações sem humanidade, sem razão, e muitas dellas sem lei, que por meio da fé e do baptismo se haviam de fazer christãs: e para apascentar e amansar similhante gado; para doutrinar e cultivar similhantes gentes, é necessario muito cabedal de amor de Deus: é necessario amar a Deus: *Diligis me*; e mais amar a Deus: *Diligis me*: e mais amar a Deus: *Diligis me*: e não só amar a Deus uma, duas, e tres vezes, senão amal-o mais que todos: *Diligis me plus his*?

Quando as ovelhas que Christo encomendava a S. Pedro, foram mansas e domesticas, ainda era necessario muito amor para supportar o trabalho de as guardar. Exemplo seja Jacob, pastor de Labão, e amante de Rachel, de quem diz a escriptura, que soffria tão levemente o que soffria, porque amava tão grandemente como amava: *Præ amoris magnitudine.* (Genes. XXIX — 20)

E se para guardar ovelhas mansas, é necessario amor e muito amor; que será para ir tirar das breuhas ovelhas feras, para as amansar e afieçoar aos novos pastos, para as acostumar á voz do pastor, e á obediencia do cajado, e sobretudo para desprezar os perigos de se confiar de suas garras e dentes, em quanto são ainda feras, e não ovelhas? Se é necessario amor para ser pastor de ovelhas, que comem no prado, e bebem no rio; que amor será necessario para ser pastor de ovelhas, que talvez comem os pastores, e lhe bebem o sangue? Por isso Christo examina tres vezes de amor a S. Pedro; por isso o Espirito Santo, Deus de amor, vem hoje a formar estes pastores e estes mestres; e por isso o Mestre Divino passa hoje os seus discipulos da escola da sabedoria para a escola do amor: *Ille vos docebit.*

III.

Applicando agora esta doutrina universal ao particular da terra em que vivemos, digo, que se em outras terras é necessario aos apostolos, ou aos successores do seu ministerio, muito cabedal de amor de Deus para ensinar; nesta terra, e nestas terras, é ainda necessario muito mais amor de Deus, que em nenhuma outra. E porque? Por dois principios: o primeiro, pela qualidade das gentes: o segundo, pela difficuldade das linguas.

Primeiramente, pela qualidade da gente; porque a gente destas terras é a mais bruta, a mais ingrata, a mais inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa de ensinar de quantas ha no mundo. Bastava por prova a da experiencia; mas temos tambem (quem tal cuidára!) a do evangelho. A fórma com que Christo mandou pelo mundo a seus discipulos, diz o evangelista S. Marcos, que foi esta: *Exprobravit incredulitatem eorum, et duritiam cordis, quia iis, qui viderant eum resurrexisse, non crediderunt: et dixit illis: euntes in mundum universum prædicate evangelium omni creaturæ.* (Marc. XVI — 14 e 15) Reprehendeu Christo aos discipulos, da incredulidade e dureza de coração, com que não tinham dado credito aos que o viram resuscitado; e sobre esta reprehensão os mandou que fossem prégar por todo o mundo. A

S. Pedro coube-lhe Roma e Italia : a S. João, á Asia Menor : a Santiago, Hespanha : a S. Mattheus, Ethiopia : a S. Simão, Mesopotamia : a S. Judas Thadeo, o Egypto : aos outros, outras provincias : e finalmente, a Santo Thomé, esta parte da America, em que estamos, a que vulgar e indignamente chamaram Brazil. Agora pergunto eu : e porque nesta repartição coube o Brazil a Santo Thomé, e não a outro apostolo ? Ouvi a razão.

Notam alguns auctores modernos, que notificou Christo aos apóstolos a prégação da fé pelo mundo, depois de os reprehender da culpa da incredulidade, para que os trabalhos que haviam de padecer na prégação da fé, fossem tambem em satisfação, e como em penitencia da mesma incredulidade e dureza de coração que tiveram em não quererem crêr : *Exprobravit incredulitatem eorum, et duritiam cordis, et dixit illis : euntes in mundum universum* : e como Santo Thomé entre todos os apóstolos foi o mais culpado da incredulidade, por isso a Santo Thomé lhe coube na repartição do mundo a missão do Brazil ; porque onde fôra maior a culpa, era justo que fosse mais pezada a penitencia. Como se dissera o Senhor : os outros apóstolos que foram menos culpados na incredulidade, vão prégar aos gregos, vão prégar aos romanos, vão prégar aos ethiopes, aos arabes, aos armenios, aos sarmatas, aos scitas ; mas Thomé que teve a maior culpa, vá prégar aos gentios do Brazil, e pague a dureza de sua incredulidade com ensinar a gente mais barbara e mais dura. Bem o mostrou o effeito. Quando os portuguezes descobriram o Brazil, acharam as pégadas de Santo Thomé estampadas em uma pedra que hoje se vê nas praias da Bahia ; mas rasto, nem memoria da fé que prégou Santo Thomé, nenhum acharam nos homens. Não se podia melhor provar e encarecer a barbaria da gente. Nas pedras acharam-se rastos do prégador, na gente não se achou rasto da prégação : as pedras conservaram memorias do apóstolo, os corações não conservaram memoria da doutrina.

A causa porque as não conservaram, diremos logo, mas é necessario satisfazer primeiro a uma grande duvida, que contra o que himos dizendo se offerece. Não ha gentios no mundo que menos repugnem á doutrina da fé, e mais facilmente a aceitem e

recebam, que os Brazis : como dizemos logo, que foi pena da incredulidade de Santo Thomé o vir prégár a esta gente? Assim foi (e quando menos assim póde ser) : e não porque os Brazis não cream com muita facilidade, mas porque essa mesma facilidade com que creem, faz que o seu crer em certo modo seja como o não crer. Outros gentios são incredulos até crer ; os Brazis ainda depois de crer são incredulos : em outros gentios a incredulidade é incredulidade, e a fé é fé ; nos Brazis a mesma fé, ou é ou parece incredulidade. São os Brazis como o pae daquelle lunatico do evangelho, que padecia na fé os mesmos accidentes que o filho no juiso. Disse-lhe Christo : *Omnia possibilia sunt credenti* : (Marc. IX — 23) que tudo é possível a quem crê, e elle respondeu : *Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam* : creio, Senhor, ajudae minha incredulidade. Repararam muito os santos nos termos desta proposição, e verdadeiramente é muito para reparar. Quem diz, creio, crê, e tem fé : quem diz, ajudae minha incredulidade, não crê, e não tem fé. Pois como era isto? Cria este homem, e não cria ; tinha fé, e não tinha fé juntamente? Sim, diz o veneravel Bêda : *Uno, eodemque tempore is, qui nondum perfectè crediderat, simul et credebat, et incredulus erat*. No mesmo tempo cria, e não cria este homem ; porque era tão imperfeita a fé com que cria, que por uma parte parecia e era fé, e por outra parecia e era incredulidade : *Uno, eodemque tempore, et credebat, et incredulus erat*. Tal é a fé dos Brazis : é fé que parece incredulidade ; e é incredulidade que parece fé : é fé, porque creem sem duvida, e confessam sem repugnancia tudo o que lhes ensinam ; e parece incredulidade, porque com a mesma facilidade com que aprenderam, desaprendem ; e com a mesma facilidade com que creram, descreem.

Assim lhe aconteceu a Santo Thomé com elles. Porque vos parece que passou Santo Thomé tão brevemente pelo Brazil, sendo uma região tão dilatada, e umas terras tão vastas? É que receberam os naturaes a fé que o santo lhes prégou, com tanta facilidade e tão sem resistencia, nem impedimento, que não foi necessario gastar mais tempo com elles. Mas tanto que o santo apostolo poz os pés no mar (que este dizem foi o caminho por

onde passou á India) tanto que o santo apostolo (digamol-o assim) virou as costas, no mesmo ponto se esqueceram os Brazis de tudo quando lhes tinha ensinado, e começaram a descrer, ou a não fazer caso de quanto tinham crido, que é genero de incredulidade mais irracional, que se nunca creram. Pelo contrario, na India prégou Santo Thomé áquellas gentilidades, como fizera ás do Brazil : chegaram tambem lá os portuguezes d'alli a mil e quinhentos annos ; e que acharam ? Não só acharam a sepultura e as reliquias do santo apostolo e os instrumentos de seu martyrio, mas o seu nome vivo na memoria dos naturaes, e, o que é mais, a fé de Christo que lhes prégara : chamando-se christãos de Santo Thomé todos os que se estendem pela grande costa de Chromandel, onde o santo está sepultado.

E qual seria a razão porque nas gentilidades da India se conservou a fé de Santo Thomé, e nas do Brazil não ? Se as do Brazil ficaram desassistidas do santo apostolo pela sua ausencia, as da India tambem ficaram desassistidas delle pela sua morte. Pois se naquellas nações se conservou a fé por tantos centos de annos, nestas porque se não conservou ? Porque esta é a differença que ha de umas nações a outras. Nas da India muitas são capazes de conservarem a fé sem assistencia dos prégadores ; mas nas do Brazil nenhuma ha que tenha esta capacidade. Esta é uma das maiores difficuldades que tem aqui a conversão. Ha se de estar sempre ensinando o que já está aprendido, e ha se de estar sempre plantando o que já está nascido, sob pena de se perder o trabalho e mais o fructo. A estrella que appareceu no Oriente aos Magos, guiou-os até o presepio, e não appareceu mais ; porque ? Porque muitos gentios do Oriente e d'outras partes do mundo são capazes de que os prégadores depois de lhes mostrarem a Christo se apartem delles e os deixem. Assim o fez S. Filippe ao eunucho da rainha Caudaces de Ethiopia : explicou-lhe a escriptura de Iseias, deu-lhe noticia da fé e divindade de Christo, baptizou-o no rio de Gaza, por onde passavam : e tanto que esteve baptisado, diz o texto, que arrebatou um anjo a S. Filippe, e que o não viu mais o eunucho : *Cum autem ascendissent de aqua, spiritus Domini rapuit Philippum, et amplius non vidit eum eunuchus.*

(Act. VIII — 39) Desappareceu a estrella, e permaneceu a fé nos Magos : desappareceu S. Philippe, e permaneceu a fé no eunucho : mas esta capacidade que se acha nos gentios do Oriente, e ainda nos de Ethiopia, não se acha nos do Brazil. A estrella que os allumiar não hia de desapparecer, sô pena de se apagar a luz da doutrina ; o apostolo que os baptizar, não se ha de ausentar, sob pena de se perder o fructo do baptismo. É necessario nesta vinha, que esteja sempre a cana da doutrina arrimada ao pé da cepa e atada á vide, para que se logre o fructo e o trabalho.

Os que andastes pelo mundo e entrastes em casas de prazer de principes, verieis naquelles quadros e naquellas ruas dos jardins dois generos de estatuas muito differentes, umas de marmore, outras de murta. A estatua de marmore custa muito a fazer, pela dureza e resistencia da materia ; mas depois de feita uma vez, não é necessario que lhe ponham mais a mão, sempre conserva e sustenta a mesma figura : a estatua de murta é mais facil de formar, pela facilidade com que se dobram os ramos ; mas é necessario andar sempre reformando e trabalhando nella, para que se conserve. Se deixa o jardineiro de assistir, em quatro dias sâe um ramo, que lhe atravessa os olhos ; sâe outro, que lhe descompõe as orelhas ; sâem dois, que de cinco dedos lhe fazem sete ; e o que pouco antes era homem, já é uma confusão verde de murtas. Eis-aqui a differença que ha entre umas nações e outras na doutrina da fé. Ha umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quaes difficulosamente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados : resistem com as armas, duvidam com o intendmento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem ; mas uma vez rendidos, uma vez que receberam a fé, ficam nella firmes e constantes como estatuas de marmore, não é necessario trabalhar mais com elles. Ha outras nações pelo contrario (e estas são as do Brazil) que recebem tudo o que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir ; mas são estatuas de murta, que em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura, e tornam á bruteza antiga e natural, e a ser mato

como d'antes eram. É necessario que assista sempre a estas estatuas o mestre dellas, uma vez que lhe corte o que vecejam os olhos, para que cream o que não vêem ; outra vez que lhe cercee o que vecejam as orelhas, para que não deem ouvidos ás fabulas de seus antepassados ; outra vez que lhe decepe o que vecejam as mãos e os pés, para que se abstenham das acções e costumes barbaros da gentilidade. E só desta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raizes, se pôde conservar nestas plantas rudes a fórma não natural e compostura dos ramos.

Eis-aqui a razão porque digo que é mais difficultosa de cultivar esta gentilidade, que nenhuma outra do mundo : se os não assistis, perde-se o trabalho, como o perdeu Santo Thomé : e para se aproveitar e lograr o trabalho, ha de ser com outro trabalho maior, que é assistil-os : ha se de assistir, e insistir sempre com elles, tornando a trabalhar o já trabalhado, e a plantar o já plantado, e a ensinar o já ensinado, não levantando jámais a mão da obra, porque sempre está por obrar, ainda depois de obrada. Não se de haver os prégadores evangelicos na formação desta parte do mundo, como Deus se ouve, ou se ha na criação e conservação de todo. Creou Deus todas as creaturas no principio do mundo em seis dias : e depois de as crear, que fez, e que faz até hoje ? Christo o disse : *Pater meus usque modò operatur, et ego operor.* (Joan. V — 17) Desde o principio do mundo até hoje não levantou Deus mão da obra, nem por um só instante ; e com a mesma acção com que creou o mundo, o esteve sempre e está e estará conservando até o fim delle. E se Deus o não fizer assim, se desistir, se abrir mão da obra por um só momento, no mesmo momento perecerá o mundo, e se perderá tudo o que em tantos annos se tem obrado. Tal é no espirital a condição desta nova parte do mundo, e tal o empenho dos que teem á sua conta a conversão e reformação della. Para crear basta que trabalhem poucos dias ; mas para conservar, é necessario que assistam e continuem e trabalhem, não só muitos dias e muitos annos, mas sempre. E já pôde ser que esse fosse o mysterio com que Christo disse aos apostolos : *Prædicate omni creaturæ.* (Marc. XVI — 15)

Não disse, ide prégar aos que remi, senão, ide prégar aos que creei; porque o remir foi obra de um dia, o crear é obra de todos os dias. Christo remiu uma só vez, e não está sempre remindo: Deus creou uma vez, e está sempre creando. Assim se ha de fazer nestas nações; ha-se-lhes de applicar o preço da redempção, mas não pelo modo com que foram remidas, senão pelo modo com que foram creadas. Assim como Deus está sempre creando o creado, assim os mestres e prégadores hão de estar sempre ensinando o ensinado, e convertendo o convertido, e fazendo o feito: o feito, para que se não desfaça; o convertido, para que se não perverta; o ensinado, para que se não esqueça; e finalmente ajudando a incredulidade não incredula, para que a fé seja fé não infiel: *Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam.* (Ibid. IX — 23) E sendo tão forçosamente necessaria a assistencia com estas gentes, e no seu clima, e no seu tracto, e na sua miseria, e em tantos outros perigos e desamparos da vida, da saude, do allivio, e de tudo o que pede ou sente o natural humano; vêde se é necessario muito cabedal de amor divino para esta empresa, e se com razão entrega Christo o magisterio della a um Deus, que por affecto e por effeitos todo é amor: *Ille vos docebit omnia.*

IV.

A segunda circumstancia que pede grande cabedal de amor de Deus, é a difficuldade das linguas. Se o Espirito Santo descêra hoje em linguas milagrosas, como antigamente, não tinha tanta difficuldade o prégar aos gentios; mas haverem-se de aprender essas linguas com estudo e com trabalho, é uma empresa muito difficultosa, e que só um grande amor de Deus a pôde vencer. Apareceu Deus em uma visão ao propheta Ezechiél, e dando-lhe um livro, disse-lhe que o comesse, e que fosse prégar aos filhos de Israel tudo o que nelle estava escripto: *Comede volumen istud, et vadens loquere ad filios Israel.* (Ezec. III — 1) Abriu a boca o propheta não se atrevendo a tocar no livro por reverencia, comeu-o, e diz que lhe soube bem, e que o achou muito doce: *Comedi illud, et factum est in ore meo sicut mel*

dulce. (Ibid. — 3) Se os homens podessem comer os livros de um bocado, que facilmente se aprenderiam as sciencias, e se tomaram as linguas? Oh que facil modo de aprender! Oh que doce modo de estudar! Tal foi o modo com que Deus em um momento antigamente ensinava os prophetas, e com que hoje o Espirito Santo em outro momento ensinou os apostolos, achando-se de repente doutos nas sciencias, eruditos nas escripturas, promptos nas linguas, que tudo isto se lhes infundiu naquellte repente em que desceu sobre elles o Espirito Santo: *Factus est repente de cælo sonus, tanquam advenientis Spiritus.* (Act. II — 2) Mas haver de comer os livros folha a folha, haver de levar as sciencias bocado a bocado, e ás vezes com muito fastio; haver de mastigar as linguas nome por nome, verbo por verbo, syllaba por syllaba, e ainda letra por letra, por certo que é coisa muito dura e muito desabrida e muito para amargar, e que só o muito amor de Deus a póde fazer doce. Assim o alludiu Deus ao mesmo propheta Ezechiel neste mesmo lugar com termos bem particulares e bem notaveis.

Vade ad domum Israel, et loqueris verba mea ad eos: non enim ad populum profundi sermonis, et ignotæ linguæ tu mitteris, neque ad populos multos profundi sermonis, et ignotæ linguæ, quorum non possis audire sermones. (Ezec. III — 4, 5 e 6) Ide, Ezechiel, prégae o que vos tenho dito, aos filhos de Israel; e para que não repugneis a missão, nem vos pareça que vos mando a uma empreza muito difficultosa, adverti aonde ides, e aonde não ides. Adverti que ides prégar a um povo da vossa propria nação e de vossa propria lingua, que o entendeis e vos entende: *Ad domum Israel:* e adverti que não ides prégar a gente de differente nação e differente lingua, nem menos a gentes de muitas e differentes nações, e muitas e differentes linguas, que nem vós as intendaes, nem ellas vos entendam: *Non enim ad populum profundi sermonis, et ignotæ linguæ tu mitteris, neque ad populos multos profundi sermonis, et ignotæ linguæ, quorum non possis audire sermones.* De sorte (se bem advertis) que distingue Deus no officio de prégar tres generos de emprezas, uma facil, outra difficultosa, outra difficultosissima. A facil, é prégar a

gente da propria nação e da propria lingua : *Vade ad filios Israel* : a difficultosa, é prégar a uma gente de differente lingua e differente nação : *Ad populum profundum sermonis, et ignotæ linguæ* : a difficultosissima, é prégar a gentes não de uma só nação e uma só lingua differente, senão de muitas e differentes nações, e muitas e differentes linguas, desconhecidas, escuras, barbaras, e que se não podem intender : *Ad populos multos profundum sermonis, et ignotæ linguæ, quorum non possis audire sermones.*

A primeira destas tres empresas mandou Deus ao propheta Ezechiel, e a todos os outros prophetas antigos, os quaes todos (excepto quando muito Jonas e Jeremias) prégarão á gente da sua nação e da sua lingua. A segunda e a terceira empresa ficou guardada para os apostolos e prégaradores da lei da graça, e entre elles particularmente para os portuguezes ; e entre os portuguezes mais em particular ainda para os desta conquista, em que são tantas, tão estranhas, tão barbaras e tão nunca ouvidas, nem conhecidas, nem imaginadas as linguas. Manda Portugal missionarios ao Japão, onde ha cincoenta e tres reinos, ou sessenta, como outros escrevem ; mas a lingua, ainda que desconhecida, é uma só : *Ad populum profundum sermonis, et ignotæ linguæ*. Manda Portugal missionarios á China, imperio vastissimo, dividido em quinze provincias, capaz cada uma de muitos reinos, mas a lingua, ainda que desconhecida, é tambem uma : *Ad populum profundum sermonis, et ignotæ linguæ*. Manda Portugal missionarios ao Mogor, á Persia, ao Preste João, imperios grandes, poderosos, dilatados, e dos maiores do mundo ; mas cada um de uma só lingua : *Ad populum profundum sermonis, et ignotæ linguæ*. Porém os missionarios que Portugal manda ao Maranhão, posto que não tenha nome de imperio, nem de reino, são verdadeiramente aquelles que Deus reservou para a terceira, ultima e difficultosissima empresa, porque veem prégar a gentes de tantas, tão diversas e tão incognitas linguas, que só uma coisa se sabe dellas, que é não terem numero : *Ad populos multos, profundum sermonis, et ignotæ linguæ, quorum non possis audire sermones*. Pela muita variedade das linguas houve quem chamou ao rio das Amazonas rio Babel ; mas vem-lhe tão curto o nome de Babel,

como o de rio. Vem-lhe curto o nome de rio ; porque verdadeiramente é um ~~mar~~ doce, maior que o mar Mediterraneo no comprimento e na boca. O mar Mediterraneo no mais largo da boca tem sete legoas, e o rio das Amazonas oitenta : o mar Mediterraneo do estreito de Gibraltar até ás praias da Syria, que é a maior longitude, tem mil legoas de comprido, e o rio das Amazonas da cidade de Belem para cima, já se lhe tem contado mais de tres mil, e ainda se lhe não sabe principio. Por isso os naturaes lhe chamam Pará, e os portuguezes Maranhão, que tudo quer dizer mar e mar grande. E vem-lhe curto tambem o nome de Babel, porque na torre de Babel, como diz S. Jeronymo, houve somente setenta e duas linguas, e as que se fallam no rio das Amazonas, são tantas e tão diversas, que se lhes não sabe o nome, nem o numero. As conhecidas até o anno de 639 no descobrimento do rio de Quiato, eram cento e cincoenta. Depois se descobriram muitas mais, e a menor parte do rio, de seus immensos braços, e das nações que os habitam, é o que está descoberto. Tantos são os poros, tantas e tão occultas as linguas, e de tão nova e nunca ouvida intelligencia : *Ad populos multos profundí sermonis, et ignotæ linguæ, quorum non possis audire sermones.*

Nesta ultima clausula do propheta : *Quorum non possis audire sermones* : a palavra *ouvir* significa intender ; porque o que se não intende, é como se não se *ouvira*. Mas em muitas das nações desta conquista se verifica a mesma palavra no sentido natural, assim como sôa, porque ha linguas entre ellas de tão escura e cerrada pronunciação, que verdadeiramente se pôde affirmar, que se não ouvem : *Quorum non passis audire sermones*. Por vezes me aconteceu estar com o ouvido applicado á boca do barbaço, e ainda do interprete, sem poder distinguir as syllabas, nem perceber as vogaes, ou consoantes, de que se formavam, equivocando-se a mesma letra com duas e tres semelhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas ellas : umas tão delgadas e subtiis, outras tão duras e escabrosas, outras tão interiores e escuras, e mais affogadas na garganta, que pronunciadas na lingua : outras tão curtas e subidas, outras tão estendidas e multiplicadas, que não percebem os ouvidos mais que

a confusão, sendo certo em todo rigor, que as taes linguas não se ouvem, pois se não ouve dellas mais que o sonido, e não palavras dearticuladas e humanas, como diz o propheta: *Quorum non possis audire sermones.*

De José ou do povo de Israel no Egypto, diz David por grande encarecimento de trabalho: *Linguam, quam non noverat, audivit*: que ouvia a lingua que não entendia. Se é trabalho ouvir a lingua que não entendeis, quanto maior trabalho será haver de entender a lingua que não ouvis? O primeiro trabalho é ouvi-la: o segundo percebê-la: o terceiro reduzi-la a grammatica e a preceitos: o quarto estudá-la: o quinto (e não o menor, e que obrigou a S. Jeronymo a limar os dentes) o pronunciar-a. E depois de todos estes trabalhos ainda não começastes a trabalhar, porque são disposições somente para o trabalho. Santo Agostinho intentou aprender a lingua grega, e chegando á segunda declinação, em que se declina *ophis*, que quer dizer serpente, não foi mais por diante, e disse com galanteria: *Ophis me terruit*: a serpente me meteu tal medo, que me fez tornar atraz. Pois se a Santo Agostinho, sendo Santo Agostinho, se á aguia dos entendimentos humanos se lhe fez tão difficuloso aprender a lingua grega, que está tão vulgarisada entre os latinos, e tão facilitada com mestres, com livros, com artes, com vocabularios, e com todos os outros instrumentos de aprender; que serão as linguas barbaras e barbarissimas de umas gentes onde nunca houve quem soubesse lêr, nem escrever? Que será aprender o nheengaiiba, o juruuna, o tapajó, o teremembé, o mamayaná, que só os nomes parece que fazem horror?

As letras dos chinas, e dos japões, muita difficuldade teem, porque são letras hyeroglificas, como as dos egypcios; mas em fim, é aprender lingua de gente politica, e estudar por letra, e por papel. Mas haver de arrostar com uma lingua bruta, e de brutos, sem livro, sem mestre, sem guia, e no meio daquella escuridade e dissonancia haver de cavar os primeiros alicerces, e descobrir os primeiros rudimentos della; distinguir o nome, o verbo, o adverbio, a proposição, o numero, o caso, o tempo, o modo e modos nunca vistos nem imaginados, como de homens

em fim tão diferentes dos outros nas linguas, como nos costumes ; não ha duvida que é empreza muito ardua a qualquer entendimento, e muito mais ardua á vontade que não estiver muito sacrificada, e muito unida com Deus. Receber as linguas do céu milagrosamente em um momento, como as receberam os apóstolos, foi maior felicidade ; mas aprendel-as e adquiril-as, dicção por dicção, e vocabulo por vocabulo, á força de estudo, de diligencia, e de continuação ; assim como será maior merecimento, é também muito differente trabalho : e para um e outro se requer muita graça do Espirito Santo, e grande cabedal de amor de Deus. Maior rigor usa neste caso o amor de Deus com os prégadores do evangelho, do que usou a justiça de Deus com os edificadores da torre de Babel. Aos que edificavam a torre de Babel, condemnou-os a justiça de Deus a fallar diversas linguas ; mas não a aprendel-as : aos que prégam a fé entre as gentilidades, condemna-os o amor de Deus, não só a que fallem as suas linguas, senão a que as aprendam ; que se não fôra por amor, era muito maior castigo. E que amor será necessario para um homem, e tantos homens, se condemnarem voluntariamente, não só cada um a uma lingua (como os da torre) mas muitos a muitas ?

Vejo, porém, que me perguntaes : Pois se a Deus é tão facil infundir a sciencia das linguas em um momento, e se antigamente deu aos apóstolos o dom das linguas, para que prégassem a fé pelo mundo ; agora porque não dá o mesmo dom aos prégadores da mesma fé, principalmente em christandades ou gentilidades novas, como estas nossas ? Esta duvida é mui antiga, e já lhe respondeu S. Gregorio papa, e Santo Agostinho, posto que variamente. A razão litteral é porque Deus regularmente não faz milagres sem necessidade : quando faltam as forças humanas, então supprem as divinas. E como Christo queria converter o mundo só com doze homens ; para converter um mundo tão grande, tantas cidades, tantos reinos, tantas provincias, com tão poucos prégadores, era necessario que milagrosamente se lhes infundissem as linguas de todas as nações, porque não tinham tempo nem logar para as aprender ; porém depois que a fé esteve tão estendida e propagada, como está hoje, e houve muitos ministros que a po-

dessem pregar, aprendendo as linguas de cada nação, cessaram communmente as linguas milagrosas, porque não foi necessaria a continuação do milagre. Vede-o, nas linguas do Espirito Santo.

Apparuerunt dispersitæ linguæ tanquam ignis, seditque supra singulos eorum: (Act. II — 3) Apareceram sobre os apóstolos muitas linguas de fogo, o qual se assentou sobre elles. Não sei se reparaes na differença: diz que appareceram as linguas, e que o fogo se assentou. E porque se não assentaram as linguas, senão o fogo? Porque as linguas não vieram de assento, o fogo sim. Os dons que o Espirito Santo trouxe hoje consigo sobre os apóstolos, foram principalmente dois: o dom das linguas, e o dom do amor de Deus: o dom das linguas não se assentou, porque não havia de perseverar: acabou geralmente com os apóstolos: *Apparuerunt dispersitæ linguæ*. Apareceram as linguas, e desapareceram. Porém o dom do fogo, o dom do amor de Deus, esse se assentou: *Sedit supra singulos eorum*; porque veio de assento, e perseverou não só nos apóstolos, senão em todos os seus successores. E assim vimos em todas as idades, e vemos também hoje tantos varões apostolicos, em que está tão vivo este fogo, tão fervoroso este espirito, e tão manifesto, e tão ardente este amor. Aos apóstolos deu-lhes Deus linguas de fogo, aos seus successores deu-lhes fogo de linguas. As linguas de fogo acabaram, mas o fogo de linguas não acabou, porque este fogo, esse espirito, esse amor de Deus, faz aprender, estudar, e saber essas linguas. E quanto a esta sciencia das linguas, muito mais a letra se cumpre nos varões apostolicos de hoje a promessa de Christo, que nos mesmos apóstolos antigos, porque Christo disse: *Ille vos docebit*: que o Espirito Santo os ensinaria. E aos apóstolos da igreja primitiva não lhes ensinou o Espirito Santo as linguas, deu-lh'as, e infundiu-lh'as: aos apóstolos de hoje não lhes dá o Espirito Santo as linguas, vem-lh'as infundir, e ensinar-lh'as: *Ille vos docebit*. As primeiras linguas foram dadas com milagre, as segundas são ensinadas sem milagre; mas eu tenho estas por mais milagrosas; porque menos maravilha é em Deus podel-as dar sem trabalho, que no homem querel-as aprender com tanto trabalho: em Deus argue um poder infinito, que em Deus é natureza; no homem

argue um amor de Deus excessivo, que é sobre a natureza do homem. Com razão commette logo Christo este officio de ensinar ao Espirito Santo, e passa os seus discipulos da escola da sabedoria para a escola do amor: *Ne vos docebit.*

V.

Está dito, e está provado. Mas que se tira, ou colhe d'aqui? Parecerá por ventura aos ouvintes, que esta doutrina é só para os pregadores da fé, para os religiosos, para os missionarios, para os pastores e ministros da igreja? Assim será n'outras terras: nestas nossas é para todos. Nas outras terras uns são ministros do evangelho, e outros não: nas conquistas de Portugal todos são ministros do evangelho. Assim o disse Santo Agostinho pregando na Africa, que tambem é uma das nossas conquistas. Explicava o santo aquella sentença de Christo: *Ubi sum ego, illic et minister meus eris* (Joan. XII — 26); em que o Senhor promette, que onde elle está, estarão tambem seus ministros. E convertendo-se o grande doutor para o povo, disse desta maneira: *Cum auditis, fratres, Dominum dicentem, illic et minister meus erit, nolite tantummodo bonos episcopos, et clericos cogitare; etiam vos pro modulo vestro ministrare Christo*: Quando ouvís os premios que Christo promette a seus ministros, não cuideis que só os bispos e os clerigos são ministros seus; tambem vós por vosso modo não só podeis, mas deveis ser ministros de Christo. E porque modo será ministro de Christo um homem leigo, sem letras, sem ordens, e sem gráu algum na igreja? O mesmo santo o vae dizendo: *Bene vivendo*: vivendo bem, e dando bom exemplo: *Eleemosynas faciendo*: fazendo esmolas, e exercitando as outras obras de caridade: *Nomen, doctrinamque ejus, quibus potuerit, prædicando*: e pregando o nome de Christo, e ensinando a sua fé e doutrina a todos aquelles a quem poder: *Unusquisque pater familias, pro Christo, et pro vita æterna suos omnes admoneat, doceat, hortetur, corripiat, impendat benevolentiam, exerceat disciplinam*: Cada um dos paes de familias em sua casa por amor de Christo, e por amor da vida eterna, ensine a todos os seus o que devem

saber, encaminhe-os, exhorte-os, repreenda-os, castigue-os, tire-os das más occasiões ; e já com amor, já com rigor, zelee, procure, e faça diligencia, porque vivam conforme a lei de Christo. Este tal pae de familias que será ? Ouvi, christãos, para consolação vossa, o que conclue Agostinho : *Ita in domo sua ecclesiasticum, et quodammodo episcopale implebit officium, ministrans Christo, ut in æternum sit cum ipso*. Por este modo um pae de familias, um homem leigo, fará em sua casa não só officio ecclesiastico, mas officio episcopal, e não só será qualquer ministro de Christo, senão o maior de todos os ministros, quaes são os bispos, servindo e ministrando nesta vida a Christo, para reinar eternamente com elle : *Ministrans Christo, ut in æternum sit cum ipso*. Isto dizia Santo Agostinho aos seus povos da Africa, e o pudéra dizer com muito maior razão aos nossos da America.

Oh se o divino espirito que hoje desceu sobre os apóstolos, descêra efficazmente com um raio de sua divina luz sobre todos os moradores deste estado, para que dentro e fóra de suas casas acodiram ás obrigações que devem á fé que professam, como é certo que ficariam todos neste dia não só verdadeiros ministros, mas apóstolos de Christo ! Que coisa é ser apóstolo ? Ser apóstolo nenhuma outra coisa é senão ensinar a fé, e trazer almas a Christo : e nesta conquista ninguem ha que o não possa, e ainda que o não deva fazer. Primeiramente, nesta missão do rio das Amazonas, que amanhã parte (e que Deus seja servido levar e trazer tão carregada de despojos do céu, como esperamos, e com tanto remédio para a terra, como se deseja) que portuguez vae de escolta, que não vá fazendo officio de apóstolo ? Não só são apóstolos os missionarios, senão tambem os soldados e capitães ; porque todos vão buscar gentios, e trazel-os ao lume da fé, e ao gremio da igreja. A igreja formou-se do lado de Christo seu Esposo, como Eva se formou do lado de Adão. E formou-se quando do lado de Christo na cruz saiu sangue e agua : *Exivit sanguis, et aqua*. (Joan. XIX — 34) O sangue, significava o preço da redempção, e a agua, a agua do baptismo : e saiu o sangue junto com a agua, porque a virtude que tem a agua, é recebida do sangue. Mas pergunto agora : este lado de Christo d'onde saiu e se formou a igreja,

quem o abriu? Abriu-o um soldado com uma lança, diz o texto: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit.* (Ibid.) Pois também os soldados concorrem para a formação da igreja? Sim; porque muitas vezes é necessario que os soldados com suas armas abram e franqueem a porta, para que por essa porta aberta e franqueada se communique o sangue da redempção, e a agua do baptismo: *Et continuo exivit sanguis, et aqua.* E quando a fé se préga debaixo das armas, e á sombra dellas, tão apostolos são os que prégam, como os que defendem; porque uns e outros cooperam á salvação das almas.

E se eu agora dissesse que nesta conquista, assim como os homens fazem officio de apostolos na campanha; assim o podem fazer as mulheres em suas casas? Diria o que já disseram grandes auctores: elles na campanha trazendo almas para a igreja, fazem officio de apostolos, e ellas em suas casas doutrinando seus escravos e escravas, fazem officio de apostolas. Não é o nome, nem a grammatica minha, é do doutissimo Salmerão, o qual chamou ás Marias: *Apostolorum apostolas*: apostolas dos apostolos: e porque? Porque lhes annunciaram o mysterio da resurreição de Christo. Pois se aquellas mulheres que annunciaram a homens já christãos e discipulos de Christo, um só mysterio merecem nome de apostolas; aquellas que annunciam e ensinam a seus escravos gentios e rudes todos os mysterios da salvação, quanto mais merecem este nome? Põe-se uma de vós a ensinar por amor de Deus ao seu tapuya, e á sua tapuya o creio em Deus Padre; e que lhe ensina? Ensina-lhe o mysterio altissimo da Santissima Trindade, o mysterio da Encarnação, o da morte, o da resurreição, o da ascensão de Christo, o da vinda do Espirito Santo, o do juizo, o da vida eterna, e todos os que crêmos e professamos os christãos. Vede se merece nome de apostola uma mestra destas!

Não ha duvida que homens e mulheres todos são capazes deste altissimo nome, e deste divino ou divinissimo exercicio. Faz duas parabolâs Christo no evangelho, uma de um pastor que perdeu uma ovelha, e a foi buscar e trazer dos matos aos hombros: outra de uma mulher que perdeu uma drachma, ou moeda de prata, e accendeu uma candeia para a buscar, e a buscou e achou em

sua casa. Esta ovelha e esta moeda perdidas e achadas, são as almas desencaminhadas e erradas, que se convertem e encaminham a Deus: quem buscou e achou a ovelha na primeira parábola, e quem buscou e achou a moeda na segunda, são os ministros evangelicos, que trazem e reduzem a Deus estas almas. Pois se em uma e outra parábola significam estas duas pessoas os ministros evangelicos, que trazem almas a Deus; porque na primeira introduziu Christo um homem, que é o pastor; e na segunda uma mulher, que é a que acende a candeia? Para nos ensinar Christo que assim homens como mulheres todos podem salvar almas: os homens no campo com o cajado, e as mulheres em casa com a candeia: os homens no campo entrando pelos matos com as armas, e as mulheres em casa allumiando e ensinando a doutrina. Vede como estava isto prophetisado pelo propheta Joel no mesmo capitulo segundo, que foi o que hoje declarou S. Pedro ao povo de Jerusalem: *Sed et super servos meos, et ancillas in diebus illis effundam spiritum meum: et prophetabunt.* (Joel II—28 e 29) Naquelle dias, diz Deus, derramarei o meu espirito sobre os meus servos, e sobre as minhas servas, e todos prégirão. Notae: não diz Deus, que derramará o seu espirito só sobre os servos, senão sobre os servos, e sobre as servas: *Super servos meos, et super ancillas.* Porque não só os homens, senão os homens e também as mulheres, podem e devem, e hão de prégár e dilatar a fé, cada um conforme seu estado: *Et prophetabunt.* Por isso hoje com grande mysterio no cenaculo de Jerusalem, onde desceu o Espirito Santo, não só se acharam homens, senão mulheres: *Hi omnes erant perseverantes unanimiter in oratione cum mulieribus.* (Act. I — 14) Estavam homens, e estavam mulheres no cenaculo; porque a homens e a mulheres vinha o Espirito Santo fazer mestres e mestras da doutrina do céu, e ensinal-os para que a ensinassem: *Ille vos docebit.*

VI.

Supposto, pois, que não só aos ecclesiasticos, senão também aos seculares, não só aos homens, senão também ás mulheres pertence,

ou de caridade, ou de justiça, ou de ambas estas obrigações, ensinar a fé, e a lei do Christo aos gentios, e novos christãos naturaes destas terras em que vivamos, cada um conforme seu estado; não haja de hoje em diante, com a graça do Espirito Santo, quem se não faça discipulo deste divino e soberano Mestre, para o poder ser ao menos dos seus escravos. Os que sabeis a lingua tereis maior facilidade; os que a não sabeis, tereis maior merecimento. E uns e outros, ou por nós mesmos (que sempre será o melhor) ou por outrem, vos deveis applicar a este tão christão e tão devido exercicio, com tal diligencia e cuidado, que nenhum falte com o pasto necessario da doutrina ás poucas ou muitas ovelhinhas de Christo, que o Senhor lhes tiver encommendadas, pois todos nesta conquista sois pastores, ou guardadores deste grande Pastor. Muitos o fazem assim com grande zelo, christandade, e edificação; mas é bem que o façam todos.

E ninguem se escuse (como escusam alguns) com a rudeza da gente, e com dizer, como acima diziamos, que são pedras, que são troncos, ~~que são~~ brutos animaes; porque ainda que verdadeiramente alguns o sejam, ou o pareçam, a industria e a graça tudo vence; e de brutos, e de troncos, e de pedras os fará homens. Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça, ou a natureza? A graça, ou a arte? Pois o que faz a arte e a natureza, porque havemos de desconfiar que o faça a graça de Deus acompanhada da vossa industria? Concedo-vos que esse indio barbaro e rude, seja uma pedra: vêde o que faz em uma pedra a arte. Arranca o estuario uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe, e depois ~~que~~ desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição, até a mais miuda: ondea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui desprega, alli arruga, acolá recama: e fica um homem perfeito, e talvez um santo, que se pôde pôr no altar. O mesmo será cá, se a vossa industria não faltar á graça divina. É uma pedra, como dizeis, esse indio

rude? Pois trabalhae e continuae com elle (que nada se faz sem trabalho e perseverança) applicae o cinzel um dia e outro dia, dae uma martellada e outra martellada, e vós vereis como dessa pedra tosca e informe fazeis não só um homem, senão um christão, e póde ser que um santo. Não é menos que promessa e prophecia do maior de todos os prophetas: *Potens est Deus delapidibus istis suscitare filios Abrahæ*: (Luc. III — 8) poderoso é Deus a fazer destas pedras filhos de Abrahão. Abrahão é o pae de todos os que teem fé: e dizer o Baptista que Deus faria de pedras filhos de Abrahão, foi certificar e prophetisar que de gentios idolatras, barbaros, e duros como pedras, por meio da doutrina do evangelho havia Deus de fazer não só homens, senão fieis, e christãos, e santos. Santo Ambrosio: *Quid aliud quam lapides habebantur, qui lapidibus serviebant, similes utique his, qui fecerant eos? Prophetatur igitur saxo, sit gentilium fides infundenda pectoribus, et futuros per fidem Abrahæ filios oraculo pollicetur*. Assim o prophetizou o Baptista; e assim como elle foi o propheta deste milagre, vós sereis o instrumento d'elle. Ensinæ e doutrinae essas pedras, e fareis de pedras, não estatuas de homens, senão verdadeiros homens, e verdadeiros filhos de Abrahão por meio da fé verdadeira. O que se faz nas pedras, mais facilmente se póde fazer nos troncos, onde é menor a resistencia e a bruteza.

Só para fazer de animaes homens, não tem poder nem habilitade a arte, mas a natureza sim: e é maravilha, que por ordinario o não parece. Vêde-a. Fostes á caça por esses bosques e campinas, matastes o veado, a anta, o porco montez: matou o vosso escravo o camaleão, o lagarto, o crocodilo: como elle com os seus parceiros, comestes vós com os vossos amigos: e que se seguiu? D'alli a oito horas, ou menos (se com menos se contentar Galeno) a anta, o veado, o porco montez, o camaleão, o lagarto, o crocodilo, todos estão convertidos em homens: já é carne de homem o que pouco antes era carne de feras. Pois se isto póde fazer a natureza por força do calor natural; porque o não fará a graça muito mais efficaçmente, por força do calor e fogo do Espirito Santo? Se a natureza naturalmente póde converter animaes feros em homens, a graça sobrenaturalmente por-

que não fará esta conversão? O mesmo Espirito auctor da graça o mostrou assim, e o ensinou a S. Pedro. Estava S. Pedro em oração na cidade de Joppé: eis que vê abrir-se o céu e descer um como grande lençol (assim lhe chama o texto) suspenso por quatro pontas, e no fundo d'elle uma multidão confusa de feras, de serpentes, de aves de rapina, e de todos os outros animaes sylvestres, bravos, asquerosos, e peçonhentos, que na lei velha se chamavam immundos. Tres vezes na mesma hora viu S. Pedro esta representação, cada vez mais suspenso e duvidoso do que poderia significar: e tres vezes ouviu juntamente uma voz que lhe dizia: *Surge, Petre, occide et manduca*: (Act. X — 13) Eia, Pedro, mata e comei. As palavras não declaravam o enigma, antes o escureciam mais, porque lhe parecia a S. Pedro impossivel, que Deus que tinha vedado aquelles animaes, lh'os mandasse comer. Batem á porta neste mesmo ponto, e era um recado, ou embaixada de um senhor gentio, chamado Cornelio, capitão dos presídios romanos de Cesarea, o qual se mandava offerecer a S. Pedro para que o instruisse na fé, e o baptizasse. Este gentio, como diz Santo Ambrosio, foi o primeiro que pediu e recebeu a fé de Christo: e por este effeito e pela declaração de um anjo entendeu então S. Pedro o que significava a visão. Entendeu que aquelle lençol tão grande era o mundo; que as quatro pontas por onde se suspendia, eram as quatro partes d'elle; que os animaes feros, immundos e reprovados na lei, eram as diversas nações de gentios barbaras e indomitas, que até então estavam fóra do conhecimento e obediencia de Deus, e que o mesmo Senhor queria que viessem a ella. Até aqui o texto e a intelligencia d'elle.

Mas se aquelles animaes significavam as nações dos gentios, e estas nações queria Deus que S. Pedro as ensinasse e convertesse, como lhe manda que as mate e que as coma? Por isso mesmo; porque o modo de converter feras em homens, é matando-as e comendo-as: e não ha coisa mais parecida ao ensinar e doutrinar, que o matar e o comer. Para uma fera se converter em homem, ha de deixar de ser o que era, e começar a ser o que não era; e tudo isto se faz matando-a e comendo-a: matando-a, deixa de ser o que era, porque morta já não é fera: comendo-a,

começa a ser o que não era, porque comido, já é homem. E porque Deus queria que S. Pedro convertesse em homens e homens fieis todas aquellas feras que lhe mostrava, por isso a voz do céu lhe dizia que as matasse e as comesse: *Occide, et manduca*. Querendo-lhe dizer que as ensinasse e doutrinasse; porque o ensinar e doutrinar havia de fazer nella os mesmos effeitos, que o matar e o comer. Ouvi a S. Gregorio papa: *Primo pastori dicitur, macta, et manduca: quod mactatur quippe à vita occiditur: id verò quod comeditur, in comedentis corpore commutatur: macta ergo, et manduca, dicitur, idest, à peccato eos, qui vivunt, interfice, et à se ipsis illos in tua membra convertere*. Querendo Deus que S. Pedro ensinasse a fé áquelles gentios, diz-lhe que os mate e que os coma; porque o que se mata, deixa de ser o que é, e o que se come, converte-se na substancia e nos membros de quem o come. E ambos estes effeitos havia de obrar a doutrina de S. Pedro naquelles gentios feros e barbaros. Primeiro haviam de morrer, porque haviam de deixar de ser gentios; e logo haviam de ser comidos e convertidos em membros de S. Pedro, porque haviam de ficar christãos e membros da egreja de que S. Pedro é a cabeça. De maneira, que assim como a natureza faz de feras homens, matando e comendo, assim também a graça faz de feras homens, doutrinando e ensinando. Ensinastes o gentio barbaro e rude: e que cuidaes que faz aquellá doutrina? Mata nelle a fereza, e introduz a humanidade; mata a ignorancia e introduz o conhecimento; mata a bruteza e introduz a razão, mata a infidelidade e introduz a fé: e deste modo por uma conversão admiravel, o que era fera fica homem, o que era gentio fica christão, o que era despojo do peccado fica membro de Christo e de S. Pedro: *Occide, et manduca*. E como a graça do Espirito Santo por meio da doutrina da fé, melhor que a arte, e melhor que a natureza, de pedras e de animaes sabe fazer homens, ainda que os destas conquistas fossem verdadeiramente, ou tão irracionaes como os brutos, ou tão insensiveis como as pedras, não era bastante difficuldade esta, nem para desculpar o descuido, nem para tirar a obrigação de os ensinar: *Ille vos docebit*.

VII.

E para que ninguém falte a esta obrigação e a este cuidado, só vos quero lembrar o grande serviço que fareis a Deus, se o fizerdes, e a grande conta que Deus vos ha de pedir, se vos descuidardes. É passo de que me lembro e tremo muitas vezes o que agora vos direi. Estavam os apóstolos no monte Olivete em o dia da Ascensão com os olhos pregados no céu, e com os corações dentro nelle, porque já se lhes escondera da vista o Mestre e o Senhor, que em si e apoz si lh'os levara. Estavam enlevados, estavam suspensos, estavam arrebatados, e quasi não em si de amor, de admiração, de gloria, de jubilos, de saudades: eis que apparecem dois anjos, e lhes dizem estas palavras: *Viri galilæi, quid statis aspicientes in cælum? Hic Jesus, qui assumptus est à vobis in cælum, sic veniet: (Act. I — 11)* Varões galileos, que fazeis aqui olhando para o céu? Este mesmo Senhor que agora se apartou de vós, ha de vir outra vez, porque ha de vir a julgar. Notaveis palavras por certo, e ditas a taes pessoas, em tal lugar, e em tal occasião! De maneira que estranhem os anjos aos apóstolos estarem no monte Olivete olhando para o céu, de saudades de Christo; e para os obrigarem a que se vão logo d'alli (como se foram) os ameacem com o dia do juizo e com a lembrança da conta! Pois estar em um monte apartado das gentes, estar com os olhos postos no céu, estar arrebatado na contemplação da gloria, estar enlevado no amor e saudades de Christo, é coisa digna de se estranhar e de a estranharem os anjos? Em tal caso sim; porque se em todos os homens é digno de estranhar não deixarem o mal pelo bem, nos apóstolos era digno de estranhar não deixarem o bem pelo melhor. O officio e obrigação dos apóstolos era prégar a fé e salvar almas: a ordem que Christo lhes tinha dado, era que se recolhessem a Jerúsalem a preparar-se para a pregação com os dons do Espirito Santo, que lhes mandaria: e deixar o monte Olivete pelo Cenaculo, deixar a contemplação pela escola das linguas, deixar de olhar para o céu para acodir ás cegueiras da terra, deixar em fim as saudades de Christo pela saude de

Christo, não era deixar o bem, senão melhora-lo, porque era trocar um bem grande por outro maior : era deixar um serviço de Deus por outro maior serviço, uma vontade de Deus por outra maior vontade, uma gloria de Deus por outra maior gloria. O contemplar em Deus é obra divina ; mas o levar almas para Deus é obra divinissima. Assim lhe chamou S. Dionisio Areopagita : *Opus Dei divinissimum*. E a obrigação dos apostolos e varões apostolicos não é só buscar o divino, senão o mais divino : é deixar o divino pelo divinissimo. Por isso lhes estranham os anjos o estarem parados no monte, e com os olhos suspensos no céu ; por isso lhes dizem : *Quid statis* : que estaes aqui fazendo : como se o que faziam nenhuma comparação tivera com o que haviam de fazer. O que faziam e o que os occupava, eram contemplações, admirações, extasis, arrebatamentos ; o que haviam de fazer, e o em que se haviam de occupar, era prégar, ensinar, doutrinar, baptisar, converter almas : e tudo aquillo em comparação disto no juiso dos anjos, que melhor que nós o intendem, que é ? Um *quid* : uma coisa que se póde duvidar se é alguma coisa : um muito menos do que devêra ser : um estar parados, um não ir por diante : *Quid statis* ? Vêde, vêde vós, e vós (com todas e com todas fallo) quão grande serviço fazeis a Deus quando ensinaes os vossos escravos, quando para isso aprendeis as linguas, quando escreveis e estudaes o cathecismo, quando buscaes o interprete ou o mestre, e quando talvez só para este fim o pagaes e o sustentaes. Oh ditoso dispendio ! Oh ditoso estudo ! Oh ditoso trabalho ! Oh ditoso merecimento, e sem igual diante de Deus ! Em summa, christãos, que é maior bem e maior serviço de Deus, e maior gloria sua estar ensinando um negrinho da terra, que se estivereis enlevados e arrebatados no céu : *Quid statis aspicientes in cælum* ?

E se é tão grande o serviço que fazem a Deus os que teem este cuidado ; os que o não teem, os que tão descuidados e esquecidos vivem da doutrina da christandade e da salvação de seus escravos, que rigorosa, que estreita, e que estreitissima conta vos parece que lhes pedirá Deus ? Ameaçam os anjos aos apostolos com o dia do juiso, e reparam-lhes em momentos do monte Olivete.

Porque? Porque eram homens que tinham á sua conta almas alheias; e quem tem almas alheias á sua conta, até de um momento, que não cuidar muito dellas, ha de dar muito estreita conta a Deus. Oh que terrivel conta ha de pedir Deus no dia do juizo a todos os que vivemos neste estado, porque todos temos almas á nossa conta! Os prégadores todas; os pastores as das suas egrejas: os leigos as das suas familias. Se é tão difficultoso dar boa conta de uma só alma, que será de tantas? S. Jeronymo sobre tanto deserto, sobre tantas penitencias, sobre tantos trabalhos em serviço de Deus e da egreja, estava sempre tremendo da trombeta do dia do juizo, pela conta que havia de dar da sua alma. A alma de S. Hilarião Abbade depois de oitenta annos de vida eremitica, e de tantas e tão insignes victorias contra o demonio, tremia tanto da conta, que não se atrevia a sair do corpo, estando o santo para espirar, e foi necessario que elle a animasse.

Pois se os Jeronymos, se os Hilariões, se as maiores columnas da egreja temem de dar conta de uma alma, depois de vidas tão santas, vós depois das vossas vidas, que é certo não foram tão ajustadas com a lei de Deus, como as suas, que conta esperaes dar a Deus, não de uma, senão de tantas almas? Uns de cincoenta almas, outros de cem almas, outros de duzentas almas, outros de trezentas, outros de quatrocentas, e alguns de mil. Muitos ha que tendes hoje poucas, mas naquelle dia haveis de ter muitas; porque todas as que morreram para o serviço, hão de resuscitar para a conta. As que tivestes, as que tendes, as que haveis de ter, todas naquelle dia hão de apparecer juntas diante do divino tribunal a dar conta cada uma de si, e vós de todas. Certo que eu antes quizera dar conta pela sua parte, que pela vossa. O escravo escusar-se-ha com o seu senhor: mas o senhor com quem se ha de escusar? O escravo poder-se-ha escusar com o seu pouco intendimento, com a sua ignorancia; mas o senhor com que se escusará? Com a sua muita cubiça? Com a sua muita cegueira? Com faltar á piedade? Com faltar á humanidade? Com faltar á christandade? Com faltar á fé? Oh Deus justo, ó Deus misericordioso, que nem em vossa justiça, nem em vossa misericordia acho caminho para sairem estas almas de tão intrin-

cado labyrintho ! Se a justiça divina acha por onde condemnar um gentio, porque não foi baptisado, como achará a misericórdia divina por onde salvar um christão que foi causa de elle se não baptisar ?

Oh que justicas pedirão sobre vós naquelle dia tantas infelizes almas, de cuja infelicidade eterna vós fostes causa ! Abel pedia justiça a Deus, e salvou-se Abel, e está no céu. Se Abel, se um irmão pede justiça a Deus sobre o irmão que lhe tirou a vida temporal, um escravo, e tantos escravos, que justiça pedirão a Deus sobre o senhor que lhe tirou a vida eterna ? Se Abel, se uma alma que se salvou, e que está hoje vendo a Deus, pede justiça ; uma alma e tantas almas que se condemnaram, e estão ardendo no inferno, e estarão por toda a eternidade ; que justicas pedirão, que justicas clamarão, que justicas bradarão no céu, á terra, ao inferno, aos homens, aos demonios, aos anjos, a Deus ? Oh que espectáculo tão triste e tão horrendo, será naquelle dia vêr a um portuguez destas conquistas (e muito mais aos maiores e mais poderosos) cercado de tanta multidão de indios, uns livres, outros escravos ; uns bem, outros mal captivos ; uns gentios, outros com nome de christãos, todos condemnados ao inferno, todos ardendo em fogo, e todos pedindo justiça a Deus sobre aquelle desventurado homem que neste mundo se chamou seu senhor ? Ai de mim, dirá um, que me condemnei por não ser baptisado ! Justiça sobre meu ingrato senhor, que me não pagou o serviço de tantos annos, nem com o que tão pouco lhe custava, como a agua do baptismo ! Ai de mim, dirá outro, que me condemnei por não conhecer a Deus, nem saber os mysterios da fé ! Justiça sobre meu infiel senhor, que mandando-me ensinar tudo o que importava a seu serviço, só do necessario á minha salvação nunca teve cuidado ! Ai de mim, dirá outro, que me condemnei por passar toda a vida torpemente amigado contra a lei de Deus ! Justiça sobre meu deshumano senhor, que por suas conveniencias particulares me consentiu o peccado, e não quiz consentir o matrimonio ! Ai de mim, dirá outro, que me condemnei por não me confessar nas quaesmas, ou não me confessar a quem me intendesse, e me encaminhasse ! Justiça sobre meu avaro senhor, que por

não perder dois dias de serviço, me não quiz dar, nem o tempo, nem o logar, nem o confessor, que minha alma havia mister ! Ai de mim, dirá finalmente o outro, que me condemnei por morrer sem sacerdote, nem sacramento ! Justiça sobre meu tyranno senhor, que por me não chamar o remedio, ou não me mandar levar a elle, me deixou morrer como um bruto ! Cão me chamava sempre na vida, e como um cão me tractou na morte. Isto dirá cada um daquelles miseraveis escravos ao supremo Juiz, Christo. E todos juntos bradarão a seu sangue (de que por vossa culpa se não aproveitaram) justiça, justiça, justiça. Ó como é sem duvida, que naquelle dia conhecereis quem vos dizia e prégava a verdade ! Ó como é sem duvida, que naquelle dia do juiso haveis de mudar de juiso, e de juisos ! Hoje tendes por ditosos os que teem muitos escravos, e por menos venturosos os que teem poucos : naquelle dia os que tiveram muitos escravos, serão desventurados, e os que tiveram poucos, serão os ditosos, e mais ditoso o que não teve nenhum. Tende-os, christãos e tende muitos ; mas tende-os de modo que elles ajudem a levar a vossa alma ao céu, e vós as suas. Isto é o que vos desejo, isto é o que vos aconselho, isto é o que vos procuro, isto é o que vos peço, por amor de Deus e por amor de vós, e o que quizera que levareis deste sermão mettido na alma.

O Espirito Santo, que hoje desceu sobre os apostolos e os ensinou, para que elles ensinassem ao mundo, desça sobre todos vós e vos ensine a querer ensinar, ou deixar ensinar aquelles a quem deveis a doutrina, para que elles por vós, e vós com elles conseguindo nesta vida (que tão cara vos custa) a graça, mereçaes gosar na outra com grandes augmentos a gloria.

SERMÃO

PARA O DIA DE

SÃO BARTHOLOMEU. EM ROMA.

Prégado na occasião de promoção de cardeaes.

Elegit duodecim ex ipsis, quos et apostolos nominavit. — Luc. VI.

I.

Temos hoje desvelado a Christo: *Erat pernoctans*: e com razão desvelado. Havia de eleger os pastores de sua igreja: havia de eleger os maiores ministros de sua monarchia: justa e exemplarmente se desvela. Nenhum negocio mais deve tirar o somno a um principe, nenhum o deve desvelar mais, que a eleição dos grandes ministros; porque desta eleição dependem todas as eleições, todas as resoluções, todas as execuções, e todo o bom governo e felicidade da republica. Aqui se faz, ou se desfaz tudo. Justamente logo se desvela o supremo Rei, justa e exemplarmente o supremo Pastor: *Fugiebat somnus ab oculis meis*: (Gen. XXXI

— 40) dizia Jacob, quando pastor de Labão. Se o cuidado das ovelhas tanto desvelava ao pastor, quanto mais deve desvelar ao dono a eleição dos pastores? Lembra-me (vamos do monte ao mar) Lembra-me que no mar de Tiberiades corria fortuna a barca do apostolado; e no maior rigor da tempestade se diz de Christo, que dormia : *Ipse verò dormiebat.* (Matth. VIII — 24) No mar, Senhor meu, dormindo, e no monte desvelado? Não vos tira o somno a tempestade; e a eleição dos que vão na barca vos desvela tanto? Sim: que quem se desvela nas eleições, não periga nas tempestades. Pedro estava ao leme; André, João, e Diogo, e os demais aos remos: e quando está a barca tão bem provida, bem pôde dormir o patrão. A tempestade estava no mar, a segurança no monte. Onde se fez a eleição, alli se venceu o perigo: e onde estava o perigo, alli houve de ser o desvelo: *Erat pernoctans.*

Este é o ponto sobre que havemos de fallar hoje: materia não só grande, mas entre as maiores a maior. Como se devem eleger os grandes ministros. Christo nos ensinará, e sua Mãe Santissima nos alcançará a graça: *Ave Maria.*

II.

Elegit duodecim ex ipsis, quos et apostolos nominavit.

Elegeu Christo hoje os maiores ministros de sua egreja: e no modo e circumstancias admiraveis desta eleição, deixou canonicamente prescripto a seus successores, como elles tambem os haviam de eleger. Todo o exemplar se reduz a tres regras: Primeira, com quem se ha de fazer a eleição? Segunda, quaes devem ser os eleitos? Terceira, quantos se hão de eleger? Em tres palavras. Com quem? Quaes? E quantos? Comecemos.

A primeira pergunta destas é: Com quem se hão de fazer as eleições? Com os parentes? Com os amigos? Com os interessados? Não, e sim. Não com os parentes, mas com o mais parente: não com os amigos, mas com o mais amigo: não com os interessados, mas com o mais interessado: Com Deus: *In oratione*

Dei. No sagrado collegio tinha Christo parentes, tinha amigos, tinha interessados. Tinha parentes, porque tinha a João, e os dois Jacobos primos seus; porém não consultou estes parentes, senão a Deus, que é o mais parente, porque é Pae. Tinha amigos, e muito do seu seio, Pedro, João, e Diogo, dos quaes fiava tudo; porém não consultou estes amigos, senão a Deus, que é o mais amigo, porque o seu amor é fiel, e sua vontade recta. Tinha interessados, e estes (como costuma ser) eram todos: *Quis eorum videretur esse maior.* (Luc. XXII — 24) E não consultou estes interessados, senão a Deus, que nesta eleição era o mais interessado; porque nos ministros idoneos de sua igreja vae empenhado seu serviço, sua honra, sua gloriá, e o bem e salvação do mundo. Por isso o humanissimo Senhor que em outras occasiões chamou a conselho a seus discipulos, nesta nem lhes quiz perguntar, nem os quiz ouvir: antes, como bem advertiu o grande aroebispo de Bulgaria Theofilato, para exemplo e doutrina dos que agora haviam de ser eleitos, e depois ~~eleitores~~, tractou tudo com Deus só por só, em larga oração: *Post orationem* (diz elle) *elegit discipulos, ut doceat etiam nos, quando quempiam in spirituale ministerium sumus ordinaturi, cum precibus hoc faciamus, ut doctis à Deo, et ab illo petentibus revelet, quis idoneus sit.*

Todas as circumstancias do caso prégam e confirmam esta verdade. Primeiramente: *Exiit in montem*: Subiu-se Christo a um monte. Os politicos dirão aqui, que para fazer eleições semelhantes, importa subir a um monte, e muito alto, donde se descubra e veja todo o mundo, os reinos, os estados, os principes, as dependencias, o poder de uns, a declinação de outros, o deperto, o delonge, o que é, o que póde ser. Mas este modo de subir ao monte mais tem de tentação, que de eleição: *Assumpsit eum diabolus in montem excelsum, et ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum*: (Matth. IV — 8) E a que fim? *Si cadens adoraveris me.* (Ibid. — 9) Subir ao monte para descobrir desde o alto os reinos do mundo, e vêr sua grandeza, e onde se acham menos ou mais gloriosas as suas corôas, é mais a proposito para adorar ao diabo, que para eleger instrumentos que o destruam. Christo subiu ao

monte nesta occasião, não para vêr o mundo, mas para se apartar mais delle, e para pôr os olhos mais de perto no céu. Por isso subiu de noite, e não de dia : *Erat pernoctans*. Notou Philo Hebreu discretamente, que o dia descobre a terra, e encobre o céu ; a noite descobre o céu, e encobre a terra. Esta é a melhor hora de eleger, quando a terra se fecha aos olhos, e o céu se abre. Por isso vae o Senhor de noite, e ao monte. De noite, para não vêr a terra, senão o céu ; ao monte, para o vêr mais livremente, e mais de perto : *Exiit in montem, et erat pernoctans*.

Este tempo e este lugar escolheu Christo para fazer a eleição em seu lugar, e a seu tempo. E para que fosse acertada, a consultou só por só com Deus : *In oratione Dei*. Com Deus propunha os fins, sendo o unico fim o mesmo Deus : com Deus consultava os meios, não havendo coisa em meio entre ella e Deus : com Deus media os talentos, com Deus pezava os merecimentos, e onde estes eram maiores, elle era o que intercedia, elle era o orador : *In montem orare*. Orava como homem, para eleger como Deus : orador, e não orado. Vede a differença maior desta eleição. Nas cortes do mundo os interessados oram, o principe elege. No consistorio de Christo os interessados calam, o principe ora. Os eleitos não se hão de pedir ao principe, ha de pedil-os o principe a Deus. Estavam duas cadeiras vagas no apostolado, pediu-as ambas a viuva do Zbedeu : E que respondeu Christo ? Que pelo menos lhe daria uma, para satisfazer com outra a outros respeitos iguaes ? Não. O que respondeu foi : *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est à Patre meo*. (Matth. XX — 23) Divino modo de negar sem offender. Eleja Deus, e não se offenderão os homens : seja Deus o que eleja, e Deus o que nomee. A nomeação e a eleição tudo ha de ser de Deus : *Elegit duodecim, quos et apostolos nominavit*. Depois que Christo orou ao Eterno Padre, então saiu a nomeação e a eleição : e primeiro a eleição que a nomeação : *Elegit, et nominavit*. Se um nomêa quando outro elege, não elege quem elege, elege quem nomêa.

Bastava só esta razão para ser Deus e só Deus o consultado nas eleições ; mas ha outra mais interior, e mais forçosa, o acertô. Não ha coisa mais difficil, que eleger um homem a outro homem ;

porque, ou o conhece, ou não. Se o não conhece, elege ás cegas ; e se o conhece, também : porque se o conhece, ou o ama, ou o aborrece ; é tão cego é o amor, como o odio. Mas é certo que com a paixão, ou ainda sem ella, nenhum homem conhece a outro. O conhecimento do homem é reservado somente a Deus, e ainda nelle admiravel : *Mirabilis facta est scientia tua ex me.* (Psal. CXXXVIII — 6) Necessario é logo que se peça a Deus, orando, o que o homem nem por si, nem por outrem, póde alcançar, conhecendo. Assim o fizeram os mesmos que hoje foram eleitos, quando quizeram substituir o logar que vagou de Judas.

Propoz S. Pedro : e elle e os demais apostolos escolheram de todos os discipulos os mais eminentes em santidade, e os mais experimentados nos exercicios e ministerios do apostolado, que foram Mathias, e José, chamado o Justo. Isto feito se poz todo o collegio em oração. E que pediram a Deus ? *Orantes dixerunt : Tu Domine, qui corda nosti omnium, ostende quem elegeris ex his duobus.* (Act. I — 24) Vós, Senhor, vós que só conheceis os corações, e o interior dos homens, vede qual destes dois elegeis : e assim se fez a eleição. Elles propuzeram e oraram, Deus elegeu. E para ensinar Deus quão errados (ainda sem paixão) são os juízos humanos, não elegeu para apostolo, aquelle a quem os homens tinham dado o nome, ou antonomasia de Justo. Assim succedeu Mathias no logar em que hoje foi eleito Judas. Torno a dizer : em que hoje foi eleito Judas. Se em doze eleitos por Christo, e com Deus, se achou um Judas ; em doze eleitos sem Deus, e sem Christo, quantos se acharão ? Queira o mesmo Deus que não sejam mais de onze. Por isso só se deveram fazer as eleições com Deus. Córre por conta de Deus o acerto. Como faça o eleitor sua obrigação, não importa que o eleito não faça a sua. Judas não fez o que devêra ; mas Christo fez o que devia, porque orou antes de elegeo, e o consultou primeiro, e mui devagar com Deus : *Erat pernoctans in oratione Dei.*

Em uma noite se fizeram e acabaram de fazer as eleições, e ao amanhecer do outro dia se nomearam os apostolos : *Et cum dies factus esset.* (Luc. VI — 13) Que brevemente se conclue o que se consulta só com Deus ! Onde não entram razões temporaes,

não se gasta tempo. Toda a noite parece que gastou Christo, como significa o termo: *Erat pernoctans*. Mas é assaz, que doze eleições se façam em doze horas. Quantos dias, quantos mezes, quantos annos se gastam muitas vezes em eleger um homem? É porque não se fazem as eleições com Deus. Direis que é necessario fazel-as com grande consideração. Tambem assim o digo. Com consideração, sim: com considerações, não: e as considerações são as que levam e as que gastam o tempo. Não quero para isto outro auctor, que o grande pontifice S. Gregorio, mui costumado a fazer grandes eleições. Elegeu Samuel a Saul, e fez-se a eleição com toda esta cerimonia. No primeiro escrutinio saiu a tribu de Benjamin: no segundo a familia de Metri: no terceiro a casa de Cis: no quarto a pessoa de Saul. *Quid in hoc significatur* (diz S. Gregorio) *nisi quia Sanctæ Ecclesiæ principes multa consideratione eligendi sunt*? Quiz com isto significar Deus que os principes de sua egreja se hão de eleger com muita e mui larga consideração. Assim foi: mas tudo se fez em quatro escrutinios, e tudo em um dia, porque se fez somente com Deus, sem outras considerações, nem dependencias. Sobre a eleição do sacerdocio concorreram as doze tribus com outras tantas varas, que foram levadas ao tabernaculo e se puzeram na presença de Deus, e em uma noite a vara de Arão se cobriu de folhas, se esmaltou de flores, e se encheu de fructos, com que elle foi o eleito e declarado summo sacerdote. Para fazer outro tanto a natureza com as raizes na terra, fôra necessario um anno; mas como as varas desarraigadas da terra se puzeram na presença de Deus, bastou uma noite. Nesta noite, em que orou Christo, doze vezes se multiplicou este milagre. Floresceram doze varas, e amanheceram ao mundo para a reforma d'elle, eleitos doze apostolos. *Erat pernoctans in oratione Dei, et cum dies factus esset, elegit duodecim ex ipsis*.

III.

Passemos á segunda questão. Quaes hão de ser os eleitos? Os máus? Claro está que não. Logo os bons? Não digo isso. Nem os máus, nem os bens, senão os melhores. Ainda disse mal, e

ainda pouco. Os melhores dos melhores digo, quaes eram os que hoje elegeu Christo. Os melhores do povo de Israel eram os que criam em Christo: os melhores que criam nelle eram seus discipulos, e os melhores de seus discipulos foram os doze que hoje elegeu e nomeou por apóstolos: *Elegit duodecim ex ipsis, quos et apostolos nominavit.* Note-se muito, não só a quem e a quaes, mas de quem e de quaes escolheu: *Ex ipsis.* Entre os discipulos estava Lucas, estava Marcos, estava Estevão, e tantos outros eminentemente bons, e melhores que bons. Mas o Senhor como elegia os apóstolos para eminentissimos, não elegeu os melhores dos bons, senão os melhores dos melhores. Esta foi a razão porque Christo chamou diante de si a todos os discipulos, quando escolheu aos apóstolos: *Vocavit discipulos suos, et elegit duodecim ex ipsis.* Para que á vista dos que deixava, se conhecesse melhor os que escolhia. Quiz que se lhe conhecesse o jogo pelo descarte, Quando Samuel houve de ungir a David, ordenou Deus que viessem primeiro diante d'elle todos os filhos de Jessé. Veio o morgado Eliab: não é este, diz Deus: veio Aminadab; nem este: veio Sama, e outros sete irmãos, e nenhum escolheu Deus; até que veio do campo David. Pois se David era o escolhido, para que yeem primeiro á presença de Samuel todos os filhos de Jessé? Para que vendo Samuel e o pae, quaes eram os que Deus deixava, conhecessem melhor qual era o que escolhia: *Vocavit discipulos suos.* Venham todos os discipulos diante de Christo: exclua-se um Marcos, exclua-se um Lucas, exclua-se um Estevão, para que á vista da grandeza dos excluidos, se conheça melhor a eminencia dos doze eleitos: *Et elegit duodecim ex ipsis.* Nas promoções humanas os excluidos condemnam as eleições: nas divinas os excluidos qualificam os eleitos.

Duodecim ex ipsis. Não se fez aqui a eleição entre escolhidos e reprovados, senão entre escolhidos e escolhidos, porque quando se elegend principes da igreja, não se ha de eleger o escolhido do reprovado, senão o escolhido do escolhido. Ouvi um grande logar do evangelho, que ainda entre grandes expositores anda mal entendido. Chamou o pae de familias os operarios que haviam de trabalhar na sua vinha, uns mais cedo, outros mais tarde

a diferentes horas do dia, e no fim do mesmo dia receberam todos o seu jornal, começando não dos primeiros, senão dos ultimos. D'aqui tirou e inferiu o Senhor aquella tão celebrada conclusão: *Multi enim sunt vocati, pauci verò electi*: (Matt. XX — 16) Porque muitos são chamados, e poucos os escolhidos. A exposição commum destas palavras é, que sendo os chamados todos, os escolhidos são poucos, e os reprovados muitos. Mas neste logar é certo que esta mesma sentença repetida em outros, não quer dizer tal coisa, nem esse era o intento de Christo. Prova-se evidentemente, porque todos os que foram á vinha e entraram nesta comparação, foram escolhidos; porque todos receberam o jornal, ou denario, que é o premio dos que guardam os dez mandamentos. Pois se todos eram escolhidos, como infere e conclue Christo que os chamados são muitos, e os escolhidos poucos? Porque a eleição de que o Senhor fallava nesta parabola, é a eleição da preferencia aos primeiros logares: *Erunt novissimi primi*. E esta eleição não se faz entre escolhidos e reprovados, senão entre escolhidos e escolhidos, quaes eram todos os que receberam o denario. E d'aqui se infere e conclue com toda a propriedade, que os chamados são muitos, e os escolhidos poucos; porque os chamados para esta eleição, são todos os escolhidos entre os demais, e os escolhidos para ella, são só os escolhidos entre os escolhidos. Assim se viu na eleição de hoje: os chamados foram muitos, porque foram todos os discipulos: *Vocavit discipulos suos*. Os quaes discipulos eram todos escolhidos; porém os escolhidos destes escolhidos foram só os doze apostolos: *Elegit duodecim ex ipsis*. *Ex ipsis*: que eram os escolhidos: *Ex ipsis*: que eram os melhores; porque os principes da igreja hão de ser o escolhido do escolhido, e o melhor do melhor.

Duas eleições temos de Deus no Testamento Velho, em que não se requeria, nem se professava tanta perfeição: e sendo não ecclesiasticas, senão seculares (se bem significativas da nossa igreja, como notou S. Agostinho) vêde quaes foram os escolhidos. O primeiro foi Saul, o segundo David. E porque foi Saul o primeiro? Porque era o melhor, diz o texto sagrado: *Non erat vir de filiis Israel melior illo*: (1. Reg. IX — 2) Nenhum em todo

Israel era melhor que elle. E porque ninguem cuide que havia algum tão bom, accrescenta a mesma escriptura, que ninguem lhe era igual: *Quoniam non sit similis illi in omni populo*. (Ibid. X — 24) Nenhum era melhor, porque dos melhores elle era um; e nenhum era tão bom, porque dos melhores elle era o melhor. David tambem vivia em tempo de Saul: donde se infere (coisa muito digna de se notar) que quando Saul foi eleito, era melhor que David. Assim o affirma o bispo Abulense (E accrescento a Abulense a prefção de bispo, porque nenhuma auctoridade citei nem citarei neste sermão, que não sáia de auctor constituido na primeira dignidade ecclesiastica). *Respondendum* (diz elle) *quod David erat melior Saule, postquam peccavit: Saul tamen, antequam peccaret, erat melior quam David*. Elegeu pois Deus a Saul, porque ainda que David era tão singular entre os melhores, comtudo Saul naquelle tempo era melhor que David. Não respeitou Deus em David, a que haveria de ser seu pae, antepoz-lhe o melhor. E quando elegeu Deus a David? Quando foi melhor que Saul. Expressamente o texto: *Scidit Dominus regnum Israel à te hodie, et tradidit illud proximo tuo meliori te*: (Ibid. XV — 28) Tirou-te Deus hoje a coroa (diz Samuel a Saul) porque a tem dado a outro homem melhor do que tu és. Não ha outro porquê nas eleições de Deus, senão o ser, ou o não ser melhor. Quando Saul era melhor que David, elegeu a Saul: quando David foi melhor que Saul, elegeu a David: sempre o melhor do melhor.

Oh quão bem recebidas seriam as eleições, e quão applaudidos os eleitos e os eleitores, se observassem os homens esta regra de Deus! Eleito que foi Saul e achado (porque se escondêra) trouxe-o o propheta Samuel a publico e mostrou-o ao povo: e que tal era? *Stetit in medio populi, et altior fuit universo populo ab humero, et sursum*: (Ibid. X — 23) Apareceu Saul em meio do povo, grandes e pequenos, e viram todos que dos hombros para cima era mais alto que todos. Não grande entre os pequenos, não maior entre os grandes, mas sobre todos os maiores maior: *Ab humero, et sursum*. Com toda a cabeça excedia aos demais. Não era maior na idade, nem maior na riqueza, nem maior na po-

tencia, nem maior nos amigos e parentes, senão maior na cabeça; e por isso o fez Deus cabeça de todos. Então levantou o propheta a voz e disse: *Certe videtis, quem elegit Dominus: quoniam non sit similis illi*: (Ibid. — 24) Vossos olhos são testemunhas que este a quem elegeu Deus, é o maior e mais digno, e nenhum a elle igual. E a esta voz, e a esta vista, que se seguiu? Seguiram-se os vivas e acclamações de todos: *Vivat rex*. Eleja-se o maior e o melhor, e os mesmos excluidos dirão: Viva.

Portou-se Christo tão exacto na observancia ou no exemplar desta regra, que não só a observou com os apóstolos eleitos a respeito dos excluidos, senão também a respeito dos mesmos eleitos uns com outros, elegendo e nomeando primeiro os maiores e melhores. Não sei se tendes reparado, que sendo os eleitos doze, as eleições foram seis. Assim se colhe dos evangelistas, que com modo particular e nunca outra vez uzado, os vão contando a pares, e nomeando de dois em dois: *Elegit duodecim, quos et apóstolos nominavit: Petrum et Andræam: Jacobum et Joannem: Philippum, et Bartholomæum*, etc. Elegeu Christo os doze apóstolos, não juntos, senão por partes e a pares: primeiro dois, Pedro e Andre; depois outros dois, Diogo e João; e assim os demais, preferindo sempre os melhores e mais dignos, começando por Pedro, e acabando em Judas. Porque não só devem eleger-se os melhores, mas ainda entre os melhores que se elegem, os melhores dos melhores devem sair primeiro. De sorte que as eleições que se fazem com Deus e por Deus, olham sempre tanto para o melhor, que se ha muitos melhores, os melhores dos melhores hão de ser os primeiros eleitos, e depois successivamente os outros. De doze, Pedro e André: de dez, João e Diogo: de oito, Filippe e Bartholomeu: e assim dos demais, dando-se sempre o primeiro logar e a primeira nomeação aos primeiros, isto é, aos que mais o merecem, não por outro respeito, que por melhores.

Mas porque esta doutrina parece miuda e apertada, é necessario darmos a razão della. Que razão ha para se elegerem não só os bons, senão os melhores; e ainda dos melhores os que forem ou o que fôr melhor? A razão é porque o que elege, não só é obrigado a procurar o bem publico, senão o maior bem. Por isso

não deve eleger nem o máu, nem o bom, senão o melhor. O máu não, porque este fará mal : o bom também não, porque este fará menos bem : o melhor, e só o melhor, sim, porque este fará melhor. Entre o bom e melhor ha a mesma differença que entre o menos e o mais ; e deste mais de bem, que accresce sobre o menos de bem, não deve privar a republica, ou a egreja áquelle que é obrigado a lhe procurar o seu maior bem. Ha-se de pôr em balança o menos e o mais e assim se hão de fazer as eleições. O melhor, que póde servir mais á egreja, eleito : o que a póde servir menos, ainda que bom, excluido. Que escreveu a mão de Deus quando foi excluido do governo e da coroa el-rei Balthasar ? *Appensus es in statera, et inventus es minus habens.* (Dan. V — 27) Foste pezado na balança, e achou-se que tinhas menos. *Menos* é correlativo de *mais* : e quem foi achado com mais, em comparação de Balthasar, que foi achado com menos ? Era o rei Cyro, que lhe succedeu. Poz Deus em balança de uma parte a Cyro, e da outra a Balthasar : e porque Cyro havia de ser mais util á egreja e ao seu povo, que então estava desterrado e captivo em Babylonia, como verdadeiramente foi, mandando-lhe restituir a liberdade a patria e o templo : porque Cyro, digo, havia de ser mais util, e Balthasar menos ; este *menos* lhe tirou a purpura e a coroa a Balthasar, e este *mais* a deu a Cyro.

Ha de fazer a balança da justiça neste caso o que a balança da cobiça nos seus. Digamol-o mais claro. Ha de fazer a cobiça do bem publico, o que faz a cobiça do bem particular. A quem dá a cobiça as dignidades e a quem as tira ? Dá-as a quem vê que tem mais, porque recebe ou espera mais : tira-as a quem vê que tem menos porque, ou não recebe, ou espera menos. Sabeis sacerdote virtuoso, sabeis religioso exemplar, sabeis ministro zeloso e incorrupto, sabeis doutor grão-letrado, porque fostes excluido ? Porque *inventus es minus habens*. O eleito não tinha mais virtude, nem mais letras, nem mais zelo, nem mais talento que vós, mas tinha mais. Quando se busca o que tem mais, pobre do que tem menos ! Assim ha de attender ao mais e ao menos a cobiça do eleitor, somente ambicioso do bem publico. Exclua aquelles de quem se espera menos, ainda que bons, e eleja

os que promettem de si mais, que são os melhores. Este é o unico respeito que faz as eleições justas, e não respectivas. Todos os outros respeitos e attentções que respeitam ao bom e util particular, são peste da república, e tanto mais venenosa quanto mais chegada ás veias.

Dois respeitos, ou duas attentções podiam occorrer na eleição de hoje: uma do sangue, outra do temor: a do sangue em João, a do temor em Judas. João era parente e parente mui querido; mas nem por isso João foi anteposto a Pedro, senão Pedro a João. Judas não havia de seguir as partes de Christo, antes se havia de unir com a parcialidade de seus inimigos; mas nem por esse temor foi excluído Judas. E porque? Porque Christo tractava de eleger apostolos e não de multiplicar creaturas: *Et Judam Scario-tem, qui fuit proditor.* (Luc. VI — 16) Até Judas foi eleito, porque era ao presente dos melhores, ainda que depois fosse, ou havia de ser inimigo. Seja Judas traidor a quem o elege, mas quem elege, não seja traidor á eleição. Tão fiel, tão generoso, e tão magnanimo se mostrou Christo no eleger, ainda ao duodecimo dos doze: *Elegit duodecim ex ipsis.*

IV.

A terceira e ultima questão é: quantos hão de ser os eleitos? Hão de ser poucos, ou muitos? Numero certo, ou incerto? Arbitrario ou estabelecido? Cheio ou não cheio? A tudo responde Christo em uma palavra: *Duodecim*: doze. Vamos por partes. Se hão de ser poucos, ou muitos? Responde Christo, que poucos. E porque? Porque havendo de ser os eleitos, como dissemos, os melhores; quando não são muitos os bons, não podem ser os melhores muitos. Em poucos, ha ordem, ha união, ha conselho: na multidão, nem ordem, porque será perturbação; nem união, porque será discordia; nem conselho, porque será tumulto. Os ministros hão de ser como as leis: as leis hão de ser poucas e bem guardadas; e os ministros poucos e escolhidos: *Elegit duodecim.*

Governa Deus a universidade deste mundo: e quantos lhe assistem? Sete espiritos: *Gratia vobis, et pax ab eo, qui est et*

qui erat ; et qui venturus est, et à septem spiritibus, qui in conspectu throni ejus sunt. (Apoc. I — 4) Sete com os olhos no que era, no que é, e no que ha de vir, bastam para manter o mundo em graça e em paz : *Gratia vobis et pax.* Mas perde-se a graça, e a paz não se acha, porque se poem os olhos, não no que é e ha de vir, senão no que não é e querem que seja, e no que não devêra vir, e querem que venha. Por isso não fazem setenta o que poderam fazer sete. É verdade que os homens não são anjos, ainda que o deviam ser. Assim o diz logo o mesmo S. João, nomeando os bispos de Asia : *Angelo ecclesiæ Ephesi : angelo ecclesiæ Smyrnæ : angelo Pergami ecclesiæ.* (Ibid. II — 1, 8 e 12) Mas ainda que os homens não sejam anjos, o que fazem sete anjos, bem o podem fazer doze homens, se forem eleitos com Deus, e por Christo. Tudo tinha dito David : *Pro patribus tuis nati sunt tibi filii.* Pelos doze paes vos nascerão doze filhos : quer dizer : pelos doze patriarchas fareis doze apóstolos : *Constitues eos principes super omnem terram :* (Psal. XLIV — 17) A estes doze fareis principes de toda a terra. E que se seguirá ? *Memores erunt nominis tui : propterea populi confitebuntur tibi :* Elles se lembrarão de Deus, e Deus porá a seus pés todos os povos do mundo. Doze homens que se lembrem de Deus, bastam para sujeitar o mundo a Deus. Mas se estes, ou seus successores, se esquecerem de Deus, não só não hão de trazer os povos a Deus, mas Deus perderá os que já tinha. Tanto podem desfazer muitos homens, e tanto podem fazer poucos : *Multiplicasti gentem, non magnificasti lætitiám.* (Isai. IX — 3) O muito não o faz a multidão. A multidão faz muitos ; os poucos fazem muito : *Non in numeri multitudine, sed in virtutis probitate multitudo consistit,* commenta o que sendo um, fez o que muitos não fazem, o grande arcebispo de Constantinopla, Chrysostomo.

Mas este numero será bem que seja certo ou incerto ? Arbitrario ou estabelecido ? *Duodecim :* doze. Ensina Christo que ha de ser certo e estabelecido, e não incerto nem arbitrario. O numero dos doze apóstolos não só estava estabelecido, mas predeterminado. Estabelecido nos doze patriarchas, filhos de Jacob : nos

doze exploradores da terra de promissão : nas doze fontes do deserto : nas doze pedras do racional. Predestinado nos doze fundamentos, e nas doze portas da cidade de Deus : nas doze estrellas da mulher vestida do sol ; e nas doze cadeiras do juiso universal. E como era numero canonicamente decretado, e consagradamente mysterioso, sendo Christo superior a todas as leis, e Senhor dellas, observou exactamente a religião do mysterio, e não quiz mudar, nem alterar o numero. Ponderou o caso profundamente S. Paschasio, e diz assim: *Adeo autem Christus secum voluit esse, duodecim, ut ne Judas posset efficere, ut tantum essent undecim.* Foi tão observante, e tão observador Christo do numero decretado, que teve por melhor metter no numero a Judas, que não observar pontualmente o numero. Sejam doze, como está decretado, ainda que Judas seja o duodecimo. E se foi muito não diminuir o numero por Judas, não foi menos não accrescentar o numero, nem por Marcos, nem por Estevão. Não se altere o numero estabelecido, ainda que fiquem fóra delle o terceiro evangelista, e o primeiro martyr.

Maior ponderação. Pergunta S. Pedro a Christo : *Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te, quid ergo erit nobis?* (Matth. XIX — 27) Responde Christo : *Sedebitis super sedes duodecim.* Vós os que deixastes por mim tudo, e me seguistes, sentar-vos-heis no dia do meu juiso sobre doze cadeiras. Senhor meu ! E se houver também outros que vos sigam, e deixem tudo por vós, como os apóstolos, e mais ainda que elles, não haverá cadeiras para elles ? Não. *Sedes duodecim.* O numero das cadeiras é de doze : ~~doze~~ são, e não mais, os que se hão de assentar. Não se ha de multiplicar o numero dos logares, ainda que cresça o numero dos benemeritos. Pague-se o merecimento, sim ; mas com outros premios : não devem ser as cadeiras mais que doze. Não se hão de multiplicar dignidades, não se hão de multiplicar logares, não se hão de fazer ministros supernumerarios. Se são doze os patriarchas, sejam doze os apóstolos, e não mais de doze. Se são setenta os anciãos do povo, sejam setenta os discipulos, e não mais de setenta. E porque ? Porque cerrado o numero, cerra-se a porta a inconvenientes sem numero. Vós o discorrei, que

o sabeis melhor. Porém direis que Christo, posto que tão observador do numero, fez algum ministro supernumerario, que foi S. Paulo, S. Mathias não; porque *annumeratus est cum undecim*: (Act. I — 26) Porém S. Paulo foi verdadeiramente supernumerario; porque nem foi do numero da primeira eleição, nem do numero da segunda; e foi o apostolo decimotercio. Grande privilegio verdadeiramente de S. Paulo! E todas as vezes que houvesse um S. Paulo, eu admittira facilmente, que se alargassem as leis, para accrescer tal companheiro ao sagrado collegio. Mas adverti que não foi accrescentado o numero por medo das provisões que levava de Jerusalem contra Damasco, senão pela eminência do talento, e por fins altissimos da maior gloria de Deus, e de seu nome, e por eleição mui livre, mui soberana, mui de Christo, e para Christo: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus, et regibus*: (Ibid. IX — 15) Não por respeito dos reis, senão para os sujeitar.

Mais ainda assim digo, que não foi supernumerario Paulo, nem por elle, ou com elle se excede o numero. Assim o diz a egreja: *Qui meruit thronum duodecimum possidere*. A cadeira que occupou, e se deu a S. Paulo, não foi supernumeraria, senão do numero das doze, a duodecima: Pois a duodecima não se deu a S. Mathias? Sim; a Mathias, e mais a Paulo: ambos foram providos e nomeados na mesma cadeira: para que se veja quão justificada havia sido a eleição de Judas, e qual foi o seu precipicio. Prudencio chamou a Judas: *Magnum discipulum*: o grande dos discipulos. Não fôra tão máu, se não houvera sido tão grande. A corrupção do melhor é o peor. Escolheu Christo em Judas um homem tão grande, que a vacancia, ou o vazio do seu lugar não o encheu só Mathias, senão Mathias e Paulo. Onde tambem se deve notar, que esta multiplicação de dois sujeitos, em lugar de um, não foi contra o numero estabelecido, senão mui conformé a elle. O numero dos doze apostolos foi decretado e estabelecido no numero dos doze patriarchas. Estes são os vinte e quatro anciãos que viu S. João assistir ao throno do Cordeiro, como observam communmente os padres: doze patriarchas, e doze apostolos. Porém nos doze patriarchas houve um lugar que se substituiu

com dois, que foi o logar de José substituído em Manassés e Efraim. E assim como o logar de José, o vendido, se substituiu com dois, Efraim e Manassés; assim o logar de Judas, o vendedor, se substituiu com outros dois, Mathias e Paulo. Tão observador foi Christo do numero canonicamente decretado, que nem para dar e abrir logar a S. Paulo, quiz exceder o numero: *Elegit duodecim*.

Esta é a razão porque não elegeu Christo mais de doze. Resta saber porque não elegeu menos; e porque encheu o numero? Porque não convém que haja logares vagos. A natureza não admitte vacuo, nem o deve admittir a politica, ou seja sagrada ou profana. Um logar vago na republica tem os mesmos inconvenientes, que teria no mundo o vacuo. Se houvera vacuo no mundo, havia-se de inquietar toda a natureza; havia de correr toda impetuosamente a occupar aquelle logar. O mesmo succede nos logares vagos. Inquietações, perturbações, tumultos, e tanto mais precipitosos e desordenados, quanto correm todos, não ao commum, senão cada um ao seu: não a encher o logar, mas a encher-se com elle. A todos estes inconvenientes se cerra a porta com cerrar o numero. Melhor é cerrar o numero que a porta. Na parabola das virgens cerrou-se a porta: *Clausa est janua*: (Matth. XXV — 11) mas não se cerrou o numero, porque eram dez os logares: *Decem virginibus*. E como o numero não estava cerrado, posto que estivesse cerrada a porta; que haviam de fazer as nescias, senão clamar, e dar vozes, e inquietar as vodas? Davam vozes as virgens; davam vozes as alampadas acezas; e o dinheiro dependido também dava vozes. Para evitar clamores, cerrar o numero.

Que bem intendeu esta importancia o primeiro vigario de Christo! A primeira coisa que fez em seu governo, foi encher o numero dos doze. Fallando de Judas, reparou no numero: *Qui connumeratus erat in nobis*. (Act. I — 17) E logo encheu o mesmo numero com Mathias: *Et annumeratus est cum undecim*. (Ibid. — 26) E porque tão depressa, e sem mais dilação? Porque intendeu que assim importava, e assim o diſse! *Oportet ergo*. (Ibid. — 21) Os apostolos não haviam de repartir entre si o

mundo (como o não repartiram) senão d'alli a doze annos. E com-tudo intendeu Pedro, allumiado pelo Espirito Santo (antes de sua vinda) que logo logo importava encher o lugar, e o numero : *Oportet*. Não aguardou memoriaes, não aguardou intercessões, não aguardou obsequios, nem pretenções, nem dependencias ; antes por fechar a porta a todos esses embaraços, fechou o numero. Para vacar ao que mais importa, importa que não haja logares vagos. Por isso elegeu Christo doze, e nomeou e declarou doze : *Elegit duodecim, quos et apostolos nominavit*.

Não basta só elegeo o numero, senão elegeo-o e declaro-o. Elegeu Christo a doze, e declarou a doze. Soube-se que eram doze os eleitos, e no mesmo ponto se soube tambem que os eleitos eram Pedro e André, João e Diogo, e os demais. Pudéra Christo elegeo as pessoas, e encher o numero, e calar os nomes, ao menos os de alguns, e deixal-os *in pectore*. E certo que se de alguma vez tinha logar esta suspensão, e este segredo, era na presente. Ficavam excluidos do apostolado setenta discipulos, todos dignos, e muito dignissimos. Bem podiam logo ficar eleitos *in pectore* alguns, pelo menos para que não se sabendo quaes eram, entretivesse esta suspensão a esperança de todos, e não pudesse queixar-se nenhum dos excluidos, podendo ser dos que eram secretamente eleitos. Pois porque não fez Christo esta reservação ? Por muitas razões : Primeira, porque tinha peito para isso. Reservar *in pectore*, não sei se alguma vez é falta de peito. Em segundo logar, porque semelhantes reservações não se fazem sem justos respeitos, e é melhor não haver respeitos, ainda que justos. Finalmente, elegeu Christo, e não occultou algum, mas declarou logo todos os eleitos, porque era tão justificada a eleição, que não temia a queixa. Não quiz Christo affrontar a eleição, nem os eleitos, nem os excluidos. Não quiz affrontar a eleição, porque fôra grande affronta ser ella tal, que temesse sair a publico. Não quiz affrontar os eleitos, porque occultal-os seria confessar que não eram os mais dignos. Não quiz affrontar os excluidos, porque suppol-os descontentes, era declarar os ambiciosos. Declarar tudo, foi honrar a todos : á eleição com a justiça, aos eleitos com o merecimento, aos excluidos com o desinteresse. Sobre-

tudo ficou honrada toda a escola de Christo, porque a honra e credito maior de uma communidade, é que saltem logares, e sobejem benemeritos. A maior grandeza do convite de Christo no deserto foram as sobras. Elegeu Christo doze apostolos, mas sobejaram setenta, que o mereciam ser; e provaram todos que o mereciam, porque nenhum se mostrou queixoso. Setenta exclusões, e nenhuma queixa! Oh século bemaventurado! Quasi que estou para dizer que foram os excluidos maiores que os eleitos. Os eleitos eram grandes, porque todos mereceram ser apostolos: os excluidos parecem maiores, porque nenhum invejou o apostolado. Com esta dignidade ficaram todos, quando as dignidades se deram só a doze: *Elegit duodecim*.

V.

Tenho acabado as tres partes do meu discurso. Mas vejo que me perguntam os ouvintes por S. Bartholomeu, como se em quanto disse atégora, não fallára delle. Tudo o que disse do melhor dos melhores se intende deste gloriosissimo apostolo. E se por ser no seu dia é licito dar-lhe alguma preferencia aos demais, o mesmo logar que lhe dá o evangelho entre os eleitos, não favorece pouco este pensamento. O logar que dá o evangelho a S. Bartholomeu é o sexto: e se tirardes daquelle sagrado numero (como se deve tirar) a Judas reprovado; o sexto entre os onze é o logar do meio, sempre e em todas as nações estimado pelo de maior honra. Do sabio humilde disse o Espirito Santo, que se assentaria no meio dos magnates: *Sapientia humilitate exaltabit caput illius, et in medio magnatorum consedere illum faciet*. (Eccl. XI — 1) E quem foi entre os apostolos o sabio humilde, senão Bartholomeu? S. Bartholomeu, segundo a opinião mais recebida, foi aquelle grande doutor da lei, Natanael, de quem disse o mesmo Christo: *Ecce verus Israelita in quo dolus non est*. (Joan. I — 48) E deste grande sabio mettido entre pescadores humildes e idiotas (mas esses os magnates do reino de Christo) se verifica pelo logar que tem no meio

★

de todos a promessa do divino oráculo : *In medio magnatorum consedere eum faciet.*

D'aqui se ficará intendendo a solução ou concordia de dois textos ao parecer muito encontrados, um do Testamento Velho, outro do novo. (Exod. XXVIII — 17) No Testamento Velho foram significados os doze apóstolos nas doze pedras do racional, que o summo sacerdote trazia sobre o peito : (Apoc. XXI — 20) e no Testamento Novo são significados outra vez nas mesmas doze pedras dos fundamentos da cidade nova de Jerusalem, que S. João viu descer do céu. A duvida agora e o encontro está na disposição e ordem das mesmas pedras ; porque no racional a primeira pedra era sardio, e nos fundamentos da Jerusalem celeste, a mesma pedra sardio era a sexta. Pois se esta pedra em uma parte tem o primeiro lugar ; como se lhe dá o sexto na outra ? O sexto lugar, como diz S. Lucas, é o de S. Bartholomeu ; a pedra sardio, como diz S. João, é o sexto apóstolo : pois se o sardio e Bartholomeu em uma parte tem o sexto lugar, como tem na outra o primeiro ? Porque o lugar do meio é o primeiro lugar : e quando o sexto lugar é o do meio (como é o de S. Bartholomeu) é sexto e primeiro juntamente. Por isso nas doze pedras dos fundamentos da Jerusalem nova, tem o sardio o sexto lugar, e nas doze pedras do racional, o primeiro. Este é pois o lugar que em um e outro Testamento se deu a S. Bartholomeu, porque os primeiros logares, como atégora mostrámos, se devem dar ao melhor do melhor.

Plinio tractando da pedra sardio, diz que é tão semelhante á carne viva, que parece carne convertida em pedra preciosa. (Plin. lib. XXXVII — 6) Por esta similhaça se chama vulgarmente pedra carnerina. E quem não vê retratado nella ao natural o nosso S. Bartholomeu, todo em carne viva e sem pelle, da qual se deixou esfollar, ou ir esfollando por partes cruelissimamente, com tal valor, fortaleza e constancia, como se não fôra de carne, mas verdadeiramente de pedra ? Os doze artigos da fé, que se conteem no symholo, tambem foram repartidos pelos doze apóstolos, pronunciando cada um o seu. E o sexto, que coube a S. Bartholomeu, foi o da resurreição, com a mesma propriedade,

porque a carne resuscitada é viva e impassível. Assim o provou a do fortissimo apostolo com assombro dos tyrannos, quando o esfolavam vivo, sendo tal a dureza da sua paciencia naquelle estranho tormento, que mais parecia impassibilidade, que paciencia. E desta sorte ficou Bartholomeu entre as doze estatuas dos apostolos, singular na figura e no exemplo. No exemplo, digo, das virtudes heroicas, de que devem ser dotados os que hão de ser eleitos aos primeiros logares da egreja, e na figura com que devem pôr nelles os olhos, e formar delles juiso os eleitores.

Não ha coisa que mais engane o juiso dos que elegem, e que mais embarace e perturbe o acerto das eleições que a pelle. O merecimento ou capacidade dos homens não se ha de considerar pelo que apparece, e se vê de fóra, senão pelo que teem, e pelo que são de dentro. Dispam-se primeiro da pelle, e de tudo o que nelles é exterior, e então se fará verdadeiro juiso do que merecem. No principio do mundo assim como Deus ia dando ser e fórma ás creaturas, assim as ia logo approvando com aquelle testimonho geral: *Vidit Deus, quod esset bonum.* (Genes. I — 10). Creou finalmente o homem, e é coisa mui notada, e digna de se notar, que só ao homem não desse approvação, nem diga delle a escriptura, que viu Deus que era bom. Pois se todas as outras creaturas, sendo menos perfectas, tiveram esta approvação dos olhos de Deus, o homem, que era mais perfeito que todas, e formado por suas proprias mãos, porque a não teve? Excellente-mente S. Ambrosio: *Ideo homo non ante laudatur, quia non in forensi pelle, sed in interiori homine ante probandus.* Não teve o homem a approvação dos olhos de Deus, como a tiveram as outras creaturas, tanto que as via, porque os homens não se hão de julgar pela pelle, e pelo que se vê de fóra, senão pelo que teem, e pelo que são de dentro: *Non in forensi pelle, sed in interiori homine.* As outras coisas são aquillo que nellas se vê; no homem o que se vê é o menos, o que se não vê é o tudo: *Alia in specia sunt, homo in occulto.*

Não nego que a pelle, se o interior do homem, ou o homem interior, feita exacta anatomia, é qual deve ser, accrescenta de- cencia á pessoa, e auctoridade ao logar, e que no tal caso assen-

tará muito bem a purpura sobre a pelle. Por isso no primeiro templo, que foi o tabernaculo, mandou Deus que estivesse cuberto com pelles tintas de purpura : *Pelles rubricatas*. (Exod. XXV—5) Mas estas mesmas pelles, que é o que cobriam, e que é o que havia debaixo dellas ? Arca do testamento, taboas da lei, cherubins, propiciatorio, Deus. Quando isto é o que cobrem as pelles, bem é que ellas tambem se cubram de purpura. Mas se ha muitas pelles (como verdadeiramente ha) que cobrindo semelhantes thesouros do céu, nem por isso se vêem rubricadas, consolem-se com os discipulos que na eleição de hoje ficaram excluidos. Digam ou cantem com aquella alma escolhida de Deus : *Nigra sum, sed formosa : sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis*. (Cant. I — 4) As riquezas de Cedar, e as joias de Salomão, e, o que é mais, o mesmo Salomão bem pôde andar debaixo de pelles pouco agradaveis á vista. O de dentro, e o que se encobre aos olhos é o que faz o homem : o exterior é o que se vê, assim como é natureza, e não merecimento, nem culpa, assim se não deve louvar, nem desprezar nelle : *Non laudes virum in specie sua, neque spernas hominem in visu suo* : diz o Espirito Santo fallando nomeadamente dos que devem ser exaltados aos logares maiores. (Eccles. XI — 2)

Quando Samuel foi ungir por rei um dos filhos de Jessé, o primeiro que o pae lhe apresentou, foi (como dissemos) Eliab seu primogenito, mancebo de gentil presença, e de galharda estatura. E tanto que o propheta o viu, lhe pareceu a pessoa verdadeiramente digna de imperio. Porém Deus o advertiu logo, que se não deixasse levar daquelles exteriores, porque não era elle o escolhido, antes o tinha reprovado, e ainda desprezado : *Ne respicias vultum ejus, neque altitudinem staturæ ejus : quoniam abjeci eum*. (1 Reg. XVI — 7) E accrescentou o Senhor (sentença que os principes deviam trazer sempre diante dos olhos) : *Nec juxta intuitum hominis ego judico : homo enim videt, ea quæ parent, Dominus autem intuetur cor* ; (Ibid.) Eu, diz Deus, não julgo pela vista como os homens ; porque elles vêem só o que apparece de fóra, eu vejo o coração, e o que está dentro. Assim hão de vêr e julgar os que elegem, para que sejam acertadas as eleições.

Não com os olhos de homens, que parâam nas apparencias exteriores, mas com olhos de Deus, que penetram o interior e o coração, em que consiste o ser, o valor, e a differença de homem a homem. Não se de julgar e avaliar os homens, não só despidos das galas, que também subornam, e enganam, senão despidos também 'da pelle, que muitas vezes com uma valente pintura se cobre um coração muito fraco, qual era o de Eliab. Eliab na estatura era muito maior que David; mas David no coração era muito maior que o gigante: e este coração que não viam os homens, é o que via e escolheu Deus: *Dominus autem intuetur cor*. Sendo pois os interiores os que fazem e distinguem os homens, e só Deus o que vê e conhece os interiores, por isso se devem consultar as eleições dos homens muito devagar com Deus, como Christo fez neste dia, ou nesta noite: *Erat pernoctans in oratione Dei*.

FIM DO TOMO V.



INDICE.

				Na antiga edição.	
Sermão		Pag.	5	Tomo 2.º	Pag. 215
da Sexta sexta feira da Quaresma...					
" da Conceição Immaculada da Virgem					
Maria Senhora Nossa.....	"	28	"	5.º	158
" da quarta dominga depois da Pascoa.	"	54	"	7.º	375
" das Exequias do conde de Unhão...	"	91	"	15.º	306
" da 3.ª Dominga do Advento.....	"	115	"	5.º	88
" de Santo Agostinho.....	"	141	"	3.º	97
" da Primeira Dominga de Quaresma.	"	182	"	2.º	53
" do Santissimo Sacramento.....	"	211	"	3.º	1
" da Primeira Oitava de Pascoa.....	"	231	"	4.º	396
" da Bulla da Santa Cruzada.....	"	264	"	1.º	961
" da Dominga decima nona depois do					432
pentecoste.....	"	291	"	3.º	430
" do Espirito Santo.....	"	322	"	"	392
" de S. Bartholomeu.....	"	354	"	2.º	346



ERRATAS ESSENCIAES.

<i>Pag.</i>	41	<i>lin.</i>	4	<i>onde se lê —</i>	persevrrou	<i>— lêa-se —</i>	perservrou
"	"	"	10	"	persevrada	"	perservada
"	43	"	3	"	persevrrou	"	perservrou
"	"	"	8	"	persevrasse	"	perservasse
"	44	"	4	"	persevrada	"	perservada
"	45	"	29	"	persevrção	"	perservção



